

Beato Inácio

Diogo Santana

DESPERTA... ÓHM ÁFRIKA!

*evangelizemos a África e todas
as coisas nos serão acrescentadas*

5

540 11 50 855

11f da U.M.A.

Reverendo Gaspar d'Almeida

(KARUNJAMBA)

Professor Primário, Jornalista Evangélico e Pastor Jubilado
da Igreja Metodista Unida de Angola
1907 - 2007

DESPERTA...ÓH ÁFRIKA!

"evangelizemos a África e todas
as coisas nos serão acrescentadas"

Colectânea de angélicos Textos Evangélicos do Autor
Escritos para o Jornal da Igreja Evangélica Metodista "O ESTANDARTE"

Recolha e Organização:
chicoadão

PREFÁCIO

Sua Excelência Reverendíssima Dom Emílio Júlio Miguel de Carvalho,
Bispo Emérito da Igreja Metodista Unida de Angola



DESPERTA ... ÓH ÁFRICA

Textos Evangélicos do Autor escritos para o Jornal da Igreja Evangélica Metodista "O ESTANDARTE" no período de 1933 a 1977

Organização: chicoadão - (chicoadao@movinet.co.ao)

@Editorial Nzila, Lda, Luanda - 2007 / chicoadão

Edição: Editorial Nzila, Lda

Tiragem: 3000 exemplares

Impressão e Acabamento: Ponto Um, Lda

Data de impressão: Junho de 2007

Depósito Legal n.º 4198/07

ISBN 978-989-631-042-4

Edição patrocinada pelo BPC - Banco de Poupança e Crédito

De

Pre

Int

Posf

Biogr

Mom

Requi

Índice Geral

Dedicatória	9
Prefácio	11
Introdução	17
Do Período de 1930 a 1939	27
Do Período de 1940 a 1949	121
Do Período de 1950 a 1959	257
Do Período de 1960 a 1969	355
Do Período de 1970 a 1979	375
Posfácio	397
Biografia do Autor	407
Momentos Fotográficos	417
Requiem a Gaspar d'Almeida	450

Dedicatória

A todos aqueles de quem eu e Juliana descendemos em linha recta e colateral.
À Juliana, o grande amor, a parceira da vida e para sempre unidos,
Àqueles que de nós dois brotaram em linha recta
E a todos aqueles que, a partir destes, e em linha recta e colateral,
O decorrer dos tempos vindouros for trazendo ao mundo
Até à nova vinda triunfante de Jesus.

Gaspar d'Almeida
09 de Jul 2006 - Domingo

Prefácio

“O ESTANDARTE” foi fundado há 76 anos, no longínquo dia 1 de Dezembro de 1933. Surgiu como “O Pregoeiro Cristão dos Bairros” e como “Órgão e Propriedade de um grupo de Crentes Evangélicos Afrikanos Portugueses”.

No Natal de 1947 o subtítulo passou para “Órgão e Propriedade de Crentes Evangélicos Angolanos”. O Jornal completava, então, 15 anos de actividades. O Reverendo e Professor Gaspar d’Almeida dirigiu o Jornal desde a data da sua fundação através de todos os sacrifícios imagináveis.

“O ESTANDARTE” tinha como finalidade, segundo se expõe no Editorial inaugural intitulado – “Aos que nos lerem” – “levar as boas novas de salvação a todos os que labutam neste Continente do Ocidente, sem distinção de cores”. Um objectivo de curto alcance para um Jornal que se pretendia, na realidade, de maior projecção, como veio a acontecer.

Lançado na luta pela defesa dos princípios que constituem a base fundamental da nossa salvação presente e futura, o Editorial avançou afirmando que a luta era “pelo levantamento da nossa raça, pela verdade sob o ponto de vista religioso, pela moralização dos costumes e pela pacificação da família angolana”.

Procurando alargar o escopo dos seus objectivos, o Editorial aventurou-se em penetrar um pouco mais no âmago, afirmando-se “disposto a acordar, em cada um dos leitores, o eco adormecido das suas consciências e lembrar-lhes dos seus deveres e dos seus direitos como cidadãos para com a Pátria e com a Religião”. O Jornal surgiu tendo por divisa Cristo e por código a Bíblia.

Através da sua História, “O Estandarte” manteve-se fiel a esses objectivos e foi introduzindo no seu corpo as mudanças que o tempo aconselhou.

Em noite de um dia de Setembro de 1933, da fundação do Jornal, o Corpo Directivo ficou assim constituído: Director, Gaspar d’Almeida; Redactor, António Vítor de Carvalho; Secretário da Redacção, João Sebastião Rodrigues; Administrador, Sebastião Gaspar Domingos. Porém, dadas as múltiplas actividades que ocupavam o tempo do eleito para Administrador, irmão Sebastião Gaspar Domingos e que o impediram de exercer imediatamente o cargo, ele foi substituído temporariamente pelo então Profes-

sor Domingos Francisco da Silva até Outubro de 1934, porquanto, em Novembro desse mesmo ano de 1934, Sebastião Gaspar assumiu finalmente as rédeas da administração do Jornal.

Com efeito, em finais de 1934 Sebastião Gaspar Domingos toma o lugar de Administrador e Domingos Francisco da Silva o de Redactor.

Em Março de 1947 António Victor de Carvalho é nomeado Administrador, funções que acumulou com as de Redactor principal do Jornal.

Em Março de 1950, a seu pedido, António Victor de Carvalho deixa de fazer parte do Corpo Redactorial. Em Maio de 1950 Gaspar d'Almeida passa a Director e Administrador, com colaboradores diversos. Durante a sua ausência em Portugal o Jornal fica nas mãos do Reverendo Júlio João Miguel, António Victor de Carvalho e outros.

O mesmo António Victor de Carvalho volta a desempenhar as funções de Redactor Principal em Janeiro de 1953, altura em que Sebastião Gaspar Domingos volta para Administrador e Nobre Pereira Dias a Secretário de Redacção.

Em 1955 Mateus Manuel da Silva é nomeado Secretário da Redacção.

Em Outubro de 1957 é chamada a Deolinda Rodrigues de Almeida para ocupar o cargo de Secretária da Redacção, cargo que, pela primeira vez, é ocupado por uma mulher.

Em 1959, ano em que Deolinda Rodrigues de Almeida seguiu para o Brasil, Isaac Aço é nomeado Redactor do Jornal e Raul Matoso é indicado como Secretário da Redacção.

Em 1960, Emílio Júlio Miguel de Carvalho é nomeado Redactor Principal, tendo, como Secretário, Aurélio Diogo da Silva Coimbra e Administrador o Reverendo Manuel Francisco Abridada.

Quando o Jornal é publicado novamente em 1975, o Reverendo e Professor Gaspar d'Almeida ainda era Director e Alberto Marques o Administrador. Nessa altura Roberto Ernesto Webba era o Redactor do Jornal.

A actividade do Jornal "O ESTANDARTE" esteve sempre condicionada à Comissão de Censura do regime colonial e cada exemplar tinha que trazer a afirmação e chancela "Visado pela Comissão de Censura". Muitos artigos e notícias não foram publicados ou foram simplesmente amputados e vetados por essa famigerada Comissão, que implementava assim as directrizes recebidas das autoridades coloniais. Dou apenas um exemplo: um dos artigos "mandado retirar" pela Comissão de Censura, em Outubro de 1938, tinha como título "Será Verdade?", de Fernando Pamplona. Foi escrito na altura em que o Presidente da República portuguesa visitou as colónias e com ele veio esse jornalista, enviado especial do "Diário da Manhã", órgão da União Nacional. Ao chegar a Benguela onde foi prestada calorosa recepção, ele escreveu algumas crónicas de viagem, dentre elas "Ao Sol do Império", de 25 de Agosto de 1938. Esse artigo foi acusado de conter calúnias que comprometiam a acção do governo naquele Distrito...e por isso o artigo foi mandado retirar pela Comissão de Censura!

Entretanto, "O ESTANDARTE" veio a tornar-se num jornal muito popular. As notícias contidas nas secções sobre: "Carteira Íntima"; "Visitas"; "Pela Seara do Senhor"; "(notícias enviadas das partes mais longínquas de Angola)"; "dos nossos correspondentes"; "Aniversários"; "Falecimentos"; "Casamentos"; "os que pagavam as suas assinaturas"; "comunicação aos correspondentes"; "lições para as Escolas Dominicais"; "Notícias das Classes de Luanda, etc.", constituíram a forma através da qual as pessoas podiam ver os seus nomes alguma vez publicados num Jornal! Suas edições foram enviadas para além das fronteiras de Angola; para as antigas colónias portuguesas; Portugal, Brasil, EUA e para vários outros países, aonde chegavam regularmente à mercê da Comissão de Censura. Isso para não falar das publicações que eram enviadas ao Jornal "O ESTANDARTE" pelos correspondentes órgãos de imprensa do estrangeiro. Mas a actividade do Jornal não foi fácil, em virtude dos problemas financeiros que enfrentava.

A partir de 1941, "O ESTANDARTE" lançou vários apelos financeiros, pois sempre viveu das contribuições dos seus assinantes e muitas despesas eram pagas dos bolsos dos membros do seu corpo directivo. "Crentes Evangélicos acudi o vosso Jornal" foi o apelo lançado em Maio desse ano.

Em 1948, dezassete anos depois da fundação do Jornal, novo apelo foi lançado com o fim de tirar o Jornal da grande dificuldade em que o mesmo se encontrava.

Em 1952, "O ESTANDARTE" era o único Jornal dos Afrikanos publicado em Angola, e isso para, além de realçar a queda jornalística dos angolanos, ainda que no meio da repressão colonial, dava aos crentes evangélicos angolanos um certo poder executivo que enaltecia a religião e honrava o nome de Jesus Cristo.

E quando, em 1953, o Jornal completava 20 anos de existência, foi feito um apelo no sentido "dos nossos conterrâneos e patrícios porem de parte as coisas velhas dos nossos avós, a fim de espancar as trevas e libertar o povo da escravidão espiritual e social". O Jornal sempre viveu de embaraços de ordem política e financeira.

Para além dos nomes tradicionais então conhecidos de entre os quais uma velha guarda das décadas de trinta e quarenta, em que se podem destacar, de entre outros, as figuras de José do Vale Botelho de Vasconcelos; Pascoal dos Santos Van-Dúnen; Loth Malheiro Savimbi; Sebastião Gaspar Domingos; António Víctor de Carvalho; Agostinho Pedro Neto; Domingos Francisco da Silva; Geraldo Bessa Víctor; João F. Pederneira; Gaspar João Custódio Rodrigues; João Sebastião Rodrigues; Manuel da Silva Izata; Eduardo Moreira; João Leão Webba; Aurélio da Silva Coimbra; Francisco d'Almeida; Fernando Pio do Amaral Gourgel; Teodoro E. João Webba; Francisco J. Webba; Adão Francisco de Almeida; Eurico António Santana; começaram a surgir nas páginas do Jornal artigos de articulistas de gerações mais novas e por isso da nova vaga, tais como: António Agostinho Neto, Pedro Agostinho Neto, João Miguel de Carvalho Neto, Jacinto António Pascoal Fortunato, Manuel Domingos da Silva Lemos, José Belo Chipenda, Deolinda Rodrigues de Almeida, André Luís Manuel Neto, Liam-bumba, Geraldo Manuel Xavier, António Kimbazi (Filho), Sequeira João Lourenço, Paulo dos Santos Matoso, Francisco Raul dos Santos Matoso, Job João Miguel de Car-

valho, Francisco Raimundo de Sousa e Santos, Pedro A. Filipe, Emílio Júlio Miguel de Carvalho, Artur Ruben Sikatu, Simão João Cardoso, Sílvio Paulo de Almeida, Adriano João Sebastião (Kiwymá), Horácio Augusto da Silva Coelho, Major Manuel Neto, Marcolino Pitra, Roberto Victor Francisco de Almeida, Loyde Ana de Almeida, Roberto de Carvalho, José Augusto Prata e de tantos outros que ao Jornal prestavam colaboração valiosa, trazendo para as suas páginas reflexões sobre assuntos candentes da actualidade.

As relações com outros órgãos da imprensa escrita (que não eram muitos na época) variavam. Manteve alguma polémica com o Jornal "O APOSTOLADO" pelas críticas que este periódico fazia em relação à obra da Missão Evangélica em Angola. A assinatura da CONCORDATA entre Portugal e a Santa Sé, em Maio de 1940 também mereceu alguns reparos. Outras reacções do Jornal em relação a artigos que criticavam a obra das Missões protestantes em Angola ou que contradiziam princípios perflhados pelo "O ESTANDARTE", de onde quer que esses órgãos eram publicados, foram também motivo de críticas.

E vieram as dificuldades. A partir de 1959 o Jornal não saía com a regularidade desejada. A razão disso prendia-se com o facto de as pessoas que nele trabalhavam não terem tempo, por causa dos seus deveres profissionais, e também porque NÃO era fácil a obra da imprensa evangélica, numa atmosfera que lhe era hostil. Por outro lado, a falta de material de publicação, o facto de não ter qualquer interesse espiritual ou geral o material que era remetido ao Jornal, também colocaram impedimentos à continuidade da publicação do Jornal. A repressão colonial também estava na base da falta de regularidade na publicação do Jornal, pois a Comissão de Censura fez do Jornal uma vulgaridade. Apelou-se para que fossem nomeados correspondentes regionais para debelar o problema da falta de material para publicação. Faltava material e o Jornal estava limitado a publicar "extractos" de outros periódicos.

Depois de Setembro de 1960 houve um "interregno forçado" de 14 anos! Elementos imprescindíveis à publicação do Jornal tinham sido presos pela Polícia Política portuguesa. Refiro-me, especificamente, aos Reverendos Gaspar d'Almeida e Emílio Júlio Miguel de Carvalho, e os que tinham ficado fora das cadeias estavam manietados pelo medo e pelo terror.

Em 1963 uma exposição do ainda Director, Reverendo Gaspar d'Almeida ao Governador Geral, a solicitar a sua publicação, foi indeferida por Despacho de 17 de Maio deste ano de 1963.

O Jornal só foi publicado novamente em 1975! Com o 25 de Abril de 1974 e a descolonização que lhe seguiu, foi possível ao "O ESTANDARTE" reaparecer "NA LUZ DOUTRA MANHÃ", mais aberto, mais livre. Cantava as glórias da libertação de Angola! Houve uma alteração significativa nas relações entre o Estado (Governo) e as Igrejas Evangélicas em Angola. Não havia mais problemas a ultrapassar, senão os das tipografias locais que não se encontravam disponíveis para publicar o Jornal com a regularidade que se esperava. O problema ideológico era susceptível de ser ultrapassado.

“O ESTANDARTE” reaparece na Hora da Verdade, depois de um silêncio involuntário de 14 anos. Ressurgiu na era da Unidade do Protestantismo Angolano, pois previa-se já a formação de um organismo de Unidade, de um Conselho Cristão em Angola, onde as Igrejas poderiam colaborar unidas na evangelização e na construção integral da nova Nação Angolana que se avizinhava a passos largos. O Jornal poderia servir de elo de ligação entre todos os cristãos evangélicos de Angola, (esse continuava a ser o objectivo fundamental do Jornal), a tribuna de diálogo para a destruição de barreiras naturais e artificiais que os separavam.

Mas isso foi “Sol-de-pouca-dura”, pois, em Setembro de 1977 foi o fim!

Há cerca de três anos ainda tentou-se um reaparecimento do Jornal, mas a tiragem não agradou e ficou-se por isso.

HOJE, vinte e nove anos depois, pensa-se em voltar a publicar “O ESTANDARTE”. A ideia é louvável. Porém, há que pensar num Corpo Redactorial credível, permanente e competente, no meio da Imprensa escrita angolana, que represente “os cristãos evangélicos” em Angola. Também há que encontrar os meios económico-financeiros que garantam a estabilidade financeira do Jornal a longo prazo, bem como as fontes de onde irá sair o material a ser publicado. De igual modo há que equipar convenientemente o Corpo Redactorial dos meios materiais, logísticos e financeiros necessários ao desempenho das suas funções e montar estruturas físicas, oficiais e de equipamento adequadas à operacionalidade do Jornal. E essa tarefa não será fácil! Porém, com a ajuda de Deus e a colaboração de todos, atingir-se-ão os objectivos desejados.

Finalmente, deixem-me agradecer ao Reverendo e Professor Gaspar d’Almeida pela visão que teve ao fundar “O ESTANDARTE” e pelo heroísmo demonstrado no decurso dos 44 anos em que foi Director do Jornal, dando a sua vida e o seu saber e muitas vezes o seu dinheiro, enfrentando os verdugos da Comissão de Censura, por AMOR AO EVANGELHO e aos povos da sua raça e Continente.

Hoje, quando a visão e o discernimento continuam sendo as suas características pessoais e que a idade não lhe roubou ainda, consideramo-lo como um marco visível da resistência férrea ao colonialismo na nossa terra.

Aqui ficam, pois, para deleite espiritual, social, político, etnográfico, evangélico, antropológico, sociológico, histórico, filosófico, ético, moral, de cristãos e não cristãos de Angola, da África e do Mundo, e compilados em um só livro cujo título é por demais sugestivo, todos os escritos com que o Professor, Jornalista Evangélico e Reverendo Gaspar d’Almeida brindou o Jornal “O ESTANDARTE” no período de 1933 a 1977.

Bem hajam, amigos leitores de hoje, de amanhã e de todos os tempos vindouros e um até sempre de

Dom Emílio Júlio Miguel de Carvalho
Bispo Emérito da Igreja Metodista Unida de Angola
Luanda, aos 8 de Julho de 2006

Introdução

Estamos em presença de um verdadeiro grito lancinante que o Autor, a plenos pulmões e com voz forte, lança a todos os povos de Angola em particular e da África em geral, no sentido de procurar e encontrar os meios que conduzam à sua SALVAÇÃO e LIBERTAÇÃO através de textos angélicos e evangélicos que, de forma paciente, ininterrupta e sacramental ele escreveu para o Jornal Evangélico "O ESTANDARTE" da Igreja Evangélica Metodista de Angola, no período que vai de 1933 a 1977.

São textos Evangélicos que configuram: "BOAS NOVAS DA SALVAÇÃO", "TESTEMUNHO CRISTÃO" e por que não afirmá-lo, um seguro e verdadeiro "TESTAMENTO EVANGÉLICO" que espelha de forma inequívoca o saber andar de UM SOLDADO DE CRISTO que, desde menino, até hoje (09JUL2006), tem marcado e de forma indelével o caminhar para CRISTO do Autor.

De uma pena brilhante qual diamante, Gaspar d'Almeida leva-nos, com os textos que conformam esta colectânea, a encontrar os verdadeiros caminhos por que o HOMEM PECADOR deve marchar para encontrar Cristo, encontrar-se a si mesmo e amar o seu semelhante, num mundo diluvianamente inundado de ódio, de inveja, de prazer pelas coisas carnisais.

Mas os textos de Gaspar d'Almeida estão longe de ser apenas e só de cariz Evangélico. Com efeito, a coberto de passagens da Bíblia ele busca factos e acontecimentos da vida real e, de uma forma sui generis, ele chama a atenção dos seus autores e protagonistas para aquilo que a Doutrina Cristã condena e convida a plateia e os actores participes ou indiferentes a ganhar consciência de que é chegada a hora de todos nós, sem excepção, angolenses em geral e afrikanos em particular, assumirmos e já as nossas responsabilidades continentais sem tibieza, com CORAGEM BANHADA DE PROFUNDO AMOR, um novo ser, estar, sentir e agir, para a África sair imediatamente do triste e fantasmagórico patamar em que há milénios se encontra e ainda teima em continuar a ser, teimosamente, o albergue privilegiado dos ignorantes, dos analfabetos, dos cegos, dos coxos, dos pobres, dos doentes, dos feiticeiros, dos bungaladores, dos pagãos, dos filhos pródigos, enfim, o paraíso da miséria, dois mil anos depois da Ressurreição de Jesus Cristo e ante uma Europa, uma América, uma Ásia e uma Austrália onde

o homem, mercê do esforço que fez e faz para se despir dos tabus acabados de assinalar por influência da presença do Evangelho em seus países, foi capaz de operar as transformações primeiro no HOMEM e depois este se encarregou de mudar as coisas em seus países para aquilo que aos olhos ignorantes dos afrikanos, configura ser criação de Deus.

Gaspar d'Almeida far-lhe-á percorrer, amigo leitor, por labirintos de um percurso que ele insiste e augura seja percorrido pelos povos da sua raça, Pátria e Continente para SALVAR e LIBERTAR tudo e todos de modo a que, ainda neste século e milênio, possamos: i) ficar curados da cegueira por intermédio de Escola Estatal obrigatória e a custo zero para todos e de todos os níveis de ensino; ii) deixar de ser coxos e passemos a andar e correr por todo o Continente através da aplicação, a todos os cantos dos Estados afrikanos, do binómio tecnologização e profissionalização do homem negro; iii) deixar de ser filhos pródigos através do arrependimento por andarmos tantos anos perdidos na escuridão e podridão da intrujice e da kimbandice e nos apresentemos ao PAI abandonando a vida errante de ignorantes e de pedintes que levamos; iv) estar aptos a academizar a nossa vida, a vida da África negra, planetarizando o que nós somos, o que queremos e formos sendo capazes de fazer ao longo da caminhada das transformações que temos de operar; v) fazer a luta de libertação linguística da parte negra do Continente através da elevação, por cada Estado afrikano, das suas línguas nacionais a línguas oficiais; vi) do leque das línguas nacionais de cada Estado afrikano tornadas línguas oficiais, eleger aquela que seja susceptível de planetarização para uso doméstico e internacional nos domínios escolar, profissional, recreativo, comercial, judicial, desportivo, político, diplomático, científico, tecnológico, académico, literário; informático; aeronáutico, etc. vii) ser capazes de seguir o louvável e imitável exemplo dos brancos boers da defunta África do Sul racista que, desafiando as línguas coloniais dos europeus seus progenitores, foram capazes de mundializar o afrikanner, uma língua que inventaram e com ela se afirmaram na arena política, diplomática, tecnológica, científica, comercial, das tecnologias da informação e económica internacional enquanto Mandela não mudou o curso da História na Azania; viii) enfim, seguir o exemplo da própria Europa latina que, depois de se SALVAR da colonização romana, depressa tratou de se LIBERTAR ao proclamar a independência linguística com a deslatinização dos Estados, criação e adopção de língua nacional para cada Estado europeu antes obrigado a usar o latim como língua oficial (I Cor.14:19).

O conteúdo dos textos que formam o conjunto desta obra faz supor ser um absurdo e como tal dele subjaze ser um imperativo continental quebrar a divisão da África e dos afrikanos pelos actuais blocos linguísticos coloniais. A neocolonial divisão dos negros afrikanos em anglófonos, francófonos, lusófonos e hispânicos, na óptica daquilo que o Autor nos transmite nas entrelinhas (por não ter podido expressar esse ponto de vista claramente em virtude do contexto de repressão colonial e da CENSURA em que escreveu os textos), configura para ele um grande empecilho que emperra a SALVAÇÃO e a LIBERTAÇÃO dos povos de África cujos governantes podem começar a pau-

tar o seu ser, estar, pensar e a agir em línguas afrikanas e não nas línguas coloniais. Para tanto, o autor busca, como exemplo, os passos seguidos pelos povos da Europa logo a seguir à sua descolonização por Roma: i) libertaram-se da dependência linguística do latim colonial de Roma e cada povo criou a sua língua: português para Portugal; francês para a França; italiano para a Itália; romeno para a Roménia; espanhol para a Espanha; etc. ii) a Igreja cuidou e cuida cada vez mais de evangelizar os seus povos e torna parte activa nas transformações ocorridas nos seus países rumo à Salvação e à Libertação dos seus povos e Estados desde que Jesus Cristo foi elevado aos Céus até aos dias de hoje.

E na África negra, o que é que acontece, o que é que tem acontecido susceptível de mudar o curso da vida abjecta e vegetativa que os afrikanos negros levam desde que Jesus Cristo subiu aos Céus?

Sigamos, caros leitores o correr da pena do Autor e muito rapidamente encontraremos a razão de ser do título deste livro, que exorta a África a **DESPERTAR** ao som das trombetas da sua **EVANGELIZAÇÃO**, para que todas as coisas nos sejam acrescentadas.

chicoadão

09JUL2006 - Domingo

Índice Específico

Período de 1940 a 1949

No Ano de 1933.....29

“A PAZ ESPIRITUAL” in “O Estandarte” n.º.1, ANO I, do mês de DEZEMBRO de 1933, datado de (01DEZ1933) insere este artigo a p. 2/p31

No Ano de 1934.....10

“ANO NOVO”, in “O Estandarte” n.º.2, ANO I, do mês de JANEIRO 1934 (01 JAN 934), p.1/p35

“O SEU ERRO ERA TAMBÉM O MEU, LEITOR (I)” in “O Estandarte” n.º.4, ANO I, do mês de MARÇO de 1934, p.1/p36

“O SEU ERRO ERA TAMBÉM O MEU, LEITOR (II)” (continuação) in “O Estandarte” n.º.5, do mês de ABRIL de 1934, p.3/p38

“SEMANA SANTA” in “O Estandarte” n.º.6, ANO I, do mês de MAIO de 1934 insere este artigo a p.2./p39

“OS PRIVILÉGIOS DA ESCOLA DOMINICAL” in “O Estandarte” n.º.7, ANO I, do mês de JUNHO de 1934, p.1/p41

“CRISTO E OS POBRES” in “O Estandarte” n.º.9, ANO I, do mês de AGOSTO de 1934 (15AGO934), p.5 /p42

O Jornal "O Estandarte" n.º.13, do mês de DEZEMBRO de 1934 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida, mas um artigo de Loth Malheiro Savimbi (pai de Jonas Malheiro Savimbi) intitulado "A QUEM DEVEMOS SERVIR? (I)" a p.4/p42

No Ano de 1935 ⁽¹⁾45

"E TU SERÁS UMA BENÇÃO" in "O Estandarte" n.º.14 (está erradamente com o n.º.12), ANO II, do mês de JANEIRO de 1935, p.1, insere este artigo e ainda em "Carteira Íntima", p.4, a notícia sobre a transferência da data de realização do Casamento de Gaspar d'Almeida com a senhorinha Juliana António Amaro para o dia 13 de Fevereiro de 1935, pelas 15 horas./p47

O Jornal "O Estandarte" n.º.15 (está erradamente com o n.º.13, ANO II, do mês de MARÇO de 1935 insere, em "Carteira Íntima", p.4, a notícia do Casamento de Gaspar d'Almeida com a senhorinha Juliana António Amaro, realizada a 13 de Fevereiro de 1935, pelas 15 horas. bem co-mo um artigo de Loth Malheiro Savimbi "A QUEM DEVEMOS SERVIR? (II)" p.4. /p49

"PÁScoa (VIAGEM TRÁGICA AO GÓLGOTA). RESSURREIÇÃO" in "O Estandarte" n.º.16 (erradamente com o n.º.14), ANO II, do mês de ABRIL de 1935, pp.1 e 2./p50

"ESTE É O MEU FILHO AMADO. A ELE OUVI" in "O Estandarte" n.º.18 (erradamente com o n.º.16), ANO II, do mês de AGOSTO de 1935, insere este artigo a pp.1, 2 e 3./p54

"MARIA DA CONCEIÇÃO GASPAR" in "O Estandarte" n.º.19 (está erradamente com o n.º.17), ANO II, do mês de OUTUBRO de 1935, insere este artigo a pp.3 e 4.

"NOME BENDITO" in "O Estandarte" n.º.20 (erradamente com o n.º.18), ANO III, do mês de DEZEMBRO de 1935 insere este artigo a p.1 e, em "CARTEIRA ÍNTIMA", a notícia sobre o nascimento, no seio do casal Gaspar d'Almeida e Juliana Amaro de Almeida, a 27 de Novembro de 1934, de um robusto rapaz a quem foi dado o nome de Jerónimo./p56

No Ano de 1936 ⁽²⁾61

"O EVANGELHO DA PAZ" in "O Estandarte" n.º.21 (está erradamente com o n.º.19),

¹ Desse ano, não foram encontrados os números 10 e 12 de O Estandarte

² Falta "O Estandarte n.º 22

ANO III, do mês de FEVEREIRO de 1936, insere este artigo a p.1. Em "CARTEIRA ÍNTIMA" p. 4, vem inserida a nota que dá conta do falecimento, a 10MAR34 e enterro a 11MAR36 em Kalomboloka, com apenas 10 meses de idade, do menino Inácio Ge-deão Paulo de Almeida, filho de Paulo Adão d'Almeida e de Luzia João Kayfalu de Almeida/p63

O Jornal "O Estandarte" n° 22 (está erradamente com o n° 20), ANO III, do mês de MARÇO de 1936 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida

"UMA TRISTE NOTÍCIA!" in "O Estandarte" n° 23 (está erradamente com o n° 21), ANO III, do mês de MARÇO de 1936 insere este artigo a p.1/p65

O Jornal "O Estandarte" n° 26 (está erradamente com o n° 24), ANO III, do mês de SE-TEMBRO de 1936 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida, mas em "CAR-TEIRA ÍNTIMA", p.4, vem a notícia da festa de aniversário realizada por motivo de ter feito 4 anos, no passado dia 20 de Junho, o menino Sílvio Paulo Inácio e Gaspar de Al-meida, filho dos irmãos em Cristo, Paulo Adão de Almeida e de Luzia João Kayfalu de Almeida...

"DEUS EXALTADO" in "O Estandarte" n° 27 (está erradamente com o n° 25), ANO III, do mês de NOVEMBRO de 1936. insere este artigo a p.2./p67

No Ano de 193767

"NATAL DE JESUS" in "O Estandarte" n° 28 (está erradamente com o n° 26), ANO IV, do mês de JANEIRO de 1937 insere este artigo a p.1; a p. 4, em CARTEIRA ÍN-TIMA, insere algumas notas curiosas sobre os casamentos, a 17 de Outubro de 1937, de Joaquim de Figueiredo com Leocádia Josefina e a 13 de Novembro de 1937, de Pascoal dos Santos Van-Dúnen com Joaquina Manuel Rufino; sobre o primeiro aniversário do menino Jerónimo Gaspar de Almeida festejado a 27 de Novembro de 1937 e sobre o nascimento, a 6 de Dezembro de 1937, de mais uma robusta menina no lar do casal Paulo Adão de Almeida e Luzia João Kayfalu de Almeida, a quem foi dado o nome de Damares./p71

"DUAS PALAVRAS" in "O Estandarte" n° 29 (está erradamente com o n° 27), ANO IV, do mês de MARÇO de 1937 insere este artigo a p.1 que dá conta do falecimento do Reverendo Herbert C. Withey, ocorrido a 9 de Fevereiro de 1937, no Késua, Ma-lanji./p74

“O PASTOR SEM PÚLPITO” in “O Estandarte” n.º.31 (erradamente com o n.º.29), ANO IV, do mês de MAIO de 1937 insere este artigo a p.2./p75

“O SOLDADO CRISTÃO” in “O Estandarte” n.º.32 (30, ANO IV, do mês de JUNHO de 1937 insere este artigo a p.1./p77

“PAZ!! PAZ !!” in “O Estandarte” n.º.36 e 37 (está erradamente com o n.º.34 e 35), ANO V, dos meses de NOV e DEZ de 1937 insere este artigo a p.2./p79

No Ano de 1938.....81

“IGREJA EVANGÉLICA DOS NATIVOS DE ANGOLA – FUNDO DE EVANGELIZAÇÃO” in “O Estandarte” n.º.38 (erradamente com o n.º.36), ANO V, do mês de JANEIRO de 1938 insere este artigo a p.3./p82

“O AMOR DE DEUS E O SACRIFÍCIO DE CRISTO” in “O Estandarte” n.º.39 (erradamente com o n.º.37), ANO V, dos meses de FEVEREIRO e MARÇO de 1938 insere este artigo a p.1/p83

“O ESTANDARTE” p.1 e “A NOSSA RESPONSABILIDADE SOBRE A PRÁTICA DA PALAVRA DE DEUS” pp.1 e 3 in “O Estandarte” n.º.41 (erradamente com o n.º.39), ANO V, do mês de MAIO de 1938 insere os referidos artigos./p85

“A NOSSA APRENDIZAGEM” in “O Estandarte” n.º.42 (erradamente com o n.º.40), ANO V do mês de JUNHO de 1938 insere este artigo a pp.3 e 4./p86

“CRISTO É O NOSSO MODELO” in “O Estandarte” n.º.43 e 44 (está erradamente com o n.º.41 e 42), ANO V, dos meses de JULHO e AGOSTO de 1938 (Número Especial dedicado à chegada a Angola do Presidente da República Portuguesa, General António Óscar de Fragoso Carmona). Insere este artigo a p.7. /p90

“HAJA LUZ” pp.1 e 2 e ainda “A BIOGRAFIA DO REVERENDO JOÃO LEÃO WEBBA”, p.4. in “O Estandarte” n.º.45 (está erradamente com o n.º.43), ANO V, do mês de SETEMBRO de 1938 insere os referidos artigos./p91/p94

“O PROTESTANTISMO” pp.1 e 2 e o poema intitulado “PERDOAL...!”, p.4 in “O Estandarte” n.º.46 (está erradamente com o n.º.44), ANO V, do mês de OUTUBRO de 1938 insere os referidos artigos./p96

"OS QUE SEGUEM A JESUS" in "O Estandarte" n.º.48 (está erradamente com o n.º.46), ANO VI, do mês de DEZEMBRO de 1938 (Número Especial de Primeiro Aniversário de "O ESTANDARTE" insere este artigo a p.4./p100

No Ano de 1939.....103

"UMA VIAGEM DE RECREIO" in "O Estandarte" n.º. 49 e 50 (erradamente com o n.º.47 e 48), ANO VI, dos meses de JAN e FEV de 1939 insere este artigo a p.6./p105

"A BÍBLIA" in "O Estandarte" n.º.53 (erradamente com o n.º. 51), ANO VI, do mês de MAIO de 1939 insere este artigo a pp.1 e 2./p108

"HOMENAGEM AO REVERENDO ADÃO FRANCISCO D'ALMEIDA, PASTOR DA IGREJA EVANGÉLICA DE KAXIKANE" (poema) p.1, in "O Estandarte" n.º.56 (está erradamente com o n.º. 54), ANO VI, do mês de SETEMBRO de 1939, insere este artigo e a p.4 "Carteira Íntima", o nascimento, a 1 de Julho de 1939, de uma criança do sexo feminino a quem foi dado o nome de Maria Eugénia, filha do casal Gaspar d'Almeida e Juliana Amaro de Almeida./p110

"UMA MENSAGEM AOS PRÓDIGOS DO PAI CELESTE" in "O Estandarte" n.º.58 (está erradamente com o n.º.56), ANO VI, do mês de NOVEMBRO de 1939 insere este artigo a pp.1-2./p111



Período de 1930 a 1939

Ano de 1933

"A PAZ ESPIRITUAL" in "O Estandarte" n.º.1, ANO I, do mês de DEZEMBRO de 1933, datado de (01DEZ1933) insere este artigo a p. 2



A Paz Espiritual

In "O Estandarte" n.º 1, ANO I,
do mês de DEZ 1933 (01DEZ1933), p.2

Ninguém há que não tenha procurado ser o melhor neste mundo; e se existem uns que não aspiram esse fim, são aqueles de índole susceptível da corruptibilidade. Eis o que apresento aos caros leitores desta pequena folha:

O único método pelo qual o homem pode ou deve orientar-se e consolidar a paz espiritual, é o de seguir os passos de Jesus, "*o conhecido por Filho de Deus Vivo*". O Estandarte, que não é obra de homens sapientes, desperta a atenção dos leitores duma coisa que talvez nem todos sentem: é a paz espiritual. Os verdadeiros cristãos sentem-na porque meditam no grande amor de Jesus que, sendo filho de Deus e para libertar-nos do castigo da desobediência morreu por nós.

Ele disse: "A paz vos deixo, a minha paz vos dou: eu não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração" (S. João 14-27).

A síntese destas palavras, pronunciadas pelo Messias prometido aos nossos antepassados e hoje reveladas a nós o povo do presente século, dá-nos a convicção de ser um facto verdadeiro, não só porque acalmou as almas acabrunhadas pelas acções imorais, mas porque são promessas do inolvidável Mestre, o Príncipe da paz.

Como podemos obter este prazer que inopinadamente vem entusiasmar os nossos espíritos de viva fé e encher-nos de consolação?

Como os crentes podem sentir a fragrância desta tão importante essência?

Jesus ainda disse: «pedi e dar-vos-ei». Por que razão não concretizamos as nossas ideias nas palavras deste homem divino?

Leitores, a **paz espiritual** é um poder difícil de se encontrar no homem que não crê; é inexplicável!... As pessoas mais ricas deste mundo não a podem possuir; muitas vezes são mais tristes e passam a vida mais angustiada do que um desprezado pobre. E às vezes são mais atormentadas na vida, que preferem o estado dum homem desprovido de tantas comodidades! Lêde as "Escrituras Sagradas" e encontrareis uma explicação tão nítida que, segui-la é o mesmo que achar um conforto na vida.

Se um pouco com fé em Jesus vale muito, um muito nestas condições não vale ainda mais? Leitores, segui os ensinamentos de Jesus, meio capital de adquirirdes a paz espiritual, bússola que vos dirige moralmente em devido aperfeiçoamento individual. Evitai a cólera inoculada nas vossas almas pelas vicissitudes das coisas carnis, que enlambia os vossos bons pensamentos. Experimentai essa fé que transforma o homem em

sinceridade, honestidade e em pureza. É o éco de *O Estandarte* pregoar a todos a sã doutrina de Cristo, imagem invisível aos nossos olhos carnaís, mas visível espiritualmente por todos que n'Ele crêem em verdade.

"Não se turbe o vosso coração: crêdes em Deus, crêde também em mim". (S. João 14-1)

Luanda, 28-XI-1933

Gaspar d'Almeida

Ano de 1934

"ANO NOVO" in "O Estandarte" n.º 2, ANO I, do mês de JAN934
(01JAN934) insere este artigo a p. 1

ANO I		Luanda, 1 de Janeiro de 1934		1934	
<h1>O Estandarte</h1>					
Mensário — Proseiro Crisfão dos Bairros — Orgão e Propriedade de um grupo de crentes Evangélicos Africanos Portugueses					
Redacção e Administração CALLE DE CRISTÓFÃO VARELA N.º 26, 1.º Andar		CONSELHO DIRECTIVO: Director: <i>Oscar J. Almeida</i> Redactor: <i>Artúrio Victor de Carvalho</i> Secretaria de Redacção: <i>João Sebastião Roselinas</i> Administrador: <i>Domingos Francisco de Silva</i>		ASSINATURA ANUAL (Pagamento adiantado) Cidade: 12,000 Portugal Continental, Ilhas e Açores: 12,000 Estrangeiro: 15,000	
DIRECCION: CRISTÓFÃO VARELA LUANDA		Visado pela Comissão de Censura		Número avulso 1,00	

Ano Novo

In "O Estandarte" n.º 2, ANO I,
do mês de JANEIRO de 1934 (01JAN934)

Em geral a entrada do Ano-Novo impõe às pessoas que se estimam a obrigação de se saudarem com votos de muita felicidade. "O ESTANDARTE" que, com desejo mútuo, cumpre a mesma obrigação para com todos, congratula-se ainda em saber do leitor o seguinte: como Deus te ajudou durante o ano próximo findo? Tiveram bom êxito todos os teus trabalhos? Foste feliz em tudo o que diz respeito à tua vida terrestre?

Certamente nem tudo a todos é dado. Não estejais solícitos nem vos canseis pela perda que tivestes durante o ano pretérito.

Jehová, que sabe escrever nas linhas tortas, saberá engrandecer as vossas empresas e centuplicar toda a fortuna que perdestes. Avante, pois, se tendes essa vontade de caminhar para a frente com as vossas indústrias!

Há um remédio bastante eficaz que não obvia todos os males, mas também torna felizes aqueles que o procuram.

*"Buscae primeiro o reino de Deus
e a sua justiça e todas as coisas
vos serão acrescentadas"*

É um facto: Deus que não esquece nenhum átomo que existe à superfície da terra, nunca esqueceu de ti na tua pobreza. Para que este ano seja novo para ti, é conveniente que busques primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, pois o contrário não é mais do que uma sucessão de dias que o leitor vai transitando na miséria sem nenhum amparo.

O ano de 1934 sem dúvida será o mais feliz dos anos, se todos concentrarem essas palavras nas suas memórias, pois não só encerram boa ética no mundo depravado, mas sim boa aliança com Deus, que felicitará com riquezas infindas as pessoas que não julgam estultas as verdades da santa Bíblia.

Terminando, "O ESTANDARTE" saúda a todos que descjam progresso nos seus trabalhos materiais e espirituais.

Gaspar d'Almeida

O Seu Erro Era Também o Meu, Leitor... (I)

In "O Estandarte" n.º 4, ANO I,
do mês de MARÇO de 1934, p.1

Coberto de um espesso véu da ignorância, o meu lema, na infância, era o de seguir a religião dos meus pais, única que considerei legítima por pertencer àqueles que me deram o ser e a mais pessoas da corrente social. Foi sempre este o meu erro que continua a ser o de muitos, desde longa data até hoje.

Quem duvida que todo o homem é religioso?

Na África, antes dos europeus, o povo africano já era religioso, razão que se compreende de modo seguinte: a tendência aos ídolos significa que o povo, apesar da sua ignorância, já tinha a noção da existência dum Ser Supremo, o Criador das coisas que vemos e as que não vemos e a quem, de justiça e reverentemente prestava as suas homenagens. Como a minha experiência, embora com poucos conhecimentos no ambiente humano, prova dizer que o homem não sabe quão lhe é difícil acreditar naquilo que não vê. Foi por isso que os nossos antepassados e avoengos africanos substituíram o Deus Invisível por um visível, escolhido arbitrariamente por eles e a quem, em diversas tribos, deram um nome diferente em virtude das linguagens que não são uniformes. Daí conclue-se que o nome "NZAMBI" que em português significa DEUS não foi traduzido de nenhuma língua europeia, sendo, desde então e indiscutivelmente um original dos povos com actos de fala em língua Kimbundu. Não deitamos, pois, pedras à ignorância que foi o exercício mais trágico dos tempos remotos, porque, apesar de ser a doença mais difícil de se curar, não é tão ingrata como a sabedoria que compreende e desvia-se dos seus deveres morais. Além desse ideal mono-africano e pouco adequado, único que me vou referir, existe o feiticismo que consiste em um querer a morte do outro sem ferro, nem química, para o que basta o rival pulverizar um úmero ou uma tibia dum inocentinho que em tempos deixara o seu corpo na terra; com o pó desses importantes ossos o feiticeiro pinta a cara e, a alta noite, vestido de trajos indiscretos, vai rodeando com danças a casa do inimigo praguejando-o; este, possesso do medo, não se levanta, não se mexe, abafando-se a ponto de não poder soltar voz sequer. Esta superstição obrigar-lhe-á solicitar o "kimbandeiro" que adivinhará o malogrado. Decerto, aquele não deve ser imbecil porque procurará saber do tenebroso feitizado se tem alguns inimigos e só depois de confessá-los, é que escolhe, entre eles, o adversário.

O crédito à idolatria e à feitizaria não está só arquivado nas almas dos ineptos como também nas daqueles cuja aparência e características da civilização recusa-lhes

esta insânia. Porém, esta tradição fútil que até hoje domina mormente os povos afrikanos, a sua acção representa a estagnação das nossas ideias e a falta de pôr em exercício o dom que Deus dispensou-nos que é o raciocínio.

Gaspar d'Almeida
(conclue no próximo número)

esta insânia. Porém, esta tradição fútil que até hoje domina mormente os povos africanos, a sua acção representa a estagnação das nossas ideias e a falta de pôr em exercício o dom que Deus dispensou-nos que é o raciocínio.

Gaspar d'Almeida
(conclue no próximo número)

esta insânia. Porém, esta tradição fútil que até hoje domina mormente os povos afrikanos, a sua acção representa a estagnação das nossas ideias e a falta de pôr em exercicio o dom que Deus dispensou-nos que é o raciocínio.

Gaspar d'Almeida
(conclue no próximo número)

O Seu Erro Era Também o Meu, Leitor...(II)

in "O Estandarte" n.º 5,
do mês de ABRIL de 1934 p.3

Patrícios, por que razão vos revoltais contra os preceitos de Deus? Escutai o que disse Davidson sobre a religião: "A religião significa bom senso, religião significa dominação de todas as coisas, religião significa poder, carácter e sucesso, religião significa um intelecto bem desenvolvido usando-se os melhores meios para ganhar-se os mais altos fins." Esta exposição é certa na importância do nosso dever e dedicação. Ser religioso é um caso sério e a utilidade enobrece as ideias daqueles que esperam um futuro bendito no Reino do além. Não é de admirar que o Evangelho chegue também a nós, últimos miseráveis que pisamos nesta crosta terrestre queimando-nos sob os raios solares, mendigando e trajando do alheio, em que só a vida é que é propriamente nossa. *"Ide por toda a parte e pregai o Evangelho em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo"* — foram as palavras do Senhor Jesus que deram origem ao facto de o Evangelho chegar na África onde, tediosamente, o povo o recusa.

Antes Jesus foi um Verbo. Hoje é Luz que resplandece nas trevas para sustentar a filantropia e a Justiça do seu Pai que está nos céus. O homem há muito que se tem desviado das verdadeiras directrizes pela atracção das coisas frívolas que a natureza criara para vergonha da humanidade Racional. É por essa razão que nestas terras saibrentas onde o Evangelho tem sido mais difícil de penetrar nos corações do povo e onde as coisas acontecem tal como a semente lançada num pedregal, embora se sujeite a secar depressa, todavia não falta germinar alguma. Contra a pura verdade todos retrocedem, todos fogem, todos temem.

Leitor, se tens o claro conhecimento das Santas Escrituras, escuta o que disse o Senhor Jesus:

"Pedi e dar-se-vos há; buscai e encontrareis; batei e abrir-se-vos há" (S. Mateus 7-7). Fazei estas petições ao Senhor com todo o coração sem lisonja, nem orgulho, mas com toda a humildade e, sem dúvida, Ele vos atenderá.

Luanda, Fevereiro de 1934.
Gaspar d'Almeida

Semana Santa

In "O Estandarte" n.º.6, ANO I,
do mês de MAIO de 1934, p.2

No Domingo chamado dos Ramos observei muitas pessoas a trazer, cada uma, o seu raminho de palmeira e eu, implícito naquilo, pareceu-me duvidoso que todos saibam o que se relembra nesse dia. Vi que, para todos, era um divertimento fútil; notei que todos seguem uma selecta regra tradicional; ninguém é curioso de saber as coisas que se nos deparam, porque já as encontramos com os nossos avós e trespassam tanto para a nossa quanto para a geração vindoura; não é caso que nos preocupa; alegremonos, filhos, que não há nada que pensar.

Usando o aumentativo hebraico, direi: é a Jesus, Rei dos reis, a quem vós lembrais na ocasião da entrada triunfal em Jerusalém, onde foi assistir à festa e onde todos esperavam vê-lo fazer vários prodígios. No Evangelho de S. João 12, 13, encontramos a palavra Ramos de Palmeira que o povo estendia na rua por onde Jesus passava, enaltecendo-O desta forma: Hosana! Hosana! Bendito o Rei de Israel que vem em nome do Senhor. O povo está cheio de muitas formalidades; por isso quem perdoa e justifica o impio é só Deus por intermédio do seu Filho Jesus Cristo.

Graças a Ele que nos mandou missionários com o singular fim de nos indicar que Cristo é o Intercessor junto de Deus no indulto dos nossos pecados. Lembra-se que quando Jesus chegou a Jerusalém já não voltou e foi a partir daí que começou a sentir sobre si o peso do pecado de todo o Mundo. Com efeito, foi em Gethsemane onde começou a levar a pesadíssima cruz por nossa causa, onde um exército guiado por um sujeito que foi seu discípulo, tesoureiro (Judas) o prendeu, tendo-lhe feito o escárnio mais nojento cujo cheiro nauseabunda o bom reconhecimento.

Assim é o parecer do mundo das trevas; chama bom o que é mau, verdade ao que é mentira. Jesus foi preso porque fazia caridade, curava todas as enfermidades carnis e espirituais; o seu poder constituía um repto para o povo perverso. Foi na noite de Sexta-feira, a mais sanguinária de todos os tempos em que Ele se sujeitou aos berros dos ostentosos sacerdotes, sofrendo bofetadas até das mãos mais reles, sendo cuspidado e pondo-lhe uma corôa de espinhos na cabeça que tanto lhe feriu, fazendo-lhe todas as zombarias mais vis e tudo para o sofredor é como descreve o profeta Isaiás (53.7):

*"Ele foi oprimido, mas não abriu a sua boca;
como um cordeiro foi levado ao matadouro
e como uma ovelha muda perante os seus
tosquiadores, Ele não abriu a sua boca".*

O corajoso Pedro que o seguia fiel das suas forças, vendo as amarguras do seu Mestre perante uma rapariga que lhe perguntara se conhecia Jesus, respondeu que nem por sombras; não podendo consorciar-se à tremenda dor do seu Divino Mestre, por três vezes negou-O; porém reconheceu a sua ingratidão, o seu erro e teve que chorar muito, pelo que Jesus perdoou-o.

Foi nessa hora em que as bocas que antes clamaram hosana ao Filho de David mudaram de nota e em voz rude e cobarde gritaram: CRUCIFICAÍ-O! CRUCIFICAÍ-O! Exaurido de todas as forças pelas agitações horríveis, foi obrigado a levar a pesadíssima cruz, a qual, não podendo suportá-la, constrangeram a um campónio chamado Simão, levá-la.

Foi crucificado o Senhor Jesus e, como sempre, é o mesmo que até na desditosa hora se lembra dos seus inimigos e diz: "Pai perdoa-lhes porque não sabem o que fazem". E um dos malfetores com quem estava crucificado, vendo a omnipotência de Jesus, disse: "Senhor, lembra-te de mim quando entrares no céu". Ao que Ele respondeu: "Na verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso". Amor indizível! Nos mais cruéis sofrimentos ainda perdoa, ainda salva. Foi morto o Filho de Deus e desampararam o seu cadáver debaixo do Sol, sendo sepultado por José de Arimateas que o pediu a Palitos e pela desconfiança de que os discípulos viessem roubá-lo, foi a sepultura vigiada pelos soldados. Mas no terceiro dia ressuscitou o Senhor Jesus e, os soldados estupefactos, não O puderam tocar! Está vivo Jesus! Vive para que todos que n'Ele crêem vivam; porque até hoje encontra-se sentado à extra do Seu Pai intercedendo por nós pecadores.

Que amor incomensurável é o de Jesus! É por nós que Ele sofreu. Que fazemos nós por Ele?

Padeceu para nos tornar bons e fiéis funcionários, verdadeiros patriotas, cumpridores da lei, para o engrandecimento da Pátria; que fazemos nós, afrikanos, para Cristo? E vós, nações, que dizeis de Cristo?

Ele consumou toda a obra redentora na cruz do Calvário, eis o símbolo da salvação para toda a raça humana.

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o seu Filho Unigénito, para que todo aquele que n'Ele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna."

João 3:16

Gaspar d'Almeida

Os Privilégios da Escola dominical

In "O Estandarte" n.º.7, ANO I,
do mês de JUNHO de 1934, p.1

MARGARIDA GASPAR é uma criança dos seus seis anos e desde a mais tenra idade frequenta a Escola Dominical na companhia dos seus pais; um dia, estando eu à mesa, ela agarrou-se ao meu pescoço e disse: «Tio, nós havemos de morrer porque Adão e Eva que foram nossos pais morreram não é?». E enquanto eu reflectia sobre a resposta a dar, interrompeu-me dizendo: «Se eles não tivessem comido o fruto que Deus lhes proibiu de comer, nem eles nem nós morreríamos não é?». Evidentemente, retorqui eu, mas nós também já não morreremos porque Jesus que por nós foi morto, vive para que nós vivamos lá no céu eternamente; se Ele não tivesse vindo nós não viveríamos! Ela redarguiu: «Ele agora está à mão direita de Deus não é?». Completei dizendo: sim, a pedir por nós a seu Pai, Deus, o perdão dos nossos pecados.

É bem claro o que diz as Escrituras: que o Reino de Deus é semelhante a um grão de mostarda. Até às criancinhas Deus manifesta o seu poder e mostra-lhes os atributos de que têm jus no Reino Celestial.

A todos quantos queiram instruir as suas crianças nas matérias que nutrem prodigiosamente as suas intelectualidades levem-nas à Escola Dominical na Igreja Evangélica de Luanda que se encontra aberta para todas, aos Domingos, às 3 horas da tarde.

Gaspar d'Almeida

Cristo e os Pobres

In "O Estandarte" n.º.9, ANO I,
do mês de AGOSTO de 1934 (15AGO934), p.5

A propósito de muitas controvérsias que em tempos tive com muitos dos meus patrícios ao serem convidados para assistir aos cultos da Igreja de Deus e as várias respostas obtidas, preocupo-me em elucidar aqueles que em várias deliberações comigo discutiram, assim como aqueles que queiram seguir os passos de Jesus, a forma como os pobres podem ser mais ricos do que os homens endinheirados sem a salvação completa das suas almas.

Ouvi, meus amados irmãos: "porventura não escolheu Deus os pobres deste mundo para serem ricos na fé, e herdeiros do reino que prometeu aos que O amam?" (S: Tiago 2:5).

Seguem algumas provas que demonstram o amor que Nosso Senhor Jesus teve para com os pobres.

Ele nasceu quando José e Maria estavam a caminho para se alistarem conforme as ordens do imperador romano Augusto; e como não houvesse lugar na hospedaria onde todos os viajantes descansavam, foi deitado num dos lugares mais humildes que não é tal como nós o entendemos, podendo dizer-se que é o mais baixo dos lugares porque nem mesmo os pobres nascem na manjedoura; seus pais foram operários. O público sabe, em geral, que os operários pertencem a uma família pobre. De facto, Cristo, por motivo de querer ganhar as almas dos necessitados, também o era.

Devemo-nos lembrar que as primeiras notícias do nascimento do Nosso Senhor Jesus Cristo, foram dadas pela milícia celestial (os anjos) aos pobres pastores que nas cercanias de Bethlém guardavam o seu rebanho, nas vigílias da noite; uma prova também muito clara é esta: quando o arauto do Senhor, João Baptista, quis certificar-se de Cristo, se era realmente Ele, aquele de quem todos esperavam, Jesus respondeu aos portadores assim: "Ide e anunciai a João as coisas que ouvís e vêdes: os cegos vêem; e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho". (Lucas 11:4, 5).

Não são provas claras para a nossa compreensão que Cristo teve muita mutualidade para com os pobres? Ele veio neste mundo para dar conforto aos pobres e a todos que queiram gozar dessa graça que os crentes salvos adquiriram mediante a fé. Não é preciso que sejamos ricos para alcançarmos a vida eterna, porque Ele sabe que a riqueza do mundo não serve para a eternidade.

A carência de dinheiro não põe impedimento a ninguém dos privilégios espirituais e nem tão pouco impedem de alguém servir a outrem nos trabalhos que uns e ou-

tros desdenham a ponto de inutilizar o valor pessoal de quem é servidor, pode tirar-nos a salvação que há em Jesus Cristo.

Moisés guardava o seu rebanho quando Deus o chamou no meio da salsa para salvar o seu povo. Gedeão, intrépido soldado contra os filisteus, debulhava o seu trigo e Eliseu arava no seu campo quando esses tiveram a honra de serem chamados por Deus para revelar-lhes o que de justiça tinham de fazer para com o seu Deus, o Criador de todo o mundo.

Ah!...se todos conhecessem o amor de Cristo, imaginem a felicidade que sentiriam todos aqueles que dispensam o seu amor fraternalmente no contacto do dia-a-dia que têm com aqueles que são pobres!

Vede como os ricos O negam! Olhai para a cara carrancuda do mancebo rico, quando declarou a Jesus que guardava todos os mandamentos. Jesus Amou-o e disse: "Vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu". Que indignação vender tudo quanto tenho, que desgraça! Foi quando Jesus disse: "vale mais um camelo entrar no buraco de uma agulha do que um rico no reino do céu". E os discípulos, admirados por ouvirem palavras bastante perturbativas, disseram: "quem poderá salvar-se?". É, na verdade, um facto que nos faz tremer, por isso eu pergunto quem poderá salvar-se? Isto é impossível a qualquer de nós, mas a Deus tudo é possível.

Se o leitor é feliz nas coisas deste mundo, com certeza vida recíproca não quererá obter senão que continue sempre a ser feliz; e como é que nisto pode ser? Crê no Senhor Jesus e dá a Ele aquilo que lhe pertence.

Se é pobre, que miserável será quando não resolva mudar de situação!

Olha para o chaguento do Lázaro no seio de Abraão rindo-se da miséria das riquezas do mundo quando Abraão dizia para o rico que na terra desprezou o pobre Lázaro. "E tu, rico, só adoravas os prazeres deste mundo e sua concupiscência - agora, em que tens crido nestas chamadas?"

Dizia um rico insensato com toda ufania depois da colheita dos seus produtos: "Minha alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e folga". (Lucas 12:19). E Deus, rindo-se dele, naquela mesma noite tirou-lhe a vida.

Pobre rico sem Deus!...

É lamentável a nossa vida neste mundo sem crermos nas Santas Escrituras!

Cada um de nós, quer rico ou pobre, deve, em oração, consultar o Senhor Jesus como fez o sábio Nicodemos e certamente a resposta não será outra coisa senão esta: Deves nascer de novo. Quer dizer, domine a tua intemperança.

O Evangelho é o remédio que cura as paixões, é o único que nos alegra nas calúnias; é só o Evangelho de Cristo que nos absolve quando nos encontramos culpados das acções diabólicas. O Evangelho é a consolação da humanidade. Abraçai-o óh povos libertados das coisas facinorantes deste mundo, mas nunca da ira de Deus, quando não credes no Evangelho.

Gaspar d'Almeida

Ano de 1935

“E TU SERÁS UMA BENÇÃO” in “O Estandarte” n.º.14 (está erradamente com o n.º.12), ANO II, do mês de JANEIRO de 1935 insere, a p.1, este artigo e ainda em “Carteira Íntima”, p.4, a notícia sobre a transferência da data de realização do Casamento de Gaspar d’Almeida com a senhorinha Juliana António Amaro, para o dia 13 de Fevereiro de 1935, pelas 15 horas

O Estandarte

Publicado em: Barcelos - Colónia dos Baixos - Oração e Preceitos

“E tu serás uma Bênção” :

In “O Estandarte” n°.12, ANO II,
do mês de JANEIRO de 1935 p.1

e insere ainda em “Carteira Íntima”, p.4, a notícia sobre a transferência da data de realização do Casamento de Gaspar d’Almeida com a senborinha Juliana António Amaro, para o dia 13 de Fevereiro de 1935, pelas 15 horas.

Que bela é a frase deste título! Ser uma bênção é ser um espelho onde simpaticamente ficam reflectidas as nossas imagens; é ser alegre e afável para com todos; é ser acariciado com a graça do Senhor. Ser uma bênção exalta todo aquele a quem o destino assim o queira favorecer. Quem não gosta que assim Deus o alcunhe?

Há uns que se julgam com direito a este nome, porque, olhando bem, em volta de si só existem brilhantes e várias especiarias de valor; as vicissitudes mundanas fecham-lhes os olhos para não verem as riquezas celestiais; enganam-se, pois, porque diz a Palavra: “Que aproveitaria o homem se ganhasse todo o mundo e perdesse a sua alma?”. Claro está, que o ser uma bênção não consiste só em acumular toda a riqueza deste mundo, pois o total das maiores felicidades é a pureza de alma.

Quantos hoje adquirem riqueza pela via da falsificação e da desumanidade!

Se todos fossem cumpridores dos preceitos morais que são intrinsecamente imutáveis como dependentes da ordem de Deus; se todos trabalhassem não só para interesse próprio, mas no dos outros, quer no comércio, como na indústria, assim em toda a técnica e na magistratura judicial; se todos reconhecessem que as flores são de variegadas cores, assim como as borboletas são do nosso encanto ao vê-las esvoaçando no fulgôr da sua beleza, ora em conexão com as rosas, ora com os cravos roubando-lhes a essência, para distração sentimental da humanidade que na sua gratidão preconizaria o poder supremo do Criador, detestando a não bem vista obra das mulheres actuais que para se tornarem mais bonitas fingem as suas verdadeiras caras fazendo-se ou chamam pintores de fama pública para que, tocando nos seus lábios ténues de perfeita obra de Deus, pintam-lhos de carmim; tal curiosidade que não chega ao auge de ser satisfeita enquanto as pestanas não forem artificiais e as faces tomarem a cor de tomates amadurecidos. Entende-se que esta figura empolgante de geração da Eva, satisfaz aos caprichos do seu marido e, nalgumas, o sentido que mais ocultam é de envaidecer a população da indecente apresentação que critica a irreparável obra do Criador. Ridículo! E as donzelas, dizemho pouco honesto que nas ruas se expõe!...Esta a trama de estilo reprovável para as famílias honestas!...

Mas é verdade, dirão uns, qual, verdade? Ouvir-se-á da boca de muitos e diz o apóstolo “Desperta, tu que dormes, levanta-te dentre os mortos, e Cristo te esclarecerá”. Efésios: 5:14. Se todos entendessem que as divisões de raças nas suas diferentes cores

constituem radicalmente uma sapiência de Deus da qual os homens, em comum se deveriam orgulhar, exigindo o respeito pessoal, estabelecendo a igualdade de todas as raças, sentindo cada um as necessidades do outro, praticando o mandamento de Cristo que diz: "Ama ao teu próximo como a ti mesmo" – assim é que cada um ousaria dizer sem sofisma: EU SOU UMA BENÇÃO. Perante a verdade do Evangelho humilhemo-nos, irmãos; não há quem poderá salvar-se pelas obras seja qual seja a beleza delas, nem pelas boas acções que também poucos as têm; "pela graça sois salvos e isto é dom de Deus" diz a Palavra.

Cada um está a justificar os seus ideais ainda que sejam facinorantes, porque assim lhe obriga a situação para ter um renome no umbral da sociedade, levando a santidade nas suas vestes de sêda e o massacre no coração para destruir obras bem morais ao cabo de tais que os homens dizem: "É o fim do mundo"... O Senhor observa isto tudo e dará boa nota aos que assim procedem no fim deste triste mundo, onde os ricos e pobres repisam com pés como as rodas dum eléctrico, procurando chegar no ponto culminante da ignominia, para desabar todas as vantagens do verdadeiro homem.

Novo ano leitores amigos e irmãos em Jesus, nova vida no Evangelho, mais fé no nosso Mestre e assim é que caberá em nós o título deste artigo. "E TU SERÁS UMA BENÇÃO".

Gaspar d'Almeida

"Carteira Íntima"

Insero ainda em "Carteira Íntima", p.4, a notícia sobre a transferência da data de realização do Casamento de Gaspar d'Almeida com a senhorinha Juliana António Amaro, para o dia 13 de Fevereiro de 1935, pelas 15 horas. Eis o texto:

"O casamento do nosso benquistado amigo e Director deste Órgão Sr. Gaspar de Almeida com a Senhorita Juliana António Amaro, gentil filha do nosso amigo e irmão Sr. António Amaro, ficou transferido para o dia 13 de Fevereiro, Quarta-feira, às 16 horas, na Administração do Concelho e às 16,45, o acto religioso na Igreja Evangélica desta cidade.

Aos noivos pedimos ao Senhor para que sejam agraciados com a benção celestial. São as nossas felicitações".

Posto que lá chegou, entrou no templo onde se encontravam pessoas que negociavam, vendendo e permutando de diversas maneiras; Jesus, penalizado, correu com todos e disse: "Está escrito: a minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, a fazeis de covil de salteadores". Depois os cegos e os coxos o cercaram e deu-lhes vista e firme constituição física.

Terça-feira

Neste dia Jesus fez muitas coisas; os sermões proféticos revelam as tribulações por que havia de passar; incutem aos seus discípulos dos quais são todos que são instruídos e praticam os ensinamentos do seu Mestre, a prontidão, a vigilância e a oração.

Das suas brilhantíssimas lições em simples palavras farei menção da parábola das dez virgens. Nosso Senhor gostava muito de falar através de parábolas, exemplificando-as com as coisas deste mundo para serem bem compreendidas. Se o leitor já está compenetrado nesta grande lição de Jesus, peço que escute, talvez alguma coisa lhe será nova.

Jesus requer de nós prontidão para recebê-lo em qualquer dia ou noite. Vigilância para que a sua segunda vinda não nos surpreenda; oração para que não caiamos em tentação. "Dai-nos do vosso azeite porque as nossas candeias se apagam"...ao mesmo tempo que elas devem estar acesas, representa uma moleza. Sempre prontos para ouvir o nosso Mestre!

Há uns que dizem hoje não, amanhã sim; homens de lâmpadas apagadas...que julgam estar prontos para receber o Esposo e ansiosos de entrar com Ele na festa enquanto Este lhes diz: - não vos conheço. "Vigiai". É lamentável. Medite, amigo leitor, sobre esta lição porque lhe diz respeito.

Quarta-feira

Dia de silêncio. É assim chamado provavelmente por não se registrar nada dos feitos de Jesus. Em que estaria Ele ocupado? Estava em preparação para se sujeitar aos piores dias que sobre Ele vinham. Orava ao seu Pai celestial para O ajudar. Orava para o crescimento do seu ensino, orava para suportar o amargor do fel; orava para inteira compreensão do povo, da missão de que era portador Fiel.

Que serviço tão belo, o orar! Aprendamos esta lição e pratiquemos a oração incessantemente.

Quinta-feira

No partir do pão: Nosso Senhor Jesus instituiu a Santa Ceia para comemorar o Seu Corpo que foi sacrificado para perdão dos pecados de todo o mundo. Um ano antes da sua crucificação, em Capernaum, Nosso Senhor deu muitas instruções significando o valor do pão e do vinho. Lêdes: João 6:22, 58.

“Minha carne verdadeiramente é comida, Meu sangue verdadeiramente é bebida”. Quando tomarmos a Ceia do Senhor, sejamos conscientemente lembrados de que estamos servindo do pão com o sentido da fé o corpo de Cristo e do vinho com o sentido da fé o seu sangue derramado. Daí a Santa Ceia ter uma conexão muito estreita com a morte de Jesus. A Ceia do Senhor é só dada aos crentes vivos que encarnam a sua vida na de Cristo. *“Fazei isto em memória de Mim”*. A Santa Ceia não deve ser temporária para os crentes, mas diariamente. Cada dia o crente deve lembrar-se dos padecimentos do seu Redentor. “Fazer”. “Memória”. Praticai nos vossos corações a recordação dos meus sofrimentos; é a Eucaristia.

Agora Nosso Senhor entra no caminho mais escabroso da sua vida, principiando no jardim de Gethsemane até Gólgota. No meio destes dois extremos está a história mais sangrenta de Jesus.

Sexta-feira

Preso naquele Jardim, foi conduzido a Annás, depois a Caifás, e rodeado por todos os nefelibatas que nada desejavam senão a sua morte; pelo que zombavam d'Ele vilmente. Daí a Pilatos depois a Herodes, tendo voltado outra vez a Pilatos. Passou na presença de todas as autoridades amotinando-o; contudo, para Ele é como descreve o profeta Isaías: 53,4. “Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputamos por aflito, ferido de Deus e oprimido”. A decisão de todos era crucificá-lo e nada mais. Preferiram, antes, soltar o Barrabás que era ladrão que cometia muitos crimes, do que Jesus a quem Pilatos confessou inocente tendo lavado as suas mãos para o sangue do Justo não cair sobre ele.

Quem assistiria hoje a um trato tão irracional, e truculento que Jesus teve que sofrer?...

Despedindo-se todos do Pilatos, lá se iam para o caminho de Gólgota com Jesus coberto dum pano incarnado e uma coroa de espinhos na sua cabeça.. Um desprezado, um homem sem valor... Vamos para Gólgota! E sobre Ele a cruz que não pode suportar porque era muito pesada e foi substituído por um camponês que voltava dos seus trabalhos de lavoura. Cristo crucificado e ladeado de dois malfeitores. Das sete frases que usou estando na cruz mencionarei apenas duas por representar a sua divindade:

1ª - “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”. O espírito da sua divindade ama até na hora mais triste, perdoa os seus inimigos mesmo na hora em que estes, pela sua agosaria o trucidam. “Pai. Perdoa-lhes”...Que bom exemplo!

2ª - “Na verdade te digo que hoje mesmo estarás comigo no Paraíso...” Na mesma hora nevoada de aflições, um malfeitor, reconhecendo a inocência de Jesus pede-lhe que fosse lembrado quando entrasse no céu; e Jesus que viveu e morreu para só livrar a todos dos seus pecados garantiu-lhe a companhia no Paraíso. Imitai o seu infável

Proverbio 3

amor! Seriam provavelmente nove horas de manhã quando expirou, sendo sepultado por José de Arimatheas.

Sábado

Neste dia os seus discípulos estavam todos solícitos porque morreu-lhes o Pastor amado e ficaram numa profunda tristeza. Que solicitude!

As mulheres que em geral são mais caridosas e compadecentes, dom delas especial, compraram aromas para ir embalsamar o corpo de Jesus.

Domingo da Páscoa Ressurreição

Cristo, uma vez sacrificado, é a nossa Páscoa. A alegria do povo pelo nascimento de Jesus vem coincidir com a da ressurreição e é com certeza porque se Cristo não ressuscitasse, que seria dos cristãos de hoje? Seriam os mais indignos e miseráveis porque a sua fé seria vã; agora Cristo ressuscitou. Aleluia! Venceu a morte, Aleluia! Vive connosco e reinará connosco parta sempre, Aleluia! Conheço uma região em Angola que em tempos os seus naturais esqueceram quase totalmente comemorar o nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo e regalavam-se com o dia da Páscoa, vestindo e comendo o melhor que tivessem. Os inimigos reconciliavam-se e cada família procurava abraçar-se com todos da mesma aldeia e todos, em acções de graça, ainda que incrédulos, diziam: dia excepcional! Dia de maior satisfação para todos!

Crentes, celebremos este dia com toda a satisfação e na nossa vida seja nosso Mestre, o Cristo Vivo.

Gaspar d'Almeida

“Este é o Meu Filho Amado. A Ele Ouvi”

In “O Estandarte” n.º.16, ANO II,
do mês de AGOSTO de 1935, pp.1, 2 e 3.

Tem um valor excepcional esta frase. Uma voz do céu se ouviu: naturalmente seria a do Criador de todas as coisas que deitara na humanidade o seu olhar tendo visto nela toda a torpeza e o estado nefasto do seu povo.

A Ele como nada é impossível, não se demorou mandar o remédio ao ser corrupto; e para mostrar a eficiência desse remédio, primeiro teve que compadecer-se do povo e depois amou-o, pelo que despindo o seu Filho de toda a plenitude, de toda a beleza com que estava revestido no trono celestial e sem garantia de nenhum lugar para se reclinar, ainda que “as raposas têm os seus covis”, despachou-O para este mundo de uma forma misteriosa; foi quando se ouviu a voz do céu que dizia: “Este é o meu Filho amado a Ele ouvi”. Que nos dirá este Filho amado de Deus, será coisa interessante? Oicamos, pois, leitores, o que Ele nos diz: “O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no Evangelho”.

Entendo que a razão da sua vinda está na frase expressa, isto é, anunciar ao mundo do qual nós somos, cada ser humano, cada família de qualquer cor que é, o tempo aceitável, o tempo da salvação pelo que todos devem arrepender-se e acreditar no Evangelho. “Porque tempo virá que o juízo há de cair sobre nós como a rede sobre os peixes”. Não será triste para o homem, com tantas faculdades que Deus lhe dispensou, não saber discernir quão verdadeira é a prédica do nosso Senhor para que, deixando todo o devaneio das coisas supérfluas e terrenas, siga o caminho da salvação?

Deus fez-nos conhecer que Jesus é seu Filho Amado, portanto, devemos ouvi-lo, aceitá-lo e segui-lo.

A voz que através dos séculos vibrou sobre a humanidade impõe-nos simplesmente a obediência da lei de Deus. Uma vez que os crentes se entreguem fielmente ao cumprimento dela, considera-se nisto feita a vontade de Deus.

Enquanto povos doutras partes do mundo procuram, mediante um rigoroso estudo das Escrituras, iluminar a idolatria por ser o cúmulo de desgraça da vida humana, o povo afrikano, porém, é que nunca viu este perigo tão displicente como mortal trazendo ao mundo resultados inanes; e isto é porque a sedentariedade do seu movimento intelectual nada se lhe desperta para as novidades da presente era, a Ciência e a Religião. Nada se discute e para ele tudo é como se criou. Ainda direi que, se os crentes evangélicos de muitas nacionalidades não derem o seu apoio moral para que, sendo compun-

gidos de zelo como d'Aquele que no mundo foi o Grande Pastor, venham desvanecer a névoa da ignorância que tem acorrentado este povo, a África insistirá sempre na idolatria e nela morrerá porque a Europa, a molécula mais potencial na civilização universal, tem preparado as imagens mais apreciáveis, muitas das quais são encaixotadas e enviadas para África.

O resultado dessas encomendas é que os afrikanos, acostumados a adorar até uma pedra feia, ao verem um S. Pedro cuidadosamente esculpido com o esmero do "Parásio", decerto prostrar-se-ão em adoração com todos os preconceitos e anunciar aos outros de terem visto um Santo ou um Cristo.

Esta chamada de atenção não será tão interessante como aquela que André fez na entrevista com Jesus que causou a conversão do seu irmão Simão, mas uma chamada de atenção que levará a todos na desolação.

Bem entendido, que as imagens, em qualquer lugar onde estejam, em vez de enobrecerem almas de graça como a acham aquelas que procuram Jesus directamente nas suas orações, conduzem o povo numa cólera infinitamente mortal. Porque, com certeza, acreditarão que qualquer pedido feito a um Santo ou a Cristo em cimento ser-lhes-á atendido; nunca, e portanto, é abominação perante o Criador que nos disse: *"Não farás para ti imagens de escultura, nem figura alguma de tudo o que há, em cima no Céu e do que há em baixo na terra, nem cousa que haja nas águas de baixo da terra: Não as adorarás nem lhes darás culto, porque eu Sou o Senhor teu Deus..., etc."*

Desperta-te África, oiça a voz do teu criador e crê no Evangelho!

...../////.....

Algumas vezes surgem factos em que certos indivíduos conhecidos ou não como religiosos atacam asperamente os protestantes acusando os missionários de serem desnacionalizadores e aos evangelizados de desnacionalizados sem saberem que tais palavras têm contribuído somente para esmagar os protestantes afrikanos que pela misericórdia de Deus foram arrancados do lodaçal onde permaneciam na ignorância para verem a luz da verdade e daí se reconhecerem como crentes salvos, angolanos inteiros e sem nenhum disfarce, trabalhando apenas para a prosperidade da sua amada terra angolana.

Gaspar d'Almeida

Maria da Conceição Gaspar

In "O Estandarte" n.º.17, ANO II,
do mês de OUTUBRO de 1935, pp.3 e 4

Só quando poderes sobrenaturais nos avassalam a ponto de não podermos fazer mais nada, é que dizemos, numa voz pungente de saudades imorredouras adeus...para sempre, às pessoas cuja companhia bastante querida trazia todo o adorno que confortava o nosso lar.

É evidente o caso da morte, mas não é soberbo: porque deixa no mundo material uma dúvida, uma tristeza e uma perpétua miséria.

E por que razão é assim? Porque tem faltado no revolucionar dos seres a preponderância da nossa vida em peregrinação desde que as leis da Natureza foram fundamentalmente conhecidas.

Não passamos de peregrinos no mundo em que habitamos; a morte é um salto repentino para descobrir um novo que é próprio o nosso.

Há um feliz lugar não longe está;
Lá santos vão morar, glória há lá;
Oh! Como dão louvor
A seu Rei e Salvador,
Cantando com amor, sempre sem fim!

Sua infância dedicada à Escola Dominical, onde depois saiu uma mãe exemplar, não abandonando nunca os princípios do Evangelho de Nosso Senhor que lhe entravam radicalmente no coração, para junto de Deus na hora em que nós, os sobreviventes confundíamos a vida com a morte da padecente, despediu-se-nos no dia 29 de Setembro com o hino da estrofe que venho transcrevendo, a nossa querida irmã D. Maria da Conceição Gaspar, estimada esposa do nosso irmão Sebastião Gaspar Domingos membro efectivo desta Igreja e camarada progressista do nosso órgão.

A noticia deste falecimento foi profundamente sentida não só pelo nosso desolado irmão e seus dois filhinhos e a mãe da extinta nossa irmã na fé de Cristo, como por todos que conheciam o carácter afável da falecida, provas de quanto foi chorada.

Vinde ao feliz lugar; não demoreis!
Jesus pode salvar; vinde! Vereis!
Vamos no céu gozar
Paz, e com Jesus morar,
E nunca mais pecar, sempre sem fim!

Legou-nos este hino como símbolo da sua inabalável fé naquele que a pode salvar. "Vinde vereis"!

Todos os males podemos combatê-los quando nos unimos a Cristo.

Convém, porém, que essa luta seja intensa enquanto estamos neste mundo, combatendo sempre contra o erro e contra as intempéries de que somos sujeitos para na hora mais angustiosa como aquela em que se achara a nossa irmã, acompanhá-la no seu jamais esquecido hino:

Os que no céu estão, brilham na luz,
Salvos pela forte mão do bom Jesus!
Todos que n'Ele crêem
Ao país dos Santos vêem
E muita glória têm, sempre, sem sim

Concretizando-nos esta última estrofe do evo da vida no gozo de paz imutável, mesmo ao lado do Bom Jesus, é-me dada toda a franqueza emanada na íntegra fé, sólida nas promessas do meu Mestre, dizer junto dos meus amigos que lá encontraremos aquela alma que junto de Deus goza da Paz eterna! Ao meu desolado primo e aos sobrinhos aqui reitero as expressões de sentidos pêsames.

Luanda, 28-10-935

Gaspar d'Almeida

Nome Bendito

In "O Estandarte" n.º.18, ANO III,
do mês de DEZEMBRO de 1935, p.1

e em CARTEIRA ÍNTIMA a notícia sobre o nascimento, no seio do casal Gaspar d'Almeida e Juliana Amaro de Almeida, a 27 de Novembro de 1934, de um robusto rapaz a quem foi dado o nome de Jerónimo

"Quão doce soa ao coração,
Do pobre pecador,
O nome que lhe trás perdão;
Jesus o Salvador."

Tenho acreditado na importância deste Nome, por isso o meu coração transborda de consolação! Se lhe chamam Jesus porque não dizê-lo que Ele é o meu Salvador, único possuidor da minha vida e de quem tenho fé de proteger-me do mal. Proteger-me sim, porque eu quero viver n'Ele e desfrutar a bondade e afabilidade do seu carácter sem igual.

Crer naquele cuja vida foi anunciada por um coro de anjos, e cuja supremacia foi manifestada por Deus aos homens para que O oiçam, é crer em Deus que O enviou e deve ser o naturalismo do ser humano.

"Jesus meu Rei meu Salvador;
Meu terno e bom Pastor;
Meu advogado meu Senhor;
Meu forte Redentor".

Que linda quadra! Então Jesus é tudo? Como devem estar satisfeitos os que creem na eminência deste Nome! Algumas vezes chegam pessoas que nos solicitam como se deve crer em Cristo.

Como responderemos a essas pessoas amadas pelo Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo? Crê no Senhor Jesus e no Seu Santo Evangelho para com fé ao alvo alcançar a mansão celestial.

Elé está no Evangelho, por isso estudá-lo com empenho de pô-lo em prática é o mesmo que seguir os passos daquele que é o único modelador por excelência do pensamento e da moral - Cristo.

De acreditar é que, se muitos rejeitam este Evangelho, não é pela muita civilização, pela muita ciência e pela muita filosofia, mas simplesmente pela falta de moral. Eis o obstáculo intransponível que tem acorrentado os livres para uma escravidão eterna!

Contra este facto, em combate do erro, lutaram e venceram os apóstolos e os mártires do Evangelho; os cristãos de agora, em luta intensa seguem hereditariamente os trâmites dos seus antepassados. E quantas vezes os ouço quando agitados, dizer: para onde iremos Senhor, se tu tens a palavra da vida?

Lutai, camaradas, em prol deste Nome Bendito, trabalhai sem olhar para trás!

*"Bendito o Nome de Jesus!
Em ti esperarei;
Tu que morreste sobre a cruz;
Em ti confiarei."*

Só n'Ele confiando, podemos viver impavidamente sobre todas as coisas que corrompem o nosso temperamento moral para com Deus e para com os homens. Viver n'Ele é trazer no nosso lar o bellissimo Edem dos primeiros tempos quando Adão, destinado a viver em relações filiais com Deus, com Ele se similava.

Porque quando em Adão depois do pecado somos condenados, em Cristo somos absolvidos; quando em Adão há morte, em Cristo há vida e quando em Adão há derrota, em Cristo há vitória para todos que n'Ele crêem.

Por isso, aos que intensamente trabalham para engrandecer este Nome Bendito, ainda que se encontrem numa situação encapelada de agonias pelas preocupações da vida deste mundo cantam sempre:

*"Jesus oh só em ti pensar
Minha aflição desfaz;
Quanto melhor ver-te será
E descansar em paz!"*

*"Desperta tu que dormes e levanta-te de entre os mortos, e Cristo te esclarecerá" –
Efesios 5-14*

Gaspar d'Almeida

Sebastião Almeida

Ano de 1936

"O EVANGELHO DA PAZ" in "O Estandarte" n.º 21 (está erradamente com o n.º 19), ANO III, do mês de FEVEREIRO de 1936 insere este artigo a p.1. Em "CARTEIRA ÍNTIMA" p. 4, vem inserida a nota que dá conta do falecimento, a 10MAR34 e enterro a 11MAR36 em Kamboloka, com apenas 10 meses de idade, do menino Inácio Gedeão Paulo de Almeida, filho de Paulo Adão d'Almeida e de Luzia João Kayfalu de Almeida.



O Evangelho da Paz

*«Ainda que distribuisse toda a minha fortuna para sustento dos pobres;
e ainda que desse o meu corpo para ser queimado,
mas não tivesse caridade, nada disso me aproveitaria».*

I aos Coríntios 13-3

In "O Estandarte" n.º.19, ANO III,
do mês de FEVEREIRO de 1936, p.1.

Distribuir os bens aos pobres com fins de limitar a mediocridade, é, de facto, o auge da caridade. O mundo tem-se preocupado muito com este problema e por causa disso é que são criadas e fundadas várias instituições de beneficência, tais como as Associações de Socorros Mútuos que concorrem para dividir, de um para todos e de todos para um. Quantas vezes essas instituições não merecem a nossa mais alta consideração! Mas o Apóstolo do Evangelho diz: "nada disso me aproveitaria". Dirá um, então, não se faz caridade? Não. É que, à vista do Evangelho, as coisas apresentam-se-nos com uma outra face. O Apóstolo, baseando-se na pureza do Evangelho, quer elucidar-nos do seguinte modo: «que o amor se deve mostrar não só por palavras, mas por obras sem carácter de exaltação nem de interesse próprio.» Jesus, o nosso Salvador pessoal, antes das palavras do Apóstolo, deixou-nos as seguintes palavras como símbolo da humildade. «...quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que fez a tua direita.» É dentro destes princípios que deve assentar todo o bem que o homem faz; pois de um modo contrário, diz S. Paulo que: «nada disso me aproveitaria» e acrescenta: «ainda que desse o meu corpo para ser queimado e não tivesse caridade...» Até aí ficamos a entender que crer no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, é um segredo entre o homem e Deus. Pois se não é, faltar-me-ia mais alguma coisa se entregasse o meu corpo para ser queimado por amor ao Evangelho? Faltaria sim, porque podia fazê-lo só para engrandecer o meu nome por praticar uma proeza e não porque tivesse amor à causa de Jesus. É mais um motivo para eu confirmar que o Evangelho de Cristo é Santo e puro. Não admite hipocrisia e requer, somente, que os que o seguem devem aceitá-lo com sinceridade dos seus corações.

Há quase mais de um ano que o experimentado missionário evangélico português, Sr. Eduardo Moreira, num dos seus felizes sermões feitos na Igreja Evangélica desta cidade, disse: «Que o cristão deve ser a Bíblia do mundo.» De facto, em cada um dos momentos que este perito Pastor se foi encontrando connosco durante a sua viagem à África e antes mesmo de o escutarmos no púlpito, já as suas características pessoais davam a entender e conhecer a sua grandeza moral e intelectual pelo poder dinâmico que o revestia à prática do Evangelho. Foi assim que, quando abria as Sagradas Escrituras, o auditório ficava à espera como quem compra um pão que há muito lhe fazia falta. Es-

cutava-o atentamente ficando a confessar que de toda a semente lançada, a maior parte é a que caiu em boa terra que até agora tem germinado. Não é para admirar, pois, a forma como os cristãos se apresentam com essa excepcionalidade, porquanto, Cristo para os distinguir, dizia: «Vós sóis a luz...vós sóis o sal da Terra.» Para conclusão, vamos ouvir a finalidade da caridade como no-la esclarece o Apóstolo Paulo: «A caridade é sofredora, é benigna; a caridade não é invejosa; a caridade não trata com leviandade, não se ensoberbece; não trata com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal. Não folga com injustiça, porém folga com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta; a caridade nunca acaba.»

Há homens educados numa rija escola de moral que procuram chegar a este ponto de temperança e quantos obstáculos não encontram ao encerrar esta carreira.

Outros há que vivendo no mesmo mundo deteriorado por várias concupiscências, estas lhes impedem avançar e não podendo ser úteis aos semelhantes, antes pelo contrário são odiados obrando coisas que revelam somente animalismo.

Devemos acreditar que no Evangelho há poder para encorajar todos aqueles que n'Ele crêem, a fim de que, com caridade, possam derrubar todas as muralhas que lhes impedem a passagem para o bem.

Gaspar d'Almeida

++***++

CARTEIRA ÍNTIMA

FALECIMENTO: o Senhor chamou para si, no dia 10 do corrente (FEV936) o pequeno Inácio Gedeão Paulo de Almeida que contava 16 meses, filho do nosso irmão na fé Paulo de Almeida e de sua esposa D. Luzia João Kayfalu de Almeida. O enterro realizou-se em Kalomboloka, no dia 11, na terra dos seus avós, onde se encontrava a esposa deste nosso amigo. Aos pais que acabam de sofrer este rude golpe assim como à família do extinto petiz, O ESTANDARTE apresenta condolências.

Uma Triste Notícia

Faleceu na Inglaterra o Reverendo Robert Shields!...

In "O Estandarte" n.º.21, ANO III,
do mês de MARÇO de 1936 p.1

Valor imutável no missionarismo angolano. Pastor amado por todos que dele receberam a mensagem do puro Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Missionário de antanho nas terras angolanas onde cumpriu o seu apostolado como Paulo entre o povo mais humilde do Corinto.

Quem não conheceu este venerando ancião de presença sempre plácida de quem se ocupa somente de um trabalho santo?

Última homenagem que lhe fizemos foi quando se dizia que ia descansar em Cape-Town, e lembro-me que quando correspondeu ao significado das nossas palavras em sua honra, disse: «eu vou, mas o meu coração estará sempre convosco.», lembrando-se do amor indiscutível que dedicou aos seus discípulos. Dizemo-lo em tom plangente que agora só é no Paraíso, Senhor Pastor!...

É, sem dúvida, que perante este assombroso acontecimento que acaba de nos ferir em todas as plagas onde o grande paladino do Evangelho foi passando em trabalho do seu Salvador, a quem procurou erguer no meio do povo angolano, proclamando-o como o único Mediador entre Deus e os homens, se cobrirão de luto em sinal de preito pela perda do grande Pastor que não só soube interpretar o amor e a igualdade de raças como soube também demonstrar os factos e praticá-los.

A sua obra evangelizadora e civilizadora nesta ainda colónia portuguesa está consolidada num monumento de pedras vivas que jamais será esquecida; e, nós que constituímos este monumento havemos de perpetuar na memória dos nossos filhos esta figura verdadeiramente apostólica que Angola acolheu como dádiva divina e que abriu o escrinio do seu coração para nos traduzir o que Deus requer do homem.

A Ex.ma Sra. D. Louise R. Shields, pedagoga indivisível pelas suas qualidades refulgentes de amor à raça negra, minha professora, que deu educação a milhares de crianças, entre brancas e pretas, quero ocultar esta minha pobre e pungente expressão despida de significados próprios para enaltecer o ilustre Ministro que Angola evangélica e a Igreja Metodista Episcopal acaba de perder.

Não perdeu não! Porque o Reverendo Robert Shields recebido no Céu com coro de anjos, vive agora ao lado de Jesus e no meio de todos os santos descansando em paz.

25/4/1936

Gaspar d'Almeida

Carteira Íntima

In "O Estandarte" n°.24, ANO III,
do mês de SETEMBRO de 1936,

ANIVERSÁRIO:

Em 29 de Junho p.p., (de 1936) fez 4 (quatro) anos o menino Sílvio Paulo Inácio e Gaspar de Almeida.

Também, em 21 de Agosto (de 1936) fez 6 (seis) anos a menina Hermengarda Paulo de Almeida, ambos filhos dos nossos irmãos em Cristo, Paulo Adão de Almeida e D. Luzia João Kayfalu de Almeida.

Deus Exaltado!

In "O Estandarte" n.º 25, ANO III,
do mês de NOVEMBRO de 1936 p.2

Para nós angolanos a vida é um conjunto de admiração das coisas extraordinárias que os europeus nos trazem. O mundo que outrora era imensíssimo no seu sentido natural, cientificamente, hoje, está reduzido a uma simples freguesia. Compreende-se isto, porque notícias que de terras longínquas nos chegavam de ano a ano actualmente este intervalo corresponde a não menos de cinco minutos - Deus Exaltado! - quanto mais os povos procuram avizinhar-se pela ciência, Ele, o Criador e dador de toda a sabedoria, mais perto deseja estar com aqueles que O procuram em acções de graça para que, num murmúrio suave, num sono de poesia angelical, respondam-Lhe tal como Samuel, promessa eterna de Ana, sua mãe, respondeu à voz do seu Deus e Pai: «Fala, porque o teu servo ouve». Hoje a nossa acabrunhada fé, pouco se dá ao crédito dos prodígios que às vezes pessoas não menos inspiradas revelam ao mundo e o descrédito continuará para sempre enquanto a senhora nossa cabeça continuar a ser considerada como a única potência que pode tornar todos os problemas solúveis. A condição deste infausto pensamento faz com que o homem se esqueça de dizer: «Seja feita a tua vontade, assim na Terra como nos Céus».

Senhores, disse que para nós a vida é um conjunto de admiração; de facto é, porque já os nossos avós admiraram-se ao ver um homem montado num cavalo de duas pernas (bicicleta); nós ficamos boquiabertos quando vimos o hipopótamo de coração de aço (automóvel) e mais estupefactos ficamos ainda quando vemos sobrevoar nas nossas terras as aves de latão (aeroplanos); este agora é que ultimamente faz ou tem feito com que os homens abandonem os seus escritórios e com uma posição de quem faz um exercício respiratório e, de cabeça à retaguarda olhando sempre para cima, não se cansa de olhar até que o formidável pássaro desapareça da vista. Às vezes corremos em massa para o campo assistir à sua aterragem e ao vê-lo descer, comentamos sobre a altura em que chegou a ciência...Grande admiração! Caro leitor, meditando sobre os factos da procedência dos povos em movimento, examine a sua consciência se não encontrará ali, sobretudo o Deus Exaltado! De certo acompanhando-lhe na afirmação acrescentando que este mesmo Deus infinito no saber que criou os primeiros homens à sua semelhança, embora estes perdessem as características da perfeição, todavia nunca os abandonara como nunca os abandonou a nova geração que amou tanto que deu o seu Filho unigénito...para que o que nele creê não pereça, mas tenha a vida eterna.

Mas ainda digo: depois de tanta admiração, uma coisa que nos deixa estáticos, mas no expoente máximo, é o Evangelho de Jesus, rádio que fala directamente ao nosso coração. Este é que prende mais a minha atenção de tudo o que admiramos.

É o remédio inadiável capaz de vitalizar a raça - a nova geração angolana.

Disse Jesus: «Mas buscai primeiro o reino de Deus e a sua Justiça e todas estas coisas vos serão acrescentadas» Mat. 6-33

Gaspar d'Almeida

Ano de 1937

"NATAL DE JESUS" in "O Estandarte" n.º 28 (está erradamente com o n.º 26), ANO IV, do mês de JANEIRO de 1937 insere este artigo a p.1; a p. 4, em CARTEIRA ÍNTIMA, insere algumas notas curiosas sobre os casamentos, a 17 de Outubro de 1937, de Joaquim de Figueiredo com Leocádia Josefina e a 13 de Novembro de 1937, de Pascoal dos Santos Van-Dúnen com Joaquina Manuel Rufino; sobre o primeiro aniversário do menino Jerónimo Gaspar de Almeida festejado a 27 de Novembro de 1937 e sobre o nascimento, a 6 de Dezembro de 1937, de mais uma robusta menina no lar do casal Paulo Adão de Almeida e Luzia João Kayfalu de Almeida, a quem foi dado o nome de Damares.

O Estandarte

Publicado em Coimbra, Colégio dos Baixos - Gráfica e Impressão

Natal de Jesus

In "O Estandarte" n°.26, ANO IV,
do mês de JANEIRO de 1937,

O mundo ao comemorar o nascimento de Jesus sente-se como se uma voz silenciosa murmurasse no coração de cada um dizendo: «Paz na terra, boa vontade para os homens».

É esta uma verdade porque Deus reconheceu a falta de um princípio da paz na humanidade embebida de impiedade. Por isso, ainda que soubesse os destinos execráveis a que seu Filho se propunha, não hesitou enviá-lo dando-lhe o nome de Jesus, «porque salvará o mundo dos seus pecados».

Duas classes de pessoas adoram o menino pela primeira vez logo após o seu nascimento: os pastores da campina e os filósofos orientais, (conhecidos pelo nome de reis magos) e nominados, respectivamente, Baltazar, Gaspar e Melchior. Os primeiros, andrajosos, tiveram o privilégio de serem comunicados pelo anjo, sobre o nascimento do Rei.

Temeram sim, porque não é a eles, tão pequeninos quanto à classe social, que o anjo do Senhor devia notificar um tão importante acontecimento, porquanto, existiam os sacerdotes e o presunçoso monarca rei Herodes. O anjo observou o gesto incomodativo dos pastores e por isso disse-lhes: «Não temais. A notícia de que sou portador é de uma importância tal que trará alegria para todo o povo».

Interessa-vos sabê-la? Ei-la: «Pois na cidade de David vos nasceu hoje o Salvador, que é o Cristo, o Senhor».

Que belas novas! Que notícias acalmantes a uma humanidade aflita! «Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens».

Correm os pastores a caminho de Bethlehem, ansiosos de ver o que Deus lhes fez saber e, postos lá, encontraram o menino deitado num humilde berço, certamente numa manjedoura e adorando-o, tocam a espalhar a notícia fazendo admirar muita gente. É exactamente como qualquer de nós que tenha recebido o Evangelho da Salvação; não se cala: espalha as boas novas àqueles que ainda não conhecem que hoje nasceu o Salvador, que é o Cristo, o Senhor.

Os últimos foram os homens conhecedores de toda a ciência humana, tendo como seus estudos especiais a astronomia. Estes, tal como narra a história bíblica, foram guiados por uma estrela que apareceu no Oriente anunciando um acontecimento extraordinário até Jerusalém, e, postos lá, indagaram aonde havia de nascer o rei dos judeus. A pergunta fez estremecer o monarca Herodes que, transmitindo-a aos sacerdotes, estes, depois de examinarem as Escrituras, responderam-lhe: «Em Bethlehem de Judeia, porque assim está escrito».

Os magos foram ao sítio indicado e, tendo encontrado o menino, adoraram-no, oferecendo-Lhe ouro e muitas especiarias de valor. O monarca Herodes, imaginando que o nascimento do novo Rei destronaria o seu reinado, promoveu a execrável acção de matar todos os recém nascidos a ver se entre eles era possível conseguir matar o Messias prometido; não foi capaz de matá-LO porque, misteriosamente, um Anjo do Senhor avisou os pais do menino para fugirem para o Egipto e assim escapar, tendo regressado só depois da morte do rei Herodes.

Em resumo: deixo concentrado na memória dos caros leitores a razão que me sugeriu a ideia de apresentar aquelas duas classes de pessoas que se encurvaram pela primeira vez em humilde adoração ao Menino Rei. Sabe-se que de pastor de campina até a filósofo vai uma grande distância senão mesmo enormíssima. E esta distância envolve a humanidade inteira. As duas classes adorando a Jesus representam o mundo inteiro que se prostrou perante a suave presença divina. É todo o ignorante e todo o sábio, o pobre e o rico. Toda a raça humana rende graças a Deus porque procurava onde encontrar descanso, e hoje, vendo-o em JESUS, diz: «Emmanuel, Emmanuell...» que quer dizer: «Deus conosco...».

Os reis magos ofereceram ouro, incenso e mirra. E nós o que Lhe oferecemos? O nosso coração despido de todo o orgulho e rancor herodiano e pedimos a Ele que nos revista de paz e nos purifique de todo o pecado. Este é o desejo supremo com que a humanidade deve celebrar o nascimento de Jesus, prenda vivificadora de Deus para todo o mundo.

Gaspar d'Almeida

Carteira Íntima

In "O Estandarte" n.º 26, ANO IV,
do mês de JANEIRO de 1937,

CASAMENTOS:

No dia 17 de Outubro realizou-se, na Administração do Concelho desta cidade o enlace matrimonial do Sr. Joaquim de Figueiredo, funcionário dos Correios, colocado no Golungo Alto, com a Sra. Leocádia Josefina, ex-professora-ajudante da Missão e prendada filha da nossa veneranda irmã Sra. D. Júlia Romano. Pararinfirmaram o acto o Sr. José Júlio Zuzarte de Mendonça, 1.º. Oficial dos Correios e sua Ex.ma Esposa.

Na Igreja Evangélica desta cidade, foi celebrado pelo Reverendo Klebsattel, no dia 13 de Novembro o casamento do nosso prezado irmão Pascoal dos Santos Van-Dünen com a senhorinha Joaquina Manuel Rufino.

ANIVERSÁRIOS

Em 27 de Novembro passou a primeira primavera o menino Jerónimo Gaspar de Almeida, primogénito filho do nosso irmão e Director de "O Estandarte" Sr. Gaspar de Almeida. Em 30 do mesmo mês o menino foi apresentado ao baptismo que foi ministrado pelo reverendo Sr. August Klebsattel, sendo padrinhos, a Madame D. Elisa Klebsattel e o Sr. Sebastião Gaspar Domingos, Administrador do nosso órgão. Felicita-mos aos pais do menino e rogamos ao Senhor que o faça crescer inteligentemente na graça do Senhor.

NASCIMENTOS:

Com a chegada no dia 6 de Dezembro, de mais uma robusta criança do sexo feminino, o lar do irmão Sr. Paulo Adão de Almeida e sua esposa D. Luzia João Kayfalu de Almeida, encontra-se com um ambiente risonho. Os nossos parabéns.

Duas Palavras

In "O Estandarte" n.º 27, ANO IV,
do mês de MARÇO de 1937,

Insero o artigo intitulado "DUAS PALAVRAS" p.1, acerca do falecimento do Reverendo Herbert C. Withey, ocorrido a 9 de Fevereiro de 1937, no Késua, Malanji.

Só um coração empedernido deixa-se mover perante os infaustos acontecimentos que em cerca de dois meses ocorreram na «Igreja Metodista Episcopal» em activo serviço de evangelização e educacional nesta colónia de Angola, há 52 anos.

O Senhor tem chamado para junto de si aqueles que, segundo a nossa vontade, desejaríamos que ficassem ainda connosco para desfrutarmos da sua amável companhia e nos alimentarem com os seus ensinamentos emanados na Sã doutrina do Mestre dos mestres, da qual foram consagrados discípulos.

Com a morte do Reverendo Herbert C. Withey fica triplicada a nossa dor porque tudo se exprime a respeito deste respeitável missionário, quer falando, quer escrevendo para enaltecer as suas qualidades de verdadeiro servo de Deus, apenas representa um documentário de palavras que testemunham temporariamente a sua actividade durante largo tempo no campo evangélico angolano, conquanto a sua obra, no dizer do Reverendo Sr. Klebsattel, perdurará mais tempo entre a família angolana do que as pirâmides do Egipto. Tão importante foi o Reverendo Herbert C. Withey no evangelismo angolano que a sua falta só se exprime pensando e não se pode descrever.

Porque poderíamos coordenar todos os adjectivos no grau mais alto grau do seu superlativismo, poderíamos procurar todas as palavras mais difíceis do vocabulário e até empregariámos os termos mais sublimes exaltando-o pelas suas excelsas qualidades e pelas suas importantíssimas obras e nada de apreço se teria dito ainda quanto ao seu valor e dimensão.

Apenas nos desviaríamos das regras gramaticais, destruiríamos a linguagem de tão rico vocabulário, éramos ou seríamos considerados como cheios de sentimentalismo e ainda não teríamos dito nada do que desejaríamos afirmar nem tampouco diríamos justamente o que ele foi.

Reverendo Herbert C. Withey faz imensa falta!..

*E nunca esqueçamos saber
que até destas pedras,
Deus pode suscitar filhos de Abraão...Oremos...*

Gaspar d'Almeida

O Pastor sem Púlpito

In "O Estandarte" n.º 29, ANO IV,
do mês de MAIO de 1937 p.2

Para o Pastor, o púlpito é o lugar onde se sente mais autorizado e responsável no alto cargo de guiar o seu rebanho no caminho da justiça divina. O amor às almas que pecem é para ele a sua maior preocupação; por isso aspira, em todos os momentos, estar espiritualmente em contacto com o seu Salvador para dinamizar-lhe os meios indispensáveis com os quais possa chamá-las à salvação.

Nas Igrejas Evangélicas há sempre muitas coisas que as pessoas que pela primeira vez lá entram, chegam a estranhar.

A simplicidade do seu interior, a isenção das imagens, a simplicidade do próprio pregador no uso da palavra falando sempre numa linguagem que o povo entende; a de elevar as orações a Deus só em nome de Jesus não admitindo nunca a intervenção de qualquer santo. Há mais outras coisas fáceis de compreender porque têm a sua origem na Bíblia, Livro de todos os povos e de todas as raças e classes.

Tenho observado que, sempre que entra uma pessoa estranha na Igreja Evangélica, essa pessoa tem logo cinco minutos de preocupação olhando nos cantos do interior da casa e por último escuta o pregador que muitas vezes por calhar lhe diz: "E em nenhum outro (senão em Jesus) há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, em que devamos ser salvos" Actos 4:12.

Algumas dessas pessoas são muito francas e chegam a dizer: "esta Igreja não tem nada"! Irmãos, elevemos as nossas orações a Deus em nome do nosso Salvador pedindo-lhe que insufe nos corações de milhares e milhares de pessoas desta natureza que tendo vista não vêem e ouvidos não ouvem, o espírito da compreensão de sua palavra para que cheguem a convencer-se e clamem como Tomé: "Senhor meu e Deus meu".

E se essas pessoas nunca tivessem lido a Bíblia eu tinha bastante prazer em dizer-lhes o que Deus disse: "Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma de tudo o que há em cima do Céu e do que há em baixo da Terra. Não as adorarás nem lhes darás culto porque Eu sou o Senhor teu Deus." Continuemos; o pastor evangélico apresenta-se apenas como Instrumento de Deus para interpretar ao seu povo aquilo que Deus lhe fala ao coração. Vive unido com Jesus pela fé e não tem poder sobre o pecado.

O seu púlpito é o lugar onde o seu rebanho o vê com satisfação e simpatia; espera ser alimentado com aquilo que o pastor recebeu do Altíssimo. Por esta razão, o pastor deve ser homem muito consagrado e não prega falando, mas em todo o seu estado da vida, isto é, a sua presença deve ser a Bíblia do mundo. Eis o que diz o grande apóstolo dos gentios: "Já não sou eu (Paulo) que vivo, mas Cristo que habita em mim".

Um pastor que deixa de exortar o seu povo em qualquer coisa porque ele não a compra, não pode conduzir esse povo no inteiro conhecimento da palavra divina. É indigno. O pastor deve ser inteiro no ministério divino e na prática; deve sentir-se res-

ponsável pelas almas que se perdem nas trevas do pecado e procura compartilhar na dor dos que sofrem; amável até para com os seus inimigos, atencioso, conselheiro, isto é, põe sempre em evidência a Doutrina do seu Salvador e Mestre Jesus Cristo. E por isso não é mais nem é menos de que um verdadeiro servo de Deus.

Entremos no assunto da epígrafe deste artigo e peço aos meus caríssimos leitores que me relevem ao fazer a seguinte pergunta: e quem é o pastor sem púlpito? Conviém-nos saber que todo o crente que não tenha o prazer de testemunhar aos seus semelhantes a maneira como Cristo lhe salvou, que não sente que é seu dever falar aos seus vizinhos na Salvação que há no confessar que Jesus é o Filho de Deus Vivo, que não se comove ao ver muitas pessoas que têm uma vida afastada no caminho estreito, esse crente ainda não está inteirado no conhecimento do amor de Deus e na obra infável do Calvário.

Portanto, está longe da verdadeira comunhão com Cristo, o Autor e Consumador da nossa fé.

Um cristão salvo dá testemunho da sua salvação, permanece na fé e orgulha-se em ser um bom servidor, podendo até dizer como Paulo: "Não me envergonho do Evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê". (Romanos 1:16).

Logo, o pastor sem púlpito é o crente ornamentado pela fé em Jesus, que sente e pratica a caridade em todas as suas formalidades como cristão de rija ténpera e que se apressa em procurar os desviados como bombeiro da cristandade.

Aquele que é de Cristo nova criatura é, e sendo tal, deve-se distinguir dos incrédulos. Todo o crente deve ter sobre si uma grande responsabilidade pelas almas dos seus próximos; este facto impõe-nos sair das nossas casas e andar pelas ruas em procura daqueles perdidos incrédulos, mortos de orgulho vão, mortos de vaidade e de soberba.

"Vós, (crentes) sois a luz do mundo"...

É desta maneira que o Salvador exalta os seus fiéis chamando-lhes de luz, obra mais portentosa do Criador! Porque desejais esconder as vossas lâmpadas quando bem sabeis que há muitas pessoas incautas que desconhecem o sacrifício da obra redentora por nosso Senhor Jesus Cristo?

Vós, (crentes), sois o sal da terra...de igual modo identifica-os com esse precioso mineral porque Ele é Sabedor da ignomínia do mundo que é tal qual como diz o profeta Isaías: "Porque quereis ainda ser feridos, continuando na apostasia?... desde a planta do pé até à cabeça não há nele cousa sã; há só feridas e contusões e chagas vivas..."

Espalhai o sal que tendes para desinfetar a humanidade empestada. Usai os vossos talentos para dilatar o Evangelho a todos os povos. E dito isto, fica intrinsecamente ligada em cada um de nós a vontade de bem servir ao nosso Salvador a quem, com toda a humildade, devemos levar as nossas petições para que nos faça pastores sem púlpito.

Gaspar d'Almeida

O Soldado Cristão

In "O Estandarte" n.º 30, ANO IV,
do mês de JUNHO de 1937, p.1

Para defenderem os Estados contra forças estranhas os governos constituem exércitos com homens que prestam juramento para defender a sua pátria. Estes homens devem ser fiéis em observar as leis do seu país. Para um cidadão honrar o seu país, não só deve acatar as leis, respeitar os seus oficiais e contribuir para o seu engrandecimento, mas sim, esse dever se estende ainda para muito mais longe: deve defendê-lo com toda a força que tiver e, quando e sempre que for preciso, dar a sua vida por ele. Cada cidadão tem a sua pátria. A nossa, enquanto colonizados, é Portugal.

A sua história, desde a sua fundação, está notabilizada nos homens que souberam prestigiá-la, procuraram defendê-la dos inimigos e contribuíram para o seu engrandecimento, sendo, hoje, como que uma gigantesca árvore cujos ramos estão espalhados em todo o mundo e em cuja sombra todos descansam confortavelmente, graças ao impulso que aqueles bravos e valerosos soldados deram para fazer ressurgir a pátria que é hoje o nosso querido Portugal.

Com esta introdução queria falar aos caros leitores sobre o que é, qual é ou qual deve ser o dever de um Soldado Cristão, tratando-se de defender a Pátria Celestial. Vou divagar um pouco ao tentar detalhar algo sobre o ponto de vista da epígrafe, não deixando de se considerar como capitais estas afirmações por aqueles que militam no exército cristão para prosseguir um combate glorioso que une a humanidade numa só família.

Os chamados cristãos de então faziam campanha de autêntica carnificina contra aqueles que professavam religião contrária à sua, e a esta campanha chamaram eles de "Guerra Santa". O massacre produzido por estes homens que em maioria eram os fiéis e os oficiais da Igreja, servos de Deus, que por fazerem correr o sangue dos semelhantes supunham fazer um bonito trabalho a Deus, deixa nas páginas da história da Igreja Católica Romana uma lembrança tão perturbante, que difícil se torna a gente acreditar na sua santidade.

Paremos com a pena para não escrevermos sobre as acções conventuais. A não ser que a geração nova deixe de vasculhar os livros da História da Igreja no sentido de querer conhecer, fundamentalmente, a razão de haver dois anos, ou melhor, períodos de cristianismo. Fala-se muitas vezes do monge franciscano Martinho Lutero, passado à história com o rótulo de revoltoso. E, nesta esteira, há mesmo quem diga que a nossa religião Evangélica é de Lutero, sem saber que se este monge não tivesse estudado a Bíblia e fazer um confronto sério de como iam as coisas na Igreja Católica Apostólica Romana comparando-as com os textos das Sagradas Escrituras, ainda hoje se calhar continuaríamos a viver no obscurantismo. Ele, Lutero, não procurou sair da supracitada Igreja. Porém, desejou que todos concordassem com os sagrados princípios da Igreja pri-

mitiva de que, na sua opinião, estavam afastados a uma distância enorme. Não é Igreja de Lutero como alguns pretendem chamá-la e fazer crer, mas sim, «Igreja Evangélica», porque ensina as «Boas Novas» da Salvação.

Volto agora ao meu assunto desejado. A religião assente nas bases doutrinárias do Evangelho de Jesus, diz-nos: «ama o teu próximo como a ti mesmo»; dos dois primeiros mandamentos que o Mestre Divino nos legou, este é o segundo e também nos ensina a não fazer ao outro aquilo que não desejaríamos que se fizesse a nós.

Depois de vos ter falado, no número anterior, sobre o Pastor sem Púlpito, falvos agora do SOLDADO CRISTÃO. Com efeito, os deveres de um Soldado Cristão estão paralelamente colocados no sentido contrário ao de usar forças ligadas aos deveres de um soldado que se equipa para defender a sua Pátria terrena. Um Soldado Cristão deve ser fiel às leis de Deus e viver, acrisoladamente, uma vida limpa. Isto não significa, de modo algum, que o cristão não pode nem deve pecar. Todavia, a lealdade que este deve ter para com Deus, que é a sua Pátria, restringe-lhe fazer qualquer coisa que o desonre.

O Soldado Cristão nunca deve ficar desanimado (a não ser que perca a confiança n'Aquele que é seu Salvador e Senhor), nem pelo tempo que decorre, como sucede hoje em Espanha, nem ainda os aterrorizantes tempos do Nero não podem abalar a fé dos que crêem num Deus Vivo e no Seu Cristo e Salvador que nos promete uma Pátria Celeste feliz. Não são os momentos tristes que diminuem a nossa graça. É bastante curioso quando, com atenção, lemos a Palavra em muitas passagens do Novo Testamento. Vemos que quando os discípulos eram castigados eles regozijavam-se porque sofriam em nome de Jesus. Outros, mesmo nas prisões, cantavam louvando ao Senhor. Outros escreviam cartas interessantes mostrando-se tão satisfeitos como se estivessem em liberdade.

Olhai como Paulo escreve estando na prisão de Roma por causa do Evangelho. Regozijai-vos no Senhor. Outra vez vos digo: regozijai-vos. Não é extraordinário o crer em Jesus? De facto é.

Alerta, pois, ó soldados cristãos. Procurai conservar-vos firmes no vosso posto combatendo sempre contra a heresia humana: o ódio, a maledicência, o egoísmo e tudo o mais que infecta a vossa personalidade cristã.

Gaspar d'Almeida

Paz!! Paz!!

In "O Estandarte" n.º.34 e 35, ANO V,
dos meses de NOVEMBRO e DEZEMBRO de 1937, p.2

O Sol sorridente espalha os seus raios entre as brumas e a humanidade dormente levanta-se qual embrião, aqui a radícula vincando o solo, acolá o caulículo erguendo-se em sinal de louvores ao «Sumo Bem», e além a gémula que suavemente estreia uma vida cheia de vigor. Rompe-se a aurora e a passarinha, da grata e sempre entusiasta faz a primeira vénia ao novo dia, ouvindo-se também o garboso canto do galo madrugador que secunda ao cumprimento; tudo numa monotonia encantadora e impressionante; em seguida faz-se perceber entre a turba saltitante uma voz que, saída dos pulmões modificados pela notícia libertadora, diz: Paz, nasceu Jesus! Passa-se um momento de silêncio profundo como sinal de homenagem ao Rei nascido, enquanto, neste instante, as amarras que prenderam a pobre humanidade caem misteriosamente. O povo, embebido na mais intensa congratulação, confunde-se e parece que duvida do acontecimento tão prometedor e do qual provém a salvação de todos os homens. Nesta ordem de ideias a humanidade agitada num deslumbramento constante em correria desorientada e acompanhada do som musical dos mais entoantes que o mundo nunca conheceu, avança para escutar de perto o que dizem os portadores celestiais, portadores de uma mensagem vitalizadora que, integrados na santa missão, bradam com vozes coruscantes: "Hoje na cidade de David vos nasceu um Menino que é Cristo o Senhor". Ouvida a mensagem que por todos foi escutada com a melhor das atenções, a multidão ergue-se em vozes da mais sensível alegria e diz: Aleluia, aleluia, aleluia! Os que vivem em terras distantes encontravam-se em túrbidas, pois mantinham a ideia de S. Tomé "ver e crer" e quão admirados ficaram quando, por portadores certos, tiveram o conhecimento de que os cegos vêem, os coxos andam e os surdos ouvem. É daí que se desenhou o quadro triste dessa gente infeliz que, em movimento impressionante, esmaltava as ruas para encontrar o Salvador.

Meus caros amigos, o quadro exposto traduz aquilo que as nossas ideias fazem quando ficamos sujeitos a ser condenados por um crime que praticamos, alguém nos diz: estás absolvido, não temas mais.

Para um homem a quem nada solicitamos para intervir na questão do nosso crime, declarar a nossa liberdade é indubitavelmente absurdo e por isso deixa-nos duvidar ainda que a afirmação seja verdadeira. E quando, mais tarde, chega-nos ao conhecimento de que é inteiramente verdadeira a nossa absolvição, qual será a nossa alegria, qual será o nosso reconhecimento para com esse homem! Creio que seja qual

for a nossa forma de proceder, neste caso seremos movidos pela gratidão e fazermos-nos de escravos dele. O nascimento de Cristo teve e tem este fim: o de proclamar a liberdade de todo o género humano que pelos pecados fora condenado à morte. Vem, Senhor, estabelecer a Paz dos homens para, com os seus semelhantes, transformar os leões em vacas que dão leite, os canhões em charruas que volteiam a terra para dar pão em abundância e unir os povos das cinco partes do mundo numa só família. Vem o teu Reino, Senhor.

Gaspar d'Almeida

Ano de 1938

"IGREJA EVANGÉLICA DOS NATIVOS DE ANGOLA – FUNDO DE EVANGELIZAÇÃO" in "O Estandarte" n.º.38 (está erradamente com o n.º.36), ANO V, do mês de JANEIRO de 1938 insere este artigo a p.3.



Igreja Evangélica dos Nativos de Angola Fundo de Evangelização

In "O Estandarte" n.º.36, ANO V,
do mês de JANEIRO de 1938, p.3

Prezado irmão no Senhor

Antes de tudo desejo apresentar ao irmão as minhas saudações cristãs e, em seguida, fornecer-lhe alguns esclarecimentos que contribuirão para o bom andamento da obra Evangélica tão civilizadora como nenhuma outra conhecida em todo o mundo.

Na Conferência que teve lugar no Késua, no mês de Junho, entre vários assuntos nela discutidos, também foi dada, por sinal, a solução do funcionamento de uma Associação de todos os crentes Evangélicos da Igreja Metodista que será regida por um Estatuto legalmente reconhecido pelo nosso Governo.

Os objectivos desta instituição são os de «Evangelizar e Educar», devendo, portanto, abrir-se mais escolas para a educação dos nossos adultos e dos filhos e manter todo o corpo docente ao serviço do Senhor.

Para que tudo se faça dentro das modalidades, isto é, sem prejudicar a sua marcha, resolvi, na qualidade de Vice-presidente eleito nas primeiras eleições, fazer esta circular e outras de igual teor que serão profusamente distribuídas em todas as sucursais, sub-sucursais e classes Evangélicas, a fim de, no prazo impreterível de 60 dias a contar da data desta circular, todos os obreiros enviarem à sede do Fundo todas as listas contendo o nome da sucursal ou classe, o do obreiro e os de todos os contribuintes em cada lugar.

A quota estabelecida é de cinco angolares anuais. Todas as importâncias devem ser arrecadadas e entregues ao tesoureiro Reverendo Agostinho Pedro Neto, pastor auxiliar da Igreja de Luanda, mediante uma guia, antes da Conferência Anual que se realiza nos meados de cada ano.

Reiterando as minhas saudações, tenho a honra de me confessar que sou vosso na obra do ensino do Mestre.

Gaspar d'Almeida
Vice-Presidente
Luanda, 14/12/1937

O Amor de Deus e o Sacrifício de Cristo

In "O Estandarte" n.º 37, ANO V,
dos meses de FEVEREIRO e MARÇO de 1938, p.1

Sabemos que foi o amor de Deus que deu origem à vinda de Cristo ao mundo. O amor nas instituições religiosas é considerado como sendo a base fundamental do cristianismo e onde não o haja falta a essência da sua veracidade, o gozo da salvação e a certeza do descanso eterno.

Paulo, o Apóstolo, segundo a sua compreensão, diz que antes da queda, o homem estava dividido em três secções: «Espírito – Alma – Corpo». Estas divisões, principiando com o Espírito, representavam o homem na semelhança com Deus. É evidente que foi neste tempo em que os pensamentos do homem, a sua vontade e todo o seu corpo estava sujeito somente ao espírito. Este estado de vida do homem agradou tanto a Deus que outra felicidade que o colocasse numa situação mais próspera do que aquela era talvez impossível encontrá-la. «Deus viu tudo quanto tinha feito e eis que era muito bom».

Depois da queda, os extremos dessas secções inverteram-se: «o corpo passou para o lugar do espírito e este para o lugar do corpo» e o estado do homem caído ficou constituído deste modo: «Corpo – Alma – Espírito».

A graça de Deus afastou-se dele, perdeu todos os atributos que o dignificavam e daí começou a viver uma vida depravada.

O corpo, com todo o seu peso, subjugou o Espírito (estado pecaminoso) e foi daí que nasceu o ai da Humanidade.

Da geração deste, Deus escolheu um povo conhecido pelo nome de judeus e com ele estabeleceu um pacto; e apesar de muitos prodígios que Deus obrara no meio deles, nunca estiveram convencidos em reconhecer a Sua suprema bondade; tiveram, por isso, uma vida muito desorientada e como a sua rebelião fosse cada vez mais crescente, o Criador resolveu que a única forma para corrigir este povo era estabelecer uma lei com as devidas penalidades na falta do seu integral cumprimento.

Moisés, o guia dos filhos de Israel, foi encarregado de receber essa lei no Monte Sinai. Os judeus, acostumados a viver naquela libertinagem, tiveram, depois, uma situação muito triste; pois, a lei era dura, mas sempre era a Lei: «Toda a alma que pecar, essa morrerá».

Apesar de tudo isso, para os judeus a lei para nada serviu. Esqueceram-se da aliança que Deus fizera com os seus pais e de tudo o que fizera com eles próprios e o troco que deram foi o de praticarem todas as acções más contra Deus.

Foi assim que o povo judaico perdeu a confiança de Deus e fracassou juntamente com os gentios, e toda a raça humana ficou separada a uma distância incomensurável diante de Deus.

Os gentios, isto é, (os homens que não conhecem Deus na interpretação da Bíblia, a geração não escolhida), também perderam o direito de gozar esses privilégios da mesma maneira como os judeus, porque não foram excluídos da razão. Têm consciência e por isso deviam saber que existe um ente Supremo que os dominasse.

Afastaram-se desse dever e adoraram, tal como os judeus, imagens e praticaram todos os erros abomináveis diante de Deus. Este, pela sua justiça, esclarece-nos o facto através do seu apóstolo, deste modo: «Não há justo, nem ainda um: não há ninguém que entenda, não há ninguém que busque a Deus; todos se extraviaram, e juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há nem um só». Finalmente «todos pecaram e destituídos estão da graça de Deus».

Neste último estado da vida humana, o Criador viu a miséria de todas as gerações, a sua abominação, o povo sem razão para discernir a vontade de Deus; tudo isto moveu-O duma forma tão íntima que decidiu pela salvação do mundo.

E da resolução deste magno problema nasceu o versículo por excelência do Evangelho Salvador: «Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho Unigénito para que todo aquele que n'Ele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna». (S. João 3-16). Aqui está o amor de Deus, o amor realizado. Cumprido este grande ideal de Deus vivificador, o seu maior intento era que o povo de todo o mundo tornasse a adquirir a situação do morador do Éden antes da queda; isto é, que o evangelho passasse a dominar o Corpo para gozar novamente a paz e uma consolação perpétua.

Finalmente, vejamos o Sacrifício d'Aquele que Deus deu por amor de nós: Ele, como não falha nas suas promessas, apesar de encarar tudo, inclusive a forma como o Filho havia de sofrer, não hesitou mandá-lo.

Abraão, quando quis sacrificar o seu filho e este não sabendo o que o pai havia de oferecer para o sacrifício, perguntou: «onde está o cordeiro para o holocausto?». «Deus proverá», disse o pai. O filho não ficou desenganado com as palavras do pai — Deus proverá.

O filho de Deus, sabendo que era inteiramente preciso Ele morrer para o resgate do mundo, consubstanciou-se no ideal do Pai e veio ao mundo como um cordeiro entre os lobos. Encarou as dificuldades e, nos primeiros dias, a perseguição fê-lo ser hóspede no Egito. A sua vinda neste mundo, tal como a descreve o profeta Isaías, foi cheia de horror, mas nada lhe afligiu. Tinha apenas um alvo: o de livrar o povo da vida corrupta e de apresentá-lo diante de seu Pai puro e são. E como quem se desprezasse a Si próprio, levou sobre Si as enfermidades de todo o mundo. Quanto ao castigo que nos merecia, o inolvidável Salvador sujeitou-o e tudo o mais que nos pesava o gigante do Céu arrastou-o até à Cruz, tendo, assim, consumado a Sua obra Salvador.

Creiam, irmãos, que é justamente o amor de Deus e o Sacrifício de Cristo as duas causas com que o poder imutável d'Ele tem conduzido a minha vida cristã no caminho do ensino do Evangelho porque julgo que sem elas seria impossível a nossa Salvação.

Gaspar d'Almeida

O Estandarte

In "O Estandarte" n.º 39, ANO V,
do mês de MAIO de 1938, p.1
e "A NOSSA RESPONSABILIDADE" pp.1, 3 e 4

"O Estandarte" até agora tem sido o órgão religioso que impolutamente mantém na sua honestidade a integridade do seu dever.

"O Estandarte" preocupa-se com os negócios mais internos de cada indivíduo; com aquilo que mais lhe diverte a ponto de esquecer o DOMINADOR da humanidade.

"O Estandarte" desperta aos que dormem na ignorância quanto ao crédito no Evangelho, para que olhem mais em volta de si certos de que aí encontrarão – Deus o Criador do Céu e da Terra – e, mais perto ainda do que aí encontrá-IO-ão – e é nos seus corações.

"O Estandarte" longe da política internacional conserva inabalável o seu lema: fazer introduzir em cada lar angolano as "Boas Novas" da salvação. Esta é a política alegre que pretende, com o auxílio do Senhor, fomentar dentro do nosso povo para que compreenda a verdade e esta o libertará.

"O Estandarte" não se ocupa com o que já fez, mas com aquilo que está a fazer e por isso tudo quanto nele se escreve é para nós e para os nossos leitores "Boas Novas", as mesmas novas apregoadas há dois mil anos pelo Sereno e meigo Jesus.

"O Estandarte" é o evangelista de confortante apreciação porque reanima o atribulado rosto franzido, sinal de aflição e vida sem esperança; a sua leitura faz robustecer a moralidade do indivíduo na hora de descanso, depois das fadigas do seu trabalho diário.

"O Estandarte" aproveita sempre as oportunidades de conversar singularmente com cada um para que medite no dever que lhe cabe, de dar a Deus o que é de Deus e a César o que é de César.

É este o Mensageiro mais cintilante que pela graça divina, os crentes evangélicos de Angola possuem; deve merecer a protecção de todos que desejam a radiação do Evangelho nos corações de todos os angolanos.

Assina este artigo, na primeira página,

Gaspar d'Almeida

A Nossa Responsabilidade

Sobre a prática da palavra de Deus

*Tenha, porém, a paciência a sua obra perfeita,
para que sejais perfeitos, sem faltar em alguma coisa.*

Tiago 1, 2.

In "O Estandarte" 39, ANO V,
do mês de MAIO de 1938, pp.1 e 3..

Porque somos cristãos, porque somos imitadores daquele CRISTO excelentemente benigno, e porque nos comprometemos apregoar a Sua Santa Doutrina de que devemos ser os primeiros cumpridores, precisamos, por isso, de ter a consagração necessária para que em nós não sejam lidos defeitos repugnáveis sabendo que no dia do julgamento final as nossas contas serão pedidas com mais rigor do que as daqueles que infelizmente negaram o compromisso desta grande Salvação.

O povo incrédulo, sem dúvida sempre que tem uma oportunidade de assistir aos cultos evangélicos, é com toda a atenção que escuta a mensagem e segundo os dons que Deus distribuiu a cada um, existem de facto pregadores que no seu exercício deixam pasmar o auditório.

Como disse, alguns desses incrédulos são muito ponderados; muitas vezes são constrangidos pela consciência a entregar toda a sua vida aos cuidados do Senhor, mas, presos pelo Satanás, nesta luta, disfarçam-se como se nada tivesse acontecido na sua vida. Contudo, vão cogitando no assunto do Sermão, e convencidos do poder que este Evangelho tem, ainda continuam na dúvida passando longo tempo neste constrangimento moral.

É por que razão é que às vezes acontece assim?

Porque alguns primeiro querem saber se, na verdade, as espantosas palavras pronunciadas por este exímio pregador reflectem na sua acção. É aí onde está a nossa responsabilidade. Se a nossa paciência não tiver obras perfeitas, lá estão as murmurações dos que a par de nós vivem: - Ele na verdade, é bom falador e porque faltam-lhe as obras, não é cumpridor. A fé sem obras é morta; e nesta ordem de ideias dizemos que, quando assim procedemos, é morto todo o nosso trabalho. A letra das

Escrituras diz: É impossível que venham os escândalos, mas aí daquele por quem vierem!

Melhor lhe fora que lhe pusessem ao pescoço uma mó de atafona e fosse lançado ao mar, do que fazer tropeçar um destes pequenos. (Lucas I; 1-2). A nossa responsabilidade na consagração da missão da cruz encara-nos com toda a inteireza um Sacrifício bem penetrável no conhecimento dos ensinamentos de Jesus.

Devemos cuidar a sã Doutrina do Evangelho na sua santidade tal qual como no dia em que pela primeira vez a ouvimos, e se entranhou nas nossas vidas.

Convém, portanto, coincidir as nossas obras com as Escrituras de que nós temos a responsabilidade de esclarecer ao povo. Como pode ser que um médico vitimado de bacilo de coque, vá responsabilizar curar um indivíduo com tuberculose?

Como pode ser que um pregador que pela sua indolência no cumprimento dos seus deveres como cristão, reconheça a sua incompetência pela missão inteiramente sacrossanta e continua a ensinar o Evangelho para a Salvação dos outros? Terá crédito esse médico? Terá crédito esse pregador? Não. Nenhum deles será acreditado na sua profissão sem que primeiro se cure da sua doença e se corrija dos seus defeitos.

“Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E em teu nome expulsamos os demónios? E em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente. Nunca vos conheci: apartai-vos de mim vós que praticais a impiedade”.

Naquele dia de Juízo final, naquele dia...naquele dia em que a beleza do mundo será um ridículo!?! Quem fará ideia da aflição do mundo quando a sua impiedade for julgada!? Muitos procurarão justificar-se, sim, porque em nome de Deus salvaram muitas almas, fizeram muitos prodígios ou porque gastaram todas as suas vidas no serviço do Senhor; mas porque as suas obras não foram perfeitas, e porque uns ao acompanhar a civilização moderna se deixaram dominar pelo orgulho e conceitos humanos, o Senhor não os tomando em conta os dirá, abertamente, para que se não repitam os queixumes: Não vos conheci, apartai-vos de mim!...

Nesse dia ninguém ocultará a crispação epidémica – momento em que os tendões parecerão desprender-se dos ossos. Que horror! Que frieza na espinha! Será um dia de intensa lamentação no mundo e de silêncio no Céu porque chegou o julgamento final.

Eis o que nos espera, despertêmo-nos, pois!

Gaspar d'Almeida
In páginas 1 e 3

A Nossa Aprendizagem

"...aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis as vossas almas". (Mateus 11-29)

In "O Estandarte" n.º.40, ANO V
do mês de JUNHO de 1938, pp.3 e 4

Na escola o chefe é o mestre ao qual os alunos devem ouvir e imitar tudo quanto se lhes ensina. Ele é a força poderosa para formar os caracteres dos seus educandos. Do bom mestre saem bons alunos e reciprocamente...

A simpatia do mestre para com os seus educandos tem um poder magnetizador e cativante.

Quando acompanhada de uma seriedade predominante atrai a memória do educando e, neste caso, pode conseguir-se do aluno resultados prodigiosos.

É evidente que para se chegar a este ponto é necessário que na simpatia do mestre brilhe o amor enquanto que na seriedade seja realçada a ordem e a disciplina.

Na parte que interessa à nossa aprendizagem de que Cristo é o Grão-Mestre, temos que salientar no versículo supracitado, duas das características magistrais do Mestre: *a mansidão e a humildade do coração.*

É este o ponto do exercício no qual o Verbo Eterno chama a atenção do mundo: vinde, aprendei de mim... Não deixou nenhuma obra escrita com o seu próprio punho, nem tão pouco a Bíblia nos legou dados a este respeito, senão na questão da mulher adúltera; a sua maneira de trabalhar para convencer o mundo da sua corrupção, era de ministrar o ensino por meio de palavras cheias de viva fé que concentrava as ideias de todos os seus ouvintes. A realidade de tudo o que dizia, era e tem sido, até hoje, a força motriz que leva a muitos homens como Zaquaeu, restituir, piamente, os prejuízos que na acção desonesta fizeram os seus semelhantes. A mesma força que durante o dia trabalhara no espírito de Nicodemos, príncipe entre os judeus, para de noite procurar Jesus e falar-lhe nestes termos: *"Rabbi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que fazes, se Deus não for com ele."* Mat.3-2.

Em volta de várias experiências constatamos que os maus tratos incitam os homens à insubordinação tão crescente que se forma em uma revolta; mas Cristo foi sempre contraproducente às condições humanas.

O seu temperamento era tão impenetrável que até nas mais rubras perseguições conservava sempre a mesma mansidão, a mesma humildade. Falava aos seus inimigos com a mesma intimidade como quem fala com o seu amigo.

Seria impossível pensar-se que Cristo tivesse Paz neste mundo, onde, além do intenso labor durante os últimos três anos de vida, era escarnecido até ao ponto mais culminante da ignomínia; todavia, o Mestre dos mestres, porque é divino, teve a ocasião de demonstrar aos seus discípulos que, apesar de todo o mal que lhe faziam, a sua paz era tão grande que transbordaria na humildade toda e ainda mantinha-a intacta.

Esta é uma das características de Jesus que, esculpidas nas brilhantes páginas da Bíblia, torna mais divinizante a sua originalidade.

"Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá..." (João 14-27).

Que havemos de aprender de Cristo, para alcançarmos o descanso das nossas almas?

Eis o ponto do nosso exercício que terá a seguinte resposta: devemos aprender de Cristo, nosso Mestre, a mansidão e a humildade do coração.

Seja esta a prática da nossa vida, nesta Escola de que somos simples principiantes.

Que Deus nos guarde para que sejamos bons alunos.

Gaspar d'Almeida

Cristo é o Nosso Modelo

"...Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância." (João 10-10)

In "O Estandarte" n.º 41 e 42, ANO V,
dos meses de JULHO e AGOSTO de 1938

(Número Especial dedicado à chegada a Angola do Presidente da República Portuguesa, General António Oscar de Fragoso Carmona, p.7.)

Nestas palavras do Verbo Eterno vemos claramente que a insuficiência da vida dos homens, quer material ou espiritual, foi uma das principais causas da sua vinda ao mundo.

O texto supramencionado, na sua clareza, está a significar que antes da vinda de Jesus ao mundo, os homens não tinham vida suficiente; visto que todos viviam sem esperança da vida eterna e sem nenhuma fé nas coisas celestiais.

E, neste caso, como os homens podem alcançar uma vida com abundância? Olha, esta é a questão de que queremos-nos ocupar um pouco rapidamente.

Uma vez, o carcereiro de uma das grandes prisões de Filipos, vendo as portas do cárcere abertas (é um perigo não é?), e supondo que os presos à sua guarda tinham fugido, quis matar-se; ao querer fazê-lo, um dos presos disse-lhe: "não faças tal coisa, que todos estamos presentes."

O carcereiro, vendo a lealdade dos presos porque eram cristãos, ajoelhou-se perante eles e disse-lhes: "que é necessário que eu faça para me salvar?"

A esta pergunta obteve a seguinte resposta: «crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e a tua casa».

Leitor, que fará no momento tempestuoso da vida quando tiver toda a esperança perdida?

Para a tua felicidade e a de tua família aplica a resposta que obteve o carcereiro, pois ele e toda a sua família creram no Senhor Jesus e receberam o baptismo, símbolo da pureza, e terás uma vida com abundância.

Gaspar d'Almeida

Haja Luz!

In "O Estandarte" n.º 43, ANO V,
do mês de SETEMBRO de 1938, pp.1 e 2



Quando o superintendente das Missões Evangélicas do distrito de Luanda, Reverendo Sr. Augusto Klebsattel apresentou a esta Igreja o Relatório da sua viagem missionária na companhia do seu colega Reverendo Sr. Ralph E. Dodge, em 4 do corrente mês, sobre o movimento evangélico na região dos Dembos, ocorreu-me a ideia de exclaimar, a plenos pulmões, a expressão que serve de título deste meu artigo: HAJA LUZ! Lembrei-me, também, que foi com esta frase que o Criador aperfeiçoou a maravilhosa obra da criação; e feita a luz pelo poder da sua palavra, o que estava sem forma e vazio recebeu o concerto que a humanidade, tão pequenina que é, não pôde imaginar.

Assim, agradou Deus tudo que por Ele foi feito e disse que era bom.

O Reverendo Sr. Augusto Klebsattel, numa expressão comovente como quem diz - só vendo para se fazer melhor ideia - ao fazer o seu detalhado Relatório, disse: "*O Reino de Deus cá na Terra, estabelecido por nosso Senhor Jesus Cristo e que con-*

tinua a ser dilatado pelos esforços dos seus discípulos guiados pelo poder divino, tem apenas um fim, e este é o de levar as almas dos fiéis para junto d'Aquele que as resgatou das mãos do Diabo com o seu próprio sangue."

O Evangelho nos Dembos foi levado pelos homens que entre os anos de 1921 para cá ouviram, pela primeira vez, o Evangelho nesta Igreja de Luanda e regressaram às suas terras dando testemunho da sua fé em Jesus Cristo aos seus conterrâneos.

Foi assim que desde essa data os pedidos tornaram-se incessáveis e a necessidade de obreiros para aquela região cada vez era mais urgente.

Graças ao Senhor que há quatro anos para cá Ele abriu-nos as portas para que esses nossos irmãos possam receber o perdão dos seus pecados. Com a ida dos evangelistas ultimamente neste vasto campo, o serviço do Senhor tem avançado milagrosamente; é comovente – ouvir multidões cantar, dando graças ao Redentor! Homens que levantam para o céu a essência da consagração depositando todos os seus desígnios aos cuidados do Senhor!

Apesar disto, ainda temos muitos pedidos de alguns casais completamente consagrados para esta santa obra de Deus. Quem irá?...

Deixa-se vaga esta pergunta à meditação do irmão.

Haja Luz! Luz que não só ofusca as trevas, mas que desarreiga toda a superstição, toda a ignorância, lançando para o infinito toda a *mahamba*...

Num Relatório apresentado pelo Sr. Reverendo Agostinho Pedro Neto sobre o mesmo movimento do Serviço de Deus nos Dembos, disse:

"O povo dos Dembos é polígamo – regra geral do povo afrikano – porém, desde que chegou o Evangelho naquela região, na sanzala de Piri onde está estabelecida a Missão com centenas de cubatas, entre muitos que tinham três, quatro a cinco mulheres, infelizmente só ficaram cinco homens que ainda sustentam o antigo regime."

É misterioso o poder do Evangelho! – e ainda acrescenta: "qualquer objecto alheio ou mesmo dinheiro caído no caminho, ninguém o tira que não seja o dono. Todos pelo poder do Espírito Santo reconciliaram-se com Deus e acharam a solução da Paz em nosso Senhor Jesus Cristo."

O pastor Sr. Agostinho Pedro Neto há pouco transferido para essa região dos Dembos e para onde seguiu em 9 do mês de Agosto próximo passado, com a sua família, deixou dois filhos a estudar o 3º.ano dos liceus, é um dos mais antigos missionários nativos.

Há vinte anos que é Pastor e tem-se distinguido muito pelo seu valor moral e pela sua autoridade espiritual em saber conduzir o rebanho do Senhor.

Desempenhou um importantíssimo papel na educação do povo da região de Karette, nomeadamente Kaxikane onde era o seu campo de acção e onde permaneceu cerca de 12 anos em serviço digno de registo e que, até certo ponto, mereceu elogios do primeiro Alto Comissário da Colónia, General Norton de Matos, segundo o officio da Secretaria da Colonização e Negócios Indígenas de 7 de Dezembro de 1921, dirigido ao

antigo Director desta Missão de Luanda, Reverendo Roberto Shields, cujo teor é o seguinte:

"Tendo S. Ex.^a. o Alto Comissário e Governador Geral observado que na Missão Americana que funciona em Cachicane "Catete" se ensina bem o português, e só o português, que mereceu referências elogiosas de Sua Ex.^a., venho rogar a V. Ex.^a. se digne enviar-me nota de todas as Escolas que funcionam nas sucursais da Missão que V. Ex.^a., mui dignamente dirige nesta Província de Angola, e bem assim informar-me se em todas se segue, quanto ao ensino da língua portuguesa, o que se pratica na referida Missão."
Ass) Ferreira Diniz - Secretário Provincial.

Escusado é dizer que o referido officio obteve uma resposta satisfatória, pois, todos sabem que só a língua de Camões é salientada nas Missões Evangélicas.

Era Pastor e Professor Primário nesta Missão de Kaxikane o Reverendo Agostinho Pedro Neto que levou muitos alunos aos exames da Instrução Primária do 1.^o Grau.

Temos certeza e porque cremos n'Aquele que nos salvou e que também nos pode guardar, que o Reverendo Agostinho Pedro Neto fará tanto ou muito mais trabalho naquele novo campo com o auxílio do Senhor do que aquilo que os nossos limitados entendimentos possam fazer ideia.

Oremos pelo nosso Pastor, elemento utilíssimo na evangelização e educação do povo da sua raça, que durante sete anos deu o melhor dos seus esforços na Igreja de Luanda como Pastor-auxiliar, erguendo sempre a Bíblia como o Estandarte da salvação do povo Angolano; sério e rigoroso em combater o mal.

Oremos por todos os evangelistas que naquela região deitam nos corações daqueles nossos irmãos a semente de mostardeira com fé de que nascerá e fará frondosas árvores com raízes profundas - Testemunhai sempre, irmãos, que o Senhor é o vosso Bom Pastor e tereis a certeza de que nada vos faltará. Deus vos guarde!

Haja Luz em todos os movimentos evangélicos de toda a Colónia!

Gaspar d'Almeida

A Biografia do Reverendo João Leão Webba

A FAMÍLIA WEBBA

Segundo a biografia publicada no número 15 do nosso Journal sobre a vida do Rev. João Leão Webba, falecido em 19 de Julho deste ano, só nos é permitido agora publicar a sua fotografia, vendo-se-lhe a direita na companhia de alguns dos seus filhos.

Além destes, o Rev. J. L. Webba deixou a sua esposa e ainda duas filhas e um filho que não constam na gravura acima.



A direita - Rev. João Leão Webba já falecido, e seus filhos: os Revs. Ysaías e Julião e professores, Erasmo, Roberto e José.

No interior do Kongo Belga, entre as plagas marginais do grande Rio Zaire, encontra-se uma região pitoresca, situada à margem direita deste rio, chamada VIVI em que se deram parte dos acontecimentos que vamos relatar na íntegra. Foi neste sítio, ignorando-se já a data em que eles ocorreram naqueles recuados tempos, onde se instalou uma Missão pastoreada por Missionários Evangélicos. Próximo de VIVI, ou seja, nos seus arredores, estava ISAUNGILA. Com efeito, em ISAUNGILA nasceu o Reverendo JOÃO LEÃO WEBBA em Março de 1880, no seio das mais densas trevas do paganismo.

Eram seus pais idólatras, possuidores dum grande "Unganga-Nzumba", cuja adoração era frequente e dedicada uma vez por mês aos deuses e aos espíritos dos antepassados em cerimonial de grande aparato público e de assistência obrigatória por parte dos demais. Uma vez, tendo o nosso biografado chegado lá já em idade consciente, os seus pais mandaram convocar o povo para prestar as devidas honras e adoração a este "substituto de Deus". Com bastante curiosidade, o nosso João observou o desenrolar de todo o cerimonial e acabou, como não podia deixar de ser, por ficar muito confundido. Ele queria desvendar o poder misterioso deste deus, porque, segundo o que se dizia na comunidade, esta kiteka, estatueta ou ídolo feito de madeira, andava pelos seus próprios pés. Qual não foi o seu espanto e dos demais, quando, no auge da cerimónia, o ídolo, na sua inércia, tombou! Todos diziam: «o nosso deus caiu!» E ele, João, disse de si para si: «oh!...então um Deus pode cair?...Um Deus que cai...! Então...».

A partir daquela data o Espírito Santo emitia ao nosso João um raio de luz no coração, provocando-lhe inúmeras dúvidas para as quais não encontrava respostas. Permaneceu nestas cogitações tateando nas brumas do pecado e da ignorância, até que um seu tio, segundo o costume do século e querendo penhorá-lo como garantia de uma dívida, tra-

tou de enviá-lo para a Missão de ISÁUNGILA para trabalhar e conseguir o dinheiro do seu resgate. Posto lá, João aproveitou a abertura e matriculou-se na Escola daquela Missão. Foi muito bem recebido. João permaneceu naquela Missão até que esta e respectivo pessoal abandonaram aquele território em virtude de falecimento da maioria dos Missionários. Com alguns companheiros da antiga Missão, João seguiu para a localidade de VIVI onde foi encontrar os Missionários Reverendo Homan e Miss Hilda Lassou. Esta última cuidava e educava uma aluna chamada Serafina Henriques Marfim. Tanto esta como o Reverendo João Leão Webba foram, em Abril de 1897, baptizados no caudaloso rio Zaire, tendo ambos sido mergulhados três vezes na água corrente do rio, conforme a ordem da Santa Trindade, pelo Bispo Joseph Hartzell, na primeira cerimónia que decidiu a futura reunião deste casal em miniatura.

Foi neste mesmo ano, em Julho de 1897, numa Sexta-feira, que a Miss Hilda seguiu para Angola, cumprindo a chamada dos Missionários concentrados em Kyôngwa numa Conferência, e levando consigo três rapazes e a pequena Serafina. Passaram por Luanda onde tomaram o comboio para Kaswalala, dali para o Ndondo e desta para Nyange, onde se encontraram com o Sr. H. C. Withey e dali marcharam de typhoya para Kyôngwa.

A Conferência nomeou a recém chegada para a Missão do Késwa. Logo que a Miss Hilda chegou ao destino dividiu a comitiva: i) os rapazes foram para a Escola de Malanji e ii) a menina ficou consigo na Escola Feminina do Késwa, então instalada na base do Morro que dá o seu nome à povoação. Eram Missionários destas Missões os Reverendos Breuster e Ball.

Depois de João se casar, em 1900, com a sua referida patrcia Josefina, foi nomeado para Nzengele, depois seguiu, sucessivamente, para Ndembwe, Kyôngwa, Hombo-a-Njinji e ultimamente para Lukala.

Como Pastor, o Reverendo João Leão Webba deu a sua vida no campo do Senhor durante 38 anos consecutivos de serviço, dedicando-se a pregar o Evangelho a par da acção evangelizadora dos Missionários nos vários recantos de Angola onde nunca a luz da vida penetrou.

Recomendou sempre aos seus filhos que lhe votavam o mais extremo amor, a continuação do serviço do Senhor, inculcando-lhes também na mente o amor ao próximo, a Angola, aos seus povos e o respeito às autoridades legalmente constituídas.

Nos últimos dias da sua vida, já em Lukala, ensinou aos membros da sua Igreja (homens, mulheres e crianças) a cantar "A Portuguesa" que, depois de exibida na ocasião da inauguração do novo Posto Administrativo de Lukala, e na presença dos Ex.mos Snrs. Eurico da Cruz Pereira, illustre Intendente do Distrito do Kwanza-Norte e Analyde Carusca Loures, Chefe de Posto Administrativo de Lukala.

Foi no último dia da Conferência deste ano, 18 de Julho, que o Senhor chamou o Reverendo João Leão Webba para junto de Si, tendo dito, no leito da morte: «não tenho medo de morrer. Devemos ser fiéis até à morte», e, logo a seguir, ainda disse «o meu nome está escrito», expirando logo a seguir.

Gaspar d'Almeida

O Protestantismo

In "O Estandarte" n.º 44, ANO V,
do mês de OUTUBRO de 1938, pp.1 e 2
e ainda o poema "PERDOAI...!", a p.4

Hoje, mais do que nunca, a ciência no seu estado progressivo caminha em dois sentidos: decrescente e crescente. O primeiro assenta em bases históricas e documentárias e representa, com toda a evidência e sinceridade, os factos de tempos passados. O segundo tende procurar aquilo que os mais curiosos cientistas até agora não chegaram de descobrir.

Quem não estuda o que os homens de antanho fizeram e busca neles Sabedoria não sabe senão aquilo que os seus olhos encaram.

Por isso o saber é uma curiosidade que deve entranhar-se no espírito de todos os indivíduos.

Na questão religiosa existem relações de Deus para com os homens e destes para com Deus. E só depois destas relações adquirirem a verdadeira intimidade é que os homens podem ter amizade uns com os outros.

O Protestantismo

Esta palavra que erroneamente tem sido mal interpretada para no mesmo sentido fazer atolar a muitos numa tresloucada ignorância, significa apenas isto: **ir contra aquilo que não é verdade**. Expliquemo-nos:

O Apóstolo S. Paulo disse, na sua carta aos Tessl. 5:21: **"Examinai, porém, tudo; abraçai o que é bom."** E foi isto que os Reformadores do século XVI fizeram.

Quando a Igreja Primitiva, isto é, a fundada pelos Apóstolos depois da descida do Espírito Santo e conhecida por Igreja Católica Apostólica cuja Cabeça é Cristo, começou a perder o seu valor moral e espiritual pelas inovações nela introduzidas pelo poder do Romanismo, a única coisa que os Reformadores fizeram foi de se darem ao trabalho de joeirar o corrompido Cristianismo sendo somente aproveitada a Bíblia como base da verdade Cristã. Logo, cimentando os protestantes a sua inabalável fé nas Sagradas Escrituras que são a revelação da verdade divina e a narração da vontade de Deus, não podem concordar nem em formas ameaçadoras com os iconoclastas que pretendem mover a paz dos remidos pelo sangue santificador de nosso Senhor Jesus Cristo.

Quando e como:

Para esclarecimentos, damos algumas notas demonstrativas de quando e como a Igreja Romana começou lentamente a afastar-se da Igreja Primitiva e a entrar pela porta larga:

I. A Igreja Católica Apostólica continuou puramente cristã até ao ano 196. Isto é, até a esta data nenhuma inovação do Romanismo havia dentro da Igreja Cristã.

II. Em 370 começou o culto dos Santos, professado por Basílio de Cesaréa e Gregório Nazianzeno.

III. Em 590, origem do purgatório, por Gregório, o Grande. Devemos esclarecer aos leitores que na Bíblia nada consta da existência do purgatório.

IV. Em 609, culto da Virgem, por Bonifácio IV. Inovações dos Santos e dos anjos definitivamente estabelecidas como lei.

V. Em 670, celebração da missa em latim – língua desconhecida pelo povo. Este uso não é sancionado pelas Escrituras. Lede: I Cor. 14:19 diz S. Paulo: “**Antes quero falar na Igreja cinco palavras na própria inteligência para que possa também instruir os outros, do que dez mil palavras em língua desconhecida.**”

VI. Em 787, culto das imagens ordenado pela Igreja do 20º Concílio de Nicéa.

VII. Em 1074, Celibato do clero, por Gregório VII. Sob o ponto em vista sacro, as Escrituras Sagradas não proíbem o casamento; antes recomendam que os bispos, presbíteros e diáconos sejam irrepreensíveis esposos de uma só mulher, que governem bem as suas casas e a seus filhos. Timóteo 3:2-16.

VIII. Em 1164, Pedro Lombardo descobre os sete sacramentos.

IX. De entre os milhares de dogmas da Igreja de Roma, ia-me esquecendo da Confissão auricular introduzida na Igreja pelo povo do Oriente, no ano 758. Que diz a Bíblia sobre a **Confissão auricular?**

IX. 1. “Ninguém pode perdoar os pecados senão só Deus. (Marcos 2:7);

IX. 2. “Só há um mediador entre Deus e os homens que é Jesus cristo o homem” (I Timóteo 2:5). Ele é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (S. João I:29, etc).

IX. 3. Não citemos mais dogmas; estas citações são suficientes.

Agora pedimos às consciências dos nossos caros leitores: que ponde os pra-

tos na balança e só depois de equilibrados nos declarareis onde está a ignorância dos protestantes de que constantemente são alvos.

Críticas desta natureza já na Europa fazem-se com um certo receio só pelas pessoas que desconhecem o que é o Protestantismo, pois, este ramo do Cristianismo não só tem conquistado almas como também homens honestos e de respeito mundial.

São estas e para não citar mais, as inovações da Igreja de Roma que até agora ofuscam o brilho do Cristianismo Primitivo e de que homens esclarecidos pela leitura da Bíblia como Vigilâncio de Barcelona, Espanha; Cláudio, bispo de Turim, Itália; Pedro de Bruys; Henrique, Arnaldo de Brescia; Pedro Waldo, Martinho Lutero da Alemanha; Wicleff da Inglaterra; Zwinglio da Suíssa; João Huss, Jerónimo de Praga, Jerónimo Savanaróla, na Itália; Guilherme, Farel França; João Wesley e outras tantas cintilações do Evangelho puro e que guiados pelo poder do Espírito de Deus opuseram-se não contra a Igreja, mas contra estas cerimónias inventadas pelos homens e delas lavraram o protesto — donde deriva o nome **Protestante**.

Trabalhamos dentro da nossa humildade e simplicidade sabendo que o nosso povo não está apto para se compenetrar em coisas difíceis e pregamos o Cristo crucificado pelos nossos pecados; e se há quem deseje aproveitar da nossa honestidade e nos chame de ignorantes não sabendo nós a origem da religião que professamos, temos a certeza de que o nosso Deus nos dará luzes para, dentro de um amor profundamente cristão, podermos esclarecer a qualquer um, onde se baseia a nossa fé.

Ao terminar, ponho os meus joelhos à terra e invoco a benção do nosso Deus para iluminar as mentes daqueles que, tendo olhos não vêem, e ouvidos não ouvem.

Haja Luz!

Gaspar d'Almeida

Perdoai...!

Senhor, seria vã a minha petição,
Se ao homem fosse dirigida;
Pois, sou pobre cheio d'afflicção,
E só em Ti tenho vida regalada.

Sou todo teu, Senhor eterno!
Em Ti há esp'rança e vida;
Comigo sinto o teu amor fraterno,
Que para eterna vida me convida.

Tu que me dizes, «ama o teu próximo»,
Como a mim mesmo me devo amar;
Ensina-me amar até ao máximo,
Aos que minh'alma procuram acabar.

Se às aves deste o dom de voar
E às flores do campo o de beleza,
Conceda-me Senhor o dom de perdoar
E afasta de mim a tristeza.

Às pessoas de mau humor
Que só me deixam dizimado,
Não lhes deverei senão amor,
Com que Cristo me tem amado.

Outubro de 1938
Gaspar d'Almeida

Os que seguem a Jesus

"Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz e siga-me." (Lucas 9:23)

In "O Estandarte" n.º 46, ANO VI,
do mês de DEZEMBRO de 1938, p.4

(Número Especial de Primeiro Aniversário de "O ESTANDARTE")

Vamo-nos ocupar por um momento deste preceito de Jesus: "Se alguém quiser vir após mim...". Atendemos a condição com que o Salvador aceita aqueles que se inscreverem no rol dos salvos para serem seus discípulos.

I. Devem querer e ter a vontade absoluta de prosseguir no caminho que Jesus traçou. Querer é poder, diz uma frase popular.

II. "Negue-se a si mesmo".

Esta aceitação individual e voluntária não se pode admitir sem que haja o desejo de querer. Há homens tão teimosos, às vezes por justa razão, que ninguém os pode vencer porque não querem submeter-se às opiniões contrárias ao seu modo de ser.

No preceito de Jesus não encontramos nenhum constrangimento — "Se alguém quiser. Negue-se a si mesmo..." tais palavras parecem-nos liberais demais; todavia, impõem-nos o dever de gratidão e de humanidade. Gratidão porque é pelo Filho de Deus que veio sofrer em nosso lugar — humildade — quando nos despirmos do nosso eu... e nos considerarmos segundo o nosso estado pecaminoso. "*Se tu conheceras o dom de Deus e quem é o que te diz — Dá-me de beber, tu lhe pedirás e ele te daria água viva*" (João 4-10). Dizia Jesus à mulher Samaritana. E quem é este que nos diz: "*se alguém quiser vir após mim?*" Reconhecamo-lo, pois, é Jesus nosso Salvador.

Enquanto muitos, num tom presunçoso e imperativo dizem: "vinde a nós", lá está o Autor da Salvação a dizer-nos: "se alguém quiser...". Na sua mansidão parece indicar a nossa culpa e solicitar-nos humilhação; é debaixo deste aspecto que nos curvamos, reconhecidos, confessando-nos imerecedores da graça divina.

Verdade é dizer, leitores, que não fomos constrangidos para esta grande salvação; foi o próprio Cristo que nos escolheu e mediante a indizível obra da Cruz ficamos convencidos de que sem ela a nossa vida seria uma ilusão.

Negar-se a si mesmo é abster-se dos desejos carnis que combatem a alma.

III. "Tome a sua cruz."

Era costume dos romanos deixar os condenados à crucificação, levar a sua cruz até ao lugar da execução; e foi deste modo que procederam com Jesus. Aqui a cruz que

o Senhor Jesus se refere não é aquela em que foi pendurado nem é de ferro, mas é o abandono das más práticas, das diversões que entibiam a nossa moralidade e a abstenção de tudo que é mau para ganharmos uma coroa incorruptível.

A palavra cruz, nesta nossa terra, é tão usada que até certo ponto parece perder o seu valor sensacional. Homens que trabalham para ganhar o seu pão diário, dizem, é uma cruz! Em alguns discursos ouvimos dizer: é calvário, é cruz demais!

Em que sentido usam estas palavras? Para se queixarem a quem de direito, cumpre a este os encher os bolsos com mais dinheiro para terem uma vida tão regalada que não precisam de fazer nem um mínimo de sacrifício para satisfazerem todos os seus gozos carnavais.

É assim que muitos querem significar o levar a cruz de Cristo. Ainda há muitos que dizem: "eu sou senhor fulano; quando estou lá dentro, e fora, sou homem como outro qualquer". Isto é apenas uma incredulidade e falta de honestidade no cumprimento da missão que lhe está confiada. Falta de responsabilidade em si próprio, enfim, é um desprimor.

Proclamam bem alto a cruz e nela penduram o seu Salvador com as suas más acções. Levar a cruz requer uma consagração que exige subjugar o nosso próprio corpo e deixar que seja dirigido pelo poder do Espírito Santo. Para isso devemos desprender das paixões mundanas e seguirmos as pisadas de Jesus, nosso Mestre e Salvador.

Muitos há que conhecem a verdade salvadora que os evangelhos contêm, mas envergonham-se confessá-lo e deixam de se manifestar por terem medo de que os homens os vejam: tal é a outra incredulidade, tais são os que louvam o Senhor com os lábios, porém, os seus corações estão muito longe. Esses nossos irmãos não sabem que ao fazer assim, causam ruína às suas próprias vidas? Jesus disse: "*o que se envergonhar de mim e das minhas palavras, eu envergonhá-lo-ei diante do meu Pai e dos Santos anjos*". E tu, meu irmão, continuas incrédulo só porque temes os homens e não sabes que nisto está a tua destruição?

O Evangelho não é um conjunto de teorias. O Evangelho deve ser praticado e parece que não estou em erro se afirmar que praticar o Evangelho é carregar por inteiro a Cruz de Cristo.

IV. "E siga-me."

Finalmente Jesus manda que nos ponhamos em movimento; só depois de estarmos desembaraçados das coisas carnavais é que nos convida a acompanhá-lo. Verdade é esta: que aqueles que viajam evitam a muita carga para não terem muitas dificuldades no caminho. Na fornada que nos leva para a Pátria Celestial os que nela viajam para no fim ganhar a coroa incorruptível devem praticar o Evangelho, isto é, abandonar o pecado.

Não nos enganemos, pois, com discursos vãos; procuremos, antes, ser verdadeiros discípulos de Jesus tendo como emblema de glória na nossa jornada para seguir Jesus, as seguintes palavras: querer, negar, tomar a cruz e, finalmente, seguirmos o nosso Salvador.

Gaspar d'Almeida

Ano de 1939

“UMA VIAGEM DE RECREIO” in “O Estandarte” n.º. 49 e 50 (está ex-radamente com o n.º.47 e 48), ANO VI, dos meses de JAN e FEV de 1939
insere este artigo a p.6.

1939 1939 Luanda, Janeiro e Fevereiro de 1939 47-48

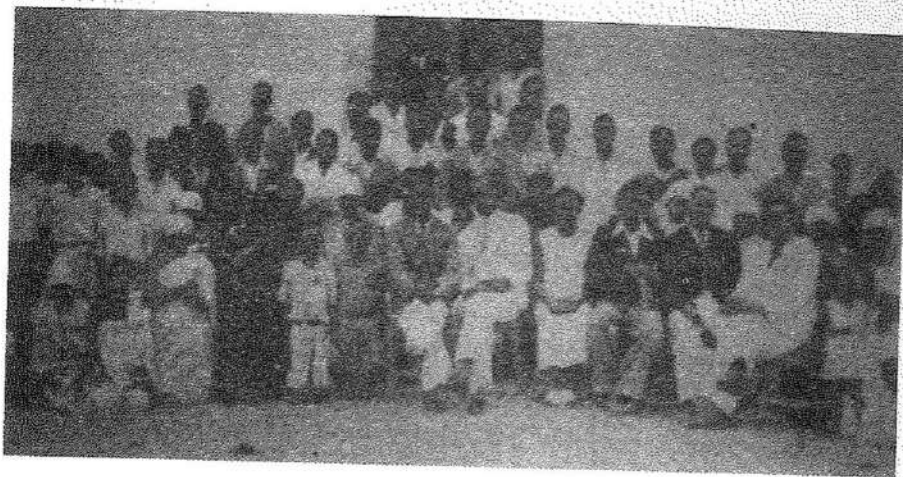
O ESTANDARTE

Revista — Propriedade dos Escravos — Órgão e Propriedade
de um grupo de «erantes Evangelicos Africanos Portuguezes»

<p>Redacção e administração: Rua da Liberdade, 100, 1.º andar, Luanda, Angola</p> <p>Publicação: Mensal</p> <p>Responsável: Sebastião Rodrigues</p> <p>Impressão: Typographia L. T. de S. M.</p>	<p>GRUPO DIRECTIVO:</p> <p>Director: Saizor d'Almeida Redacção Principal: António Victor de Carvalho Secretario de Redacção: João Sebastião Rodrigues Administrador: Sebastião Saizor d'Almeida</p> <p>As suas publicações se publicam avulsas, mas sempre em conjunto.</p>	<p>ASSINATURAS ANUAIS:</p> <p>Colunas Portuguezas 10,00 Portugal, Guiné, Cabo Verde, S. M. 12,00 Estrangeiro 15,00</p> <p>Número avulso 1,00</p>
--	--	---

Uma Viagem de Recreio

In "O Estandarte" n.º. 47 e 48, ANO VI,
dos meses de JAN e FEV de 1939, p.6



Em 27 de Janeiro p. findo partiram de Luanda os irmãos Srs. Gaspar d' Almeida e Sebastião Gaspar Domingos, respectivamente director e administrador do nosso semanário O Estandarte, com destino a Kalomboloka onde foram visitar pessoas de família.

Ao desembarcarem na estação de Kaxádi, encontraram o irmão António Francisco do Nascimento, professor primário, que ficou surpreendido com a chegada dos ilustres visitantes e acompanhou-os até à Missão de Kalomboloka onde encontraram o entusiasta Pastor Manuel Maria de Almeida que os recebeu com uma frase tradicional: "Estais perdidos?" "Não, foi nossa resolução não participar a ninguém, desculpem-nos, irmãos, sim." Responderam os recém-chegados. Fazia calor próprio das zonas equatoriais, apesar de ser apenas 9 horas.

Passaram o dia em horas de grande alegria recebendo cumprimentos de vários amigos e parentes. No dia seguinte, 28 – os nossos visitantes, acompanhados dos irmãos Manuel M. de Almeida e o professor Nascimento, foram a Ndondo-a-Nzele, um riacho que dista desta aldeia 5 quilómetros aproximadamente – tendo passado pelo Posto Administrativo de Kasoncka a apresentar os seus cumprimentos à autoridade superior da região na pessoa do Sr. Chefe de Posto. À chegada ao referido rio, fez-lhes recordar os tempos florescentes que já passaram e que não correspondem já com os actuais, dos quais a morbidez física é notória em quase todos os indivíduos. A falta das chuvas causa-lhes uma miséria tão dissolvente que é uma verdadeira tristeza. O povo é tão enérgico e trabalhador como não há nenhum outro.

O Domingo – Dia do Senhor – amanheceu calmo e o astro aterrorizante ficou coberto pelas nuvens e com a mesma calma do espírito, com muito reconhecimento e gratidão sendo 9 horas de manhã entramos na Igreja de Deus – na casa de adoração a Deus-Vivo.

Os nossos visitantes entram e reparam com atenção as paredes da modesta Igreja recordando o passado: - Saudades... pois foi nesta casa onde receberam a luz da Salvação e a instrução escolar. O Pastor local, Sr. Manuel M. de Almeida oferece-lhes o lugar no púlpito e depois de cantados dois hinos invoca a bênção de Deus em oração, o irmão Sebastião Gaspar Domingos; mais um hino se cantou que terminou com o Credo Apostólico. O Pastor anuncia à Congregação a chegada dos nossos irmãos e dá a palavra ao Reverendo. Sr. Gaspar d'Almeida que se levantou com aquela seriedade de que é conhecido entre um olhar autoritário que prendeu a atenção de todo o auditório e foi assim que abriu o Livro de Deus lendo-nos evangelhos de S. João 3: 1-21., dividindo o sermão em duas partes. As crianças dissertou sobre o tema *O temor do Senhor é o princípio da sabedoria Salmos I 11:* e aos adultos o seguinte: *E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más. João 3:19.* Durante este momento sentimos os nossos corações abrasados do poder do Alto. Às 11 horas e 30 apareceu o fotógrafo "Le Minuit" que tirou um retracto à Congregação em número de 250 presenças. À tarde, depois da Escola Dominical, pregou o Evangelho o irmão Sr. Sebastião Gaspar Domingos lendo as Escrituras nos evangelhos de S. Marcos 8: 27-33.

Após o sermão do nosso irmão que nos encheu de gozo espiritual, foram quemadadas as mahamba que uma mulher arrependida trouxe com o testemunho de que tinha perdido todo o seu tempo nessas ilusões do Diabo.

Neste momento cantamos o hino n.º 153 do Hinário: *"Eis os milhões, que em trevas tão medonhas/ Jazem perdidas sem a salvação/ Quem, quem irá, as novas – Proclamando, / Que Deus, em Cristo Salva o pecador, etc."*

Às cinco horas da tarde os nossos visitantes foram entrevistar o velho Kibingana "Tradição" que conta mais de cem anos de idade. O velho centenário a princípio não reconheceu os recém-chegados, mas estes fizeram-se conhecer e logo o velho lembra-os, Seguem-se os abraços e o Velho impressionado mostra-se muito satisfeito; manda vir cadeiras e os nossos hóspedes sentam-se; uma pergunta do nosso Director surpreende o ancião: - Diga-nos, Velho, por que razão esta aldeia se chama Kalomboloka (?). O Velho, sorrindo, diz: É fácil de se explicar – em tempos partiram de terras longínquas lá do interior, três irmãos: Paulo Ngola, Simão Ngola, e sua irmã Phemba Ngola. Estes, andando pelo mundo fora à procura de felicidade, aqui se estabeleceram tendo como profissão a caça e, querendo perpetuar o nome da aldeia de onde vieram, chamaram este lugar Kalomboloka. Lembra-se, pouco mais ou menos o tempo em que esses homens vieram cá? Responde o Velho – não o lembro porque os meus bisavôs, alguns dos quais eu conheci já velhos como eu, nem sabiam o tempo em que se fundou esta aldeia.

Depois de muitos agradecimentos os nossos visitantes despedem-se do Velho cujas qualidades e formas de expressar lembra-lhes o Sócrates para os gregos.

Daí, um pouco adiante o catequista católico-romano, um parente e amigo vem ao nosso encontro e reconhece logo que os visitantes foram os seus antigos professores; fazem-se cumprimentos afectuosos e recordam o passado; os nossos hóspedes agrade-

cem o gesto e a delicadeza do actual catequista e despedem-se todos afavelmente.

Kalomboloka dista de Luanda 80 quilómetros e os missionários evangélicos pugnando pela evangelização e civilização dos povos, estabeleceram neste local a Missão desde 1906 tendo por lema salvar as almas para o Reino de Deus e preparar homens que, integrados no dever de bons cidadãos saibam honrar o nome Português em todas as posturas da vida. Este exemplo de civismo das Missões Evangélicas é notório em todos os indivíduos imparcialmente rectos e que nunca se deixaram vencer pela cegueira porque os factos falam por si mesmo.

A Missão Católica-romana começou o ano passado a construção de um capela nesta aldeia e o seu primeiro catequista é o rapaz que já nos referimos que estudou na escola da Missão Evangélica tendo frequentado apenas a 3ª. Classe. Pululam aqui centenas e centenas de crianças no estado virgem de selvagismo que clamam por escolas! A escola evangélica é a única nesta grande região e o professor, não podendo com tantas crianças, tem rejeitado centenas delas, o que até é doloroso!

No dia seguinte, 30 – os nossos hóspedes foram a Kakulu Ka Zongo visitar o evangelista e professor Francisco António Fortunato que já aguardava a sua chegada. O Sol parecia lambor o chão e às 11,30 horas tinham chegado ao local. Encontraram o aludido irmão no serviço da sua profissão e depois de trocarem os cumprimentos foram ver o antigo lugar da Missão onde apenas se vê salientada uma igreja zincada com as paredes a consumirem-se. O irmão Fortunato acompanha-os até à sua casa onde só saíram às 5 horas, fazendo-lhes também companhia o irmão Guimarães, pois o Sol era abrasador como fogo.

De regresso chegaram a Kalomboloka já noite e no dia seguinte à tarde tomaram o combóio para Luanda tendo agradecido imensíssimo a hospitalidade do pastor Manuel M. de Almeida e o acolhimento que tiveram da parte de todos os irmãos.

Luanda, 10 de Fevereiro de 1939
Gaspar d'Almeida

A Bíblia

*“Examinai as Escrituras,
porque vos cuidais ter
nelas a vida eterna e são
elas que de mim testificam.”*

In “O Estandarte” n.º 51, ANO VI,
do mês de MAIO de 1939, pp.1 e 2

Um momento vital cobrirá a humanidade quando o ateísmo e as várias seitas do Cristianismo regressarem à leitura do Livro Maravilhoso – o único que o mundo conhece – a BÍBLIA.

Sem nenhuma contestação podemos dizer que a humanidade, ao menosprezar este Santo Livro, anda com o corpo de ouriço-cacheiro e o seu estado fisionómico é, sem dúvida, amedrontável.

As mortandades de seres humanos que as estatísticas do mundo civilizado registam em cada ano, derivadas do orgulho e da falta de amor ao próximo, representam, claramente, o resultado de os povos não considerarem este bendito Livro em cujas páginas vemos latente o sorriso do impecável e o mais humano dos homens que com uma bondade divina nos diz: “Eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância” (João 10:10)

A humanidade abandonou a Bíblia, a base da verdade cristã, formulando seus métodos e seguindo tradições para com elas se justificar, esquecendo de que perdeu a sua verticalidade nas coisas santas caminhando de cabeça para baixo.

Outra coisa não menos triste, é do povo monoteísta subdividir-se em várias seitas em contraposições umas das outras e guerreando-se entre si, sem a mínima piedade. Se todos se levantam de cabeça para cima pedindo pelo Deus Pai – Deus nosso Criador, por que não o fazem intrinsecamente com um só ideal de fraternal amor, não fingido, de acordo com as Escrituras? (Romanos 12:9).

Estas seitas religiosas apenas constituem a Torre de Babel que, em vez de unir os povos num só idealismo cristão, desconcentraliza-os fazendo com que todos os pensamentos gravitem fora dos propósitos mais salutares do Deus de amor e de justiça.

O homem que, por si só, é um pequeno mundo, considerando-se capaz de fazer tudo que o rodeia ao encarar o problema religioso nas suas múltiplas formas rituais, perde logo a energia e julga-o insolúvel. Daí o aparecimento de livres pensadores e muitos incrédulos.

Mas diríamos, por que razão há tantas ideias sobre a Religião enquanto devia ser só a Única como Único é o Deus a quem todos adoramos? Porque a humanidade deixou, em parte, de cumprir o mandato que Deus lhe impôs, de examinar as Escri-

turas; pois, só por meio delas é que os povos se sentiriam irmanados de corpo e alma. Tudo bem dito, reúne-se nestas palavras ditas pelo Chefe de mais de metade da população do mundo, Sua Santidade o Papa Pio XII que deste modo esclarece ao mundo o remédio mais eficaz da raça humana: "os males de que sofre, actualmente, a humanidade, devem-se ao esquecimento das realidades espirituais e todas as tentativas para remediar esses males serão estéreis enquanto se não voltar de novo às bases cristãs que faltam às sociedades."

Assim define o espírito lúcido do Sumo Pontífice da Igreja Romana o magno problema da vida do mundo cuja solução só está em os povos considerarem a Bíblia, esse Livro Maravilhoso e Guia certo da vida humana como a voz de Deus.

Ler a Bíblia é conhecer a vontade de Deus para connosco. Convince-nos, completamente, de que dependemos d'Ele, temos substância da sua essência porque à sua imagem fomos criados.

A leitura das Sagradas Escrituras agregará o mundo a um só rebanho, a uma só fé e a um só Chefe que é Jesus Cristo – o Bom Pastor.

Examinai, pois as Escrituras!...

Gaspar d'Almeida

Homenagem ao Reverendo Adão Francisco d'Almeida, Pastor da Igreja Evangélica de Kaxikane

In "O Estandarte" n.º. 54, ANO VI,
do mês de SETEMBRO de 1939, (poema) p.1

Escutei o vosso sermão
Quando no passado viestes
Apertar-nos a mão
Com a esposa doente e tristes.

Sim, é demasiado sem conta,
O sofrer desta gente negra
Que sem descanso lamenta,
Por quem a criou sem sombra.

Tende fé dilecto amigo!
Confiai e somente crede;
E tereis vida e abrigo,
Diz Jesus a quem O pede

Duas coisas exaltam o povo:
Ter Deus em primeiro lugar,
Amar e ser de si escravo
Da instrução e do estudar.

Luanda, 1 de Agosto de 1939
Gaspar d'Almeida

Uma Mensagem aos Pródigos do Pai Celeste

In "O Estandarte" n.º 56, ANO VI,
do mês de NOVEMBRO de 1939, pp.1-2

Para o tempo que decorre, uma mensagem que proclama as Boas Novas de salvação é, oportunamente, salutar, porque tonifica os corações febris pelos ecos da guerra; acalma e restaura a vida dos desalentos.

Que novidade despertadora! Ah, como nós vivemos obcecados de tal modo que em vez de procurarmos as fontes de onde brotam as águas para saciar a nossa sede, nos deixamos estacionados para morreremos sem este agradável recurso!

Já há muitos séculos passados dizia o profeta Isaías: "*Ó Vós todos que tendes sede, vinde às águas... Porque gastais o dinheiro naquilo que não é pão? E o produto do vosso trabalho naquilo que não pode satisfazer? Onvi-me atentamente (disse Deus) e comi o que é bom, e a vossa alma se deleite com a gordura*". (Is. 55: 1:2). A grande distância em que os homens desejam colocar-se diante de Deus demonstra uma tremenda ousadia que Ele, na Sua qualidade de Criador, não pode tolerar. E é por esta razão que a situação actual da Europa mergulha numa tristíssima conflagração que escusa de comentários.

A Civilização Europeia já atingiu o ponto máximo de cultura; e, se acompanhasse intimamente os preceitos ditados por Deus, o Criador do Universo, sem nenhum equívoco, dir-se-ia que o Reino de Deus, aquele Reino de paz e de amor que Jesus quis estabelecer no Mundo, estaria agora estabelecido neste abençoado continente. Porém, constata-se o contrário e os jornais religiosos insistem nas suas afirmações de que "É O PECADO" que arrasta a Europa inteira nesta brutal catástrofe.

Porque é que os países beligerantes, em vez de se matarem uns aos outros, não bombardeiam este grande Monstro? Foi provado que não há bomba, por maior que seja o grau da sua intensidade, pode exterminá-lo. Na questão do Desarmamento bem se notou o avanço dos homens resolutos a combatê-lo; muitos países estavam quase resolvidos a abandonar as armas, o que quer dizer que o Diabo estava a ser atingido — afinal, foi um simples atentado de que saiu ileso — porque enquanto uns se desarmavam outros armavam-se. O adversário saiu vitorioso e agora estabelece entre os povos o seu domínio destruidor. Bem dizia o apóstolo S. Paulo: "*Miserável homem eu sou quem me livrará do corpo desta morte*". (Rom. 7.24). O pecado é um grande mal; o seu alastramento no mundo constitui uma imensa chaga que até agora os povos não têm conseguido esconder.

"*Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus*". Não há ninguém que nunca pecou — todos nós fomos escravos do pecado.

Agora damos graças ao Senhor Jesus que, pela sua misericórdia, nos resgatou com o seu gracioso sangue deste doloroso cativo em que vivíamos disfarçados como

se fôssemos livres. Ainda soa com a mesma impressionante novidade a parábola do filho pródigo que quisera emancipar-se, pedindo com antecedência ao pai a herança de que tinha direito – para ir negociar e fazer-se homem de grande renome. O pai cedera o pedido ao filho e dera-lhe tudo quanto era justo como filho adoptivo. Bom, tudo ficou arrumado. O filho, muito satisfeito, despede-se do pai e lá vai pelo mundo, fora do lar paterno, sempre de espírito grande, mas de pensamentos baixos. A grandeza do seu espírito consistia em querer gozar e arranjar muita simpatia. De facto tinha muitos amigos e não era menos conhecido. Que aconteceu depois? Esbanjou todos os seus recursos em coisas fúteis e os amigos começaram a fugir-lhe a pouco e pouco, havendo, ao mesmo tempo que isto acontecia, uma grande fome na terra onde o pobre rapaz vivia.

Pobre rapaz! Viu-se abandonado de tudo e solícito numa terra estranha, nem sequer tinha de vestir, tão pouco de comer: - *"Miserável homem eu sou!..."*. Para apenas poder satisfazer a fome, no último caso fora procurar um dos cidadãos daquela terra que o colocara no serviço de apascentar porcos. Este serviço para um judeu era bastante vergonhoso, mas, que podia fazer? Tinha que sujeitá-lo. Neste caso, o moço já não era aquele rapaz corado, esbelto e aseado – estava desfigurado e andrajoso; metia até pena vê-lo naquele estado. A vida é assim para todos nós quando nos dirigimos segundo a nossa razão sem a interferência do ideal divino.

O homenzinho tinha uma situação bastante triste, porque diz a história que até o aproveitar das migalhas que os porcos deixavam não lhe era permitido.

Um dia ficou agitado pelo pensamento de como se livrar da maldita sorte e lembrou-se do Pai, de quantos jornaleiros possuía e conclui: *"Levantar-me-ei, e irei ter com o meu pai e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti; já não sou digno de ser chamado teu filho: faz-me um dos teus jornaleiros"*. (Lucas 15.18 e 19.) Dada a solução, o nosso homem põe-se a caminho de regresso à casa paterna. Estava ainda a grande distância quando o pai, muito desassossegado, vê de longe um vulto esquisito e maltrapilho que lhe faz descrever de que seja o filho. O vulto cada vez se aproximava a coxear; o pai olha com mais atenção e reconhece logo o filho. Corre em frente dele e abraça-o cheio de amor. Estava ainda dentro deste amplexo paternal quando o filho dizia: Pai, pequei contra o céu e perante ti... não acabara de falar porque o Pai interrompia-o mandando trazer o melhor fato para vesti-lo e colocar-lhe um anel de valor no dedo; mandou também matar o bezerro para todos festejarem porque o filho estava morto e reviveu; perdido e se achou.

Leitor e amigo: Sem dar lugar a muitas preocupações, reflecte na explanação da parábola... Que dolorosa situação foi a daquele moço! Estava morto. Sim, um pecador que não se arrepende é morto e só depois deste sinal, com humildade, é que pode novamente ter vida. Vamos agora à interpretação desta parábola: de quem diz respeito? É esta a pergunta que prende todo o assunto.

Explicemo-la dentro do limite da nossa pequena experiência: Deus não é apenas Criador, mas também é Pai. A Sua santidade, o Seu infinito amor e a Sua justiça, são a herança que legou aos Seus filhos. Estes filhos são todos os habitantes do mundo, somos todos nós, sem distinção de raças ou de cores. Muito bem – sendo participantes desta legítima herança, é nosso dever vivermos em santidade como Ele disse: *"Sede san-*

tos, porque Eu sou santo." Ser santo não quer dizer ser beato; obriga-nos, somente, a ser sinceros no cumprimento dos nossos deveres para com Deus e integrá-los para com o nosso próximo. Quantos, hoje, andam a desperdiçar essa herança preciosa prodigalizando-a com carnalidades e superfluidades?

"De tal maneira amou Deus o mundo que deu o seu filho unigénito para que todo aquele que n'Ele crê, não pereça mas tenha a vida eterna". João 3:16

Da abundância deste amor, cada um de nós recebeu um bocado; todavia, em vez de cultivá-lo de maneira que se aumente e torná-lo extensivo em todas as obras, o homem criou um inimigo pior em contraposição àquele que é a Avareza; dando esta a origem de um outro inimigo, o Ódio. Quantos mortos caem hoje em dia! Quanto sangue corre! Tudo isto, do ponto de vista moral, que não significa outra coisa senão a falta de amor ao próximo e o afastamento dos homens diante de Deus!

Quantas lutas se desencadeiam nos lares, entre pessoas que se prezam e entre nações, uns furtando o alheio, ou estragando as suas vidas com a bebedice cometendo ainda outros muitos pecados. Que é isto, senão a falta de aproveitarmos a herança com que Deus nos doou que é o AMOR?

Exorta-nos a palavra: "O AMOR seja não fingido. Aborrecei o mal e apegai-vos ao bem" Rom. 12:9.

Deus é Justo. Outra herança que Deus nos legou é a **Justiça**. Que seria do mundo se todos os seus habitantes fossem justos nos seus negócios e trato para com os seus semelhantes? Sem dúvida o amor e a justiça são dois acessórios que, se andassem juntos, a humanidade sentir-se-ia animada por uma indestrutível irmandade. Infelizmente, isto não acontece porque **não há quem pratica a Justiça**.

Leitor amigo, quem é o pródigo? São aqueles que negam a santidade e trocam-na com o gozo carnal; aqueles que, em vez de se amarem, odeiam-se e matam-se sem remorso nem piedade!

São todos aqueles que não fazem justiça condenando e inutilizando inocentes, enfim, todos aqueles que prodigalizam o dom gratuito de Deus. Voltai, ó pródigos, à Casa Paterna. Confessai o vosso pecado e mostrai-vos dignos de serdes chamados filhos; humilhai-vos e fazei-vos servos e o Pai do eterno AMOR vos abrirá os seus braços e apertar-vos-á num amplexo de eterna felicidade. Vem, ó pródigo, Vem!

Gaspar d'Almeida

Índice Específico

Período de 1940 a 1949

No Ano de 1940..... 123

“SER CRISTÃO” in “O Estandarte” n.º.61 (erradamente com o n.º.59), ANO VII, do mês de MARÇO de 1940 insere este artigo a p.1./p125

“AGORA NÓS - AS MEXERIQUICES DE “O APOSTOLADO” in “O Estandarte” n.º.64 (está erradamente com o n.º.62), ANO VII, do mês de JUNHO de 1940 insere este artigo a p.1 e a p.3, um artigo de António Agostinho Neto./p127

O Jornal “O Estandarte” n.º.66 (está erradamente com o n.º.64), ANO VII, do mês de AGOSTO de 1940 não insere nenhum artigo de Gaspar d’Almeida., mas a p.2 um poema de António Agostinho Neto (AMOR E CARIDADE, Maio/1940).

“A PALAVRA INABALÁVEL” in “O Estandarte” n.º.67 (está erradamente com o n.º.65), ANO VII, do mês de OUTUBRO de 1940 insere este artigo a pp.1 e 2.

O Jornal “O Estandarte” n.º.69 (está erradamente com o n.º.67), ANO VIII, do mês de DEZEMBRO de 1940 não insere nenhum artigo de Gaspar d’Almeida, mas a p.1 um artigo de António Agostinho Neto./p130

No Ano de 1941 133

“AVANTE, AVANTE Ó CRENTES” in “O Estandarte” n.º.74 (está erradamente com o n.º.72), ANO VIII, do mês de OUTUBRO de 1941 insere este artigo a p.1.

O Jornal “O Estandarte” n.º.76 (está erradamente com o n.º.74), ANO IX, do mês de

DEZEMBRO de 1941 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida, mas uma caixa de NECROLOGIA que se refere a luto na família de Gaspar d'Almeida, por falecimento de sua tia INEZ PAULO DE ALMEIDA (em Kalomboloka, 25NOV941) e de seu cunhado MATEUS PEDRO FERNANDES (em Nganga Zuze, 29NOV941)/p135

No Ano de 1942..... 139

“ANIVERSÁRIO DO NOSSO JORNAL – SÓ POUCAS PALAVRAS” in “O Estandarte” n°.84 (está erradamente com o n°.82), ANO X, do mês de DEZEMBRO de 1942 insere este artigo a p.3./p141

No Ano de 1943..... 143

“TENHAMOS FÉ” in “O Estandarte” n°.85 (erradamente com o n°.83), ANO X, do mês de FEVEREIRO de 1943 insere este artigo a pp.1-2/p145

“DA MORTE À VIDA” in “O Estandarte” n°.88 (está erradamente com o n°.86), ANO X, do mês de MAIO de 1943 insere este artigo a p.2.

“VISTAS E PAISAGENS DA MINHA VIAGEM A ELISABETHVILLE (CONGO BELGA) I” in “O Estandarte” n°.91 (está erradamente com o n°.89), ANO X, do mês de JULHO de 1943 insere este artigo a pp.1,2 e 4 (continua no próximo número)/p148

“VISTAS E PAISAGENS DA MINHA VIAGEM A ELISABETHVILLE (CONGO BELGA) II” in “O Estandarte” n°.92 e 93 (está erradamente com o n°.90 e 91, ANO X, dos meses de SETEMBRO e OUTUBRO de 1943 insere este artigo a p.2 (continuação do número anterior e que continua no próximo número)./p153

“VISTAS E PAISAGENS DA MINHA VIAGEM A ELISABETHVILLE (CONGO BELGA) III” in “O Estandarte” n°.94 e 95 (está erradamente com o n°.92 e 93), ANO XI, dos meses de NOVEMBRO e DEZEMBRO de 1943 insere este artigo a p.4 (continuação do número anterior e que continua no próximo número)./p156

No Ano de 1944..... 161

“VISTAS E PAISAGENS DA MINHA VIAGEM A ELISABETHVILLE (CONGO BELGA) IV” in “O Estandarte” n°.96 (está erradamente com o n°.94), do mês de JANEIRO de 1944 e insere este artigo a pp.2 e 4.

O Jornal "O Estandarte" n.º.97 (erradamente com o n.º.95), do mês de FEVEREIRO de 1944 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida, mas uma nota (p.1) dando conta da aprovação, com 15 valores, no exame do 3.º.ciclo dos liceus (7.º. Ano de ciências) a que se submeteu no Liceu Nacional de Salvador Correia, em Luanda, o jovem António Agostinho Neto, filho do Reverendo Agostinho Pedro Neto e de D. Maria da Silva Neto. /p163

"VIVER A VIDA VIVÍVEL" in "O Estandarte" n.º.98 (está erradamente com o n.º.96), do mês de MARÇO de 1944 e insere este artigo a p.1./p167

O Jornal "O Estandarte" n.º.100 (está erradamente com o n.º.98), ANO XI, do mês de MAIO de 1944 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida, mas a p.2 um artigo de António Agostinho Neto.

O Jornal "O Estandarte" n.º.104 e 105 (está erradamente com o n.º.102 e 103), ANO XI, dos meses de SET e OUT de 1944 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida, mas a p.1 um artigo de António Agostinho Neto.

"COMUNHÃO PELA ALEGRIA DO NATAL" p.1 (consultar a fotocópia, porque o original traz parte do artigo carcomido pelo tempo) e "A MAGNITUDE DO MISSIONÁRIO EVANGÉLICO EM ÁFRICA" p.3. in "O Estandarte" n.º.106 e 107 (erradamente com o n.º.104 e 105), ANO XII, dos meses de NOV e DEZ de 1944, insere os referidos artigos. /p169

No Ano de 1945..... 173

"ESSE É JESUS" in "O Estandarte" n.º.109 (está erradamente com o n.º 107), ANO XII, do mês de FEVEREIRO de 1945 insere este artigo a pp.1 e 2./p175

"NATAL NA IGREJA EVANGÉLICA DE LUANDA" pp.1 e 6 e "UM PESADO PEDREGULHO", pp.7 e 8. in "O Estandarte" n.º.119 (está erradamente com o n.º.117), ANO XIII, do mês de DEZEMBRO de 1945 insere os referidos artigos./p177

No Ano de 1946..... 183

"VANTAGENS EM CONHECER A VERDADE" in "O Estandarte" n.º.123 (está erradamente com o n.º.121), ANO XIII, do mês de MAIO de 1946 insere este artigo a pp.1 e 2./p185

O Jornal "O Estandarte" n°.124 (está erradamente com o n°.122), ANO XIII, do mês de JUNHO de 1946 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida, mas tão somente o elogio fúnebre por ele proferido nas exéquias do Rev. AGOSTINHO PEDRO NETO, falecido a 21JUN46 p.1./p187

"BOAS NOVAS!...BOAS NOVAS!" p.2 que continua no próximo número e ainda "DIÁRIO DE UMA VIAGEM - I" p.4 (continua) in "O Estandarte" n°.126 (está erradamente com o n°.124), ANO XIII, do mês de SETEMBRO de 1946 insere os referidos artigos./p190

"DIÁRIO DE UMA VIAGEM - II" p.4. Não insere a continuação de "BOAS NOVAS!...BOAS NOVAS" in "O Estandarte" n°.127 (está erradamente com o n°.125), ANO XIII, do mês de OUTUBRO de 1946 insere os referidos artigos./p195

"O NASCIMENTO DE JESUS" pp.1-2; a continuação do artigo "BOAS NOVAS!...BOAS NOVAS II I" pp.3 e 4; "DIÁRIO DE UMA VIAGEM - III" pp.3-5 in "O Estandarte" n°.128 (está erradamente com o n°.126), ANO XIV, do mês de DEZEMBRO de 1946 insere os referidos artigos./p197

No Ano de 1947..... 205

"DIÁRIO DE UMA VIAGEM - IV" in "O Estandarte" n°.129 (está erradamente com o n°.127), ANO XIV, do mês de FEVEREIRO de 1947 insere este artigo a pp.2-4./p207

"DIÁRIO DE UMA VIAGEM - V" in "O Estandarte" n°.131 (está erradamente como n°.129), ANO XIV, do mês ABRIL de 1947 insere este artigo a pp.1-3./p210

"PLENA PAZ", pp.1-2; "DIÁRIO DE UMA VIAGEM - VI" conclusão p.3; "CONGRESSO MUNDIAL DA JUVENTUDE CRISTÃ" pp.3-4 in "O Estandarte" n°.132 (está erradamente com o n°.130), ANO XIV, do mês de MAIO de 1947 insere os referidos artigos./p213

O Jornal "O Estandarte" n°.136 e 137 (está erradamente com o n°.134 e 135), dos meses de SETEMBRO e OUTUBRO de 1947 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida, mas a notícia da trágica morte, por uma phakasa, do Pastor ADÃO GASPAS DO-MINGOS, natural de Kalomboloka e em serviço no Circuito de Nambwa-a-ngongo e residente na Missão da Kaypemba, p.8./p219

"EDUCAÇÃO DA MULHER AFRICANA" p.3; e "O NATAL DE JESUS" p.8. in "O Estandarte" n.º.138 e 139 (erradamente com o n.º.136 e 137), ANO XV, dos meses de NOVEMBRO e DEZEMBRO de 1947. /p223

No Ano de 1948..... 227

"ATÉ QUE", p.1 e "O NATAL NA IGREJA EVANGÉLICA DE LUANDA" pp.2-4 in "O Estandarte" n.º.140 (erradamente com o n.º.138), ANO XV, do mês de JANEIRO de 1948 insere os referidos artigos./p229

"VISITA ÀS MISSÕES EVANGÉLICAS DOS DEMBOS" in "O Estandarte" n.º.141 e 142 (está erradamente com o n.º.139 e 140), ANO XV, dos meses de Fevereiro e Março de 1948 insere este artigo a pp.3-4./p233

O Jornal "O Estandarte" n.º.143 e 144 (está erradamente com o n.º.141 e 142), ANO XV, dos meses de ABRIL e MAIO de 1948 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida, mas um comentário da Redacção sobre "DIÁRIO DUMA VIAGEM" p.3./p237

"MILAGRES PELO EVANGELHO" in "O Estandarte" n.º.145 (está erradamente com o n.º.143), ANO XV, do mês de JUNHO de 1948, p.2./p238

"O NATAL DE JESUS" p.1 e a p.3 insere um anúncio sobre "DIÁRIO DUMA VIAGEM" in "O Estandarte" n.º.146 (erradamente com o n.º.144), ANO XVI, do mês de DEZEMBRO de 1948./p241

No Ano de 1949 ⁽³⁾

"AGORA É TEMPO" in "O Estandarte" n.º.148 (erradamente com o n.º.146), ANO XVI, do mês de FEVEREIRO de 1949 insere este artigo a pp.1 e 3./p245

"UMA RESPOSTA IRREFLECTIDA" in "O Estandarte" n.º.150 (está erradamente com o n.º.148), ANO XVI, do mês de ABRIL de 1949 este artigo a p.2./p248

O Jornal "O Estandarte" n.º.152 e 153 (está erradamente com o n.º.150 e 151), dos meses de JUNHO/JULHO de 1949 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida, mas uma nota sobre o falecimento, em Kitexi, do Pastor ANTÓNIO GASPAS DOMINGOS, p.6./p251

"O Jornal "O Estandarte" n.º.162 (está erradamente com o n.º.160), ANO XVII, do mês de JUNHO de 1950 (Falta)



Período de 1940 a 1949

Ano de 1940

O Jornal "O Estandarte" n.º 60 (está erradamente com o n.º 58), ANO VII, do mês de FEVEREIRO de 1940 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida.

ANO VII		Lisboa, Fevereiro de 1940		N.º 60	
O ESTANDARTE					
Mensário - Pregoeiro Cristão dos Bairros					
Orção e Propriedade de «Gentes Evangélicas Africanas Portuguesas»					
Redacção e Administração Rua de S. João de Gaiades n.º 2 - 2.ª Andar Lisboa Postal n.º 16 C. A. 10075 - 2.ª J. P. 10075		CORPO DIRECTIVO: Director: Gaspar d'Almeida Redacção-Princípios: António Victor de Gouveia Secrétaria de Redacção: João Silveira Rodrigues Administrador: Sebastião Gaspar Uragães		Armas Registo nº 10075 Publicado em Lisboa Entrega: 10075 Entradas: 10075	
Lisboa - Mouraria L. L. A. N. D. A.		Não aceita publicidade de empresas comerciais, nem de carácter político.		Visado pela Censura	

Ser Cristão

"Portanto, convém atentar com mais diligência as coisas que temos ouvido, para que em tempo algum nos desviemos delas." Hebreus I

In "O Estandarte" n.º.59, ANO VII,
do mês de MARÇO de 1940, p.1

Gozam, na verdade, o privilégio de serem chamados cristãos todos aqueles que seguem, passo a passo, sem vacilar, os ensinamentos de Cristo; isto é, os que experimentam ter uma conduta moral tão excelente como aquela que acompanhou sempre Cristo e com a qual se conservou intangível até ao momento sangrento do Calvário. Sim, Cristo foi humilde e obediente até à morte. As suas imutáveis qualidades, além dos sublimes exemplos que deixou arreigados na história da humanidade, têm, até hoje, uma certa repercussão nas memórias de muitos homens que, com devoção, procuram segui-lo.

Ser cristão é viver a semelhança de Cristo; e isto impõe certas obrigações. Não é fácil. Ser cristão; até nós mesmos devemos ter um certo receio se o somos. Porque todo o homem nascido neste mundo corrompido pelo pecado, tem mais tendência para o pecado do que procurar ter uma forma de vida temperada, correcta e sem mácula como aquela que levou Jesus, o Mestre da moral por excelência.

Quando somos chamados cristãos, quer dizer, atingimos o máximo da pureza, porquanto aprumamos todo o nosso estado em Cristo; fizemo-nos novas criaturas, fomos nascidos de novo pelo poder do Espírito Santo.

O apóstolo S. João diz-nos assim: *"Se dissermos que temos comunhão com ele (Cristo) e andarmos em trevas, mentimos, e não praticamos a verdade"*. O caso, aqui, é mais sério. Não basta ao indivíduo chamar-se-lhe cristão porque os seus pais assim foram chamados. Convém cada pessoa de per si, ter a convicção da salvação de sua alma. Esta convicção é individual e não se transmite.

O cristão deve reputar como sujidade, devendo até lhe enjoar, toda a inclinação deleitosa das coisas carnis, sim, das coisas que não nos colocam bem quanto à nossa dignidade moral e que ainda fazem desacreditar ou ferir Cristo que perdoou todo o nosso pecado pela obra expiatória do Calvário. Numa palavra — o cristão deve ser sincero porque doutra maneira faz-se mentiroso e este não pode participar da glória eterna. Quantas vezes uma pessoa pode ser cristã? A pergunta requer outra pergunta: quantas vezes Cristo padeceu para nos salvar? *"Cristo padeceu só uma vez"*... I S. Pedro 3:18. Cristo morreu só uma vez para salvação de todo o mundo. Logo, todo o homem que deseja assemelhar-se a Ele, sendo, por isso, chamado Cristão, comete pecado se não fizer o que Cristo lhe manda.

O apóstolo Paulo, depois da sua conversão a Cristo, disse: "*Tudo tenho como perda como excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor*", Filip.3:8.

É este o grande testemunho de um verdadeiro cristão, ou seja, repugnar o mal e seguir o bem.

Às vezes acontece que algumas pessoas, depois de abraçarem o Evangelho, andam bem até um certo tempo e por fim, por falta de precaução, caem horrivelmente em deboche esperando daí os cultos especiais para as arrancar desta tremenda situação. Estas pessoas arrependem-se, com certeza, mas não têm a especialidade cristã; visto que um cristão é em si mesmo uma pessoa especial. É triste compreensão, esta dos crentes fazerem as suas vontades e esperarem os cultos especiais para confessarem os seus pecados. É mesmo um crime no rigor do termo que praticam os que assim fazem, porque Cristo, em cuja presença todos nós havemos de comparecer, só morreu uma vez para perdão dos nossos pecados.

Ao acabar a leitura deste artigo, leitor, se és cristão, medite no seguinte: como cristão tens as qualidades de Cristo, de modo que sejas digno de ser imitado? A prova que tudo quanto fala e faz Cristo, também podia o falar e fazer? Trata e resolve as questões dos seus próximos com toda a equidade e fidelidade duma maneira que Cristo fazia o mesmo?

O cristão carece de um poder que lhe vem do alto para poder subjugar as tendências maliciosas e fazer germinar no coração a fé, o estandarte da vitória que lhe dá acesso à entrada na Pátria Celestial.

Alguém dirá, é duro este artigo; sim, mas se estas palavras nos perturbam, o melhor é juntarmo-nos com o Simão Pedro e clamar: "*Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna*". S. João 6:68.

Gaspar d'Almeida

Agora Nós

As Mexeriquices de

“O Apostolado”

In “O Estandarte” n.º.62, ANO VII,
do mês de JUNHO de 1940, p.1

“O APOSTOLADO”, propriedade e edição da Direcção das Missões Católicas, que se fundou “Pela Fé – Pela Pátria” (missão literalmente tão sublime como sagrada), nos seus números 238 e 239, do mês de Maio findo, sob a epígrafe “Uma festa em Kaxitu”, um incógnito crítico zoilo, tão subtil, tão ardiloso, com uma falácia imperturbável, se propõe, no seu gesto consuetudinário tremedal, atacar a nossa festa de Natal realizada em Kaxitu.

Sobre o gesto pouco simpático do crítico, achamos que, se ele tiver de continuá-lo, desprestigia apenas e só todo o órgão que diz representar.

Mas continue ou não continue, o que é certo é que o articulista não conseguirá o seu objectivo porque falta-lhe a seriedade – qualidade imprescindível a qualquer jornalista de elite.

Os seus escritos, feitos à gandaia, não espelham senão “mexeriquices” sem importância literária, nem sumidades doutrinárias, tampouco personalidade política.

São simples cataratas desagregadas que despejam jactos de invejas e intrigas sem fundamento.

Ei-lo que se escabuja na transcrição do relato do nosso mensário sobre a nossa festa de Kaxitu.

Logo de princípio se inculca de grão-mestre na matéria de Gramática e muito bem, se essa crítica outro carácter não atingisse; porque entendemos que a crítica justamente feita é um grande mestre. Mas infelizmente furta-se habilmente ao assunto e vai terminar com toda a petulância a um vâsis de “Actos de culto católico”, pretendendo, num bridão de imperialismo, algemar a consciência e a liberdade de todos.

Simplemente admirável!

Mas antes de atirmos a questão ao antro do desespero público, perguntemos ao nosso hábil crítico, sobre o que vamos transcreever:

“Pelo que diz respeito aos actos do culto católico, pode o representante da autoridade estar sem apreensões, certo de que estes actos são dos mais eficazes para instruir e moralizar e de que ninguém se tornará jamais repreensível por se conformar com os ensinamentos ali recebidos.”

Ora, que razão de ser, que conveniência política ou doutrinária, que interesse social levou o articulista a escrever esta frase tão abatida moralmente? Porventura enquadra neste pélagos de ideias qualquer sentimento religioso ou patriótico? Ou é este o lugar para pregar actos de culto ao representante da autoridade?

Bem, deixemos isto à apreciação do leitor. Mas deixem-nos dizer que o espírito humano é como o estômago humano; não pode estar vazio. Anseia, procura lenitivo. "Cada coração procura onde descansar". Dada a veracidade da expressão, em vez do articulista criticar faltas gramaticais e jorjar intrigas contra o dirigente da Missão Evangélica de Kaxitu, aconselhamos ao hábil crítico que, se não tem mais nada que fazer, consagre a sua pena tão brilhante na explanação dos textos divinos, dum Livro Divino — a BÍBLIA — levando, assim, algo de lenitivo às almas enfermas duma Humanidade enferma, como diz o Isaías:

"Toda a cabeça está enferma e todo o coração fraco. Desde a planta do pé à cabeça não há nela coisa sã senão feridas, inchaços e chagas podres."

Feito isto, terá servido bem a Deus e à Pátria que bem precisam e muito de homens sãos.

Além disso, o Divino Mestre (Jesus), nos dá uma lição sublime neste quesito, nos Evangelhos: *"Porque reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu olho? Ou como dirás ao teu irmão deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu olho?"*

Por isso, antes de escrever, convém sempre, primeiro que tudo, fazer um exame de consciência.

Permita-nos também dizer-lhe que não é no espírito de imposição de doutrinas, nem na jorja de intrigas que se reconhece a "eficácia" de doutrinas duma igreja e a grandeza moral dos seus dirigentes. É, antes, pelo trabalho pacífico e desassombrado que se emana dum espírito que transborda de paz. Não é aquela paz conferida pelo peso de ouro, mas sim a que vem pela influência directa do Espírito Santo, que testifica com o nosso espírito e argumenta com o nosso ser comunicando-nos o calor e energia para o trabalho santo num campo santo — isto é — livre de "mexeriquices", cotoveladas e imposições.

Felizmente Portugal não se serve, hoje, dessa avalanche de ideias.

Tem hoje as suas fórmulas políticas bem definidas, que se cifram no *"estabelecimento da unidade moral e a ordem jurídica da Nação, na coordenação e estímulo de todas as actividades sociais, no velar pela melhoria da condição das classes menos favorecidas."*

Isto também nos basta porque na nossa festa evangélica, mas bem portuguesa, só houve ajuntamento de portugueses, sem a mínima mescla de americanismo, nem romanismo.

Falta-nos o tempo e o espaço, senão citar-lhe-íamos vários exemplos convincentes em que figuram portugueses de alto escol, desde o militar de alta patente ao funcionário que abraçam o Evangelho e assistem regularmente aos cultos e a todos os actos religiosos em Portugal, provando-lhe, assim, que a Religião Evangélica não é hoje coisa estranha aos portugueses.

Deixemos de citar acontecimentos da Pátria distante e citemos casos locais, observados cá em Angola.

O grande batalhador, então major Pais Brandão e o capitão Manuel Gomes, nomes saudosos de portugueses do mais fino quilate, verdadeiros patriotas do génio militar da raça lusa, durante a sua permanência no Concelho do Duque de Bragança, enquanto organizaram forças (1916, se a memória não nos falha) com que haviam de bater o terrível soba Kingongo, assistiam durante meses aos cultos evangélicos dirigidos por um Pastor nativo.

Aquando da sua partida, com surpresa nossa, convoca o major todos os evangélicos a permanecer em oração durante o desenrolar da batalha de que saiu vencedor.

Serão estes homens menos portugueses que o articulista? Ou, estes e tantos outros em Portugal, portugueses da mais fina gema, sofrem de monoideísmo para não verem o clarão bendito da obra tão sublime, tão empolgante e clara de Evangelho?

Sernear intrigas, dissemos nós, porque o articulista, na sua crítica ao discurso do dirigente da Missão Evangélica de Kaxitu, escreve:

"...rematado por um disco a condenar, com deplorável incompreensão do assunto, o esforço dos nossos maiores para manter a unidade de fé entre portugueses e para preservar a nossa pátria das funestas consequências da Revolta do Lutero..."

Ainda bem que o articulista transcreveu a parte do discurso *"...rematado por um disco a condenar, com deplorável incompreensão do assunto, o esforço dos nossos maiores..."* Entreguemos, pois, a questão ao tribunal da opinião pública e ela dirá para que lado perde a razão.

Terminamos, rogando ao preclaro articulista que se lembre do momento grave que estamos atravessando e apelamos para vós, Reverendíssimos juizes directores de "O Apostolado", em nome do Redentor da Humanidade, que devemos, desde já, atirar para trás as mexeriquices que não enquadram nenhuma grandeza moral e outra coisa não se escreve se não prepararmos os ânimos para a união geral de todos os portugueses sem distinção de raças ou de credos, numa luta geral contra o inimigo comum que tenta aniquilar a civilização Cristã.

Gaspar d'Almeida

A Palavra Inabalável

*"Passará o céu e a terra,
mas as minhas palavras
não passarão" (S. Lucas 13-31)*

In "O Estandarte" n.º 65, ANO VII,
do mês de OUTUBRO de 1940, pp. 1 e 2

Hoje, mais do que nunca, os ministros do Evangelho são consultados como os médicos nos momentos calamitosos em que a epidemia, na sua fúria, procura extinguir o homem da superfície da Terra.

Há, neste artigo, alguma coisa que nos leva a pensar um pouco na nova Jerusalém, nas esplendorosas moradas dos observadores da Palavra Divina. Temos que pensar mais profundamente no fim da nossa profecia depois de acabar a carreira deste mundo. Às vezes, nas nossas vidas, há ocasiões em que, silenciosamente, nos preocupamos connosco mesmos. Pensamos que nos nossos negócios construímos castelos com ideias que se desfazem como bolas de sabão, quando chegamos à altura de fazer uma pausa. Qual será o fim de tudo isto? Eis o que vem: "passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão". (S. Lucas 13:31).

A propósito deste versículo, um homem bastante inteligente e senhor das suas ideias, precipita-se e num tom de voz faz-me a seguinte pergunta: será verdade o que esta passagem se refere de o céu e a terra passarem? Fixei-lhe um olhar com um sorriso de quem está bem disposto para o atender em toda a sua divagação e disse-lhe: não duvide, meu apreciado amigo; é que precisamos de um refúgio seguro. Refúgio seguro!...resmungo o meu consulente e diz: aonde havemos de encontrá-lo se conforme o que acaba de dizer – se é verdade – tudo deixará de existir? Há por aí e quase por toda a parte quem fale do céu como lugar de descanso, e creia que muitos hoje são cristãos por saberem que existe este lugar; se o versículo bíblico em referência diz que o céu também passará, não será, isto, um engano? Não, nisto não há nenhum engano. Se o amigo ler todo o período do mesmo versículo, verá que a última oração é a base fundamental da existência de todo o género humano. Qual oração? Exclama, precipitado, o meu consulente. Ei-la: "*mas as minhas palavras não passarão*". Agora está mais esclarecido não é verdade? Pausa – que o meu consulente interrompe com a seguinte expressão: neste caso, temos que nos refugiar nessas Palavras! Pois, evidentemente – disse-lhe- com toda a franqueza que a minha fé nutre no Sagrado Livro – a Bíblia. Pois se tudo passa e só elas subsistem, não será de acreditar que só viverão os que acreditarem nessas Palavras? Julgo que sim – respondeu-me - o meu consulente que neste momento pensa mais reflectidamente sobre o assunto. Pensa no que será o mundo, a humanidade e de toda a sua sabedoria...vejo-o com o lençinho a limpar as lágrimas e desabafa toda a sua mágoa dizendo: que tristeza se o mundo

passa... Apresso-me a socorrê-lo e animo-o: não temas — aqueles que acreditarem na veracidade destas palavras não morrerão nunca, porque crêem n'Aquele que as mandou escrever, o qual é Jesus Cristo, o Salvador do mundo. Pelo contrário, os que n'Elas não crêem sofrerão o castigo eterno pela sua desobediência.

Lembro ainda ao meu caro amigo que estas palavras têm os alicerces tão profundos que não há força nenhuma que as pode abalar.

Através dos séculos foram experimentadas todas as maquinações e as mais atrozes perseguições, mas em tudo Elas provaram que são intangíveis e inabaláveis. O meu consulente parece pensar a sério no que acima ficou dito, mas ainda assim insiste nas suas perguntas: não me pode explicar, pelo menos, quando é que o céu e a terra passarão? Não posso vaticinar estas coisas, mas nós, cristãos, sabemos pela leitura das Escrituras Sagradas, que haverá sinais dos tempos. Agora não há dúvida nenhuma, estamos dentro destes sinais.

Em S. Mateus 24: 6-7, lemos: *"E ouvireis de guerras e rumores de guerra. Olhai, não vos assusteis porque é mister que isto aconteça, mas ainda este não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fome e pestes e terremotos em vários lugares"*.

O meu lê os jornais? Oh...muito! Então, neste tempo de guerra tem sido coisa por demais! Não há nenhum dia sequer que não gasto um angolar; às vezes abandono o almoço só para ler notícias de guerra.

Confronta agora o que lê com aquilo que Jesus disse acerca do que acabei de transcrever. Uma profunda pausa. Depois de muito reflectir, o meu apreciado consulente diz: tudo o que acaba de dizer é uma prova evidente do que se passa agora na Europa. Mas oiça mais esta passagem do mesmo Evangelho de S. Mateus 24: *"Quando virdes todas estas coisas, sabeis que Ele (Jesus como Juiz) está próximo às portas"*. Acredite, meu prezado amigo, que Jesus, na segunda vinda, não virá mais como Salvador, mas como Juiz — para julgar o mundo. Qual será o fim desse julgamento? Pergunta o meu consulente. O fim será alegre para uns e triste para os outros. Os bons, isto é, os que crêem nestas Palavras irão gozar a vida eterna e os maus para o castigo eterno e o mundo será destruído por fogo segundo as Escrituras.

O meu consulente não se sente bem, vejo-o transido de medo. Ah...estou bastante preocupado, não sei o que posso fazer! Mas há toda a certeza quanto à vinda de Jesus como Juiz? Certamente! Cristo virá julgar o mundo e dará a cada um segundo o que tiver feito; ou bem ou mal. Vejamos no capítulo I:11 dos Actos *"Varões, galileus, porque estais olhando para o céu? Este Jesus que de entre vós foi recebido em cima no céu há de vir assim como para o céu o vistes ir"*. Mais em Apocalipse 1:7: *"Eis que vem com as nuvens e todo o olho o verá, até os mesmos que o transpassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre Ele"*. Se quisesse examinar mais a Palavra de Deus ainda podia encontrar muitas passagens que traduzem a mesma coisa sobre a vinda do nosso Senhor. Esta Palavra, hoje, está mais clara do que nunca aos olhos dos cristãos.

Para nos prevenir, Jesus manda-nos vigiar e orar sempre, para quando chegar esse dia não nos encontrar descuidados.

Um exemplo: se alguém conhecido com o dom de profecia vier nos dizer que amanhã, pelas nove horas, esta cidade será destruída por um terramoto e só ficará in-

tacta a Ilha, que farão os habitantes desta cidade? Fugirão todos para a Ilha! É o mesmo que a humanidade inteira devia fazer. Voltar à Palavra de Deus, única inabalável. Esta é a resolução que os homens de todas as raças, de todas as categorias, deviam tomar; crer n'Aquele que inspirou os homens para escreverem a Santa Palavra de Deus. É um erro que os homens cometem não consultar e praticar as Escrituras. Jesus chama os incautos para receberem a Salvação antes que venham os dias maus. *"Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei"* (S. Mateus 11-28).

O meu consulente aproxima-se de mim como quem está culpado de alguma coisa e diz: amigo, se tiver ainda paciência, queira fazer o favor de me esclarecer alguma coisa que bastante me confunde. Ora essa, faça o favor dizê-la que o seu criado lhe atende, quando possa, com toda a sua amabilidade.

Começa o meu consulente: no princípio do vosso diálogo vimos que o céu e a terra passariam – quero agora que me diga se faz favor - onde estarão as Palavras e todos os que permanecerem n'Elas? Falta explicar-me este ponto para poder crer inteiramente. Ora bem, pois a sua curiosidade será satisfeita e com muito prazer. Tem aí uma Bíblia? Tenho. Muito bem: abre o Livro do Apocalipse, Capítulo 21:1 e lê. Vi o meu consulente que ao abrir a Bíblia as mãos tremiam e ajudei-o a procurar o referido Livro e Capítulo, onde leu a seguinte passagem: *"E vi um novo céu e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe"*.

Após a leitura desta passagem o meu consulente, num salto brusco, abraça-me banhado de lágrimas. Ficamos, ambos, unidos num amplexo fraternal e comovente. Ah, quanta alegria desfrutamos neste momento!

O meu amigo viu a nova Jerusalém, a cidade dos remidos do Senhor e sentiu como que um grande peso caísse do seu corpo.

Que gozo experimentei ao ver o pródigo regressar à casa paterna! Apartamos. Porém, mesmo afastados, ainda cada um de nós sentia aquele calor que lhe foi transmitido do céu pelo poder do Espírito Santo.

Que Deus abençoe o meu consulente e rogo a Deus que, de igual modo, venha abençoar todos aqueles que se descuidam e deixam de procurar o mais seguro refúgio na PALAVRA INABALÁVEL.

Gaspar d'Almeida

Ano de 1941

O Jornal "O Estandarte" n.º 70 (está erradamente com o n.º.68), ANO VIII, do mês de JANEIRO de 1941 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida.



Avante, avante ó crentes!

In "O Estandarte" n.º 72, ANO VIII,
do mês de OUTUBRO de 1941, p.1

Avante, quer dizer: para frente! Avante, avante ó crentes, quer dizer: para frente, para frente ó crentes...

Tenho visto muitos crentes que cantam este hino de marcha, com muito entusiasmo; e, quando se demoram no compasso, o dirigente, às vezes, perde a paciência e diz: "vamos cantar de novo a primeira estrofe com mais energia"!

Avante, avante ó crentes!...e desta vez as vozes duplicam a intensidade do som e o hino parece soar melhor.

Há, entretanto, uma coisa que ainda ninguém teve a curiosidade de observar. É que, entre muitas vozes que dizem - para frente, para frente - há tantas ou quase iguais que dizem: para trás, para trás ó crentes! Nunca ouviram isto? Talvez terei uma nota negativa; em todo o caso, lá irão ter os factos.

Para frente! Significa, neste caso, correr? Não. Os crentes, em geral, não têm como distração basilar esse desporto.

Para frente! Certamente, esta expressão está sendo muito usada nos campos de batalha. Será para esse fim que os crentes cantam os versos desse hino? Não. Os crentes em Jesus não gostam de ouvir falar de guerras.

E então, avante, avante ó crentes! Qual será a aplicação a dar a esta expressão? Ai a têm todos os que me lêem nestas linhas.

Avante!...que tenhamos força e poder para combater o pecado.

Avante!...que sejamos luz e sal da terra para que, pelas nossas boas maneiras de viver, possamos atrair muitas almas para Jesus.

Avante!...que sejamos cumpridores das nossas promessas e não apenas faladores.

Avante!...que um cristão deve ser entusiasta, fazendo sempre parte naquilo que contribua para o alargamento do Reino de Deus.

Tudo o que não seja isto e mais que, mencionado, faltar-nos-ia o espaço é retrocesso.

A propósito, desejo referir-me ao nosso Jornal "O Estandarte". Há sete anos que de Deus recebemos esta oferta. Nos primeiros anos ficamos surpreendidos pelo acolhimento que este Jornal teve nos quatro pontos da Colónia.

Recebemos cartas de felicitações e vários artigos, muitos dos quais, por coinci-

dência, traziam os seguintes títulos:

Avante ó crente...O Clarim!...etc., e muitos outros que, substancialmente, representavam um entusiasmo demasiado. Enfim, estávamos envolvidos num grande trabalho. Não há dúvida nenhuma, muitos dos que apoiaram a nossa ideia desde então fizeram-se assinantes, não foram influenciados por um mero entusiasmo; são crentes de verdade e sabem cumprir os seus deveres, ainda que com prejuízos próprios. Digo com prejuízos próprios porque muitos deles estão em dia com a sua assinatura até hoje e não recebem o Jornal regularmente por haver outros em maior número que deixaram de ser cobradores, sendo, apenas, faladores.

Aqueles, são os crentes que, com fé operante e com interesse na expansão do Evangelho, continuam pagando as suas assinaturas sem desfalecer, enviando até donativos e orando para que Deus guarde "O Estandarte", lâmpada espandadora das trevas na nossa terra e no meio do nosso povo embuído, até hoje, na idolatria e feitiçaria. São estes que invulneravelmente cantam sem mentir – avante, avante ó crentes. Outros são os que têm a mão no arado e sem daí arredar passo, porque têm todas as suas ideias voltadas para trás e dos quais disse Jesus: *"não terão direito ao reino de Deus"*.

Avante!...é uma palavra que nos incita à revolução no sentido de trabalhar em prol do bem comum. Revolução no sentido de evolução, trabalhar, em suma, para elevar o moral do nosso povo na obediência às leis que nos regem e no cumprimento integral da sã doutrina de Jesus Cristo, o Salvador do mundo.

Conversei com algumas centenas de irmãos acerca da situação do nosso Jornal. Notei em todos muito interesse pelo Jornal. E quando lhes disse que o Jornal deixaria de existir se os crentes não viessem com urgência socorrê-lo, tive a impressão de que todos os que me escutavam ficaram grandemente tristes; de facto estavam. O silêncio que reinou neles facilmente me fez perceber que muitos são os crentes que amam "O Estandarte". Disse-lhes mais: que há só uma solução pela qual podemos ter o nosso órgão sem grandes ou pesadas dificuldades.

É que todos os crentes devem fazer-se assinantes e pagarem adiantadamente as suas assinaturas. Fiz a proposta e todos, num gesto de acordo, levantaram as mãos com muita alegria. Convencido, disse para mim mesmo: pegou desta vez!

Sabem quantos meses já passaram? Já lá vão três e até agora, confesso, nenhum tostão ainda recebi desses irmãos. Que significa a palavra avante para alguns, se não é dizer: para trás?!...Tristíssimo caso!...

Vamos, ó crentes, com fé e com coragem, cantar este hino, pondo em prática as nossas acções, satisfazendo de boa vontade os nossos compromissos, dos quais, entre muitos, o do pagamento da nossa assinatura de "O Estandarte" ocupa ou deve merecer o lugar primacial.

Gaspar d'Almeida

Necrologia

In "O Estandarte" n.º.74, ANO IX,
do mês de DEZEMBRO de 1941, p.1

De Kalomboloka

A família do nosso irmão Sr. Gaspar d'Almeida, em Kalomboloka, está de luto pelos falecimentos ocorridos nos dias 25 e 29 de Novembro findo, respectivamente, de sua tia INEZ PAULO D'ALMEIDA e seu cunhado Mateus Pedro Fernandes. No enterro do segundo, a que assistiu já o irmão Gaspar d'Almeida que partira de Luanda para cumprimentar os pais, estavam, entre muitas pessoas, o irmão António Miguel Mendes de Carvalho, o Evangelista do local, (Nganga-Zuze), irmão Sr. Leopoldo Teixeira Gomes e o irmão António Francisco do Nascimento, Evangelista de Kalomboloka, que exortou os assistentes com sermão do momento e que muito foi escutado.

Também acompanhou-nos o simpático amigo Sr. Paulo, professor da Missão Católica de Kalomboloka. Por meio do nosso Jornal reiteramos os cumprimentos de pesar ao nosso amigo Sr. Gaspar d'Almeida e sua família.

Ano de 1942

O Jornal "O Estandarte" n.º.77 (está erradamente com o n.º.75), ANO IX, do mês de JANEIRO de 1942 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida.

ANO IX Lisboa, Janeiro de 1942 N.º 75

O ESTANDARTE

Mensário - Pregoeiro Cristão dos Bairros

Orgão e Propriedade de - Crenças Evangélicas Africanas Portuguesas -

Folha 120

<p><small>ALVARO & ADMINISTRADORA</small> MALGADA LUIS DE SAUVAGE R. C. de S. Paulo RUA VIZEL N.º 14 LISBOA - E. PORTUGAL</p> <p><small>TELEFONO: 474-2424</small> L. 17 A 18 C. 2</p>	<p>CORPO DIRECTIVO: Director: Gaspar d'Almeida Redacção Principal: António Viator da Corralha Redacção de Redacção: José Sebastião Rodrigues Administrador: Sebastião Roster Mendes</p> <p><small>Não aceita responsabilidade por opiniões expressas ou não publicadas.</small></p>	<p><small>Administradora geral</small> Pagamento adiantado</p> <p><small>Deposito Legal</small> 1940 <small>Publicação</small> 1940 <small>Subscricão</small> 1940</p> <p>Visado pela Censura</p>
---	--	--

Aniversário do nosso Jornal

Só poucas palavras

In "O Estandarte" n°.82, ANO X,
do mês de DEZEMBRO de 1942, , p.3

Está com 10 anos de existência o nosso jornal. Difícil é narrar os desvarios com que nós, os dirigentes deste órgão, nos temos deparado.

Vive "O Estandarte" até hoje, porque somos impertinentes e insistentes penitentes. Temo-lo como um grande fardo que pesa sobre as nossas costas; sentimos a responsabilidade de conservar, a todo o custo, esta prenda que Deus nos deu para libertar moralmente a nossa raça das tradições inundadas em ideologias horrendas e perdulárias.

*... Os que militam fazem juramento
e com ele tombam na luta infrene
em defesa da honra e prestígio próprio.*

Aqueles que nos admiram a coragem, respondemos que somos, apenas, simples escravos, livres pela superabundante graça divina e, no mesmo intuito, procuramos com a graça de Deus, dar a todos de graça o que de graça recebemos. Temos muita pena que os que nos apoiaram no princípio, entusiasticamente, auxiliando-nos na propaganda de "O Estandarte", difícil, mas alegre quando é feita com amor e fé, angariando várias assinaturas, enviando-nos donativos, abandonaram o arado sem dó e sem se lembrarem que os que militam fazem juramento e com ele tombam na luta infrene em defesa da honra e prestígio próprio.

Ao lado dos que fracassaram no cumprimento dos seus deveres, vemos muitas vezes, e com admiração, gigantes de boa fé, nos destinos da raça, a corresponderem aos nossos tristes clamores, enviando-nos cartas animadoras acompanhadas de algumas listas de novos assinantes com respectivas importâncias e donativos. Deus, que pela sua onisciência observa atentamente, até um passarinho que cai neste vasto mundo, nunca, de modo nenhum, esquece de ornar de supremas bênçãos estes abnegados fiéis que têm sempre acesa a chama da fé, em prol de uma raça que anseia pelo ressurgimento moral.

Todas as montanhas de dificuldades que surgem na marcha do nosso jornal seriam removidas se todos os pastores em particular e os crentes em geral compreendessem, intrinsecamente, a causa de "O Estandarte" que não é senão a de introduzir o Evangelho em cada lar, combater o mal, a idolatria, a feitiçaria e iluminar os corações que jazem latentes nas trevas da ignorância, com a verdade salvadora, para levá-los ao trono do Senhor.

Pastores e todos os crentes de toda Angola, todos numa só voz: vamos ajudar "O Estandarte" a partir de Janeiro de 1943, com todos os meios que estiverem ao nosso alcance para que a sua distribuição se faça em todos os lares angolanos!

Gaspar d'Almeida

Ano de 1943

"TENHAMOS FÉ" in "O Estandarte" n.º.85 (está erradamente com o n.º.83), ANO X, do mês de FEVEREIRO de 1943 insere este artigo nas pp.1-2.

ANO X	Luanda, Fevereiro de 1943	N.º. 83
O ESTANDARTE		
Mensário - Pregoeiro Cristão dos Bairros		
Órgão e Propriedade de «Crentes Evangélicas Africanas Portuguesas»		
Ano III - 1943		
Redacção e Administração CALÇADA LIS DO CAPOES n.º 117 - Bairro CASA POSTAL N.º 16 CORREIO E-IMPRESSO S.º PROFESSA AMARAL LUANDA	CORPO DIRECTIVO: Director: Gáspar d'Almeida Redacção: António Victor de Gouveia Secrétario de Redacção: João Salazar Rodrigues Administrador: Sebastião Gaspar Domingos Não serão restituídos os artigos enviados sem agradecimento prévio.	Assinaturas - em nome Pessoas - Individuais Luzias Paranhos... 1200 Paulista Condição, Dias e Sampaio... 1200 Cultragem... 1200 Visado pela Censura

Tenhamos Fé

In "O Estandarte" n.º 83, ANO X,
do mês de FEVEREIRO de 1943, pp.1-2

*Disse Jesus: "Na verdade vos digo que,
se tiverdes Fé e não ouvidardes
não só fareis o que eu acabo de fazer à figueira,
mas ainda se disserdes a este monte:
"Tira-te e lança-te no mar, assim se fará"
(S. Mateus 21:21)*

A Bíblia é o Livro de toda a humanidade. Todos os que estudam e procuram res-
peitar os preceitos nela contidos, viverão.

Há, na Bíblia, uma Palavra que constitui, por assim dizer, toda a máquina pro-
gressiva dos povos credores deste Livro maravilhoso — a FÉ.

Vem neste artigo em letra maiúscula para salientarmos a sua importância e por-
que só à volta dela é que o articulista pretende demonstrar as suas sugestões aos caros lei-
tores, que espera sejam encaradas com serenidade, não isenta do poder executivo.

A Bíblia não só é Livro de orações. É também o Livro de movimentos. A FÉ, ca-
racterística da ESTRELA que guiou os magos até aos pés do Menino Jesus, é o dinamismo
que tem impellido os verdadeiros cristãos de hoje a chegarem ao trono e aos pés do
Cristo Vivo.

Durante muitos séculos, os teólogos têm procurado defini-la. Porém, nada mais
claro do que a definição que nos é dada pela própria Escritura no capítulo II, vers. I,
Carta aos Hebreus, que diz:

**«A FÉ é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coi-
sas que se não vêem»**

O Velho e o Novo Testamentos, falam-nos muitas vezes da FÉ dos patriarcas
e dos apóstolos. Também Nosso Senhor Jesus Cristo muitas vezes perguntou aos doentes
que a Ele chegavam se tinham FÉ, e só mediante uma declaração destes podia curá-
los. A FÉ nos dirigentes duma nação é vida dessa nação. A vida duma igreja depende da
FÉ dos seus membros. A FÉ incita e escraviza o cidadão, o pai de família e o cristão, a
fazer sacrifícios tendentes a dignificar a sua pátria, o seu lar, e a sua igreja às vezes com
esforços superiores às suas forças.

Nem tudo o que estimamos tem origem na abundância. Em muitos casos, po-
demos dizer que sacrifícios incapazes de serem imaginados abriram as portas dum hos-

pital ou de uma escola. Tudo com FÉ, embora custe, faz-se. A FÉ vai à procura do invisível. Não cansa nem vacila. A FÉ tem só uma divisa: vencer o impossível.

Portugal, terra dos heróis, cuja história é cheia de brio e tenacidade, teria apenas umas pálidas narrações pouco emocionantes se tivesse faltado aos seus ilustres capitães e marinheiros, a FÉ. Sem ela, não teria o intrépido Vasco da Gama, nem historiadores substanciais como João de Barros e tantos outros que esculpiram em mármore a luminosa história dos descobrimentos; perderia até a epopeia nacional — Os Lusíadas.

Portugal, terra dos heróis, deu «ao mundo novos mundos» pela FÉ!

Um povo sem FÉ é uma massa inerte. Necessita de uma força que o desperte para insuflar-lhe luz e calor. A preguiça, o medo, a pobreza e certas doenças são, por vezes, sintomas da falta de FÉ. Infelizmente, nós afrikanos sofremos deste grande mal. A nossa vida fria, os nossos movimentos vagarosos e o nosso olhar um pouco circumspecto, são propriamente de um povo sem previsão, sem esperança e que encara o futuro com uma esterilizante exaustidão.

Muitos haverá, que ao lerem este artigo, certamente dirão: de facto, eu devo a minha felicidade ou a minha infelicidade à FÉ que tinha, ao executar os meus ideais ou por não ter dado crédito aos ditames da minha consciência, que são a voz da FÉ.

«A FÉ é o firme fundamento das cousas que se esperam e a prova das cousas que se não vêem»

Ela reage ousadamente à procura do impossível e não se sente fatigada enquanto o não ache. A sua visualidade atravessa todos os horizontes; tudo contempla e tudo executa. Raras vezes ela viaja em estradas planas; grimpava sempre em caminhos escabrosos, vencendo todas as altitudes.

A que se devem as invenções que constituem hoje os verdadeiros milagres do nosso tempo? À FÉ.

Agora segue uma pergunta: em que se deve basear essa FÉ? Esta é a pergunta que, naturalmente, os leitores desejavam formular para melhor se inteirarem deste importante assunto.

Pois bem! Dir-lhes-ei o seguinte:

A FÉ, para que seja indestrutivelmente segura, deve basear-se na Palavra de Deus. Ela é o fundamento inabalável da nossa FÉ. Os heróis da FÉ, como sejam Abraão, Jacob, Paulo e tantos outros que figuram nas Sagradas Escrituras como sendo estrelas de primeira grandeza, firmaram a sua FÉ no conhecimento e na prática desta Palavra.

A falta de agir segundo as revelações da FÉ, representa, muitas vezes, um grande erro perante aquele que disse: «*Eu, o Senhor Deus, te tomo pela mão direita e te digo: não temas que Eu te ajudo*». Isaías 14-13.

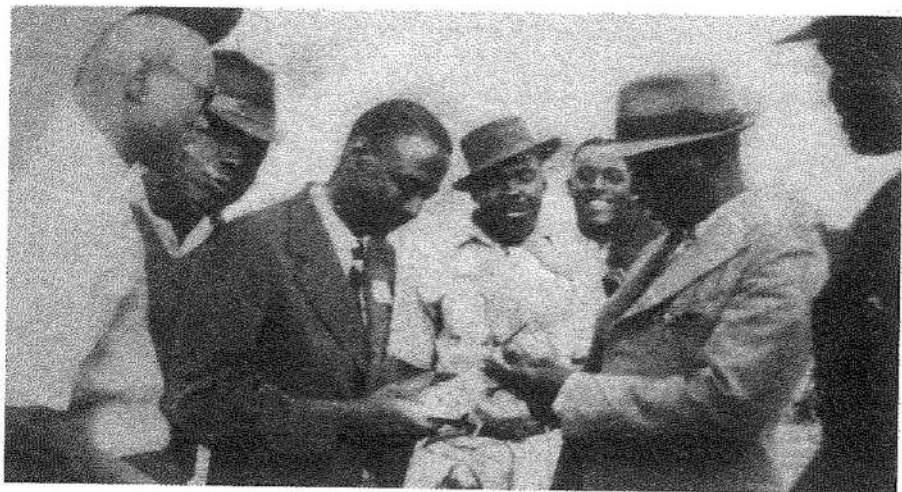
Pela FÉ vemos o Eterno a sorrir pelos mortais. Pela FÉ ouvimos a voz de Deus «*Nunca te deixarei*». A FÉ tem os pés firmes no mar onde o incrédulo vê apenas um aterrorizante abismo.

Caros leitores, vós que já experimentastes o poder da FÉ, nós todos, tenhamos FÉ nas verdades divinas porque sem ela é impossível agradarmos a Deus. Procuremos conservá-la acesa nos nossos corações porque só pela FÉ em Deus é que seremos libertados das infecções adquiridas pelo contacto com o rei das Trevas que é o inimigo figadal de todo o progresso humano. Despertemos do sono da incredulidade e sejamos firmes na FÉ para que, no fim desta vida cá na terra, possamos repetir com o apóstolo Paulo, grande herói da FÉ: «*Combati o bom combate, acabei a carreira e guardei a FÉ*».

Gaspar d'Almeida

Vistas e paisagens da minha viagem a Elisabethville (Congo Belga) (1)

In "O Estandarte" n°.89, ANO X,
do mês de JULHO de 1943, pp.1, 2 e 4



1943. Elisabethville, Congo Belga. Em companhia de outros Delegados à Conferência, com destaque para o Reverendo Álvaro Lutukuta, Reverendo Filipe de Freitas, Reverendo Jessé Chipenda, de entre outros.

Embora os meus caros leitores tivessem já lido uma parte da nossa viagem, contudo, suponho que não vos será indiferente se eu começar a minha reportagem, embora de fugida, do ponto de partida.

Julgo ser justo e mesmo primoroso, salientar certas passagens que por se revestirem de brilho tornam dignas de lembrança.

Deixei a cidade no dia 25 de Maio em companhia do ilustre Director da Missão Evangélica de Luanda, Sr. Reverendo August Klebsattel e de sua Ex.ma. esposa D. Elisa Klebsattel, sustentáculos invulneráveis na dupla missão evangelizadora e educacional no distrito de Luanda, sendo a nossa chegada em Malanje aguardada pelo distinto mé-

dico Sr. Dr. Alexandre Kemp que nos levou na sua carrinha para a Missão do Késua onde ficamos confortavelmente agasalhados.

No dia seguinte, 26, o illustre médico facultou-me visitar o hospital.

À hora de consultas a sala de espera já estava cheia de doentes, os quais, entre eles, contavam-se muitos do distrito de Luanda que, atraídos pela fama e convencidos pelos múltiplos testemunhos de louvor de muitas pessoas tratadas, não olham pelo dinheiro que gastam com as passagens, mas para a saúde de que têm firme certeza que o médico a dará.

O Sr. Doutor não só ausculta e passa receitas que são imediatamente applicadas, como também adopta, como medida preventiva, os conselhos sobre a hygiene.

Há para ele horas certas para a entrada e invariáveis para a saída, porque, neste último caso, só se sentirá satisfeito e bem cumprido o seu dever como médico, quando o último doente for pacientemente atendido.

As operações que antes constituíam um horror para os indigenas que chegavam a chamar o médico de assassino e outros nomes feios, quando o viam abrir uma barriga, amputar uma perna, etc., agora são os tratamentos mais preferidos dos próprios doentes, devido à efficácia e sapiência com que são feitos. Algumas pessoas, depois de serem operadas não podem expressar por palavras a sua gratidão para com o Sr. Doutor, ao qual, entretanto, fazem gestos de adoração.

Ajudam o Sr. Doutor as excellentíssimas senhoras D. Maria Nelson e D. Alfa Miller, dedicadas missionárias enfermeiras que ao serviço dos afrikanos fazem um trabalho inédito.

Muitas vezes não posso ocultar a minha gratidão, justo é dizê-lo, quando vejo esses enviados de Deus numa ininterrupta faina em beneficio dos povos menos privilegiados.

Em 27, a excellentíssima Sra. D. Irene W. Shields, incansável directora da Escola Luz, devotadamente experimentada na educação dos afrikanos e que conhece a psychologia, dedica aos seus educandos uma singela festa, com o fim de perpetuar nas suas memórias a data de 28 de Maio. Assistiram a esta manifestação, além do Sr. Dr. Alexandre Kemp e os missionários do Késua, o Director da Missão de Luanda, o Reverendo August Klebsattel e sua excellentíssima esposa. A sessão foi aberta com "A Portuguesa". Palestrou o professor Sr. Soares Gouveia enaltecendo o heroísmo das figuras que se notabilizaram nos descobrimentos. Fala da decadência de Portugal, vocábulo que na história do país se tornou pálido em face do impulso sem precedentes do génio maravilhoso do maior estadista português — Salazar. O activo professor Sr. Gaspar Rodrigues convidou-me a dizer alguma coisa aos estudantes que se acham dispostos para me escutar; tive, então o ensejo, embora de improviso, de deixar aos jovens algumas palavras de estímulo. Pude dizer-lhes que é do nada que vem tudo quando se aquecia: que não olheis para o lugar de onde saístes, mas para o lugar onde tereis uma apreciável posição. Dizem os latinos: «o homem não nasce, mas faz-se». Julgo ter desempenhado bem o meu papel. Seguem-

-se mais hinos que os alunos, ensaiados pelo músico, maestro e professor Sr. Francisco Webba, cantam com estilo que nos enleva. A sessão foi encerrada com palavras de satisfação pelo ilustre médico Sr. Dr. Kemp que nos levou, no dia seguinte, 28, na sua carrinha fazendo-se acompanhar de sua excelentíssima esposa Sra. D. Winifred Kemp e das suas gentis filhas - as meninas Maria e San. Pelo caminho nada mais vimos que nos despertasse atenção; de distância a distância víamos algumas sanzalas cujo aspecto dos seus habitantes nos indicava uma completa ausência do Evangelho. Atravessamos o rio Kwanza com os seus mistérios. Durante a travessia por meio de jangada, a nossa vista deteve-se a olhar para umas pequenas quedas que formavam uns lençóis esbranquiçados que se estendiam entre rochedos fazendo um estrondo suave que parecia cantar um eterno hino de louvor a Deus. Pelo caminho adiante fomos muito incomodados pela mosca de sono e, para nos resguardar da mordedura desse nocivo insecto, o Sr. Doutor recomendava-nos vigilância.

Às 12 horas deste dia 28 estávamos em Musende, onde um rio pouco caudaloso, depois do calor se fazer sentir, parecia convidar-nos para aí descansar. Aí paramos e, como que cedéssemos ao acaso o pedido, almoçamos. Do outro lado do rio víamos algumas casas de estilo atractivo: era a Zona Sanitária, mandada construir pelo Governo para protecção do povo que a mosca tsé-tsé pica sem piedade. Daí partimos passando por sítios que nenhuma novidade nos ofereciam tendo chegado ao Andulu, uma linda Vila com o ar já diferente do das nossa terras. Estávamos em terras de grandes privilégios agrícolas onde a abundância de fruta faz crer que tudo vem de graça. Fomos ver as placas que indicavam a quilometragem para os diversos lugares populacionais. Kapangu, onde havíamos de passar a noite, estava perto e a partida não se fez demorar. Às 17,30 horas estávamos na Missão de Kapangu.

Depois de uma viagem de um dia e apesar da carrinha portar-se bem e a viagem ter vislumbres de alegria, o físico nos recomendava repouso; foi nesta Missão onde o encontramos. Logo à entrada ficamos admirados ao ver um lugar tão lindo cuja antiguidade é atestada pelos seus velhos eucaliptos. Quem vem depois ao nosso encontro? É o simpático missionário Sr. Water R. Gammon, orientador inteligentíssimo da acção missionária neste lugar, que nos dá as boas vindas. Enquanto ainda conversávamos junto da carrinha que nos conduziu, vem a Madame Annie Gammon, veneranda missionária de amor inesgotável que, apesar da sua idade já avançada, as suas forças se renovam por se ver ainda rodeada de afrikanos que ela ama de coração e muito os quer para Cristo. O Sr. Gammon apresenta-nos também a Sra. D. Grace Amy Sanders, dedicada enfermeira, cuja clarividência na sua profissão é digna de nota. As atenções que dispensa ao povo que lhe solicita auxilio constituem o segredo por que é muito estimada e tida no meio como prenda vinda dos céus. Indicam-nos os quartos. À hora do jantar fomos à mesa onde nos disseram que havia festa, pois que estávamos em 28 de Maio.

Vejam como as Missões Evangélicas cumprem integralmente os seus deveres cívicos não descurando em mostrar a sua simpatia pelos feriados nacionais ao mesmo

tempo que incutem nos seus educandos o amor à Pátria, o respeito pelas autoridades e o orgulho de serem portugueses!

Acabado o jantar e momentos depois aparece o Sr. Simão Fortes da Silva, sua excellentíssima esposa e filha. Trocamos impressões de vivo entusiasmo. O Sr. Simão Fortes da Silva é o abnegado professor desta Missão que com devoção auxiliada por uma lúcida inteligência, tem desenvolvido aí um trabalho digno de louvor. Às 20 horas tudo estava preparado. A festa ia começar. Nós estávamos ansiosos de ver o espectáculo; entramos numa grande Igreja onde já se encontrava um grande número de pessoas, na maioria crianças para as quais a festa era exclusiva. O frio era impiedoso, mas procuramos dominá-lo pelo entusiasmo. A sessão foi aberta com a entoação de "*A Portuguesa*", cantada garbosamente pela mocidade escolar que enaltece as sublimes qualidades dos «heróis do Mar...». Escutei-a com admiração porque nunca esperei que num meio tão afastado da Vila encontrasse crianças capazes de fazer coisas que muitos da cidade não podem fazer.

Um rapaz de presença saudável, em tom claro, decora um trecho sobre Carmona; um outro faz o mesmo sobre Salazar; seguem-se mais canções e recitações. O professor Sr. Simão Fortes faz a leitura dos alunos mais classificados nas duas primeiras classes durante o ano lectivo de 1942; o aproveitamento dos alunos desta missão ingrata foi coroado de louvores que encheram o Sr. Simão Fortes de estímulo. Finalmente foi facultado aos alunos algumas demonstrações em lanterna mágica das notáveis figuras dos patriarcas.

O programa foi revestido de vivo patriotismo que só merece elogios da parte dos seus incansáveis dirigentes que em prol de Angola e de Portugal fazem tudo quanto lhes está ao alcance para o benefício dos povos.

No dia seguinte, 29, presos pela boa hospitalidade e pela beleza natural do lugar que o Reverendo August Klebsattel chama Paraíso, só partimos daí às 5 horas, levando de todos saudades imorredoiras.

Chegamos à Missão da Chisamba (Katabola) quase as 18 horas. Já éramos esperados pelo famoso cirurgião Doutor Strangway que nos recebeu com muita satisfação. O Sr. Dr. Strangway, pondo ainda de parte os seus dotes de que granjeou já pergaminhos na ciência médica e cirúrgica, é uma figura excepcionalmente invulgar pela sua nobreza de carácter, pelas simpatias que prodigaliza, sem excepção, às pessoas que a ele se dirigem. Não há pessoa nenhuma, por avara que seja em fazer justiça, que não reconhece nele qualidades de um verdadeiro missionário que, desinteressadamente, veio para Angola pôr em evidência os excelentes ensinamentos de Jesus.

No domingo, dia 30, fomos à Igreja para agradecer a Deus por tão grandes favores que d'Ele temos recebido e que nem sempre sabemos reconhecer. Fomos à Casa de Deus onde pude passar horas felizes com os meus irmãos da Chisamba. Pude unir-me com os irmãos que antes só sentia em espírito. Como me senti feliz!...

O pastor Basílio Tjipilika convida-me a saudar a Congregação com uma mensagem do Evangelho. O tempo não me favoreceu para fazer um sermão para o momento,

mas exprimi a todos a minha maior alegria falando-lhes da união e da irmandade que temos em Cristo. Busquei as razões da Bíblia para as afirmações serem mais reais e concretas. Eis o que nos diz o apóstolo Paulo: «há um só corpo e um só espírito, fomos chamados em uma só esperança; um só Senhor, uma só fé, um só baptismo. Deus e Pai de todos o qual é sobre todos e por todos e em todos». (Efésios 4::4-6). Quem pode negar a nossa confraternização? Quem dispersará essa unidade cujas partículas são ajuntadas e ligadas pelo sangue do nosso Senhor Jesus Cristo?!

Depois que terminou o culto que, sem nenhuma dúvida, foi muito abençoado, quis ver de perto a obra educacional. São meus cicerones o irmão Aureliano Chitanda, secretário da Igreja, o pastor Basílio Tjipilika e o enfermeiro Mário.

É tempo de férias e enquanto os alunos e as alunas voltam para as suas aldeias, os missionários e as missionárias retemperam as memórias ao mesmo tempo que procuram descanso para o corpo nos sítios mais afastados. A Sra. D. Elisabeth Read foi a única missionária que encontramos nesta Missão. Conta cerca de trinta anos de vida missionária, tendo instruído gerações de afrikanos.

Acerca dela ouvi, de muitos, esta afirmação: «é nossa mãe». Não duvidei, porque em menos de uma hora pude observar como a sua casa era franca a todos os seus filhos e suas filhas espirituais.

Visitei a escola bem equipada com todos os seus materiais didácticos; as oficinas; as moradias dos internatos em número de 250 alunos entre rapazes e raparigas; as refeitórias; a casa para o ensino de economia; etc., etc., tudo deixou-me bastante admirado.

Ainda tem que visitar o hospital do Sr. Dr. Strangway – disse-me o irmão Aureliano Chitanda. Nada mais interessante – foi a minha resposta. Mas fica tudo para a parte da tarde porque são agora 12,30 horas.

Depois do almoço é lei dos que dispõem de tempo descansar um pouco. Não quisemos desobedecer a este preceito dos acomodantes. Às duas horas da tarde estávamos prontos. É o irmão Mário, ajudante da cirurgia, quem nos acompanha. Fomos à sala das operações; passamos às outras salas e daí às enfermarias onde encontramos doentes sofrendo de várias enfermidades, bem tratados e confortavelmente agasalhados.

(continua)

Vistas e paisagens da minha viagem a Elisabethville (Congo Belga) (2)

In "O Estandarte" n.º 90 e 91, ANO X,
dos meses de SETEMBRO e OUTUBRO de 1943, p.2

Fomos ver a enfermaria das mulheres parturientes com os seus nenés em cómodos berços; aquilo interessou-me bastante; pareceu-me estar em presença do princípio de uma nova criação.

Quem não se comoveria perante uma obra tão humana!

Não é que não se tenha visto uma obra igual, diga-se a verdade. Mas, tratando-se de um trabalho desinteressado, sem nenhum carácter de ganho e sem nenhum outro ideal que não seja o de aliviar a miséria do afrikano que, por falta de recursos, tem sempre lugar à retaguarda na marcha da civilização, deve merecer elogios que transcendem os vocábulos dos mais eruditos em línguas.

No fim da minha visita agradei aos irmãos Aureliano Chitanda e Mário pelos esclarecimentos que me forneceram sobre o funcionamento deste Hospital, do amor do Sr. Dr. Strangway para com os doentes, da sua paciência e dos milagres que tem feito nas operações complicadíssimas que realiza. Os meus cicerones não quiseram ocultar-me as excelentes qualidades da Mamadame Strangway, que também é distintíssima enfermeira e participa em todos os trabalhos cirúrgicos ao lado do marido sem descanso para ambos enquanto não vêem completamente fora de perigo o doente que recebem às portas da morte.

Deve merecer a nossa gratidão a acção destes abnegados e prolongadores do trabalho dos apóstolos de Cristo que, movidos pelo amor, vieram até nós pregando o Santo Evangelho de Cristo, curando e salvando multidões que, fora dos seus cuidados, pela certa pereceriam prematuramente.

Estamos já preocupados porque são 18 horas e o comboio chega a Nova Sintra às 19. O Sr. Dr. Strangway põe o seu automóvel à nossa disposição e passados dez minutos estávamos na Estação do Caminho de Ferro de Benguela. Tomamos o comboio de Nova Sintra (Katabola, Bié), do dia 30 de Maio e às 6 horas do dia seguinte estávamos em Vila Luso (Moxico).

Pelo caminho, já em face do Sol, lâmpada que, sem nenhuma interrupção ilumina os dois hemisférios ao mesmo tempo que a tudo beneficia, vimos muitas paisagens bonitas; as anharas, grandes planícies que o combóio anda quilómetros e quilómetros, foram as que nós pareceram mais interessantes.

A tarde apareciam nelas palancas e outros animais vivendo em plena liberdade. Chegamos a Teixeira de Sousa (Luwau) às 17 horas e, cumpridas as praxes legais, continuamos a nossa viagem até Dilolo, já no Congo Belga, onde chegamos mais ou menos às 18. Aí também tivemos que preencher alguns boletins; o combóio só partia às 21; há aí uma Casa Missionária para onde se dirigiram os Missionários, meus companheiros de viagem, enquanto eu estava acompanhado pelo J.W.Teba, também delegado de Sandoa.

Aqui tudo já é diferente. A língua, os costumes e outras maneiras do povo. Tudo fez-me convencer que estava em terra alheia e, portanto, estrangeiro.

Partimos à hora tabelada. À noite fazia frio insuportável, mas a viagem era, sem dúvidas, esplêndida.

Às 6 horas da manhã do dia **1 de Junho** chegávamos em Jodoville, quando uma senhora missionária, correndo para junto de mim, dá-me uma chávena de café bem quente, naquela manhã em que o frio não obedecia aos pesados agasalhos que os passageiros traziam. Quem era essa senhora? Era a missionária D. Stella Stoffer Everett, que trabalhou em Luanda cerca de 5 anos e onde revelou ser dedicadíssima serva enviada de Deus.

No Congo não procurei saber do carácter dela, como mesmo nada tinha com isso; mas de quando em quando alguns obreiros da terra que a viam passar, diziam para mim: aquela senhora que aí vai, a Sra. D. Stella Everett, é uma excepção à regra entre pessoas de bem. Eu só respondia-lhes que já a conheci assim há 18 anos. As pessoas de bem não mudam, nunca. Chegamos a Elisabethville às 11,30 horas da manhã. Na estação aguardavam a nossa chegada o Sr. Bispo Springer, sua Ex.ma. esposa e o Reverendo Bartlatt, Director da Missão Metodista de Elisabethville. Os missionários Reverendo Sr. Dr. Kemp, esposa e filhas estiveram hospedados no hotel e eu fui hospedado na casa do Pastor da Igreja, Reverendo Joab Mulela.

No seguinte dia chegaram os delegados da Rodésia, África do Sul, Moçambique, estando já presentes os delegados do Congo Central e os do Sul do Congo, num total de 60 pessoas. A Conferência começou no dia 4 e conforme a ordem de trabalhos, as reuniões tinham de começar às 9 horas no período da manhã e no da tarde às 14. Todas foram precedidas de um culto de pregação feito pelos ministros, cujos nomes constavam já do programa.

Os assuntos tratados nesta Conferência foram vários e todos, no essencial, se resumem ao sentido de haver mais interesse na evangelização e em todas as actividades missionárias. Foi muito ponderado o problema da instrução e preparação de obreiros para a Seara do Senhor. Alguns problemas solucionados neste sentido, só terão execução depois da guerra.

A Conferência terminou no dia 16. Todos os delegados tiveram algumas oca-
ões de visitar certas obras interessantes deixando-lhes boas impressões.

A pedido do Sr. Bispo Springer, visitamos o Seminário Católico Romano cuja
autorização foi gentilmente cedida por Sua Excelência Reverendíssima Bispo da Igreja
Católica de Katanga – Elisabethville – que acompanhou o nosso Bispo e a todos nós,
mostrando-nos as diversas oficinas de ensino profissional existentes naquele Seminário.
em dúvida, ficamos muito admirados pela grandiosa obra que esta Missão tem desen-
volvendo em benefício dos nativos.

Vimos muitos educandos nas oficinas de carpintaria, serralharia, imprensa, até à
música, estando ainda quatro carros à disposição para ensinar os rapazes a guiar. Em cada
uma das artes supramencionadas, os educandos passam quatro anos para saírem daí uns
perfeitos artistas.

Esta instituição é mantida pelo Estado. No dia 14, depois de saudosamente des-
pedirmo-nos dos nossos irmãos da Rodésia, ainda foi-nos cedido o privilégio de visitar
minas de cobre, uma autêntica maravilha de engenharia! Só aos técnicos é que é per-
mitido dar explicações sobre toda aquela engrenagem. O povo cristão é excelentemente
bem em toda a parte. Fui recebido muito bem pelos irmãos nativos de Elisabethville.
Não me senti estranho no meio deles. Éramos todos uma só família debaixo do princí-
pio da Bíblia. Fui convidado em várias casas para almoçar ou jantar e em todas elas senti-
me tão bem como se estivesse em casa de uma pessoa de família em Angola.

Levo de todos os irmãos saudades inolvidáveis. A cidade é bonita. Quem co-
nhece a Europa diz que tem estilo de uma cidade europeia. Estamos agora a preparar-
nos para o nosso regresso. Tomamos o combóio no dia 19. Na estação estavam a
despedir-nos o Sr. Bispo Springer, Reverendo Bartlatt, Reverendo Everett e esposa. O
combóio partiu às 14 horas tendo chegado a Dilolo às 22 horas do dia 20. Passamos aí
do dia seguinte e partimos só às 17 horas para Teixeira de Sousa (Lwau).

(segue)

Vistas e paisagens da minha viagem a Elisabethville (Congo Belga) (3)

In "O Estandarte" n.º 92 e 93, ANO XI,
dos meses de NOVEMBRO e DEZEMBRO de 1943, p.4

Aqui dormimos, porque o combóio só partia às 11.45 do dia seguinte. Teixeira de Sousa é árido e quente; o seu aspecto térreo é triste e desolado. Os eucaliptos que em regiões de natureza mais favorecida crescem frondosamente, aqui são tristes e sedentos.

Os naturais da terra apresentam ainda características primitivas e fazem crer que muitos deles, senão todos, ainda ignoram a bendita mensagem da Salvação que do Calvário se espalhou célere para todo o mundo para dar vida aos mortos, vista aos cegos e fazer andar os coxos.

Partimos daí apenas com saudades do nosso querido Sr. Dr. Kemp, sua Ex.ma esposa e das suas filhas que aí ficaram a esperar a autorização da entrada na Colónia, do Comando da Polícia de Luanda.

De Dilolo acompanhou-me o também simpático irmão Silva Neto, funcionário dos Correios e Telégrafos que daí regressava para o Lobito em objecto de serviço. A companhia deste irmão foi tão oportuna como desejável; tivemos que passar horas de verdadeira intimidade e recordações.

Andamos toda a noite e chegamos a Nova Sintra às 9 horas de manhã. Na estação aguardavam a chegada do Sr. Doutor e do Reverendo August Klebsattel e esposas, o Sr. Dr. Strangway e o Director da Missão de Chisamba, Sr. Reverendo Ferguson. A Congregação de Chisamba mandara também um irmão para, em seu nome, me apresentar saudações, ao mesmo tempo que me convidava a desembarcar. Retribui a todos os irmãos as minhas cordiais saudações fazendo-lhes sentir a falta de não anuir ao convite. Parti com muitas saudades e com a cara voltada em direcção da Missão de Chisamba como que a saudar a todos os irmãos cuja lembrança perdurará sempre no meu coração.

O meu bilhete destinava-se a Nova Lisboa. Porém, tive que desembarcar na Es-

tação da Bela Vista, a convite do Sr. Dr. Tucker, que assim quis, para conhecer a Missão do Dondi. Foi para mim, sem dúvida, um privilégio de que muito me arrependeria se a esse convite deixasse de anuir. Eram mais ou menos 5h30 quando entramos na carrinha que nos levou ao Dondi. A distância é apenas de cinco quilómetros aproximadamente. Poucos minutos depois, a minha vista encarava uma linda capela de aparência alegre como alegre é o Evangelho que nele se tem pregado. É a casa de oração onde algumas famílias cristãs de velhos colonos se reúnem para adorar em espírito e verdade a Deus, o Criador dos céus e da terra.

Adiante viam-se as casas dos missionários, a Igreja e mais casas: é o Instituto Currie, baluarte incontestável da civilização do povo angolano, mormente das províncias de Benguela e Bié. À hora que por aí passamos o Sol claro da tarde parecia confundir-se com a cor dos eucaliptos que aí se erguem ostentosos como que a acompanhar a obra na sua marcha progressiva, tão sedutora que me deixou extremamente admirado. A carrinha deslizava leve e silenciosamente, e o Sr. Dr. Tucker dava-me informações minuciosas sobre a construção das primeiras casas e do actual movimento. Daí como que tivéssemos feito um mergulho, entramos numa pequena mata e, dois quilómetros depois, surgíamos na outra secção do Lutano onde, de entre muitas casas, fica a residência do Sr. Dr. Tucker. O ilustre missionário dirige-se à casa onde se encontravam a sua Ex.ma esposa, que o povo venera pela nobreza do seu carácter, que se manifesta desmedidamente como reflexo integral da prática do Evangelho, e sua filhinha; o menino João, irmão desta, estava já connosco; são crianças de porte nobre e acentuadamente ilustradas. Só depois do jantar é que me encontrei com o meu colega Eduardo Daniel que, embora pressentisse a minha visita, porém, longe estava ele de imaginar que eu tivesse já chegado. Como ficou surpreendido quando lhe disseram que eu tinha chegado!

No dia seguinte (24 de Junho) dá-se a mesma surpresa com o colega Pedro Paulo; o encontro com esses irmãos foi uma verdadeira síntese de alegria e recordações do nosso passado de há treze anos, quando vivíamos acalentados apenas pela fé n'Aquele que disse: "*oh... não temas... pois eu consigo sempre estarei*". As promessas de Deus, do Deus da nossa salvação.

Apresentam-me o pastor Chelulu, muito amável e querido pelo povo, particularmente pelos comungantes da sua Igreja, que vêem nele o modelo fiel do bom pastor. Ele é pastor dessa Igreja há trinta anos e cada dia que passa é mais estimado pelos seus crentes e povo em geral. No seu semblante só se reflecte alegria. A completa dedicação ao seu Salvador, criou-lhe uma fonte de amor e paciência inesgotáveis.

Entramos depois no escritório do Sr. Dr. Tucker onde o infatigável missionário, em múltiplas ocupações, irradia a sua acção com salutarens resoluções em quase toda a Colónia. A sua lucidez nos conhecimentos etnográficos, acrescida de um espírito alta-

mente filantrópico tem-se tornado cada vez mais evidente, não só na maneira da exposição dos seus fulgurosos sermões tão substanciais que nunca deixam de alimentar espiritualmente a qualquer pessoa que tenha a felicidade de o escutar, como também a maneira tão ponderosa e satisfatória como resolve todos os problemas que revelem altruísmo e cujo fim vise apenas para glorificar o nome de Deus.

O Sr. Dr. Tucker, como enviado de uma sociedade, pertence à Missão do Dondi. Porém, como missionário pertence a todas as Missões Evangélicas de Angola. Pertence, insofismavelmente, não só a Angola como igualmente a Portugal, país que muito estima e admira.

A *Aliança Evangélica de Angola* encontrou no Sr. Doutor a mais arguta figura de missionário que é de desejar. Assim o dizem as suas atenções que simpaticamente presta a todas as instituições evangélicas procurando uni-las numa intimidade conformada com os ensinamentos de Deus.

Quebrou, deste modo, as ideias descabidas de muitos que ousavam chamar-se partidários do Paulo e outros do Apolo, como se Cristo alguma vez estivesse dividido.

Hoje, mais do que nunca, deve tornar-se conhecido de todos, que somos uma só família, pois pertencemos a uma só família, pertencemos a uma só Igreja, da qual Cristo é o Chefe. Temos só uma fé no mesmo Salvador que, voluntariamente, se entregou para libertar a humanidade escravizada pelo pecado. A fé no amor divino é o vínculo que fará com que os crentes, na luta contra os inimigos da luz, saiam vencedores.

Depois de escorregar-me a pena para deixar registado em remate um assunto que, aliás, tem sido um pedregulho para muitos irmãos, volto a lembrar aos caros leitores do que vi na Missão do Dondi.

Dondi é o cenário de alegria e de vida. É o laboratório das virtudes vitais para um povo que, no estado de embrião, necessita de luz na mente e do Evangelho no coração.

Dondi não sei donde lhe deriva o nome. Todavia, seja como for, terá, naturalmente, como todos os nomes, a sua significação. Se eu fosse o Sékulu autorizado a significá-lo, diria que Dondi é o *Éden do Povo de Deus*.

A Missão estava em férias e todos manifestaram-me certo descontentamento por a ocasião me permitir chegar aqui só neste tempo em que tudo parecia estar morto. Pois havia de ficar mais encantado se pudesse ver tudo a funcionar. De certo. Porém, não me desvaneceu o deslumbramento pela grandiosidade da obra que atesta um rasgado esforço de não menos sacrifícios em prol do povo angolano. Porque, tendo visitado aqueles grandes edifícios escolares, com todo o seu mobiliário didáctico; as Igrejas; as moradias de tantas centenas de enfermeiros; as oficinas de carpintaria, serralharia, tipografia, etc., tudo em edifícios dignos que se podem erguer em qualquer ponto de cidade, tendo-me sido facultada ainda a visita a alguns serviços agrícolas e pecuários, tudo isso

visto, fez-me perder o crédito de que estivessem em férias. Senti o tropel da juventude radiante, trabalhando e cultivando a estrutura mental ao mesmo tempo que o ensino do Evangelho lhe transformava os corações.

O Sr. Eduardo Daniel, professor primário que no Lobito deixou o seu nome ligado ao dos melhores mestres, é o único que neste período de férias teve a aula a funcionar, porque se tratava de uma classe de exame. Ao visitá-lo na sua missão profissional fiquei surpreendido quando, ao canto coral, os alunos sob a sua orientação cantaram as seguintes estrofes:

Quero, pois, ardentemente
Ver feliz meu Portugal
Convertida ao Evangelho
Esta Pátria sem igual!
Brava gente Lusitana
Que em bravura tudo vale!
Que o nome de Jesus Cristo
Te conquiste ó Portugal!
Salvè Deus a minha Pátria
Lusitânia sem rival!
Salvè Deus a minha terra
Meu amado Portugal!

Não é preciso ser bastante psicólogo para descobrir o patriotismo tão acendrado que encerram os corações desses rapazes e raparigas cujo portuguesismo é-lhes selado no coração pela lei e de que apenas têm como herança dos seus mentores o Evangelho que a Divina Providência, com visão profundamente paternal, não permitiu que lhes fosse privado.

Falar dos professores nativos ao serviço das Missões é falar de uns bravos campeões da civilização, que escrevem uma epopeia que só será apreciada e avaliada pelo tempo.

Esses professores que, mesmo andando a descoberto nas cidades, vilas e aldeias, não são vistos, são os precursores infatigáveis da história pátria, que insuflam entusiasmamente nos seus educandos o sentido pátrio, sendo escolhida por estes, com enebriante patriotismo.

(continua)

Ano de 1944

"VISTAS E PAISAGENS DA MINHA VIAGEM A ELISABETHVILLE (CONGO BELGA) IV" in "O Estandarte" n.º 96 (está erradamente com o n.º 94), do mês de JANEIRO de 1944 insere este artigo a pp.2 e 4.

ANO XI	Luanda, Janeiro de 1944	N.º 94
O ESTANDARTE		
Mensário - Progresso Cristão dos Bairros		
Órgão e Propriedade de «Cristãos Evangélicos Africanos Portugueses»		
Ano 1.º 1944		
Redacção e Administração CALLE DA LUZ DE CANTOES N.º 25 - 1.º andar CASA POSTAL N.º 19 LISBOA - S. MARCELO	CORPO DIRECTIVO: Director: Gaspar d'Almeida Secretaria/Redacção: António Vinagre de Carvalho Secretaria de Redacção: João Sebastião Rodrigues Administrador: Sebastião Gaspar Soares	Assinaturas anuais (Preços em escudos): Cabo Verde, Portugal, Guiné e Moçambique 184 Portugal Continental, Sines e Timor 158 Estrangeiro 194
Telegraph: MUNDICAP TELEPHONE 2	Não sendo retornado os artigos enviados sem o nome completo do autor.	Visado pela Censura

Vistas e paisagens da minha viagem a Elisabethville (Congo Belga) (4)

In "O Estandarte" n.º 94, ANO XI,
do mês de JANEIRO de 1944, pp. 2 e 4
(conclusão dos números anteriores)

Os dias foram passando e no domingo, dia 27 de Junho, depois de alguns convites, preferi passar esse dia na Missão do Dondi, onde tive uma reunião confortável com alguns dos irmãos deste lugar. Tive o privilégio de falar na Igreja sobre os dons (Efésios 4:11).

Os dons que cada um recebeu de Deus devem ser usados para a edificação do Corpo de Cristo. Verso 12.

À tarde chega o Reverendo Sr. August Klebsattel e a esposa, vindos da Missão da Chisamba. Segunda-feira visitamos ainda o Instituto e o Hospital aos cuidados de enfermeiros nativos devidamente preparados e diplomados. Mais além, fica a leprosaria com 25 padecentes, uns, entre eles, estavam lá quase convalescidos. Todos sentem-se bem agradecidos e, quando olham para os seus beneméritos, lembram-se do grande amor de Deus.

Subimos o cume do Monte do Dondi cuja caverna servia, em tempos, de uma reclusão para os refractários dos grandes chefes indígenas. Este monte que os missionários transformaram em lugar de contemplação da beleza da criação, era, outrora, o terror do povo.

No dia seguinte visitamos a Escola Means secção do internato feminino e deparamo-nos com uma outra novidade.

Há aí uma escola Jardim da Infância destinada às crianças de 2, 3 a 4 anos de idade, com material escolar muito interessante. As crianças brincam com bonecas quase iguais ao tamanho delas, e começam a conhecer já os nomes dos objectos domésticos mais vulgares. Passam horas bem divertidas sob a protecção de uma senhora missionária que, preparada para este delicado tipo de serviço, as orienta com toda a paciência.

Também elas fazem, às vezes, as suas guerras que duram apenas 5 a 10 minutos, porque muito depressa se reconhecem que são irmãos. Correm, cantam e vão juntas à refeição. Gosto muito de ver esta humanidade infantil que, sendo considerada, às vezes

de pouco valor social, ocupa o lugar de honra na tribuna celestial porque a excelência da sua moral excede muitas vezes a dos homens que, como disse Jesus, de modo nenhum estes poderão entrar no Reino dos Céus se não se converterem como meninos.

Há também aí um orfanato com certo número de crianças que, sem essa benemérita instituição, aqueles órfãos de pai e mãe teriam uma vida efémera neste mundo. A coisa mais interessante é o carinho com que essas crianças são tratadas.

A missionária Sra. D. Maria Edith Clark que de Cristo herdou amor e zelo com abundância é a escolhida para cuidar dessas crianças. Bendita escolha!

No dia seguinte, 30 de Junho, pelas 8,30 horas, partimos do Dondi na carrinha do Sr. Dr. Tucker. Quisemos deixar a Missão, mas não nos foi possível, porque ela ocupa tanto a nossa memória, que tivemos de a levar em cheio.

A estrada fora, entre campos adustos pelo Sol, nada atraiu a nossa atenção que merecesse registo. Entretanto, o Sr. Dr. Tucker que é muito amigo de tudo o que enaltece a Colónia, deseja-nos convencer que o Sul também possui tudo quanto é lindo e atractivo como o Leste, e leva-nos às comportas do rio Kwandu (?) cuja beleza nos convence e nos enche de admiração. Perto do rio fica uma Missão Católica que por gentileza do seu illustre pároco tivemos o ensejo de visitar. Daí partimos e chegamos à cidade de Nova Lisboa (Wambu) às 11,30. Como o Sr. Dr. Tucker era esperado pelo consagrado Missionário Manuel Ferreira Pedras, director da Igreja Baptista Portuguesa em Nova Lisboa, dirigimo-nos a essa Missão onde fomos recebidos pelo abnegado Missionário e sua Ex.ma esposa com muita cordialidade. Passamos aí momentos de extrema confraternização. Depois do almoço em casa desse casal hospitaleiro ainda vimos alguns trabalhos cuja realização se deve ao esforço inédito do inconfundível Missionário. Do seu escritório para onde me levou, o Reverendo Pedras, sempre bem disposto, falou-me da organização do seu trabalho e de como Deus, Todo-Poderoso, o tem ajudado para a solução de vários problemas tendentes a propagar o Evangelho para mais longe. Depois de ouvir mais esclarecimentos do simpático Missionário sobre várias actividades das suas sucursais e de como a semente do Evangelho tem germinado nos corações do povo que vivia na incredulidade, parei, cogitabundo, admirando a bravura deste pioneiro que colocou em Angola o primeiro marco da Igreja Evangélica Portuguesa. Relacionei a coragem deste militante da causa sagrada com a pusilanimidade de muitos que ousam chamar-se cristãos evangélicos, mas vendem o seu direito de primogenitura por um prato de lentilhas, e acabei por concluir, sinceramente, que o Missionário Sr. Pedras é mais do que um herói!

Não se deixou vencer pelas ameaças mortíferas dos inimigos da luz para trocar a sua fé com honras supérfluas e temporárias.

Vi-o firme no seu posto com os olhos fitos em Jesus, ensinando e pregando o Evangelho, colhendo com alegria os frutos do seu suor. Eram 14,30 quando nos despedimos saudosamente desse amável casal e, depois de um pequeno passeio pela cidade, fomos visitar a Missão Adventista aí estabelecida. Pelas 18 horas, acompanhado de alguns irmãos, fui à Congregação de Bomba de que é evangelista e professor, o irmão Reinaldo Mande. Aí também se juntaram o pastor Jorge Chilulu e o professor Eduardo Daniel que no mesmo dia chegaram do Dondi para ajudar os irmãos desta e de outras Congregações nos cultos especiais. À noite tivemos um culto no qual tive o privilégio de falar ao pequeno auditório sobre a nossa unidade como remidos pelo sangue de Cristo.

No dia seguinte, pelas 15 horas, os Missionários, meus companheiros de viagem, levaram-me daí e, passando de visita por algumas Congregações, chegamos à Missão de Chilume às 18 horas. Aqui vem ao nosso encontro a veneranda missionária Dona Una Jean Minto, que nos dá as boas-vindas. Em seguida veio o irmão Sr. Álvaro E. Lutukuta, dedicado professor primário que nesta Missão tem prestado relevantes serviços entre os patrícios e seus conterrâneos. O programa para o culto da noite já estava elaborado. Tive o ensejo de falar nesta Igreja sobre O epíteto honroso que nosso Senhor deu aos seus discípulos – VÓS SOIS A LUZ DO MUNDO.

Saudou esta Congregação o Reverendo Sr. August Klebsattel em nome da Igreja de Luanda e, finalmente, pregou o Evangelho, em Umbundu, o Reverendo Sr. Dr. Tucker que terminou com a bênção apostólica. No dia seguinte, depois dos missionários irem cumprimentar o Sr. Administrador da Vila Teixeira da Silva, localizada a uma distância de cerca de 3 quilómetros mais ou menos, o Sr. Dr. Tucker regressou para a sua Estação do Dondi, e nós, para esperar o transporte, ficamos na Missão do Chilume. A nossa estadia aí permitiu-nos ver alguns trabalhos que assinalam, de um modo brilhante, os grandes esforços que os missionários têm feito aí em benefício dos angolanos. A Igreja, apesar de simples interiormente, é soberba pela sua grandeza e estilo. O edifício escolar é magnífico. A exemplo do que fiz em Chisamba, Dondi e Bomba e no Bailundu, aproveitando a influência dos pastores e evangelistas ali reunidos em Conferência para tratar de assuntos relacionados com as necessidades das suas Congregações, falei com todos os irmãos, entre eles muitos não eram assinantes, sobre o nosso Jornal. O entusiasmo com que foram acolhidas as minhas palavras nos lugares acima referidos, faz-me ter plena confiança de que, apesar do tempo mau que estamos atravessando, "O Estandarte", a voz de todos os evangélicos, cumprirá, através do mundo sequioso das verdades divinas, o seu dever de pregar e introduzir em cada lar angolano as Boas Novas da Redenção.

Os crentes evangélicos angolanos oram e esperam. Partimos da Vila Teixeira da Silva (Bailundu) às 11 horas da manhã e chegamos a Kibala às 23; aí dormimos e às 7 horas do dia seguinte estávamos a caminho, vindo almoçar em Kalulu. Aí a partida não é feita demorar. Às 11:30 estávamos outra vez a caminho do Dondo, onde chegamos às 19 horas. O Missionário, Reverendo Sr. Klebsattel e sua Ex.ma esposa ficaram hospedados no Hotel e eu fui para a casa do Pastor Mendes da Silva, que, apesar de o encontrar muito preocupado com a sua esposa que na altura estava doente, recebeu-me confortavelmente. Às 7 horas do dia seguinte (6JUL) deixamos Dondo e chegamos a Kaswalala às 11, a partir de onde tomamos o comboio que, às 19,30 horas, nos trouxe outra vez para o ponto de partida, ou seja, Luanda.

Com a descrição da nossa viagem, julgo causar um certo enfado aos caros leitores. Porém, se me quereis fazer justiça, direis: viajar é uma alegria; mas quem viaja para encontrar o que viu, por mais conforto que encontre em todo o seu percurso, nunca tem alegria.

E para terminar, digo a todos aqueles que me acompanharam, muito obrigado.

Gaspar d'Almeida

Exames no Liceu Nacional de Salvador Correia

*In "O Estandarte" n.º 95, do mês de FEVEREIRO de 1944.
Não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida, mas uma nota (p.1)
dando conta da aprovação, com 15 valores, no exame do 3.º ciclo dos liceus (7.º
Ano de ciências) a que se submeteu no Liceu Nacional de Salvador Correia, em
Luanda, o jovem António Agostinho Neto, filho do
Reverendo Agostinho Pedro Neto e de D. Maria da Silva Neto.*

Nos exames do 3.º Ciclo realizados em Janeiro do corrente ano, concluiu o 7.º Ano de ciências, com 15 valores, o nosso prezado irmão António Agostinho Neto, filho do Reverendo Agostinho Pedro Neto e de sua esposa D. Maria da Silva Neto, aos quais endereçamos os nossos sinceros parabéns.

A Viver a Vida Vivível

«No suor do teu rosto comerás o teu pão...» Gén. 3.19»

In "O Estandarte" n.º 96, ANO XI,
do mês de MARÇO de 1944, p. 1

Não há vida sem dor e, reciprocamente, não há dor sem vida. Parece estarmos em face de uma verdadeira matemática.

A dor veio com os nossos progenitores. Não veio para extinguir a vida, mas para torná-la mais forte e mais alegre. Com a dor, a vida se confraternizou. Há, em ambas, o poder executivo, o activo e o passivo.

Que é a vida, afinal? Responde-nos esta pergunta Miguel Unamuno: *«É uma agonia e um conflito; um constante morrer e ressurgir.»*

Não é só ao leitor a quem esta resposta deve arrepiar os cabelos, mas, eu próprio, ao escrever estas linhas, sinto-me nervoso. Entretanto, essa afirmação é tão verdadeira como verdadeira é a declaração de Jesus que diz *«Ninguém vem ao Pai senão por Mim.»*

A vida, quer do lado material, quer do lado espiritual, é - tal como acima fica dito - uma agonia...

Houve tempo - quando nenhuma coisa se registava por escrito - em que o homem quisera restringir-se da dor; gostava de viver uma vida muito fácil, alimentando-se apenas daquilo que já era criado pela Natureza: tubérculos, frutos silvestres, etc., recorrendo às folhas de certas árvores para se cobrir quando sentisse o frio a gelar-lhe o corpo. Como indumentária de luxo usava peles de certos animais de que comia, também crua, a sua carne. Tinha casa? Pois tinha! Mas não se dava ao trabalho de cortar madeira nem fabricar tijolos. Por isso, aproveitava as cavernas para sua habitação, onde passava a sua vida contente e, talvez, longe do perigo das feras.

A vida do homem primitivo resumia-se nisto: comer, beber e dormir sem o menor esforço de trabalho. Queria afastar-se do decreto que data desde o princípio do mundo e debaixo do qual estão subordinados todos os habitantes da terra.

«No suor do teu rosto comerás o teu pão...»

Foi Deus quem ditara essa Lei e, desde então, todas as coisas que proporcionariam conforto ao homem, ficaram canceladas. Daí nasceu a necessidade do homem procurar trabalho para angariar os meios com que poderia manter-se. Deixou a vida anormal para pôr em evolução os dons que o diferia dos outros animais. Do uso dessas faculdades resultou o pensamento indómito de agonizar-se sem temer a morte que de dia para

dia se lhe avizinhava e, quando esta chegou, soube encará-la com ânimo e fé, porque ressurgia.

O que é a ressurreição? A ressurreição é uma vida nova e imaculada. É uma alegria e paz. A ressurreição reúne o conforto mais esplendoroso que o homem pode ambicionar.

O progresso actual, milagre que ainda hoje muitos atribuem ao homem branco, não é mais do que uma obra dos resurrectos. É uma obra dos homens que, desinteressadamente, trabalharam com afã para beneficiar a humanidade.

Os homens do presente século estão, mais do que nunca, convencidos de que só reagindo contra a ociosidade e contra a timidez – dois empecilhos que, fortemente, os prendem para não darem passos largos no caminho do progresso – é que os povos podem libertar-se da ignorância.

Do livro de um escritor de mérito transcrevi o seguinte: *«As almas para quem a vida não tem problemas angustiosos, ou seja, os do pão ou os do espírito, nada produzem de profundo, tudo nelas é epiderme, deixar correr, olhar sem ver, ouvir sem escutar.»*

Factores de vária ordem têm contribuído para que nós, afrikanos, sejamos os wagons na marcha da civilização, além de sermos atacados de sentimentos orgulhosos que desfavorecem o contágio e até mesmo o carinho que deveríamos dispensar aos nossos irmãos, cujo atraso necessita do nosso esforço para exumá-los do olvido, sofremos, profundamente, do factor da ordem moral.

Como caso primário devemos pôr em prática este factor em detrimento de todos os nossos interesses que devem ocupar, na vida, um lugar secundário.

«Buscai primeiro o reino de Deus e a sua Justiça e todas as coisas vos serão acrescentadas.»

Jesus, nosso Senhor, Mestre da moral por excelência, deu-nos este primeiro passo: *«buscai primeiro o reino de Deus e a sua Justiça...»*

Orientemo-nos, pois, por ele, certos de que alcançaremos a porta da salvação de toda a nossa condição de vida. Ele interessa-se por nós, em toda a nossa esfera de vida, porque diz: *«...e todas as coisas vos serão acrescentadas.»* Quais coisas? Tudo o que Ele julgue necessário à nossa vida; tudo o que buscarmos com o esforço do nosso trabalho ele abençoará.

Aqui está a solução que dinamiza os povos que aspiram ao desenvolvimento. Amemos, pois, o trabalho e, sobretudo, a instrução. Saibamos cumprir os nossos deveres para com Deus e para com os homens. Procuremos educar conscientemente os nossos sentimentos morais dentro dos princípios cristãos e veremos que o tempo da ressurreição não tardará

Gaspar d'Almeida

A Comunhão pela Alegria do Natal

In "O Estandarte" n.º.104 e 105, ANO XII,
dos meses de NOV e DEZ de 1944, p.1

e "A MAGNITUDE DO
MISSIONÁRIO EVANGÉLICO EM ÁFRICA" p.3

A criança radiante quer que o dia de Natal chegue depressa para participar com toda a alegria dos programas que se hão de preparar para comemorar o nascimento do Salvador do mundo.

Os alunos da nossa Escola correm para a Ilustre Directora, Sra. D. Elisa Klebsattel. É tanta a ansiedade das crianças que - porque cada uma quer ser a primeira a receber a sua poesia - se apertam com estremecidos movimentos. E, quando todas acabam de ser atendidas, voltam já recitando algumas estrofes. Correm todas, numa alegria delirante, enquanto umas entre outras, dizem: eu já sei decorar quatro versos. Natal!...Natal!...Jesus nasceu!...

Na Igreja! - recitam também os homens? Por que não? Este dia é de paz em todo o mundo e para todo o mundo. Cantemos, todos, em louvor a Deus que nos mandou o Salvador. Cantemos de coração aberto porque veio ao mundo Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Eia! As senhoras idosas também cantam? É mais para nós o Natal do que para vós, meninos. Pois, vós, porque tendes os vossos pais que carinhosamente vos amparam, apareceis sempre alegres. Ao passo que nós, sem sombra nem beira, a nossa esperança, neste mundo, só está no Recém-nascido, Filho de Deus.

As crianças escutam atentamente as opiniões dos homens e das senhoras idosas; e, numa comunhão de alegria, todos se confundem e, como se todos fossem crianças, erguem-se em vozes de alegria:

Cante o povo resgatado
Glória ao Príncipe da paz

..... ..

Gaspar d'Almeida

A Magnitude do Missionário Evangélico em África

In "O Estandarte" n.º 104 e 105, ANO XII,
dos meses de NOV e DEZ de 1944, p.3

Parte resolutivo da sua terra, perdendo de vista todas as distrações de que se acostumava desde a infância; mal se despede, às vezes, das suas famílias que não lhe quer tantos sacrifícios; e, quando encontra o primeiro transporte, com muita alegria dá graças a Deus e daí principia a sentir no coração as necessidades do povo para o qual foi chamado a servir — o Missionário.

Dirige-se por várias direcções em obediência à ida de Jesus por terras desconhecidas e vai ao encontro de povos desconhecidos, qual outro Abraão, animado somente pela fé — o Missionário.

Levando, sobretudo a palavra de Deus como única fonte da felicidade dos povos, instala-se pela primeira vez em uma libata e, partir daí, começa a escrevinhar em papéis selados para conseguir das autoridades competentes a licença para a instalação missionária; nisto, por vezes ainda surgem dificuldades que só se vencem depois de muita busca das leis. Finalmente é concedida a dita licença e a Missão é, felizmente, instalada. Outro motivo para dar graças a Deus. Começa o serviço Missionário.

O propósito é apenas o de ensinar aos povos a Palavra de Jesus, indicando-lhes, sobretudo, Jesus Cristo como o único Salvador, Mediador entre Deus e os homens. Na África, porém, o programa contido neste propósito missionário, bem podia trazer, de facto, a almejada paz de espírito, pela certeza da salvação, mas a alegria que procedia do coração, combinada com o mal-estar físico deste povo sofredor, não teria o brilho como seria de desejar num povo liberto e cuja confiança está posta em Deus Vivo.

Era preciso que a semente fosse regada para nascer vigorosa e dar melhores frutos; era preciso que ao lado da Igreja fosse construída uma Escola, porque desde os tempos mais remotos ela foi sempre a filha legítima dela e, nos nossos tempos, a par da Igreja onde a Escola é excluída, há de tristemente brilhar só aquela luz que cria míopes, estranhos ao que crêem. Assim vemos que, ali onde o complemento deste conjunto harmonioso tem realidade, há mais confiança, mais força e mais trabalho desenvolvido. Tudo ainda não está dito. Falta-nos falar do Hospital (Casa de saúde melhor dizendo) que serve para alindar as caras enrugadas pela enfermidade e atenuar a mortandade sem tréguas entre os indígenas africanos, cuja origem nem sempre é atribuída ao facto de nascerem num mundo de pecado, mas sim, pela incultura e pela desproporção de meios de subsistência. Males que por serem repugnantes e muito prejudiciais, deveriam merecer

o primeiro combate antes que nos arreliassemos com coisas que, na sua maioria, não oferecem grandes cuidados.

A Igreja, a Escola e o Hospital, escusemos de nos referir dos outros acessórios, são a centelha que, num espaço de mais de meio século de evangelização, atraiu os povos afrikanos em proporção bastante animadora, a conhecerem a Jesus como o Salvador do Mundo, dominar a escrita, a ciência, os saberes e longevisar a sua vida.

Merece, portanto, particular reconhecimento da nossa parte e até da parte de todo o homem de bom coração, o esforço inegável enveredado pelo missionário evangélico, entre nós e na nossa terra, subindo e descendo montanhas em procura de almas imersas nas trevas da ignorância para também participarem do gozo que Jesus dá gratuitamente a todos que n'Ele crêem.

Deve encher-nos de imensa gratidão a paciência da professora missionária em contacto com as nossas crianças, a sua graça e o seu profundo amor procurando sempre com eficientes conhecimentos avivar a memória das crianças, ao mesmo tempo que lhes faz conhecer a leitura e mais coisas interessantes.

Inexprimível é a atenção do médico e da enfermeira missionários no tratamento dos doentes. Os cuidados que dispensam aos padecentes e os resultados obtidos na cura de perigosas doenças, são de tão alto apreço, que convenceram o indígena que até então não acreditava no feitiço do branco. O médico missionário, em contacto com doenças de vária espécie, não só se contenta em tratá-las como também não se descursa em aconselhar a forma como se deve conservar a saúde.

É de notar que todo o médico missionário também é pregador do púlpito e nunca vai ao seu consultório sem implorar o auxílio divino. Além das palestras que faz sobre a higiene, nas sanzalas, há até alguns livrinhos, em linguagem acessível para todos, para as primeiras regras de higiene.

Enfim, fatigáramos demasiado os nossos leitores se o tempo nos permitisse relatar mais coisas que se prendem com o trabalho missionário. Resta-nos agora dizer que os nossos corações estão muito gratos a Deus por vos ter enviado como portadores da palavra da vida. E, se em cumprimento do dever, hoje, grandes generais se levantaram em defesa da Pátria empunhando a espada, vós, prezados Missionários: sóis outros tantos generais em campos diferentes. Ostentais uma farda divina. O vosso cinto é a verdade e a justiça; trazeis o capacete da Salvação e a espada do espírito que é a Palavra de Deus para a verdadeira libertação da Humanidade.

Gaspar d'Almeida



Lwanda, 1945, aos 38 anos, o professor Gaspar D'Almeida com um grupo de alunos da 4ª classe.

Esse é Jesus

In "O Estandarte" n.º 107, ANO XII,
do mês de FEVEREIRO de 1945, pp.1 e 2.

Pena grave é esta de não compreendermos quão grandes privilégios há em conhecer Jesus como o nosso Libertador! Sim, há que esclarecer, em poucas palavras, este assunto que oferece, como nunca, grande oportunidade para todos nós e principalmente para aqueles que ignoram a essência e a finalidade do Evangelho do nosso Senhor Jesus Cristo.

Temo-nos esquecido de que nascemos em estado de pecado e que tendo nós perdido a imagem moral de Deus desde a queda de Adão, não podemos alcançar a salvação sem nos arrependermos dos nossos pecados. É tanto o nosso interesse nas coisas sérias que qualquer lição de moral, venha de onde vier, não nos comove. Os homens deixaram de viver a vida verdadeira; dizemos como alguém já observou: «o mundo anda de cabeça para baixo». É um quadro muito triste.

Haja vista em todos nós que Deus tem usado de grande misericórdia para conosco. É muito longânime; nunca é impaciente e apesar dos nossos erros Ele ainda espera que tenhamos aquela prudente ideia de filho pródigo. Regressemos e ajoelhem-nos aos pés do Pai Celeste implorando-lhe misericórdia, a fim de que transforme as nossas vidas de modo que sejamos dignos de se nos chamarem «Luz do mundo», nome com que Jesus, nosso Salvador, deseja honrar os seus discípulos.

Tudo faz-nos crer que a preocupação dos homens em satisfazer as vontades da carne subiu a tal culminância, que eles não podem ser classificados melhores que os contemporâneos do patriarca Noé, antes do dilúvio. Que eminente se nos apresenta esta situação!...

Se é que os caros leitores concordam com o que acabamos de afirmar, como escaparemos ao tremendo castigo de Deus previsto no seu santo Livro?!

«O salário do pecado é a morte». Rom. 5:6.

A questão da salvação é pessoal. Não se deve pensar, como ouvimos de alguns jovens de 18 a 22 anos de idade, quando alguém lhes falava sobre o ser cristão ou não, eles responderam: «Nós não sabemos nada dessas coisas; costumamos ir à Igreja com os nossos pais apenas para ver, o resto não compreendemos o que é.»

É pessoal a salvação!... Ninguém pode gozar a eterna bem-aventurança por acompanhar o pai ou a mãe à Igreja, pois cada um será julgado e pago segundo as suas obras.

Em face disso, cada um deve procurar reconciliar-se com Deus, contando-lhe quão ingrato se tem revelado perante os seus santos mandamentos.

«Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.»

Esse é Jesus, o filho de Deus, que habitou entre nós sem o mundo o conhecer; sim, porque apegando-se aos prazeres mundanos, não acolheu os seus salutarens ensinns.

Esse é Jesus, personalidade impressionante pelo exemplo de altruísmo, que para mostrar aos homens o caminho da salvação, deu a vida por eles.

Esse é Jesus, o Sublime Advogado, cuja presença o mundo espera e suplica a sua intervenção no estabelecimento da falada «Nova Ordem».

Esse é Jesus, o intercessor Intransigente, que apesar do mal que lhe temos feito, ainda intercede por nós ao Pai para que nos dê uma completa salvação.

Leitores, não há melhor oportunidade para os que desejem encontrar-se com Jesus do que o momento presente.

«Eis aqui agora o tempo aceitável; eis aqui o dia da Salvação» II aos Cor. 6:2.

Gaspar d'Almeida

Natal na Igreja Evangélica de Luanda

In "O Estandarte" n.º.117, ANO XII,
do mês de DEZEMBRO de 1945, pp.1-6

Um mês antes do Natal, todo o pensamento dos cristãos voltou-se para aquele lugarejo conhecido com o nome de Bethelém da Judeia.

Naquela noite de Paz, quando um coro de Anjos anunciou aos pastores o nascimento do Príncipe, filho de Deus, o pasmo que dominou aqueles simples admiradores da Natureza encheu com o mesmo deslumbramento os corações de todos quantos hoje meditam neste acontecimento de grande alegria para todos os povos.

Todas as pessoas de boa fé acompanharam os pastores a caminho de Belém para adorar o menino Jesus na simplicidade dos seus corações. E, guiados pela estrela da fé, também estavam com os magos no intuito de ofertar ao Recém-nascido o que há de mais precioso.

A estalagem estava repleta de povo de todo o Mundo. Na estrebaria onde se encontrava o ditoso casal, José e Maria, lágrimas se viam nas faces das gentes comovidas, que de tanta gratidão se mostravam pelo dom infável de Deus. A refulgente presença do Menino Jesus já tinha encontrado no âmago de cada homem ou mulher, o mais confortável lugar. Crianças, todás cheias de imensa alegria, dão a sua contribuição nesta manifestação de regozijo sem igual e, na sua ingenuidade, cantam: Natal, hoje nasceu Jesus.

Foi com este espírito que o Natal na Igreja Evangélica de Luanda se comemorou.

O programa marcava três horas, para começar a festa. Duas horas antes a Igreja já estava completamente cheia. Até chegar a hora do início, a ansiedade era tão grande que se notava uma certa inquietação. Finalmente, estamos na hora.

Abre-se o programa com estribilhos do hino: «Nasce Jesus fonte de luz». Faz calorosa prece o Pastor Júlio João Miguel.

Segue-se uma pequena prelecção pelo mesmo Pastor, cheia de convicção e de factos fulgurosos sobre a importância do dia que se esplende com a mais rigorosa luzidez nos corações da multidão que comprimia a Igreja até fazer um cortinado às janelas e muita gente fora, num total de mais ou menos três mil pessoas. Entoa-se mais um hino que desenha um júbilo indescritível nos semblantes de todos os presentes.

Começa o programa.

Vozes africanas no máximo dos seus dotes participam no conjunto harmonioso das vozes dos povos de todo o mundo, que glorificam a Deus pelo seu inexcedível amor

patenteado pela vinda do seu filho.

Interessante era observar que nesse dia não havia nenhuma pessoa idosa que se tenha sentido velha. Homens e mulheres de todas as idades, cada um trazia a sua passagem bíblica bem decorada, quer na língua portuguesa, quer em kimbundu, passagem essa que repetia em conjunto num ritmo tão encantador que só quem a esses exercícios assistiu pode aquilatar o poder dos que têm a convicção da Salvação por nosso Senhor Jesus Cristo.

Na representação dos textos que eram intercalados com maravilhosos coros, as classes eram interrompidas de quando em quando por pequenos grupos de rapazes e meninas da Escola Diária, os quais, num entusiasmo cativante, declamavam, com brilho, poesias bem seleccionadas para o acto.

Eram já 5,30 horas quando o ilustre Director da Missão, rev. Dr. Ralph Dodge, auxiliado pelo seu colega rev. Omar Hartzler, ilustre superintendente do distrito de Malanje e mais um coro de rapazes, distribuía cartuchos de doces à multidão de crianças que participou da festa. Às 6,30 horas terminou a nossa manifestação de gratidão ao Cristo-Rei, que mais uma vez avivou os nossos corações deixando-nos a mais inteira certeza de que Ele estará connosco até à consumação dos séculos.

Gaspar d'Almeida

Um Pesado Pedregulho

In "O Estandarte" n.º.117, ANO XII,
do mês de DEZEMBRO de 1945, pp.1-6

Sobre o ombro do Afrikanos pousa um pedregulho que, através dos séculos, penosamente o tem esmagado, sem, contudo, poder descortinar a forma de se livrar dele. O Afrikanos continua a viver a vida de um verme, sujeito às pisadelas dos outros seres mais potentes. Alimenta-se simplesmente daquilo que a sorte lhe colocar perto de si, quando a morte não vem arrebatá-lo, já porque a vida não pode aguentar tanta miséria, já porque é sofrimento demasiado para ser suportado por um ser humano.

Sobem aos ares vozes lamuriantes a suplicar misericórdia a Todo-Poderoso, que na tradução dos ateus, é o *kimbanda*.

Tem havido várias interrogações para este estado tão flagelado e muitos até solicitam à Providência para lhes pôr termo a existência.

Há povos para quem, havendo Sol – ao contrário do que diz o ditado de acordo com o qual ele nasce para todos – só vêem em toda a sua peregrinação densas escuridões. Agrupam-se, entre estes, numa maioria, os Afrikanos.

Para esta anomalia de vida concorrem, mormente para os últimos, vários factores: uns de ordem alheia, outros de hábitos raciais que, no presente século de velocidades espantosas em todos os sentidos da vida humana, constituem um desmazelo digno de ser odiado e, tanto quanto possível, de ser extirpado.

Entre muitos hábitos raciais dos Afrikanos, merece particular observação a crença nas feitiçarias. O povo afrikanos é, genericamente idólatra; quer dizer – adora ídolos, presta cultos a pessoas. Bem entendido que enraizando a sua fé nesta maneira de adorar, apenas tem ideias muito vagas, ou quase nenhuma sobre a religião cristã, ou seja, sobre o sacrifício de Jesus Cristo seu fundador.

Há, particularmente entre os angolanos muitos que, mesmo os menos insuspeitos pela correcção com que se apresentam na sociedade, têm a sua crença ligada à feitiçaria e na hora de adversidade recolhem aos *imbanda*, (plural de *kimbanda*) para lhes atenuar as suas amarguras.

Uma observação ajuizada sem qualquer feição crítica a qualquer ramo religioso, faz-nos crer que o Catolicismo Romano, com alguns séculos de intensa propaganda religiosa em terras de África, se não tem estimulado os povos Afrikanos a insistirem na idolatria, também não os tem despertado de modo a abandoná-la.

No nosso entender esta asserção tem tanto de verdade que só um espírito mal intencionado a pode contradizer.

Triste é dizê-lo. Porém, bom é que se diga que existem muitas pessoas com foros de cristão, que se inflamam por pertencer a uma religião das mais antigas, entretanto

aferrados aos seus velhos costumes, sem nenhum sabor cristão, praticam, neste capítulo, os mais hediondos erros contra os princípios fundamentais da lei de Deus.

Os Afrikanos olham e auscultam tudo com muito interesse. É pela observação que muitos dizem que a introdução das imagens nas Igrejas Católicas traduz e estimula um sincero apoio aos nossos ídolos; daí a razão da maioria dos católicos afrikanos insistir na sua idolatria, sendo este um erro tão lamentável por parte de uns e de outros que, o não corrigi-lo, equivale o mesmo que lançar sobre os ombros das gerações afrikanas um pesado pedregulho de modo que não lhes permita ver a luz do Sol.

A Igreja Evangélica ou Protestante com mais de metade de um século em e ao serviço de Angola, será mais e melhor sucedida no levantamento moral dos Afrikanos, porque, não admitindo imagens nas suas Igrejas, não por questão de mera simplicidade, mas porque assim ordena Deus, exerce a máxima vigilância para com os seus fiéis, não aceitando adeptos que não tenham deixado completamente os cultos prestados aos ídolos.

*O homem é um ser revolucionário;
a sua ambição é subir; não é, pois, dormindo,
que ele pode alcançar as maiores altitudes.*

A tolerância seria contraproducente e um horrível pecado contra a lei de Deus que diz: *«Não farás para ti imagem de escultura, nem de alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem. E faço misericórdia em milhares dos que me amam e guardam os meus preceitos»*, Êxodo 20: 4, 5 e 6.

A entrega espontânea dos ídolos e vários feitiços por parte dos que se convertem à religião evangélica, principalmente nas povoações onde a voz jubilosa do Evangelho soou apenas nos últimos dias, é indicadora de que só os arautos da Bíblia na mão estão eleitos para desempenhar a mais alta missão de erguer os povos afrikanos a olharem para cima com o abandono de todas as superstições que só os deixam andar de rasto.

Nós, os Afrikanos, muitas vezes lamentamos a nossa má sorte, maldizemos o dia em que viemos ao mundo. Todas estas lamúrias não nos tirarão o pedregulho esmagador que a ignorância lançou sobre os nossos ombros, se não agirmos de modo a abandonar, do nosso meio, alguns costumes que representam um contra-senso da vida natural do homem.

A vida de qualquer povo sofre mudanças e a não ser assim os homens não passariam de seres irracionais que desde a criação iriam ser sempre os mesmos sem qualquer indício de uma situação melhor. O homem é um ser revolucionário; a sua ambição

é subir; não é, pois, dormindo, que ele pode alcançar as maiores altitudes.

Temos que escolher, conscientemente, um Deus que em vez de nos deleitar com fórmulas exteriores, nos fale ao coração. Uma religião, a qual tenha como única pessoa intermediária entre Deus e os homens, Jesus Cristo, que levantou os alicerces do Cristianismo com o seu sangue para a libertação da Humanidade.

Temos que acreditar num Deus Vivo que atende os nossos clamores e nos venha socorrer na ocasião mais propícia.

Temos que ter, enfim, um carácter que dê crédito à nossa personalidade no meio em que vivemos. É assim e só assim é que havemos de nos sentirmos livres desse pedregulho que, pousando nos nossos ombros, só nos permite ver um palmo à nossa volta.

«Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei»,
Disse Jesus.

Gaspar d'Almeida

Ano de 1946

O Jornal "O Estandarte" n.º 120 (está erradamente com o n.º.118), ANO XIII, do mês de JANEIRO de 1946 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida.

ANO XIII Luanda, Junho de 1946 N.º 122

O ESTANDARTE

Mensário - Projeção Cristã dos Sairros
Órgão e Propriedade de «Gentes Evangélicas Africanas Portuguesas» Avulso 150

Redacção e Administração L. S. G. Gentes CASA NOTAL. 525 CORRETO E IMPRESSO Rua Mendes LUANDA	CORPO DIRECTIVO: Director: Gaspar d'Almeida Redacção-Principal: António Viçar de Carelha Administrador: Sebastião Gaspar Domingos Não serão responsáveis os artigos assinados quando não forem do redactor.	Publicidade mensal 15,00 Verbetes Circulares, Fitas e Espalhas 12,00 Cilindros 10,00
---	---	--

Visado pela Censura.

Vantagens em conhecer a verdade

«E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará»

In "O Estandarte" n.º.121, ANO XIII,
do mês de MAIO de 1946, pp.1-2

A ignorância tem, por vezes, um companheiro perigoso – o engano. E este tem, em certas circunstâncias, consequências funestas. Por causa dela, quantos prejuízos, em dinheiro, tempo e até em vidas a humanidade tem sofrido? É evidente que todo o homem é susceptível de erros, daí a razão por que ninguém é perfeito.

«Eu sou o Caminho»

Esta é uma grande frase no seu mais alto significado; a sua importância se eleva cada vez mais, à medida que nos lembramos da omnisciência d'Aquele que a tinha pronunciado.

Não restam dúvidas de que neste mundo homens há que se têm levantado com ideias proeminentes e capacidades inegáveis para dirigir os povos; quantos, porém, já tombaram perante os nossos olhos maravilhados juntamente com os seus partidários?

Jesus é ainda, através dos tempos, o modelo perfeito da vida da humanidade. Quem procura segui-lo e pôr em prática as suas determinações «não andaré em trevas, mas terá a luz do mundo»; que os homens, na exuberância dos seus conhecimentos, não a podem obter sem a sua sábia direcção.

«Eu sou a Verdade»

Importa que conheçamos a verdade. Parece incrível; porém, esta é a verdade na pureza do seu significado que nós, pela nossa incuria, nos temos desinteressado de tudo. Desconhecemos até a verdade sobre a nossa existência, e somos tão tolerantes neste defeito, que não podemos fornecer detalhes a quem quer que seja, sobre a organização do nosso próprio físico.

Bem presumo, até aqui, a pergunta que o caro leitor pretende fazer. Isto compete aos médicos. Se me permite licença, eu também desejo perguntar: onde estão os médicos no meio africano?...Para onde iremos parar com essa vida que se apresenta ainda bastante longa, se medidas tendentes a conhecer a verdade dos factos inerentes à nossa vida não forem tomadas? O conhecimento da verdade deve constituir para nós uma grande preocupação, porque a ignorância dos factos que bem deviam estar ao nosso alcance reduz-nos a uma vida vegetativa.

A vida, para nós, parece um ser teimoso, intransigente, que gosta de nos acompanhar sem nós precisarmos dela. Se observarmos com atenção, vemos que os povos investigadores das verdades e ou certezas científicas já se libertaram de muitas coisas de que nós ainda somos escravos de aspecto lazarento, portadores de medo por tudo quanto se apresente aparentemente difícil.

Se para tanto precisamos imprescindivelmente de uma cultura geral que nos permita conhecer a verdade dos factos que nos rodeiam, não esqueçamos, também, que qualquer de nós tem passado por experiência em muitas universidades. A questão é a de saber se temos aplicado inteligentemente o que diariamente aprendemos. Se temos investigado a causa dos efeitos que sofremos e se temos pensado a forma de como havemos de a combater.

Sei que nestas asserções também estou apenas com uma grande minoria que me apoia, sendo, por isso, motivo de lamentar; contudo, seja o que for, não deixarei de dizer que todas as necessidades que nos têm apavorado são precisas na vida dos povos. Senão vejamos: onde teríamos barcos, automóveis e aviões, etc., se homens impelidos pela necessidade não notassem enternecidamente as grandes deficiências e seus funestos resultados, sempre que viam homens jungidos sob o peso de sessenta quilos de carga para uma caminhada a pé de mais de uma semana como acontece ainda hoje em dia na nossa África? Quem poderia gozar dos confortos de hoje, prenda de suor e morte dos grandes obreiros do mundo, se os homens se contentassem apenas com aquilo que a sorte lhes levasse à porta? Foi a necessidade que deu grande impulso à civilização. A necessidade fez encurtar as distâncias criando automóveis, barcos, aviões, etc.. A necessidade criou a matemática, a química, a biologia, com os seus laboratórios, nos quais os homens, incansáveis, não cessam de trabalhar dia e noite com o intuito sempre crescente de querer conhecer a verdade científica para tranquilizar os espíritos alarmantes pela ignorância dos males de que sofrem. Enfim, de tudo conclui-se, peremptoriamente, que é impossível esperar progressos em um povo que nunca sentiu necessidade.

«Eu sou a Vida»

Toda a importância de qualquer pessoa assenta sobre uma base — a VIDA. Tudo fazemos para a vida e pela vida nos sacrificamos até à morte. Precisamos, portanto, de saber como conservá-la para que ela possa revelar em nós o influxo radiante da sua pureza.

Note, prezado leitor, as brilhantes frases que, como ao caso, reaparecem neste artigo; elas são como a bússola que nos guia para o porto da salvação.

A nossa preocupação em procurar o caminho tem subido a tal culminância que já chegaríamos a fazer milagres se fôssemos dotados de poderes sobre-humanos. Consola-nos, sobretudo, em saber que Jesus é o Caminho. Procuremos andar com Ele seguindo sempre os seus conselhos até que cheguemos ao conhecimento da verdade para uma plena libertação.

Gaspar d'Almeida

Faleceu o Rev. Agostinho Pedro Neto

In "O Estandarte" n.º 122, ANO XIII,
do mês de JUNHO de 1946,
o elogio fúnebre proferido por Gaspar d'Almeida
nas exéquias do Rev. AGOSTINHO PEDRO NETO,
falecido a 21JUN46 p.1



Depois de um sofrimento de cerca de três meses, dormiu no Senhor, em 21 do corrente mês, na sua residência, Bairro Operário, o nosso muito querido Irmão Rev. AGOSTINHO PEDRO NETO, Pastor do Circuito dos Dembos.

No dia seguinte, o seu corpo foi levado à Igreja, onde foi velado por muitos irmãos e irmãs.

Às 16,30 horas dirigiu o serviço religioso o Rev. Eddie E. Edling na Igreja, com uma assistência numerosa dos irmãos e pessoas amigas. Falaram o irmão José dos Santos que, em companhia dos missionários, viajou muitas vezes com o finado Pastor nas regiões dos Dembos e Nambwangongo e o irmão Gaspar d'Almeida, Director do nosso Jornal, que pôs em relevo as qualidades do chorado Irmão nos seguintes termos:

«Pungidos por uma dilacerante dor e com os corações enternecidos, viemos prestar a última homenagem ao nosso patrício e Pastor amado Reverendo Agos-

tinbo Pedro Neto, que ontem, pelas nove horas e trinta minutos, se separou de nós para sempre, justamente, numa altura em que a sua companhia era afavelmente ainda querida.

Tem sido sempre esta a nossa sorte.

Reverendo Agostinho Pedro Neto, de nascimento humilde, era natural de Kalomboloka, Concelho de Katete.

Depois de ter frequentado a Escola Rural de Mutemu, no Concelho do Ikolo e Mbengu, recebeu educação Metodista, já em Luanda para onde veio rapazote, pelos saudosos missionários, Reverendo Robert Shields e D. Luisa Shields; logo depois foi colocado, em 1918, em Kaxikane, Concelho de Katete, como Pastor Evangélico e professor do Ensino Primário. Ali começou a revelar, em eficácia, a sua acção num trabalho desinteressado entre os irmãos da sua cor, chegando a mandar muitos alunos a exames do Ensino Primário, terceira classe.

Inteligente e metódico, foi tanta a sua dedicação no exercício simultâneo de pastor e professor que num período de 11 anos de abnegado serviço naquele lugar, conseguiu transformar não só o sistema primitivo da vida daquele povo, como também regenerar os seus corações de modo a ser útil a si e aos membros da sua comunidade.

A sua acção civilizadora, desenvolvida nesse lugar de Kaxikane, foi referida com maiores encómios pelo primeiro Alto Comissário de Angola, General Norton de Matos.

Preparou-se durante cinco anos no Ministério Cristão e, em 1925, foi ordenado Presbítero, pelo bispo Metodista Sua Excelência Reverendíssima Eben Jonhson.

Em 1930 fora transferido de Kaxikane para dirigir o pastorado da Igreja Evangélica de Luanda. Aqui, durante um período de oito anos, soube honrar o púlpito com dignidade.

Era de fisionomia fraca, mas possuía uma voz franca e dominadora. Os seus eloquentes sermões eram sempre escutados com singular interesse e respeito pelas substâncias alimentares que continham para as almas famintas da palavra de Deus.

Em 1938 foi nomeado e colocado como Pastor do Circuito na região dos Dembos, tendo fixado residência em Piri. Aí a sua abnegada acção na moralização do povo da sua raça começou a evidenciar-se duma maneira extraordinária.

Centenas e centenas, para não dizer milhares de pessoas, de aldeias distantes, vinham ao encontro do Pastor amado para ouvir dele a bendita mensagem da salvação.

Pobre rebanho - jamais ouvirá a voz amável do seu Pastor a quem tanto se afeiçoava...

Nos últimos anos a sua atenção para com os irmãos de raça, sem distinção de categoria ou credos, estava a acentuar-se duma forma tão cativante que atraía a simpatia de todos.

Quando começou e sentir-se mal, na sua estação de Piri, procurou, por todas as formas vir a Luanda para o que foi preciso os irmãos do Piri levá-lo de tipóya, ainda como único meio de transporte, no caso de urgência, usado, nesses sítios, e colocaram-no à beira da estrada depois de uma cuidadosa viagem de trinta quilómetros.

Aí, debaixo de uma sombra, aguardavam a passagem de qualquer carro que surgisse e que apareceu pouco depois de meia hora de espera, sendo, por acaso, conduzido por chauffeur, pessoa muito amiga, que o levou junto da sua família em Luanda. Aqui deitou-se no leito donde não se levantou mais, depois de um sofrimento incessante de quase três meses.

No seu leito, as suas palavras foram sempre animadas; parecia indiferente à dor. Encorajou aos que o visitavam a serem firmes na fé, fazendo referências da gloriosa obra evangélica na nossa terra.

As suas últimas palavras foram: "Não se atrapalhem, vou-me embora descansar no Céu".

Para mim, particularmente, este é o **HOMEM!**...

Figura de Mestre e sacerdote; modelo de pai, educador, disciplinado e disciplinador - imaginem quanto é que a Igreja Evangélica Angolana não sofreu com a perda irreparável deste valor que muito honrou os irmãos da sua raça, pela sua inteligência, pela afabilidade do seu carácter e pelo seu acendrado zelo ao trabalho que lhe estava confiado!...

Reverendo AGOSTINHO PEDRO NETO morreu no seu posto como herói, tendo vencido, com fé, as lutas turbulentas deste mundo, depois de um ministério glorioso de quase trinta anos em prol da raça e da "Largueza do reino de Deus na nossa Terra. Que Deus tenha o seu servo na sua gloriosa mansão."

À viúva, nossa prezada irmã, Sr.^a D. Maria da Silva Neto e demais família, e a toda a Comunidade Evangélica, "O ESTANDARTE" e o seu Corpo Directivo apresentam cordialmente os seus sentidos pêsames.

Luanda, 22 de Junho de 1921

Gaspar d'Almeida

Boas Novas!...

Boas Novas!... (1)

*In "O Estandarte" nº.124, ANO XIII,
do mês de SETEMBRO de 1946, p.2
que continua no próximo número;
e "DIÁRIO DE UMA VIAGEM - I"
p.4 (que continua)*

Em tonturas e torturas vivia o mundo. A classe média, na expressão orgulhosa dos senhores da terra, em nada se distinguia da besta. Pelas ruas das cidades e pelos campos via-se a nota destoante do povo humilde em estado gangrenoso. Aqui uma esqualida criança desamparada; acolá uma mulher a ulular, recordando desgostos passados e prevendo outros piores num futuro que se avizinha. Lastimoso era ver, de lugar em lugar, grupos de cegos guiados por um rapazola de aspecto miserável, mas alegre, porque, a despeito de tudo, ainda tinha a sua vista e estava pronto para servir aos outros mais infelizes; horripilante era ver os coxos, os leprosos e muitos outros que enxameavam as praças públicas a mendigar o pão nosso de cada dia, sem que alma caridosa se compadecesse deles. Todos gemiam, todos lamuriavam em vozes clangorosas, erguendo braços para o alto e suplicando a Deus Salvação.

Isaías, o profeta, para animar o povo, faz uma exposição da «Grandeza e glória do Reino do Messias» e dos benefícios que esse Reino trazia ao mundo (ler Isaías, 35: 61-1). O povo que vinha sofrendo há centenares de anos sem nunca ter visto sinais de mudança de condição, conservou-se indiferente aos conselhos do arauto de Deus.

Até quando, Senhor, salvará o seu povo, até quando?...Clamava o povo desesperado.

Na verdade passaram anos e, apesar de tudo, a promessa de Deus, sempre infalível, veio a ter o seu cumprimento.

Numa noite bonançosa em que nada se esperava que viesse a constituir novidade para o povo, aconteceu que, estando todos a dormir, um coro de anjos fez despertar os humildes pastores que nas montanhas de Belém guardavam o seu rebanho. Perplexos, os pobres pastores tremeram trânsitos de medo. Um dos anjos nota a preocupação dos homens e, sossegando-os, diz: «Não temais porque eis que trago novas de grande alegria que serão para todo povo...hoje nasceu o Salvador, que é o Cristo Senhor». Boas novas!...dizem eles; levantam-se apressados e correm para Belém, para adorar o Menino. A notícia correu célere em todas as aldeias e o povo humilde, ao recebê-la, mostrava-se duvidoso, mas de intervalo a intervalo metia as ruas em confusão saltando e gritando cheio de alegria:

Boas Novas...Boas Novas!...E algumas pessoas protagonizavam cenas alucinantes pela excessiva satisfação; será verdade?...não, ainda não podemos acreditar; talvez o Salvador não seja para nós; não nos iludamos com tal notícia. Esperemos; ainda só são acontecimentos preliminares; veremos o que o futuro há de nos trazer. Não tinha passado muito tempo, quando o Menino, que era a esperança do mundo, começou a ser perseguido e se não o mataram foi porque os pais fugiram com Ele para o Egito.

O povo, apreensivo, parecia ter razão, mas depois voltou para a sua terra natal, logo que os pais tiveram conhecimento de que o perseguidor já estava morto.

O Menino crescia saudavelmente, observando tudo o que constituía toda a preocupação dos homens; as suas presunções, a indiferença dos grandes para com os pequenos, a paciência dos pastores que guardavam o rebanho, a alegria dos passarinhos que não semeavam, a beleza das flores, etc; tudo isso fazia-lhe encher de graça para com os homens e para com Deus. E no seu desenvolvimento, o povo seguia-O, nutrindo a esperança de que o dia virá em que as suas lágrimas serão enxutas. Orações fervorosas por parte dos crentes consagrados não faltavam, acompanhadas de clamores angustiosos: Salva-nos, Senhor, até quando, Senhor, livrará o seu povo deste pesado jugo!...

Não obstante tudo indicar que o dia da Salvação se aproximava, ainda passaram alguns anos. Grande era o desespero. Jesus, o Salvador do mundo, passou grande parte da sua vida na obscuridade; o povo humilde, ansioso pela redenção, vivia no mais profundo desespero. Tudo tem o seu tempo determinado, assim se tem verificado em todo o tempo; e, assim como um mergulhador em busca de preciosidades de que o mar é guardador aparece alegre, assim também Jesus, o Príncipe Filho de Deus surgiu ao público. E João Baptista, seu precursor, como que desconhecendo a realidade, manda-lhe dois dos seus discípulos para lhe perguntar se era Ele que havia de vir ou esperavam outro? E como resposta, Jesus diz: *«os cegos vêem; os coxos andam; os leprosos são limpos e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho.»* S. Mat. 5:3-4. Voltam os portadores do João contentíssimos; pelas ruas da cidade e aldeias parecia que um novo mundo fora criado. Os cegos, os coxos e os paráliticos curados cantavam e pulavam pelas ruas e ninguém os podia fazer calar. Nas suas preocupações, Jesus prendia a atenção do auditório a tal ponto que no fim do seu sermão todos diziam: «Nunca nenhum homem falou assim». As boas novas de Jesus corriam em todas as partes e os povos aos quais o jugo dos opressores estava sendo sacudido louvavam a Deus, confessavam-lhe os seus pecados e prometiam seguir o Salvador em todas as emergências da vida.

Jesus, quando notou que seguia o programa do trabalho tal como seu Pai o tinha traçado, abriu o celeiro para saciar a fome das multidões tristes e famintas e disse: *«Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.»* João 10:10

Que novas tão belas!...

«E Jesus andou fazendo bem.»

(continua ...)

Diário de uma Viagem (1)

In "O Estandarte" n.º 124, ANO XIII,
do mês de SETEMBRO de 1946, p.4

Como prometi aos prezados leitores de "O ESTANDARTE", em especial aos meus irmãos em Cristo, venho tentar fazer, a começar deste número, a publicação da reportagem relativa à minha viagem a Léopoldville, Kongo Belga, onde fora como delegado assistir ao memorável Congresso Missionário da África Ocidental realizado naquela capital vizinha, no período de 13 a 24 de Julho próximo passado.

Sinto-me inteiramente satisfeito pelo facto de ter aparecido, entre nós, alguém possuído de maiores predicados de saber, de poliglota, que tomou espontaneamente a incumbência de lhes fornecer o relato do aludido Congresso, função que desempenhou tão esmeradamente que sem contraproducência, posso lhes confessar que trabalho tão conciso não podia haver outro que o competisse. Fico, portanto, a agradecer a generosidade do Rev. Pinto Ribeiro, ilustre representante da Obra Evangélica de Portugal àquele Congresso e consagrado Pastor da Igreja Evangélica de S. Paulo, de Lisboa, pessoa de uma graça imperturbável, a quem tive o privilégio de conhecer e aquilatar a suas sublimes qualidades como homem e como Cristão, durante a nossa viagem de ida ao Kongo Belga, que se dignou fazer.

Peço desculpas aos leitores que se dignarem acompanhar esta descrição pelas divagações e pormenores que, quiçá, julgo não encontrarão no âmago de alguns nenhuma predilecção. Gosto de me interessar de tudo quanto a minha vista alcance e por isso sou, neste assunto, um pouco minucioso.

Parti de Luanda no dia 2 de Julho - Terça-feira - às 6 horas da manhã, no comboio habitual para Lukala, onde cheguei às 16 horas. Tinha que fazer esta viagem antecipadamente para conseguir lugar na camioneta que faz carreiras dali à Makela do Zombo, para mim e para os meus colegas Jessé Chipenda, do Lobito, e Filipe de Freitas, do Késua.

Logo que desembarquei, a minha primeira preocupação foi procurar informar-me da carreira. A boa gente do Lukala esclareceu-me que ela tinha sofrido algumas avarias e, logo que foram reparadas, partiu para Makela, devendo regressar cá apenas no dia 13. Desânimo. E não há aqui carros que fazem carreira para Makela? Perguntei um pouco inquieto e a resposta também foi negativa. Daí dirigi-me a uma sucursal evangélica ali existente, onde encontrei apenas o irmão Manuel Agostinho Fernandes que me foi muito

útil bem como a sua família. O Pastor local, o Rev. Santos Matoso fora a Késwa fazer parte da Conferência Anual que se realizava ali sob a presidência do ilustre Bispo N. S. Booth.

No dia 4 de Julho – Quinta-feira – e vindo do Késwa, vem fazer-me companhia o colega Filipe de Freitas; com ele troco impressões e faço-lhe ver as dificuldades que há com os meios de transporte. Freitas parece ocultar-me uma pequena aflição, mas depois conforma-se com o que desse e viesse.

No dia 5 de Julho de manhã – Sexta-feira – um chauffeur promete levar-nos no dia seguinte até à Damba e daí continuarmos a viagem com qualquer carro que, por acaso, passasse por aí; sem medirmos as dificuldades, aceitamos seguir com esse chauffeur. À tarde passava o combóio da linha ferroviária de Luanda para Malanje, no qual viajavam os Missionários: Revs. Dr. João T. Tucker, pessoa de invulgares qualidades que todos conhecem; Dr. John Rullyng; Inspector da Junta Americana das Missões, residente em Boston; Reverendo A. Pinto Ribeiro Júnior; Pastor Jessé Chipenda; e professor Álvaro Lutukuta. Os ilustres viajantes estavam todos cheios de optimismo, o que é raro ver-se em muitas pessoas depois de uma viagem de mais de 10 horas nestas partes de África, onde o calor indispõe e consome a energia do homem. Partiram e eles acenavam para mim e eu para eles. Julgo ter-me ajuizado bem, quando me lembrava de que eles eram embaixadores do Rei dos reis...Procurei o companheiro Freitas e voltamos para casa com a certeza de que partiríamos amanhã tal como ficou combinado.

Efectivamente, na manhã do dia seguinte, 6 de Julho – Sábado – o neveiro ainda não se tinha espancado, quando fomos procurar o chauffeur, o qual, ao ver-nos a pequena distância, o seu semblante era como quem estava comprometido. Estávamos a cumprimentá-lo quando, tristemente, nos diz que não podia levar-nos. Que o carro estava estragado, tinha o quê...e quê...que nós não sabíamos, porque ora dizia que um inimigo deitara-lhe açúcar no motor, ora lamentava uma infelicidade ocorrida na sua vida. Desânimo outra vez. Estávamos quase mudos. Entretanto, cada um de nós revelava ao outro o segredo da sua fé e ficamos de acordo em dizer: «Deus proverá.»

À tarde voltamos à Vila e, estávamos a chegar, quando um outro chauffeur, vindo do Uige, veio dizer-nos que tinha chegado um chauffeur vindo de Makela que amanhã regressa e leva passageiros. Corremos a encontrar o homem e depois de com ele trocarmos impressões, expusemo-lhe a nossa situação e a urgência que tínhamos em chegar a Makela. O chauffeur que, a despeito de tudo, mal olhava para nós, recusou terminantemente alegando não ter recebido do patrão ordens para levar passageiros. Pessoas estranhas intrrometeram-se no assunto intercedendo por nós, mas nem por isso. Maior foi o desânimo. Nesta altura as pernas já não se sentiam com bastante força para aguentar o corpo. Contudo, soube dar-lhe razão porque podia melindrar o patrão, correndo mesmo o risco de perder o seu bom emprego. Retiramo-nos daí e pelo caminho disse

ao meu colega Freitas: sinto certa satisfação dentro de mim e confesso que este chauffeur há de nos levar. O Freitas volta-se para mim e diz: então o Sr. crê que esse chauffeur, indiferente com ele é, poderá levar-nos?...sim, sinto esta certeza comigo. Deus proverá. Chegamos à casa e cada um de nós lançou-se para a cama como se fosse carga, mas falando em silêncio com Deus. E na nossa oração dizíamos: Senhor, se é tua vontade que façamos esta viagem, esperamos que o caminho nos seja aberto. Não tinham passado quinze minutos depois da oração, quando uma voz de alguém invisível disse procurai arranjar uma carta de uma firma comercial que vos recomende ao patrão do chauffeur e deste modo podereis seguir. Levantei-me e contei o sucedido ao amigo Freitas. Eram já 19,30 horas, quando saímos para procurar o chauffeur que concordou com esta última resolução, acrescentando que as únicas casas que podiam passar essa Carta eram Robert Hudson & Sons e Diogo & Cia. Aguardou-se tudo para o dia seguinte.

Às 7 horas de manhã desse dia **7 de Julho - Domingo** - dirigimo-nos à casa da firma Diogo & Cia. A porta estava meio-aberta e quando nos aproximamos, vemos a vir ao nosso encontro um venerando ancião, sócio da firma, de sorriso simpático, que depois de escutar os nossos anseios, prontificou-se logo a passar-nos a carta de recomendação sem exigências quanto ao pagamento que podia ser, segundo ele, lá ou cá, depois de regressar. Admiração!...A carta foi feita e nós, ao recebê-la, curvamo-nos agradecidos. No caminho fomos comentando o facto da amabilidade do respeitável ancião da considerada firma Diogo & Cia. Nós que vivemos no mundo de espera, de mais logo e de vem amanhã (e isto representa um tempo interminável), consideramos o caso como bastante significativo. Às 10 horas chegava o combóio vindo de Malanje para Luanda, e às 10,30 estávamos na camioneta prontos para partir.

(continua)

Diário de uma Viagem (2)

In "O Estandarte" n°.125, ANO XIII,
do mês de OUTUBRO de 1946, p.4

O carro tinha arrancado apenas poucos metros quando nos descobrimos para render graças a Deus. A alegria toma agora domínio sobre nós e toda a preocupação que parecia toldar a nossa fé desaparece. É dia de Sol ardente; os campos, devastados pelas queimadas, apresentam aspecto triste e desolador. Pela estrada, a poeirada é insuportável. O chauffeur é cauteloso e só quer andar à velocidade de 45 km/hora na estrada normal. Temos nele bastante confiança. Pelo caminho fora avistam-se, tal como nas ruas da cidade, muitas pessoas, algumas das quais levavam enormes pesos de géneros alimentícios, à procura de centros comerciais para onde os possam colocar e comercializar. Passamos as primeiras aldeias; e para diante depara-se-nos uma linda paisagem que nos deslumbra a vista. É uma plantação de sisal que margina a estrada e que, paralelamente, a segue até quase dentro de uma fazenda agrícola – a de Kijia – onde o farfalhar do palmar, como um ventilador, refresca e consola o viandante. Breve passamos este delicioso trecho e para diante os campos continuam sempre dolentes e sem beleza.

Às 13,15 chegamos no Kusu. Ali almoçamos e, passados três quartos de hora, o chauffeur não se fez rogado, põe o carro em marcha. As aldeias à margem da estrada têm, entre outras, algumas casas exteriormente caiadas. Algumas só têm como uma abertura a porta e, nas outras, além desta, um desenho que ao longe parece uma janela. As crianças, regra geral, quando sentem o movimento dos carros, abeiram-se da estrada e gritam, cumprimentando cheias de alegria. Os homens às vezes esquivam-se indiferentes e nem querem olhar para quem passa. Mais adiante, vemos aqui e acolá montanhas que atestam a sua amovível supremacia secular; como contraste, atravessamos também pequenos rios graciosos que correm cantando para irem beneficiar, em alguma parte, muita gente, quer bebendo-lhe a água, quer desviando-lhe o leito para regarem campos de semeadura.

Bendita Natureza... Que gozo e que delícias, ofereces ao viandante!...

Às 15,30 estávamos em Samba Kajú. O chauffeur, que é também carteiro, faz a distribuição das cartas aos comerciantes; trata de outros assuntos com pessoas das suas relações na povoação, e, passada meia hora, estávamos novamente a caminho. A viagem continua no mesmo ritmo e às 18 horas chegamos em Phambu-jya-soñy. Aqui encontramos o irmão em Cristo Cristóvão Agostinho Gomes, empregado comercial e sua família, que nos acolheram com muito gosto. Depois do jantar oferecido por este irmão, divertimo-nos em ler alguns jornais após o que fomos dormir.

No dia seguinte, 8 de Julho – Segunda-feira – a partida fez-se às 4 horas de madrugada. Passamos em Kamabatela às 5,30 e no Ngaji às 7,20 horas. O rio nestes sítios ganha a aposta de todos os abafos. Daqui até Makela a estrada é óptima, diz o chauffeur

e, por isso, não tem receio em acelerar a marcha. A poeirada aumenta e em alguns lugares a paisagem começa a atrair a nossa atenção. Do Posto Administrativo do Bungu para frente vêem-se, em áreas quase sucessivas, grandes povoações à beira da estrada. Dadas as mudanças bruscas de que os povos estão sujeitos, estes conseguem, por experiência própria, construir umas casitas portáteis, que em geral não têm mais do que dois metros e meio de comprimento por um metro e oitenta de largura. As quatro paredes feitas de colmo são preparadas à parte. Escolhido o sítio da construção, espetam-se no chão grossos paus nos quais amarram as paredes.

O tecto, também feito de colmo, é em semicírculo e muito interessante. Nesta tarefa vemos alguns homens a carregar paredes das casas para os locais onde iniciam as construções. Há, nestas aldeias, um avultado número de crianças que, como todas as outras, expõem-se sempre à beira da estrada. Estávamos no meio da povoação e, quando desci, com grande surpresa vi que estavam mais de trinta crianças que me cercavam. Quis participar na sua alegria sem nenhuma mescla de lisonja e cumprimentei-as: não me responderam. Pedi que cantassem um hino: não me compreenderam. Comecei a cantar: «Vindo Ele, Vindo Ele, as jóias colhendo...» Todas olhavam para mim espantadas. Entendi que não compreendiam português e iniciei outro hino em kimbundu: «Kuma kunia ku jixi jia makanga. Mu itombe ibui akuetu ia buila» (Eis os milhões que em trevas tão medonhas, jazem perdidos sem o Salvador). Algumas crianças riam-se de mim. Pensei: onde estou eu?!... E logo lembrei-me que estava no Kongo português.

Enquanto procurava desvendar o mistério perante as crianças, as quais queria fazer compreender o que lhes dizia, sai da povoação um homem, dono de uma casa que acompanha a evolução moderna que o Estado lhe mandou construir, que veio cumprimentar-me e correspondi-lhe com muita simpatia. Depois da troca de impressões, faz-se conhecer e diz que é o Soba da região. Reitero-lhe os meus reconhecimentos.

Faz-me saber que todas essas povoações são católicas. As crianças dançavam e cantavam cânticos da terra diante de mim e foi pena que não os pudesse compreender. O povo, por estes sítios, vive na sua maioria no estado primitivo. A indumentária é de uma simplificação que confrange a consciência do viandante, atendendo ao século. As pessoas de todas as idades e sexos passam de corpo ao léu.

Às 13 horas tínhamos chegado ao Posto Administrativo de 31 de Janeiro. Aí está uma filial do patrão do chauffeur. Depois do almoço, o empregado que aí encontramos prepara o correio, e às 14 horas partimos daí e passando a Damba às 15, chegamos na povoação de Kibokolo, aproximadamente às 17,30 horas. A camioneta parou aí. E tal como me aconteceu no outro sítio, logo que desci muitas crianças me cercaram pulando e gritando na língua kikongo, entretanto por mim não falada. O meu coração ficou depressa simpatisado. Associei-me a elas e comecei a ensinar-lhes a cantar; foi tudo em vão, porque em vez de me acompanharem, abriam-se em gargalhadas estridentes como se nunca tivessem visto coisa igual.

(continua)

O Nascimento de Jesus

In "O Estandarte" n.º 126, ANO XIV,
do mês de DEZEMBRO de 1946, pp.1-2

Há XX séculos que os humildes admiradores dos prados e dos cantos matutinos da passarada mais do que os outros, conhecedores dos sítios ribanceiros e apreciadores em extremo da Natureza em todas as suas mais variadas matizes - ficaram atemorizados naquela noite de luar, quando, em presença do Anjo, estavam cercados da glória do Senhor.

Sossegai, disse o Anjo do Senhor.

"...eis que vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo."

Há dois mil anos que os povos de todo o mundo participam dessa alegria.

Natal...Natal...

Há sossego nos lares, alegria saltitante nas crianças.

Nasceu Jesus...

Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens.

Grandes vultos, vontades firmes, reúnem-se no desejo de trazer a paz no Mundo - paz que todos almejam.

Mas aos homens de boa vontade; e só a estes, porque têm a sua consciência submetida nos propósitos divinos, aconselham que só é possível uma paz duradoura quando ela estiver fundada nos princípios doutrinários do Salvador que é o Cristo, o Senhor.

E os pastores tomam resolução:

Vamos, pois, a Belém e vejamos isto que aconteceu e como o Senhor nos fez saber.

E indo, encontraram Maria e José e o «Deus-Menino» deitado em uma manjedoura

E vendo a presença resplandecente do Recém-nascido, curvaram-se de joelhos dobrados e O adoraram, todos estremecidos.

E contam uma pequena história do que lhes aconteceu e todos a escutam e se maravilham.

Outros O adoram.

Uma estrela de brilho estranho causa admiração aos sábios do Oriente. A dúvida do que teria acontecido os impele a ir para Jerusalém.

E posto que chegaram a Jerusalém, perguntaram:

"Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente, e vimos adorai-lo!"

Com o povo da cidade perturba-se, igualmente, o rei. Reúne os sábios e estes examinam as Escrituras e a resposta vem certa.

Em Bethlém de Judea, porque assim está escrito pelo profeta.

Ouvida a resposta, os magos não perdem tempo. Partem pressurosamente para Bethlém de Judea guiados pela refulgente estrela que observam com grande alegria.

E logo que chegaram viram a estrela também parada em direcção ao lugar onde o Menino estava deitado e se comovem...

E entrando em casa acharam o Menino com a Maria sua mãe, e, prostrando-se, O adoraram; e abrindo os seus tesouros, lhe ofereceram dádivas: oiro, incenso e mirra.

E todos, adorando-O, repetem com os Anjos: «Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens.»

E nós também...

Levados pela mesma fé que nos permite crer firmemente nas coisas que os nossos olhos não vêem, ao festejar a gloriosa data do nascimento do Salvador do mundo, devemos ser impulsionados vivamente por um único ideal: o de adorar o Cristo-Rei, oferecendo-lhe, sem avareza, os mais recônditos segredos do nosso coração.

*E dizemos com os Anjos:
Glória a Deus nas alturas...
Nasceu Jesus...*

Dezembro de 1946
Gaspar d'Almeida

Boas Novas!...

Boas Novas!...(2)

In "O Estandarte" n°.126, ANO XIV,
do mês de DEZEMBRO de 1946, pp.3-4

Tinha chegado o momento desejado em que a miséria do pobre seria transformada em abundante fonte de graças; em que a atenção pelo respeito humano se registaria em todas as camadas sociais, e em que o sofrimento do próximo confrangeria a consciência de outrem. Enfim, estavam abertas as covas para nelas se sepultarem o egoísmo, o ódio, os preconceitos racionais e sociais. Entretanto, à medida que a salutar doutrina de Jesus se espalhava entre os povos, o antagonismo judaico deitava vigorosamente as suas raízes de ódio nos corações dos que estavam no apogeu. Jesus foi preso e crucificado. No lenho, de intervalo a intervalo, pronunciou, serenamente, palavras que comprometeram grandemente as consciências dos seus verdugos. Salientaremos estas: *«Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem.»* Pensemos no momento em que foram estas palavras proferidas para avaliarmos a sua estrutura e grandiosidade. Perante tão grande magnanimidade o ser humano só tem que se curvar e pedir perdão dos seus pecados a tão grande *Libertador que morreu para que o Mundo tenha vida e a tenha em abundância.*

Morto o Salvador, alguns dos seus discípulos tiveram coragem de pedir o Seu corpo para o sepultar. Passaram quase três dias de grande consternação. Os discípulos sofreram grandes insultos e havia ocasiões em que buscavam esconderijos para evitarem ser massacrados. Aqueles que esperam do Messias a libertação, viveram os dias mais sombrios da sua vida. Uma manhã, porém - aquela augusta manhã - algumas mulheres que, a despeito de tudo estavam cheias de gratidão, lembram-se de ir ao túmulo onde jazia o seu Mestre e Redentor. O intuito delas era apenas o de untar o corpo de Jesus com alguns unguentos de grande valor e de um especial aroma. Grande espanto, porém, surpreendeu-as, quando encontraram o túmulo aberto com a ausência daquele adorável corpo. Procuravam, sobressaltadas, em volta do jardim, quando um Anjo lhes faz esta pergunta: *«Porque buscais o vivente entre os mortos? Não está aqui, mas ressuscitou. Ide, dizei aos seus discípulos...»* S. Lucas 24:5, 6 e 7. Boas Novas...Boas Novas...Correm pressurosas para anunciar a grande nova aos discípulos; e depois que a notícia se espalhou em todas as cidades e vilas, encheram-se os povos de admiração. Dois dos discípulos a quem a notícia lhes pareceu ser um sonho, correram para o lugar onde o seu Mestre estava sepultado para melhor se convencerem da veracidade do acontecimento. Pedro, o último a chegar, entra no sepulcro e em seguida entra também o que chegara primeiro. Que viram eles?

Apenas os lençóis. O Mestre não está aqui... O Mestre ressuscitou!... Mas diziam estas palavras em voz baixa por temerem poder ficar presos. Voltam cheios de susto e anunciam aos outros o que viram.

A notícia corre veloz para toda a cidade. Aqui e acolá, vêm-se grupos de pessoas a comentar o maravilhoso acontecimento. Dois homens que se dirigiam para a aldeia de EMAÚS trocam impressões entre si e, como que cansados e tristes, com toda a esperança perdida, murmuravam — «*Nós esperávamos que fosse Ele o que remisse Israel; mas agora, sobretudo isso, é já hoje o terceiro dia desde que estas coisas aconteceram*» S. Lucas 24:21. E enquanto solícitos assim falavam, coloca-se entre eles um terceiro que, interessado na sua preocupação, lhes faz esta pergunta: «*Que palavras são essas que, caminhando, trocáis entre vós e porque estais tristes?*» (vrs. 17). Cleuphas, um dos caminhantes, admira-se por ver um homem que até àquela hora parecia ainda não estar ao corrente dos acontecimentos que se espalhavam em toda a cidade. O terceiro, no intuito de colher tudo quanto contribuíra para a desolação daqueles dois caminhantes, procura saber quais coisas. Cleuphas, não querendo ser esquivo, expõe tudo o que sente e diz: as que dizem respeito a Jesus de Nazareno, que foi varão Profeta, poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo. E como os principais dos sacerdotes e os príncipes O entregaram à condenação de morte e O crucificaram (vrs. 19 e 21). Diz ainda como ficaram maravilhados quando algumas mulheres que foram de madrugada ao sepulcro os surpreenderam com a notícia de que Ele vive segundo lhes disseram os Anjos que ali encontraram. O mesmo confirmam os dois discípulos que, logo que souberam da ocorrência, se dirigiram para o local onde Jesus jazia. O Terceiro escutava tudo isso com bastante interesse e, tendo bem claro a ignorância dos dois caminhantes, diz-lhes: «*Ó néscios e tardios de coração para crer no que os profetas disseram!...*» (vrs 25). O eminente Professor aproveita dar-lhes minuciosos detalhes sobre a história das Sagradas Escrituras, começando por Moisés e por todos os profetas, explicando-lhes o que d'Ele se achava escrito em todas as Escrituras. Enquanto escutavam a explicação, os seus corações palpitavam e compreenderam logo que estavam andando com um homem não ignorante, mas Mestre dos mestres. Mesmo assim, ainda não O conheciam. Ao chegar à vila, Ele fez gesto de quem quisesse continuar a viagem. Porém, os homens rogaram-Lhe para que ficasse com eles. Já à mesa, ao abençoar o pão, abriram-se-lhes os olhos e imediatamente compreenderam que afinal estavam com o Senhor Jesus, já depois d'Ele se ter retirado. Grande foi o espanto que os dominara...

O Mestre vive!... Boas Novas!...

Correm caminho a Jerusalém e quando se encontraram com os outros discípulos estes também conformaram a Boa Nova, porque já tinha sido visto por Simão.

Enquanto conversavam sobre este assunto, Jesus aparece no meio deles e diz: «*PAZ SEJA CONVOSCO*». Caso tão sobrenatural não deixaria de atemorizar aqueles humildes discípulos. Tremeram. O Mestre, querendo acalmá-los, diz para eles: «*Sou eu Jesus. Sou eu mesmo... não tenhais medo*». Mostra-lhes as cicatrizes das suas mãos e dos pés. Os discípulos convencem-se de que estavam a falar com Cristo, o ressurrecto. Que alegria!

Que Novas tão grandiosas e belas para toda a humanidade!

Cristo, em contacto com os seus discípulos deixa-lhes esta ordem: *«É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto, ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos.»*

Com o IDE de Jesus estava completo o plano que havia de unir, pela dilatação da fé das Boas Novas, os povos do mundo inteiro; os povos de todas as raças e condições, tornando-os iguais em Cristo, como o são no dia do nascimento e no da morte. Estava executado o plano para estabelecer neste mundo que o orgulho humano transformou em mundo de miséria, num reino de paz que havia de extinguir o desprezo pelo semelhante. Lar era o nome característico com que este mundo era designado, onde cada ser humano visse no outro irmão. Inconscientes são estas asserções dirão uns; parecem utopias, quererão dizer outros; mas é este o Cristianismo de há vinte séculos.

IDE...E eis que eu estou convosco todos os dias!

Glória a Deus!...Glória a Cristo Vivo!...

(continua)

A FÉ deve operar dignamente; nunca edifica na areia, mas na rocha, porque a sua duração é eterna.

Diário de uma Viagem (3)

In "O Estandarte" n.º.126, ANO XIV,
do mês de DEZEMBRO de 1946, p.3-5

Enquanto esperávamos o chauffeur que estava a atender o povo, chega, de automóvel, o ilustre missionário Reverendo Dr. Tucker com os seus companheiros de viagem. Trocamos impressões sobre a viagem. Tudo, bem como nós, ia optimamente. Passam e pouco depois seguimo-lhes, tendo chegado a Makela do Zombo às 19,30 horas. Fomos para o hotel, então preparado, do sr. Jacinto Fernandes, patrão e dono da camioneta que nos levou, o qual foi para nós todos de uma cordialidade excepcional.

No dia seguinte, **9 de Julho - Terça-feira** - depois do ilustre missionário Dr. Tucker apresentar a nossa documentação à autoridade administrativa local, passando pela delegação de Saúde, partimos dali cerca das 10,30 horas. O comerciante sr. Jacinto Fernandes colocou à nossa disposição outra vez a sua camioneta e partimos para a fronteira com o mesmo chauffeur. Alguns quilómetros depois da partida, uma grossa trave corta-nos a passagem. Era a Guarda-Fiscal. Cumprida a sua missão autoriza-nos passar. Daí para diante a vista das povoações era a mesma; a estrada muito irregular. Entretanto, tudo correu bem até Kimpungu, na fronteira, onde chegamos cerca das 13,00 horas. O ilustre missionário Dr. Tucker dirige-se à secretaria onde se encontrava um funcionário nativo investido de toda a autoridade. Este pede ao sr. Dr. Tucker para esperar e aí ficamos até às 14,00 horas, hora oficial para abrir a repartição. À hora marcada, o infatigável missionário dirige-se à secretaria e, cumpridas todas as praxes legais, às 14,30 horas estávamos prontos para partir, rumo a Moerbeke.

Já estamos dentro da colónia Belga. Entre muitas pessoas que nos rodeiam há apenas uma que pode balbuciar algumas palavras em língua portuguesa. O comércio aqui é havido com casas bem fornecidas, em número de cinco, e é exercido pelos nativos.

Transpomos apenas uma linha divisória acentuada pelos Tratados políticos, que nada têm que ver com mudanças de terras que continuam sempre uniformes. Uma vista rápida faz-nos crer que aqui a tendência do povo mais atrasado é a de procurar arreigar-se cada vez mais a bárbaros costumes primitivos. Vimos cá, como é também costume em Angola, grupos de naturais levando garrações de *malavu ou marufu* líquido não fermentado extraído directamente das palmeiras, em estado de completa insensatez devido a bebedeira demasiada. Isto é notório em povoações onde a salutar doutrina do Evangelho ainda não é conhecida ou onde o povo dela é privado. Em alguns sítios ermos onde se não vêem aldeias próximas encontramos grandes ajuntamentos de pessoas, caso

que, em Angola, nos dá a ideia de um dia de concentração em Zona Sanitária; todos faziam ao mesmo tempo. Como estranhos ao facto, ousamos perguntar: Q'est c'est que c'est que cá? C'est le marché — responde um dos que ia connosco.

É um mercado ao ar livre e tão estéril é o lugar, que não existe a mínima sombra de árvore. Os naturais com certa preparação mostram um acentuado progresso, distinguindo-se do seu conterrâneo inculto, que assiste a todo o transladar da terra, presumo em futilidades e em devassidões. Mais para diante e a aproximar-nos de Moerbeke, a paisagem apresentava-se atraente. Em Kibenthele fomos surpreendidos com uma oferta de dúzia e meia de laranjas. O benemérito que àquela hora de muito calor se lembrou de nós era o Pastor da Missão Baptista, de seu nome Labaki Shadraki Kyende, homem de pequena estatura, com físico de um torturado pela miséria, mas em cujo semblante refulgia bondade, zelo e todas as maneiras de um cuidadoso Pastor. Dirigia-se à sua Capela com os seus livros na saca, e quando se lembrou que esses forasteiros, embora desconhecidos, deviam sentir necessidade de algum fresco, interrompeu o que ia fazer por um momento e voltou a casa donde trouxe a oferta. Para a ocasião, talvez um sermão não valesse tanto. Agradecemos e a nossa viagem continuou ao mesmo ritmo; passamos por uma vasta área com plantação de cana sacarina e às 18,30 chegamos a Moerbeke.

Aqui encontramos um comerciante de nacionalidade portuguesa que agasalhou os nossos companheiros missionários e nos forneceu cobertores que estendemos na garagem, onde passamos a noite, dormindo o sono de um viajante.

Às 8,30 do dia seguinte, 10 de Julho — Quarta-feira, dirigimo-nos à estação de Caminho de Ferro onde encontramos um funcionário nativo que muito se simpatizou com a nossa presença. O comboio só chegaria às 12 horas e por isso tivemos bastante tempo de ver alguns sítios ao redor. Os missionários resolveram visitar a Missão de Kibenthele, tendo ficado connosco o Pastor Jessé Chipenda e o professor Álvaro Lutukuta. Às 11 horas estávamos na bilheteira a perguntar pelos nossos bilhetes. Quisemos viajar em 2ª classe, mas não nos foi possível. O chefe da estação do caminho de ferro informou-nos que não era possível, aqui no Kongo Belga, um nativo viajar de comboio em carruagem de 2ª classe. Para mim não foi novidade nenhuma. Mas não deixou de surpreender os meus colegas que entreolharam-se interrogativamente e com bastante admiração. Às 12 horas o comboio estava na estação. Metemo-nos na carruagem que a sorte nos predestinou e, minutos depois, partimos rumo a Léopoldville. Durante o percurso a paisagem apresentava-se sem nenhuma cambiantes. Foi, entretanto, curioso notar que durante a viagem ninguém foi abrigado a exhibir o bilhete, nem vimos passar pela carruagem o respectivo revisor de bilhetes.

É que aqui o passageiro compra o bilhete na estação de embarque e só o entrega na outra do desembarque, procedendo contra quem não o tenha apresentado depois de desembarcar. Eram já 18 horas e estávamos a ver a cidade, quando a nossa atenção estava desviada a ver o grande rio Zaire que à distância mal se podia medir a largura. Na

Estação aguardava a nossa chegada um missionário com Táxi que nos levou até Kaliná, lugar que serviu de acampamento do exército americano e cujas casas foram dispensadas pelas autoridades belgas para a realização do Congresso. Eram cerca de 18,30 horas quando colocamos a bagagem num grande salão que foi indicado para sermos hospedados e onde já encontramos camas postas com indicação do nome de cada delegado. Nós fomos um dos primeiros delegados a chegar.

No dia seguinte, **11 de Julho – Quinta-feira** – fomos nos inscrever no «Bureau» e pagar a quantia extra das despesas em comedoria, etc., para os dois dias que havíamos de esperar até começar o Congresso. Os aviões, duma e doutra direcções aumentavam durante os primeiros dias após a nossa chegada e, em proporção sempre crescente, aumentava, igualmente, o número de delegados.

De Angola viajaram Sua Excelência Reverendíssima Bispo Booth; o Reverendo Linwood Blackburn e esposa, e ainda a Madame Leona Bucker. As refeições eram tomadas em comum num grande salão. Foi esta a primeira lição de unidade que revelou, na primeira etapa, a suprema estrutura moral do grande Congresso.

Tivemos algumas ocasiões de visitar a cidade que, do sítio onde estávamos, distava mais ou menos a cerca de 45 minutos de andar a pé. Para satisfazer curiosidades, de-sejo dizer que, a meu ver, comparando a cidade de Léopoldville com a de Luanda, não hesito em confirmar de que a cidade de Luanda é mais bonita. A primeira pessoa conhecida que encontramos no primeiro dia foi o nosso amigo Francisco Batalha, alfaiate, natural de Luanda, a quem certos desgostos o impeliram a ganhar a vida de preferência em terras estranhas. É sempre a mesma pessoa, depois de muitos anos de ausência. Depois fomos nos encontrando com mais pessoas que muito se congratularam com a nossa chegada.

Como é do conhecimento dos leitores, conforme o relato publicado em primeira mão nos números 23 e 24 do nosso Jornal, o Congresso foi inaugurado às 15 horas do dia 13 de Julho. Escuso, portanto, fazer vãs repetições do que já se disse e limito-me apenas a esplanar vagas impressões que comigo ficaram gravadas e guardadas, com devido respeito, no escrínio do meu coração.

(continua)

Ano de 1947

"DIÁRIO DE UMA VIAGEM - IV" in "O Estandarte" n.º.129 (está cradadamente com o n.º.127), ANO XIV, do mês de FEVEREIRO de 1947
insere este artigo a pp.2-4.

ANO XIV	Lusitânia, Fevereiro de 1947	N.º.127
O ESTANDARTE		
Mensal - Preço 400 Réis		
Órgão e Propriedade de Crentes Evangélicos Africanos Portugueses.		
Ano XIV 1947		
Impressão e Administração ALCANTARA LUIS DE CAMÕES C. B. D. 4000 CALLE 1911, N.º. 12 LISBOA S. 1947	CONSELHO DIRECTIVO Director: Sérgio d'Almeida Redacção Principal: António Victor de Carvalho Administradores: Sebastião Gaspar Diniz Não sendo responsável se alguma vez usar o nome dos seus editores.	AVANÇADA (Lusitânia) Proprietor: António Colónia Portuguesa: 1947 Portugal Continental: Lisboa Superior: 1947 Comunidade: 1947 Visado pela Censura

Momentos Fotográficos da
Vida e Obra Evangélicas do
Peregrino Gaspar d'Almeida

Desperta ... Óh Áfrika!

evangelização da África e toda
a causa missionária em geral

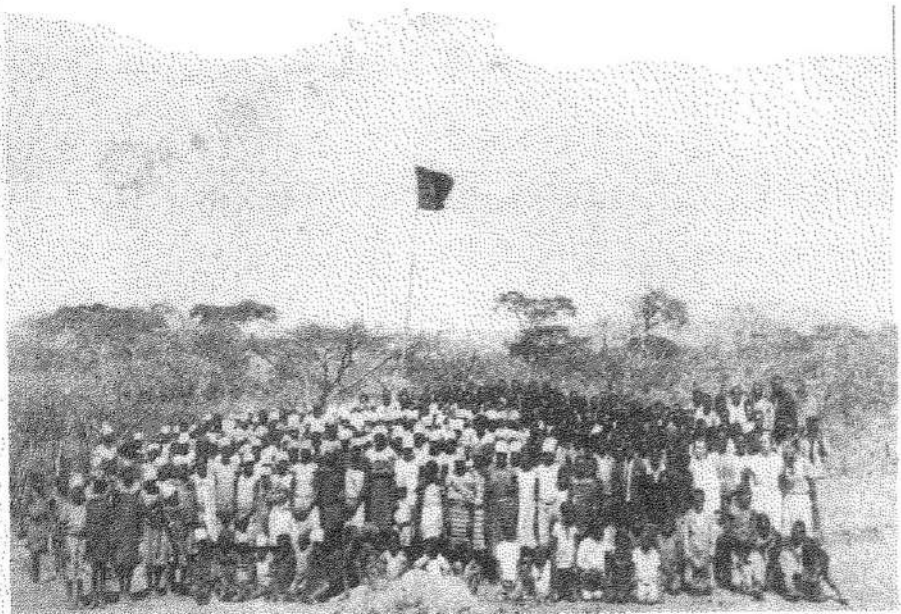
Da década de 1930 a 1939



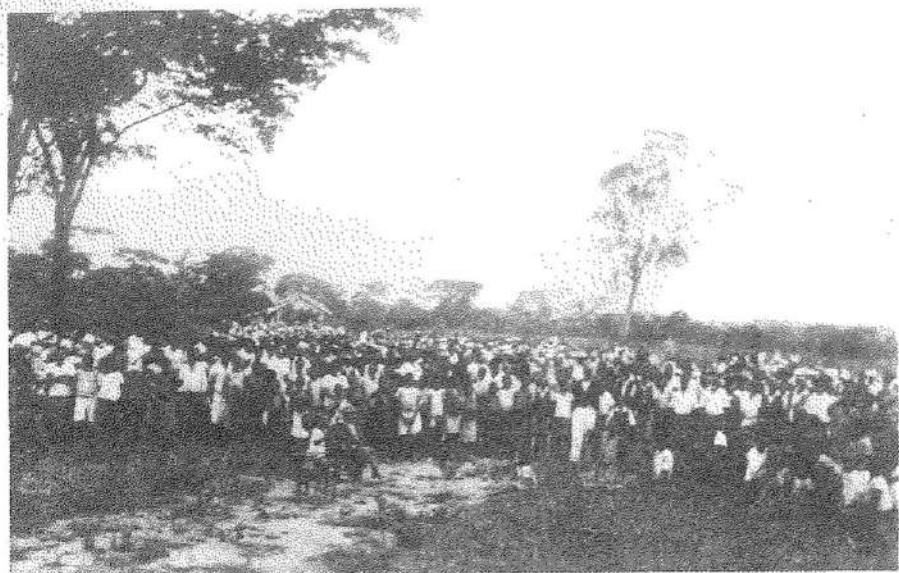
1936, 09 de Julho Gaspar d'Almeida na Missão do Kyongwa, com um grupo de Crentes.



1936, 11 de Julho Gaspar d'Almeida na Missão do Kyongwa, em companhia da Dona Elisa Klebsattel.



1936, 09 de Julho Gaspar d'Almeida na Missão do Kyongwa, com um grupo de Crentes.



1938. Kalukembe (Huila). No dia da Páscoa na Missão Evangélica com os Crentes.

Costumes afrikanos:

Acerca dos costumes afrikanos há que combater, na sua totalidade, a poligamia por ser prejudicial à civilização e desvirtuadora dos lares. Há que combater tudo quanto cause medo ao afrikano, como sejam as crenças falsas, a idolatria, o feiticismo, etc.

Atendendo a que no casamento tanto a família do noivo como a da noiva todos entram, por afinidade, numa comunidade familiar, o *lembamento*, cujo preço sobe de ano para ano e muitas vezes com os seus característicos sinais perturbadores, foi considerado como uma coisa que não deve existir entre famílias cristãs, podendo ser substituído por ofertas voluntárias.

A cultura afrikana é abundante em canções, provérbios e fábulas de valor intrínseco; pena é que os antepassados afrikanos não tenham sido capazes de conservar esses valores por via da escrita pela simples razão de não saberem escrever; por isso devem ser popularizadas aquelas canções regionais que lembrem o passado e que tenham sentimentos moralistas, repelindo-se as que contenham obscenidades. Os provérbios e as fábulas são de grande alcance na filosofia afrikana e por isso a sua conservação, se adaptados às modalidades da civilização, é de suma importância.

Na **Quinta-feira, dia 18 de Julho**, às 16 horas, todos os congressistas tiveram o ensejo de assistir ao filme sobre leproso exibido no Cine Teatro Belga pelo eminente médico Dr. Kellersberger. Aí, com os corações enternecidos, pudemos ver até onde se estende a miséria da raça afrikana e razões de sobra havia de nos interrogarmos: por que razão somos assim tão desgraçados?... Às vezes faltou-nos a coragem de encarar as imagens dos infelizes leprosos porque muitos deles pareciam simples massa inerte. Contudo, o Dr. Kellersberger gosta muito dos seus doentes.

No dia seguinte – **Sexta-feira, dia 19 de Julho** – de manhã, as autoridades belgas e francesas puseram à disposição de todos os congressistas machimbombos e outros meios de transporte para uma visita ao Bairro Indígena, Sona Bata, Estação Missionária situada a dezenas de quilómetros da cidade, e a Brazaville à tarde. Um grande grupo do qual eu também fiz parte preferiu a visita ao Bairro Indígena. Às nove horas partimos de Kaliná e um oficial que ia à nossa frente, de moto, servia de nosso cicerone. Fomos primeiro à praça onde as pessoas se contam aos milhares vendendo de tudo. O comércio, no Bairro Indígena só é controlado pelos naturais; visitamos o sanatório para tratamento de doenças venéreas e daí seguimos ao Tribunal Indígena que estava em pleno funcionamento e onde encontramos: ao centro, o Meritíssimo Juiz ladeado de Srs. Advogados, todos naturais, e quatro soldados para impor a ordem; de pé estava uma mulher e, sentado, no banco de réu, um homem. Todas as questões que exigem pena menor são aqui resolvidas e correm pelas instâncias superiores aquelas que apresentam maior gravidade, não deixando, na sequência do julgamento, o Advogado do réu, de imprimir a sua influência até à decisão final. A situação de casas para habitação dos natu-

rais está merecendo muita atenção por parte do governo Belga, o qual está a envidar todos os esforços no sentido de mandar construir casas modestas, mas higiénicas; vimos já algumas destas casas concluídas e habitadas com vantagem de, mais tarde, virem a ser propriedade dos seus inquilinos, uma vez que satisfaçam o pagamento da renda que varia entre 50.000 a 60.000 angolares mensais durante sete ou doze anos. O inquilino só perderá o direito se dentro do último prazo ele não liquidar a importância exigida. Continuamos a caminhada até ao Estádio Municipal: o campo de futebol é relvado. Daí a piscina onde todas as pessoas, a qualquer hora, podem proceder ao exercício de natação. Demos uma volta a todo o Bairro e regressamos às 12 horas. Às 14 horas estávamos prontos para visitar a colónia francesa de Brazaville. Atravessamos o rio Zaire no ponto onde tem cinco quilómetros de largura. Dirigimo-nos, depois, à Câmara Municipal, onde fomos recebidos pelo seu Presidente e daí à Estação Emissora de Rádio. Fomos ao Estádio Municipal; visitamos depois duas Estações Missionárias e o nosso regresso fez-se pelas 18 horas.

No dia seguinte – dia 20 de Julho, Sábado - continuaram os trabalhos do Congresso na parte da manhã, e à tarde, depois da recepção oficial animada com banda de música perante as autoridades das duas colónias, foi profusamente servido chá e refrescos a todos os que aí estavam presentes.

No Domingo – dia 21 de Julho – de manhã, depois do Culto Religioso, à tarde, nós, os delegados angolanos, acedemos e fomos atender ao convite que os nossos patrícios aí residentes nos fizeram, os quais congratularam-se muito com a nossa presença e ofereceram-nos copiosos refrescos; tive a ocasião de usar da palavra saudando todos quantos aí se encontravam em procura do pão de cada dia. Um dos patrícios, ao corresponder às minhas palavras, dominado por um sentimento nostálgico, chorou ansioso de querer voltar para a sua terra. Para perpetuar a ocasião cheia de recordações fomos fotografados.

Os trabalhos do Congresso terminaram no dia 24 de Julho, Quarta-feira – depois de uma cuidadosa revisão das actas, ao fim da qual se fez um voto de confiança para se dar cumprimento integral de todos os assuntos aprovados; uma Comissão passará, de cinco em cinco anos, a inspecionar os trabalhos nas Missões. Houve troca de agradecimentos entre os Missionários e os Delegados afrikanos, pela boa colaboração prestada de parte à parte em muitos problemas que se apresentavam difíceis. À noite, sendo 20 horas, foi encerrado o Magno Congresso, depois do serviço solene da Celebração da Ceia do Senhor.

Partimos no dia seguinte – 25 de Julho, Quinta-feira – e se cada Missionário levou um trabalho por fazer, nós, os Delegados Afrikanos, levamos as boas novas do Congresso para serem anunciadas a todo o povo afrikano.

(continua)

Plena Paz

«Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim»

João 14:1

In "O Estandarte" n.º 130, ANO XIV,
do mês de MAIO de 1947, pp.1-2;
"DIÁRIO DE UMA VIAGEM - VI" conclusão p.3;
"CONGRESSO MUNDIAL DA JUVENTUDE CRISTÃ" pp.3-4

TRANQUILIDADE, confiança e fé têm os crentes nestas inspiradas palavras do Amigo sem igual de toda a humanidade e Mestre Divino, Jesus Cristo. Ele estava nas vésperas de receber dos seus inimigos os mais horríveis sofrimentos que o homem mais criminoso do mundo podia sujeitar. À sua frente estava nítido o desenho de tudo o que havia de lhe suceder; porém, Ele não teve nenhum medo. Entendeu o Mestre que tais acontecimentos fossem revelados aos seus discípulos e, por isso, tomou o lugar de conselheiro animando-os para que tivessem fé e coragem, quando viessem a ter lugar. Entre os discípulos não faltaram alguns que deixaram ofuscar a chama da sua fé, e começaram a ter desânimo. E para aliviar a consternação que a pouco e pouco os estava enfraquecendo, o Mestre disse-lhes estas palavras cheias de confiança e de muita fé: *«Não se turbe o vosso coração; Credes em Deus, crede também em mim»*. E tal como aconteceu na ocasião em que repreendeu as ondas do mar embravecidas, também os corações perturbados dos seus discípulos começaram a tomar atitudes serenas. Em que consistia essa tranquilidade? Os discípulos reconheceram que estavam em presença do Filho de Deus e que os seus conselhos deviam ser acatados, porque têm o poder de trazer vida onde há morte e transformar todo o mal de que certos homens estavam contaminados em bem. Compreenderam que deviam crer em Deus. Eles deviam ter fé na existência de Deus, Criador de todas as coisas; Deus Todo-Poderoso, Omnisciente e Omnipresente, isto é, Aquele que assiste a tudo o que fazemos neste mundo e do qual havemos de apresentar contas.

Hoje em dia não há sequer parte nenhuma onde vivam pessoas sem perturbações.

Há perturbações económicas, físicas, espirituais ou morais. Qualquer destas perturbações, quando não sanada, tem um poder capaz de abreviar a existência do homem. Às vezes temos que agir fortemente para debelar o mal que afecta a nossa situação económica; os cuidados pelo nosso corpo têm sido uma das nossas maiores preocupações. Quando não alcançamos o que as nossas aspirações almejam, quanto não nos sentimos perturbados! Muitas vezes, quando não sabemos o que havemos de fazer para melhorar as nossas condições de vida, também sentimos perdidas as nossas esperanças. É justa-

mente nesta altura que Jesus intervém nos nossos desânimos e nos diz: «*Não se turbe o vosso coração*». E não pára aí. Sabe que só estas palavras não chegam para tornar feliz o coração aflito e por isso continua para completar a receita. «*Crede em Deus, credes também em mim*». Que consolação trazem estas palavras no coração do crente! Hoje, mais do que nunca, a voz de Cristo, o Salvador do Mundo, deve ser escutada com mais reverência. Ele é o Advogado indispensável em todas as nossas questões, cuja solução se apresente difícil. É ainda o maior organizador do mundo na sua estrutura moral e política. A paz que todos nós ansiamos em todo o mundo, principiando nas nossas casas, nunca a obteremos se não formos obedientes às palavras de Jesus que nos aconselham a amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. A inimizade e as desconfianças desapareceriam, se todos nós tivéssemos a devida atenção na sua máxima que diz: «*Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós*».

Para o mundo se tornar feliz na verdadeira acepção da palavra só há uma única solução: Crer em Deus e Crer no Verbo que se fez carne e habitou entre nós, o qual é Jesus Cristo, o construtor do novo mundo cheio de paz e de amor.

A paz que Jesus promete dar ao mundo é segura e permanente; garante à humanidade a felicidade eterna. O Mundo, através dos tempos, tem passado por crises horríveis; grandes esforços também têm sido feitos no sentido de acabar com os conflitos; porém, do que se tem constatado, verifica-se que nunca devemos confiar nos homens. Cristo disse:

*«Deixo-vos a paz; a minha paz vos dou.
Não vo-la dou como o Mundo a dá.
Não se turbe o nosso coração, nem se atemorize»*
(João 14:22).

Que todos nós, peregrinando neste mundo onde existe toda a espécie de miséria que constantemente perturba os nossos corações, cheguemos ao conhecimento perfeito dos ensinamentos de Cristo para podermos gozar plena e verdadeira paz.

Gaspar d'Almeida

Diário de uma Viagem (6)

In "O Estandarte" n.º.130, ANO XIV,
do mês de MAIO de 1947, conclusão p.3;

Tudo terminou gloriosamente. A intervenção de Deus, como era de esperar em assuntos tão humanitários, manifestou-se em todas as actividades. Os heróis que se envolveram na luta do bem, usando como instrumento bélico a *Espada do Espírito que é a palavra de Deus saíram vitoriosos; e, como generais do Exército de Deus, regressaram triunfantemente*; e nós os acompanhamos com acção de graças nesta retumbante vitória que será festejada para sempre pelos afrikanos; o local e as datas 8 a 24 de Julho de 1947, figurarão na História da restauração da raça negra. Glória, pois, a Cristo que permitiu tão grande vitória! Glória aos Missionários de Bíblia na mão!...

No dia 25 - Quinta-feira - já depois da grande maioria dos delegados se ter retirado um dia antes, nós partimos cerca das oito horas logo a seguir ao mata-bicho. Viajamos no automóvel do Reverendo Merrill Ferguson, ilustre director da Missão Evangélica da Chisamba, (Katabola, Bié). Faziam-nos companhia viajando no seu automóvel o Reverendo Dwane Woln, ilustre director da Missão Evangélica do Chilesu (Andulu, Bié), esposa e a Secretária da Sociedade Missionária das Missões Canadianas. Numa carrinha viajavam as Missionárias. Éramos, ao todo, catorze pessoas. Cerca das 11,30 horas estávamos na Missão Evangélica de Sonabata, onde o dedicado clínico, Sr. Dr. Rodolphe Brechet, actualmente em Kalukembe (Huila) deixou o seu nome bem venerado entre os naturais pela sua suprema bondade e inesquecíveis serviços aí prestados, como médico cheio de muita paciência e amor para com toda a gente. Os serviços hospitalares estão agora sob a direcção do ilustre médico, Sr. Dr. Glen Futtle que desenvolve aí uma acção também digna de todos os elogios no que diz respeito à higiene e à saúde dos povos nativos. Visitamos as várias dependências e numa das quais encontramos doentes que, apesar de tudo, se sentem muito felizes por acharem tão bom acolhimento e um tratamento tão carinhoso. Visitamos também a sala do curso de enfermagem, todo o equipamento com o material necessário. Aqui têm sido preparados muitos enfermeiros nativos aos quais os senhores doutores não têm receio de lhes confiar a fazer pequenas operações de cirurgia. Tivemos o prazer de conversar com alguns desses enfermeiros já diplomados depois de quatro a cinco anos de estudo teórico e de prática. Partimos daí depois do almoço, rumo a Kimpense, uma importante Missão na preparação de obreiros para a grande obra do Senhor. Chegamos aí às 20 horas, tendo sido bem recebidos pelo director da Missão, Reverendo Edgar Morris e esposa. Era já tarde e, depois do jantar, restava-nos ir bater uma grande soneca.

No dia seguinte – **26 de Julho, Sexta-feira** – depois do pequeno almoço fomos à Igreja para render graças a Deus. Encontramos aí umas dezenas de pessoas, na sua maioria jovens.

Depois de ouvirmos cantar hinos muito lindos em kikongo, foi dada a palavra ao Reverendo Ferguson que falou aos presentes servindo-lhe de intérprete o Reverendo Morris. Depois fomos visitar as Escolas e as Oficinas.

Era tempo de férias. Contudo, o que vimos deixa-nos crer que esta Missão tem sido o fulcro principal da preparação intelectual e moral dos naturais desta parte do Kongo.

Partimos daí cerca das 10 horas, depois do lanche, com muitas saudades pela forma tão cativante como fomos recebidos e tratados. Entramos agora no caminho por onde viemos e chegamos à fronteira às 23 horas; e, depois das praxes regulamentares fomos a Makela do Zombo onde chegamos à meia noite. Agasalhou-nos o conhecido hoteleiro Sr. Jacinto Fernandes.

No dia seguinte – **27 de Julho, Sábado** – depois do pequeno almoço dirigimo-nos à Alfândega de onde partimos cerca das 11 horas, tendo chegado à Damba às 18. Resolvemos passar aqui a noite às dispensas de uma pensão aí existente. Porém, quando os Missionários se dirigiram à senhora dona da pensão para preparar agasalho e jantar para nós todos, ela aceitou acomodar apenas os brancos excepto os pretos com quem viajavam e estavam acompanhados. Isto obrigou os Missionários a desistirem de responder a todas as suas amabilidades, apesar de um dos meus colegas os aconselhar a ficar e nós passarmos a noite de qualquer maneira. Depois de proverem os carros com o que era necessário, eram 19 horas e a partida não se fez demorar. Às 22 horas, depois de uma pequena refeição do lanche que ainda trazíamos, resolvemos dormir no campo.

No dia seguinte – **28 de Julho, Domingo** – levantamo-nos daí todos molhados de tanta neblina; todavia bem dispostos para continuarmos a nossa viagem; daí que, a certa altura, tivemos mesmo que parar para estender as roupas, aproveitando, ao mesmo tempo, comer alguma coisa. Cerca das 13 horas estávamos em Ngaji (vulgo Negage) onde encontramos a passagem cortada por uma grande trave. Era a Guarda-Fiscal em cumprimento da sua missão.

Feitas as revistas, partimos rumo a Kamabatela e daí a Samba Kajú onde chegamos às 18,30 horas. Hospedamo-nos na pensão que aí existe.

E, no dia **29 de Julho – Segunda-feira** – depois do mata-bicho partimos daí às 6,30 horas e chegamos a Lukala às 12 horas. Aqui fiquei para esperar o combóio da Quinta-feira, dia **1 de Agosto**, enquanto os meus companheiros de viagem continuaram a caminhada rumo a Késwa e Malanji onde deixariam o colega Freitas rumando daí para o Centro-Sul da Colónia.

Depois de três dias de espera no Lukala, tomei o combóio a **1 de Agosto, Quinta-feira**, que me trouxe até ao ponto de partida – Luanda.

«Mahezu»

Gaspar d'Almeida

Congresso Mundial da Juventude Cristã

In "O Estandarte" n.º.130, ANO XIV,
do mês de MAIO de 1947, pp.3-4

Os meios Evangélicos, nos últimos anos estão a mostrar-se interessados em estreitar as suas relações com as organizações evangélicas de todas as partes do mundo.

Os Congressos mundiais com visões altamente cristãs são demonstrações vivas dessa afinidade cristã.

É lógico que, depois de muitas trovoadas, o céu enerva-se, as grandes árvores tombam dum lado para o outro; tudo se escurece e os homens emudecem...terror! E, finalmente, a calamidade vai passando paulatinamente vindo a claridade seguida de calma. Renovam-se as forças e novas oportunidades surgem. Só assim se compreende que o sofrimento é prelúdio de bem, de uma vida mais alta. O próprio Senhor Jesus disse aos seus discípulos: *a paz seja convosco* mostrando as *cicatrices das suas mãos*. A liberdade não se pode conseguir sem grandes esforços.

Alguém hoje bate as portas da África perguntando: onde estão os teus homens? É o que se depreende do convite que gentilmente nos foi formulado por intermédio da Aliança Evangélica de Angola pela Comissão Organizadora do Congresso Mundial da Juventude Cristã, que se realizará em Oslo, Noruega, no período de 22 de Julho a 1 de Agosto do ano corrente, para as nossas igrejas enviarem delegados africanos àquele importante Congresso, pedido que NÃO fomos capaz de corresponder satisfatoriamente, por nos faltar jovens que reúnam os requisitos exigidos pela Comissão.

Segundo lemos no nosso colega do Rio de Janeiro "Mocidade", o Brasil enviará àquele Congresso, querendo Deus, sete delegados. O tema do Congresso será: JESUS CRISTO É O SENHOR

Entre oradores do Congresso estão indicados os seguintes nomes: o Pastor alemão Martin Niemöller; o holandês Dr. M. Vissert Hoof e o Bispo da Igreja Reformada da Noruega R. Barggrav.

Do mesmo colega ainda recortamos o seguinte: «A Comissão Organizadora está fazendo esforços para oferecer um Congresso verdadeiramente representativo da Juventude; por isso, determinou que a idade para os delegados não deve passar dos 30 anos».

Recomendou que dois terços de cada delegação esteja composta por jovens entre os 25 e os 18 anos (idade mínima). O número total de assistentes, incluindo delegados, dirigentes, oradores, etc., será limitado a 1.170. O programa do Congresso foi equili-

brado: inclui estudos bíblicos; discussão de problemas vitais contemporâneos de carácter espiritual, moral e social; conferências, oração, serviços devocionais e cultos especiais da Santa Ceia nos quais as diferentes denominações possam participar; recreação; cerimónias especiais, etc. As línguas oficiais do Congresso serão: o inglês, o francês e o alemão.

Mocidade Evangélica Angolana, eis uma grande oportunidade que vos passa despercebida. Compreendo as vossas dificuldades, escuto também os vossos nobres desejos, mas também acredito no vosso grande dinamismo. Nestes momentos decisivos para a humanidade, deveis estar alerta para aproveitar a oportunidade sabendo que «o caminho da vitória é duro e doloroso»...

Estamos necessitadíssimos! Precisamos de jovens decididos para melhorar a sua condição escolar, académica e cultural dentro de bases cristãs que os capacite a poderem estar presentes e representar Angola em qualquer parte do mundo. Tendes fé em Deus e marchai, resolutos, para a frente!

Gaspar d'Almeida

Em defesa do seu rebanho, morreu o Pastor Adão Gaspar Domingos

In "O Estandarte" n.º.134 e 135,
dos meses de SETEMBRO e OUTUBRO de 1947,
dá à estampa a notícia da trágica morte, por uma pakasa,
do Pastor ADÃO GASPAS DOMINGOS,
natural de Kalomboloka e em serviço no Circuito de Nambwangongo e resi-
dente na Missão da Kaypembba, p.8. Scanear a fotografia do defunto que ilus-
tra esta Notícia.



Em 3 do corrente mês de Setembro recebemos a triste notícia da morte, em Kaypembba, Concelho de Ambriz, ocorrida em 1 do referido mês, do Reverendo Adão Gaspar Domingos, Pastor de Circuito de Nambwangongo e residente na Missão de Kaypembba, vitimado por uma phakasa.

A notícia não só cobriu de tristeza a família, mas a muitas pessoas particulares de toda a Igreja Evangélica angolana, porque o Reverendo Adão Gaspar Domingos, além de ser o Pastor mais velho no Distrito de Luanda, era também muito conhecido.

Era natural de Kalomboloka, Concelho do Ikolo e Mbengu. Depois de ter passado pela Escola concelhia rudimentar de Mutemu, veio para Luanda a pé em 1908, tendo-se matriculado na Escola Evangélica de que então era directora e professora a

saudosa Missionária D. Luísa Shields e foi educado sob a tutela dos pioneiros Missionários Shields. Daqui mandaram-no para Késwa onde casou em 1910 com D. Marcela José Paulino. Do Késwa foi transferido para a extinta Missão do Dembwe. Em 1912 foi nomeado Pastor e Professor e colocado na sua terra natal – Kalomboloka – onde permaneceu até 1925, tendo sido depois transferido para a Missão de Hombo-ya-Njinji. Em 1930 foi transferido desta Missão para a de Lukala onde permaneceu firme na fé de baixo de privações incalculáveis até que, em 1938, foi transferido para a Barra do Dande e daqui, em 1944 para a Missão da Kaypemba onde, em defesa do seu rebanho, morreu à imitação do seu Senhor e Salvador Jesus Cristo.

A vida do Pastor Adão Gaspar Domingos foi cheia de exemplos edificantes. Nenhum obreiro soube honrar a obra evangélica angolana tão perfeitamente como ele. Todos que o conheceram de perto avaliam a perda que a nossa Igreja sofreu com a morte do Pastor Adão Gaspar Domingos, que foi um implacável lutador e um dos mais virtuosos cristãos na fidelidade daquilo que jurara pertencer. Era um dos pastores que não tolerava qualquer injustiça; para tal a sua voz fazia-se ouvir onde quer que fosse.

Nos seus sermões usava sempre uma linguagem clara e simples na expressão, mas a sua palavra nunca saía vazia. Era de uma modéstia singular. Nunca foi atraído pelas ambições terrenas. Viveu uma vida honesta para obter o seu pão quotidiano. Era enérgico e trabalhador incansável. Nunca mandava fazer qualquer trabalho sem ele primeiro o tocar. Em todas as Missões onde viveu como Pastor ajudou o povo a encontrar o seu Salvador e ensinou-o a trabalhar para melhorar a sua situação económica. Pelos seus bons exemplos fez levantar alguns lugares onde viveu que eram considerados quase nulos e sem nenhuma importância.

Infelizmente, como acontece sempre com os grandes homens, foi pouco correspondido. Fora acusado de que gastava todo o seu serviço mais em fazer lavras do que pregar o Evangelho. Acusações que para nós que conhecemos os fundamentos do Evangelho angolano, lamentamos.

Pena é que o valor de qualquer homem só se conheça depois da morte e é já tarde. O Reverendo Adão Gaspar Domingos trabalhou fielmente.

Nunca lhe ouvimos queixar-se no sentido de querer abandonar o seu ministério. Foi, pelo contrário, muito entusiasta e os seus conselhos eram muito animadores. Viveu sempre em amizade com todos. Não tinha desprezo por ninguém. Os jovens viam nele certa dignidade pela sua simpatia.

Como se deu a trágica ocorrência:

Havia uma phakasa que rondava as imediações da Missão que tinha já morto uma pessoa e que se conservava emboscada no mesmo sítio, afligindo todas as pessoas que por aí passavam. No Domingo, dia 28 de Setembro corrente, avisou os membros da Missão que havia de abater, na manhã do dia seguinte (29) essa phakasa por estar a meter medo a todos e, a continuar assim, as vidas de todos estarem a correr grande perigo.

No dia seguinte, tal como ficou dito, pegou numa das armas que possuía e em companhia de um outro que igualmente levava uma arma de carregar pela boca, lá foram ao encontro do bicho. Não estava longe; a poucos passos o companheiro viu o animal, mas ele não. Ordenou para que disparasse. Depois do tiro a fera correu directamente contra o Pastor Adão, ferindo-o na perna e no peito. Ainda teve coragem de deter o animal enfurecido segurando-o pelos chifres e chamando o companheiro para matar o bicho com a sua própria arma.

O homem conseguiu arrancar a arma entre as pernas da phakasa, enquanto o Pastor prendia-o pelos chifres, mas como o homem não sabia manejar a arma fina, começou apenas a espicaçar o cano da espingarda no corpo do animal sem poder disparar. Por fim, o Pastor, cansado, não podia resistir mais. A phakasa sacudiu-o e pôs-se a fugir deixando o Pastor exausto de todas as forças e esvaído em sangue.

Experimentou andar um pouco. Por fim, não podendo mais, caiu e o companheiro levou-o até a casa. Viveu ainda dois dias sem qualquer tratamento, vindo a falecer no dia 1 do corrente mês.

Foi desta maneira que o Senhor chamou o seu servo, que lutou como herói a favor do povo da sua raça, qual Santo Estêvão, agora a receber a coroa da vida que lhe estava guardada desde os seus anos na terra vividos com toda a inteireza de fé.

O Reverendo Adão Gaspar Domingos deixa viúva a Sra. D. Marcela José Domingos, três filhas casadas, dois filhos, um dos quais ainda está em idade escolar e uma menina de 11 anos também em idade escolar.

Com o falecimento do Pastor do Circuito de Nambwangongo, Reverendo Adão Gaspar Domingos, "**O ESTANDARTE**" perde um dois seus melhores amigos. O Reverendo Adão Gaspar Domingos compreendia, como pregador do Evangelho, muito bem a influência do nosso Jornal "**O ESTANDARTE**" na divulgação da Palavra de Deus. Por isso procurou auxiliá-lo tendo incluído nas receitas do Circuito também um donativo anual para "**O ESTANDARTE**".

Deus tenha na sua Mansão o seu servo e que "**O ESTANDARTE**", cuja vida sempre desejou vincar, continue a desempenhar a sua missão de bem servir, lançando a semente da verdade nos corações dos que ainda jazem nas trevas.

Ao fazermos esta notícia, estamos a pedir a Deus, nosso único ajudador, que console a família enlutada e que viva debaixo do seu abrigo todos os dias. A todos e à Igreja de Cristo, particularmente do ramo Metodista, a cujas ordenações cumpriu obedientemente, apresentamos os nossos cumprimentos.

Texto de Gaspar d'Almeida apesar de assumido pela Redacção

Nota do Organizador

Esta morte configura, em toda a sua extensão trágica, a figura bíblica que S. João lega à humanidade, de acordo com a qual *"O Bom Pastor dá a vida pelas suas ovelhas"* consagrado nas Sagradas Escrituras, no texto do Evangelho do Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João: 10, 11-18, adoptado pela Igreja Católica Apostólica Romana para o Ano B do Domingo IV da Páscoa no Missal Popular DOMINICAL Católico Romano, 5ª. Edição actualizada, Gráfica de Coimbra, (pp.468-469):

"Naquele tempo, disse Jesus: "Eu sou o Bom Pastor. O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas. O mercenário, como não é pastor, nem são suas as ovelhas, logo que vê vir o lobo, deixa as ovelhas e foge, enquanto o lobo as arrebatava e dispersa. O mercenário não se preocupa com a ovelhas. Eu sou o Bom Pastor: conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-me, do mesmo modo que o Pai Me conhece e Eu conheço o Pai; Eu dou a vida pelas minhas ovelhas. Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil e preciso de as unir; elas ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só Pastor. Por isso o Pai Me ama: porque dou a minha vida, para poder retomá-la. Ninguém Me tira, sou Eu que a dou espontaneamente. Tenho o poder de a dar e de a retomar: foi este o mandamento que recebi de meu Pai."

Que comentário podemos nós fazer à nobre, Santa, Evangélica e Apostólica atitude do Pastor Adão Gaspar Domingos relatada neste texto de Gaspar d'Almeida? Aquele Pastor Metodista cuja fé em Deus Todo-Poderoso, levou-o a manifestar o grande amor pelo seu rebanho e interpretando fielmente as Sagradas Escrituras, seguiu fielmente as pegadas bíblicas da figura de Jesus Cristo que deu a Sua vida na Cruz para salvação dos Homens e as do Bom Pastor, certamente, Deus o acolhe no Seu seio.

Curiosamente: i) Estamos no Ano B, é o Domingo IV da Páscoa, sendo o Santo Evangelho acabado de transcrever exactamente aquele que alimentou a fé dos fiéis na Santa Missa dominical de hoje; ii) a mãe de Adão Gaspar Domingos é "irmã de pai e mãe" de Engrácia Manuel da Silva, mãe de Francisco Adão Cortez (Kupupa, de Kalumbunze) pai do autor desta NOTA. Portanto, o defunto Pastor é tio patrilíneo do autor desta NOTA; e iii) Gaspar Adão d'Almeida é irmão mais novo da mãe do autor desta NOTA, de seu saudoso nome INEZ ADÃO DE ALMEIDA (KIKOKA KYA KUMBA).

Lwuada, aos 07MAI06-Domingo
antóniofranciscoadãoortez (chicoadão)

A Educação da Mulher Afrikana

In "O Estandarte" n.º.136 e 137 ANO XV,
dos meses de NOVEMBRO e DEZEMBRO de 1947, p.3

Uma conceição de ideias velhas e erradas lançou, em tempos passados, desprezo à educação da Mulher Afrikana. Talvez alguém de há muito notasse que nisso havia erro crasso, mas fugindo a derrota da maioria, deixara-se calado esperando que o tempo tomasse a incumbência de, por si, resolver o problema.

O *tempo*, agora, apresentou-se na sua incomensurável grandeza e brada para todos desassombadamente: agora é tempo de educar a mulher afrikana!...A sua voz está soando dentro das Igrejas e fora delas. *Quem educa um menino educa um homem, mas quem educa uma menina, educa uma família.*

Todos os grandes homens e mulheres de alta espiritualidade combinam-se na realização deste grandiloquo pensamento. E porquê? Porque a mulher, seja de que raça for, além de ser dotada de uma sensibilidade muito penetrante, possui também qualidades mais carinhosas do que o homem. A sua adaptação ao lar criou nela o espírito de beleza e de alegria. Sendo mãe, é dela que as crianças recebem as primeiras noções do ser; a sua mão delicada tocando as mimosas faces da criança ao levá-la, endireitando os cabelinhos ao penteá-la e arrançando o seu corpito ao vesti-la, molda na criancinha o orgulho da sua existência e o espírito de grandeza.

Um bom observador estará de acordo comigo ao afirmar que as crianças são mais atraídas pelos espíritos bondosos e alegres. As mulheres, salvo algumas excepções, são caracterizadas por estes dons.

O homem, dadas as suas múltiplas ocupações diárias, geralmente exercidas fora do lar, não passa de um estranho, tendo apenas a consolação de receber as carícias da prole depois do seu regresso do trabalho. Nada mais ou menos sabe do que se passa no lar durante o dia, senão pelas informações que às vezes lhe são dadas em primeira mão pelas crianças que parecem detestar qualquer segredo.

Grande número de homens de renome mundial deve a formação do seu carácter à educação que recebeu das mães.

A educação da mulher exerce uma grande influência no progresso dos povos. Nós, afrikanos, passando por intermináveis provações com tendências de nos aniquilarem, ainda não fomos tocados de modo a procurarmos as razões desta amargurada situação.

Na hora presente devemos pensar que é ter normal consciência empregar todos os esforços ao nosso alcance para resolvermos os problemas que nos dizem respeito, merecendo-nos especial atenção o problema da educação da mulher. As crianças em idade escolar devem partir das casas para a escola com um princípio de formação de carácter. O cuidado, a limpeza, e toda a boa maneira de ser do pequeno estudante são aparatos que o devem acompanhar como resultado eficiente da boa educação que recebeu da mãe.

Vamos dar, portanto, à futura Mãe Afrikana o que há de mais fino no mundo do conhecimento e veremos como caminharemos a passos largos no caminho do progresso.

Dezembro de 1947
Gaspar d'Almeida

O Natal de Jesus

In "O Estandarte" n.º.136 e 137 ANO XV,
dos meses de NOVEMBRO e DEZEMBRO de 1947, p.8

É só o Natal de Jesus que faz rejuvenescer os espíritos de pessoas de idade já avançada. Que faz cantar toda a gente, que estonteia de imensa alegria o espírito angelical das crianças.

É só o Natal de Jesus que é comemorado universalmente com inteira satisfação e devoção pelos homens de boa vontade. É, de todas as festas, a Festa mais importante; consola os corações atribulados; dá esperança aos moribundos, porque na sua vinda, há certeza de viver.

*Porque Deus amou
o mundo de tal maneira,
que deu o Seu Filho Unigénito,
para que todo aquele que n'Ele crê,
não pereça, mas tenha a vida eterna. (João 3:16)*

Jesus é uma dádiva de amor à humanidade escravizada. A sua vinda representa uma reforma do velho mundo corrompido pelo pecado cujos germens saíram dos primeiros viventes de Éden. A sua doutrina destruiu o egocentrismo e exige do homem o amor recíproco. Devemos render infinitas graças a Deus pelo seu grande amor e pela sua Omnisciência, que fez com que a mensagem da pequena cidade de Belém se espalhasse em todo o mundo iluminando terras que, séculos após séculos, viviam nas trevas sem o Salvador.

É só o Natal de Jesus que traz a paz almejada pelos homens, liberta os escravizados e é capaz de estabelecer condições e igualdade entre as diversas raças do mundo.

Regozizam-se, pois e com justa razão, os habitantes da Terra, ricos e pobres, todos os bem compenetrados no que quer dizer Natal. Todos os que procuram seguir fielmente os seus exemplos, os seus ensinamentos, praticam integralmente a regra áurea que é alicerce em que assenta todo o conjunto da sua salutar doutrina.

Festejam o Natal sincera e alegremente todos aqueles que, ao fazerem um exame de si próprios se achem incólumes de todas as culpas, cónscios de terem cumprido muito bem o seu dever para com Deus e para com os homens.

A Festa do Natal entrou na tradição dos povos. Cristãos verdadeiros, cristãos de nome, ou melhor dizendo, pagãos, todos se preocupam em festejar o Natal. Os últimos,

porém, fazem-no inconscientemente. Como festejam eles o Natal? Promovem danças, perdem-se numa diluvial bebedeira, enfim, arranjam todos os meios e os artifícios mais disparatados, satisfazendo, deste modo, os seus vícios para comemorar o nascimento de Jesus, o Ungido Filho de Deus, em vez de O adorarem como fizeram os pastores e os sábios do Oriente.

Que pecado e que profanação! Como ficaria Jesus, o Salvador do Mundo, se estivesse pessoalmente entre nós a ver a maneira como os homens comemoram o seu nascimento? Tenho a certeza de que se repetiria o caso dos vendilhões do Templo.

Nos nossos tempos como outrora, a Lei de Deus continua sempre intolerável. A nossa limitadíssima percepção é que muitas vezes não alcança as razões do mal de que o mundo está enfermo.

Que todos nós, cristãos ou pagãos, compreendamos o grande significado do Natal de Cristo e, ao comemorá-lo, louvemos a Deus que de tanto nos amar mandou o seu filho Unigénito para tomar o nosso lugar e sofrer as nossas dores a fim de que possamos ficar salvos.

É só o Natal de Jesus, bem compreendido pelos homens, que pode contribuir para que o mundo viva feliz e em PAZ.

Ó vós, povos, eis o dom!...

Gaspar d'Almeida

Ano de 1948

"ATÉ QUE", p.1 e "O NATAL NA IGREJA EVANGÉLICA DE LUANDA" pp.2-4 in "O Estandarte" n.º.140 (está erradamente com o n.º.138), ANO XV, do mês de JANEIRO de 1948 insere os referidos artigos.



Até Que

In "O Estandarte" n.º.138, ANO XV,
do mês de JANEIRO de 1948, p.1

«Todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estrutura completa de Cristo.

Para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulentamente.

Antes, seguindo a verdade em caridade, cresçamos em tudo n'Aquele que é a cabeça, Cristo.

Do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor». (Efésios 4:13-16)

Todo o cristão que ansiosamente procura estudar a palavra de Deus com coração, terá, com certeza, que lhe acompanhar qualquer reflexo da imagem moral de Cristo, o Mestre da humanidade de todos os tempos. Quanto mais se lê a Palavra de Deus, orando, mais clara se nos apresenta essa imagem; desta compreensão somos levados a dizer, pela nossa própria experiência, que todo o cristão pode sentir a assistência contínua da presença de Jesus, seu Salvador, uma vez que se dedique ao estudo da Bíblia e à oração, que para o cristão são duas armas poderosas com as quais se defende contra as astutas ciladas do diabo.

A negligência em manejar estas armas tem sido, em grande parte, a causa por que muitos cristãos se vêem impotentes, perdem o verdadeiro trilho e vão esbarrar-se no vale da sombra da morte, onde moralmente sucumbem diante dos olhos tristes e lacrimosos dos verdadeiros filhos de Deus.

A Igreja, no seu mais amplo significado, como Corpo total do povo verdadeiro de Deus de todas as épocas, só é verdadeiramente cristã, quando em todo o seu conjunto se reflecte realmente o espírito magnífico do seu fundador Jesus Cristo. S. Paulo, na sua Epístola aos I Cor. Cap.22-27, diz assim aos crentes em Jesus: *«Vós sois o corpo de Cristo e seus membros em particular»*. Confessamos o nosso fracasso pela falta de juntarmos os nossos esforços como seria de aconselhar a todos os cristãos para ler a Palavra de Deus e nos dedicarmos com inteireza à oração. Dizia o saudoso Pastor, Reverendo Agostinho Pedro Neto que, quando deixava de fazer oração ao levantar-se de manhã, sentia como se se não tivesse lavado durante o dia. Tal é a influência que a oração exerce na vida de um cristão cónscio dos seus deveres e que, ao prescindir dela, sente como se tivesse praticado uma acção indecorosa. Na verdade, quem consagra a sua vida para ser

discípulo de Jesus deve ser uma pessoa separada do mundo e cuja vida deve reflectir a nobreza do carácter de Cristo. A presença de Jesus Cristo na vida de um cristão é uma atitude que lhe muda todas as atitudes que estejam em contraste com os princípios de justiça.

Estamos acostumados a ouvir lamentações de pessoas que dizem: não há Deus e se é que existe não é Deus de Amor; sobretudo quando se sentem vítimas de fortes sofrimentos e assistem a certas injustiças que não tinham razão de ser sem que tivessem um instantâneo castigo de Todo-Poderoso. Acerca da dúvida que muitas pessoas têm da existência de Deus, o Criador do universo só representa uma falência de memória por parte dessas pessoas que se mostram ignorantes da sua própria existência. Também não sabem que os nossos pensamentos não são os pensamentos de Deus. Ele é inexorável para injustos e castiga duramente aqueles que cometem pecados. Se às vezes nos confundimos quando queremos conhecer a justiça de Deus é só porque nós somos precipitados demais e Ele é longânime.

A missão da Igreja Cristã é uma obra conjunta de todos os crentes, cujo fim é o de procurar o aperfeiçoamento moral de cada individuo e torná-lo apto para orientar a sua vida de conformidade com a vontade de Deus. Desse aperfeiçoamento resultam os melhores pensamentos, as melhores aspirações e todos os impulsos que constroem o individuo a ascender em procura de uma vida mais alta.

A nossa situação para com Cristo deve ser como a de uma vara para com a videira: *«Eu sou a videira e vós sóis as varas: quem está em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim, nada podeis fazer»* (S. João 15-5). Quão vantajoso é o homem unir-se com Jesus! Vamos depositar n'Ele toda a nossa confiança, certos de que receberemos d'Ele a seiva vitalizadora do seu amor que há de transformar em nós de uma vida abundante para uma obra vivificante e de intensa evangelização nesta nossa terra, onde a grande maioria dos seus habitantes vive ignorante dos privilégios que dimanam do conhecimento da Palavra de Deus.

Crentes e todos quantos estão empenhados em proporcionar o bem ao seu semelhante, como nos manda Cristo, nosso Redentor: levantemo-nos para nos adaptarmos aos grandes empreendimentos. Temos que reagir contra as forças do inimigo das nossas almas; temos, como a semente, que morrer para aparecermos de novo, vigorosos e capazes para sustentar os embates da vida neste mundo, onde vivemos como peregrinos no deserto.

Gaspar d'Almeida

O Natal na Igreja Evangélica de Luanda

In "O Estandarte" n.º.138, ANO XV,
do mês de JANEIRO de 1948, pp.2-4

Algumas Classes Evangélicas da cidade tiveram lindos programas na noite que precedeu o dia do Natal. Pena é que todas as Classes executem os seus Programas à mesma hora e, como é natural, não nos foi possível assistir a todas ao mesmo tempo para fazermos as nossas apreciações. Como é já da tradição, dos programas constavam variados coros evangélicos, récitas e exibição de cenas bíblicas. Conforme informações que colhemos de muitos irmãos que foram a diversas Classes, podemos afirmar, com plena satisfação, de que todas as Classes portaram-se muito bem, tendo-se notado, no decorrer da execução dos programas, a assistência do Espírito do Senhor, manifestada pela alegria, ordem e sentido de adoração.

25 de Dezembro - Natal

A Igreja estava alegremente enfeitada com ramos de palmeiras e muitas flores. Tudo indicava ar de festa. Ao entrarmos na Igreja sentimos como que o NÃO TEMAIS do anjo era para nos admoestar e por isso ajoelhamo-nos rendendo graças a Deus.

Não estava previsto nenhum culto para o período da manhã. Entretanto, alguns irmãos começaram a chegar até que a assistência excedeu a expectativa. O Pastor que aguardava já no púlpito desde às oito horas, não se surpreendeu ao ver tanta gente a chegar e, às 9 horas iniciava o culto com a entoação do hino n.º. 37 do Hinário em português - «Nasce Jesus, fonte de luz». Depois de uma fervente oração cantou-se mais o hino n.º. 316 S. H. «Mal supõe aquela gente». A leitura da mensagem foi tirada do Evangelho de S. Lucas, cap. 1:26-38. O sermão, apesar de breve, não deixou de impressionar os corações dos crentes que estavam cheios de gratidão por se recordarem que é nesse dia que nasceu o EMANUEL, que quer dizer DEUS CONNOSCO.

No período da tarde

O Natal na Igreja Evangélica de Luanda ostenta uma característica muito singular. Precisamos de viajar para estabelecermos a diferença entre as nossas festas e as das outras terras. Conquanto assim não seja, digam lá os que nos lerem que assim não é justo, o certo é que temos de afirmar que não há crentes tão alegres, tão cheios de gratidão pela vinda do Filho de Deus como os da Igreja de Luanda.

O júbilo que domina todas as pessoas, desde as crianças até aos mais idosos, é indescrevível. O início do programa estava marcado para às 14,30 horas e como acontece sempre em todas as nossas festas, às 14 horas a Igreja estava tão repleta que representava grande incómodo ceder lugar pelo menos a uma pessoa. Tal é o aperto, que tudo mais parecia sardinha em lata. Mesmo assim, grande número de assistentes teve de ficar de fora. A ansiedade era tanta que muitos controlavam o relógio da Igreja para ver as horas enquanto outros olhavam para os relógios do seu pulso para comparar se o da Igreja não estava atrasado. Finalmente estávamos na hora e o Pastor Júlio João Miguel, que orientou o programa, anuncia a hora e dá início aos trabalhos com toda a congregação de pé, cantando o hino de Natal «Nasce Jesus, Fonte de luz».

Todos cantaram alegremente e o nosso sentimento não tem qualquer explicação possível. Tínhamos a impressão de que Deus fizera cair sobre nós chuvas de bênçãos. Orou o signatário desta reportagem e depois do Pastor ler as Escrituras e fazer uma pequena exposição sobre o motivo da festa, um coro de rapazes e de meninas, dirigido pelo Professor Francisco Webba, eleva as suas vozes estremecidas ao Céu como singela oferta ao Pai de Amor de todo o género humano. Oh! «Quão doce soa ao coração do pobre pecador». E nós escutando aquelas maviosas vozes parecíamos estar naquele lugarejo da cidade de Belém com os pastores, onde a estrela resplandecente espriava a sua luz à humanidade recém nascida. E curvamo-nos, humildes, em espírito de adoração, e nos erguemos cantando com os anjos: Glória a Deus nas Alturas!...

Seguem-se récitas de grupos de alunos e de alunas que concorrem, com afã, numa manifestação elegante e assombrosa. As Classes, com os seus coros, cantam delirantemente e declamam ritmicamente extensos recortes de passagens bíblicas fazendo reviver o acontecimento nos corações radiantes de todos os assistentes. Duas velhotas da Classe da Boavista não querem que se lhes chamem velhotas porque, como crentes, são novas no espírito e a idade nada interessa. E para não desmentirem o seu renascimento perante a numerosa assistência, declamam entusiasticamente uma poesia em kimbundu. As salvas de palmas para elas foram mais demoradas.

Enfim, com os corações de todos nós enternecidos e cheios de gratidão por muito que Deus nos tem revelado, assim passamos o Natal, convictos de que tão importante acontecimento não é um simples facto histórico, mas uma realidade, porque qualquer de nós é testemunha e pode confirmar que Jesus nasceu e vive no seu coração.

Dezembro de 1947
Gaspar d'Almeida

Visita às Missões Evangélicas dos Dembos

In "O Estandarte" n.º.139 e 140, ANO XV,
dos meses de Fevereiro e Março de 1948, pp.3-4

Em companhia do Pastor de Kunga-dya-Samba, JOSÉ KATUMBELA, parti de Luanda na madrugada do dia 26, Sexta-feira, para os Dembos, em visita às Missões Evangélicas como enviado do Ex.mo. Sr. Rev. Dr. Ralph Dodge, ilustre director da Missão Evangélica de Luanda, tendo chegado na Missão Evangélica de Kambamba às 18,50 horas. Fui recebido pelo Pastor local, Luís Bento de Azevedo.

No Domingo, dia 8, tomei parte no culto de pregação e tive o privilégio de unir em matrimónio o irmão Mikolo Nguvu com Maria Fula, sua antiga companheira. À tarde, aquele nosso irmão foi elevado à dignidade majestática de Ndembo com festas muito encantadoras.

Às 17 horas, em companhia dos Pastores Bento de Azevedo, José Katumbela e do jovem Lourenço José Ferreira, parti para a Classe do Tabi onde pernoitei; não nos foi possível fazer aí culto porque os irmãos estavam no óbito de uma irmã que falecera. No dia seguinte dirigi uma pequena mensagem a todos os que estavam no óbito, após o que, eu e o Pastor Bento de Azevedo, às 9 horas partimos para a Missão de Kôlwa, onde chegamos às 14 horas.

No dia seguinte, 10, preguei num culto que tivemos de manhã perante uma congregação de 370 pessoas. À tarde uni em matrimónio os jovens Augusto Kimúngwa com a Helena Gongga e Tomaz Maka e Rosa Gongga. Na manhã seguinte ainda tivemos um culto em cuja pregação tomei parte. O Pastor Adão Manuel Alberto, sua família e toda a congregação usaram de muita amabilidade para connosco. Partimos daqui às 9,15 rumo a Kunga-dya-Samba onde chegamos, mais ou menos, às 17,30 horas. Aqui fomos recebidos com «Bem-vindo Aqui» pelos alunos da Escola. Encontramos o Pastor José Katumbela e sua família, bem como o jovem Lourenço José Ferreira a aguardarem a nossa chegada, pelo que fomos bem recebidos.

No dia seguinte visitei a escola que encontrei bem animada com uma frequência regular.

À tarde desse dia partimos para Bula-a-Tumba onde está o Pastor e professor António Domingos Nogueira. Há aqui um bom serviço evangélico, mas há ainda muito por organizar, em virtude de o jovem e activo obreiro estar muito recentemente neste lugar. Assisti ali a uma reunião da Igreja presidida pelo Pastor do Circuito Luís Bento de Azevedo. Tive a ocasião de falar aos membros aí reunidos da importância da Igreja e da Escola no meio de um povo. Regressamos na tarde do dia 13 a Kunga-dya-Samba.

No dia 15 preguei na Igreja de Kunga-dya-Samba perante uma congregação de 400 pessoas. Baptizei 17 pessoas vindas da congregação de Ndambi-ya-Ngola, acompanhadas do Pastor José António Kabenda. O Reverendo Luís Bento de Azevedo uniu no santo matrimónio dois jovens igualmente de Ndambi-ya-Ngola. Daqui partimos às 14 horas rumo a Kambamba. Chegamos na sanzala de Kawanga às 16 horas.

Tivemos aí uma boa reunião na qual tive a oportunidade de tomar parte na pregação. Pernoitamos e partimos daqui pela madrugada do dia 16. Viemos matar o bicho no Tabi e daqui rumamos para Kambamba outra vez. Examinei aqui alguns alunos tendo ficado com uma boa impressão de alguns que estão fazendo já um bom progresso. À tarde assisti aos exercícios de ginástica orientados pelo Professor Bento de Azevedo. À noite tivemos um culto bastante concorrido, no qual tomei parte na pregação. Foi noite de saudades quando me abracei com todos os irmãos, ao separar-me deles, porque no dia seguinte já não nos encontraríamos mais, pois partiríamos depois do mata-bicho rumo a Mfuke, onde está o Pastor António Gaspar Domingos.

Chegamos em Mfuke cerca do meio-dia do dia 17, e dirigimo-nos primeiro à Igreja onde fomos recebidos com hinos de regozijo pelos educandos. À noite, apesar de ser chuvosa, tivemos uma reunião muito concorrida; tive eu o privilégio de pregar as Boas Novas nesta noite, tendo o Pastor Bento de Azevedo unido em matrimónio o jovem João Domingos Kasole com Helena Manuel.

Na manhã seguinte (dia 18), no culto das 6 horas pregou o Pastor Azevedo. Visitei a Escola, a qual está a ser frequentada por 25 alunos.

No dia seguinte, 19, tomei parte na pregação do culto matutino, despedindo-me dos irmãos de Mfuke. A partida para Kambeji só se fez pelas 12 horas, porque toda a parte da manhã esteve chuvosa. O andamento, a pé, às vezes tinha que ser moroso, porque algumas sanzalas numerosos irmãos vinham ao nosso encontro para nos estender a mão — o bacalhau — (popularmente dizendo); parece-me que aqui é mais barato que em qualquer outra parte do mundo. À mesa é que temos de o receber com gosto e com mais paciência — mas é como dizia o salmista: *oh, quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união* — Salmó 133:1. Comungando com Deus, temos gozo uns com os outros. Passando em Kingongo cerca das 17 horas, toda a gente da sanzala veio em cheio para nos cumprimentar dizendo: *passam os homens de Deus!*... É o povo da tribo Hungu (Mahungu). Duas mulheres, entre a multidão saíram precipitadamente para nos dizer que tinham *mahamba* (mescaria ou feitiços) e os Mestres não podem passar aqui sem os queimarem. Foram buscar a mahamba e, cantando em kimbundu o hino «*Eis os milhões que em trevas tão medonbas*», ardiam os dois embrulhos de *mahamba* diante da multidão incrédula. O Pastor Azevedo, que fala muito bem a língua Hungu, fez uma pequena preleção que terminou com uma oração feita por mim. É uma admiração, como o poder do Evangelho tem trabalhado nos Dembos. A tribo Hungu era a que se mostrava mais indiferente ao Evangelho, mas agora Deus está abrindo os corações deste povo de uma maneira maravilhosa. Montões e montões de mahamba estão sendo entregues espontaneamente aos pastores para serem queimados. Louvado seja o Senhor.

Em Kambeji chegamos às 18 horas. O Pastor local, irmão Pedro António de Andrade que se encontrava ausente acabou por chegar meia hora depois da gente.

No **Sábado, dia 21**, fomos a Gama inaugurar uma Capela que os crentes dessa localidade dedicaram ao Senhor. Presidiu os officios o Reverendo Luís Bento de Azevedo e eu preguei a primeira mensagem nesta Capela, modesta, mas grandiosa pela sua significação na elevação moral do povo. À tarde voltamos a Kambeji. A chuva surpreendeu-nos antes de fazermos metade da viagem e fomos debaixo dela até ao destino.

O culto de **Domingo de manhã, dia 22**, foi grandemente concorrido. Preguei o Evangelho em presença de 570 pessoas. À tarde o Reverendo Luís Bento de Azevedo uniu em matrimónio o Guia Leigo Isaac Kapitangu Kasola (assinante do nosso Jornal) com a sua antiga companheira Sara Gongga e o jovem Ferreira Gomes com Teresinha Fernandes.

Voltamos novamente a Gama onde eu havia de tomar a camioneta no dia seguinte (23) para Kibaxi. Às duas horas da madrugada separei-me dos amigos, com destaque para o companheiro Luís Bento de Azevedo e do Pastor Pedro António de Andrade que voltaram, cada um, ao seu campo de acção e eu rumei para Kibaxi com desejo de ainda hoje chegar ao Piri. Quis o Senhor que o meu itinerário e desejo fossem cumpridos. Assim, cheguei em Kibaxi cerca das 7 horas da manhã, e às 11,30 horas o irmão Domingos Gonçalves - o sapateiro - conseguiu arranjar um jovem que me acompanhou até Piri, onde chegamos cerca das 17,30 horas. Recebeu-me o meu antigo Professor, Reverendo Aurélio da Silva Coimbra e sua Ex.ma. Esposa, Sra. D. Eugénia, o grupo de alunos e depois os crentes. Há aqui já um serviço bem organizado.

No dia seguinte, visitei a Escola e examinei os alunos. Muitos deles mostraram fazer grande avanço. Organizei as classes e fixei horários. À tarde assisti a alguns exercícios de gymnástica dirigidos pelo filho do Pastor, Aurélio da Silva Coimbra Júnior jovem muito dinâmico e enérgico que, com muita coragem e inteligência, dá profusa e prodigamente todos os recursos dos seus conhecimentos aos seus amigos, filhos do Piri. Levo comigo a lembrança do belo serviço que se está fazendo no Piri.

À noite preguei perante numerosa assistência, usando como tema do meu sermão, as palavras do apóstolo Pedro ao coxo à porta do Templo chamado Formosa: «*Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho isso te dou...*» Actos 3:1-6 e 7.

Seguiria para Zombo e Makando onde passaria os dias 27, 28 e metade do Domingo, dia 29. Porém, tendo tomado conhecimento da ausência do Pastor do Lugar, que se encontrava em Luanda, resolvi regressar e aqui terminou a minha missão.

E tendo tomado, às 15 horas do dia 26, lugar em cima duma camioneta, cheguei a Luanda às 2 horas da madrugada do dia seguinte.

Tudo o que vi nos Dembos fez aprofundar mais em mim a convicção de que «*o Evangelho é poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê*». Por isso, os remidos do Senhor nada têm que se envergonhar. Deus está fazendo grandes maravilhas entre o povo dos Dembos. A *mahamba* (mescaria ou feitiços), a poligamia, que são a febre no máximo grau do Afrikano e outras coisas incompatíveis com a moral cristã, estão sendo

abandonadas sem a menor hesitação. Os testemunhos de homens fiéis às suas convicções e consciências, não sendo aderentes à religião evangélica, afirmam com elogios a acção benéfica das Missões Evangélicas nessas regiões. Nelas há já crianças que se expressam lenta, mas seguramente em língua portuguesa, ao contrário das outras crianças de sanzalas onde as Missões Evangélicas ainda não chegaram.

«A Portuguesa» este hino brado do heroísmo do povo português, é, nas Missões Evangélicas dos Demboş, cantado com orgulho pelas crianças educandas das mesmas. Nota-se uma grande diferença entre os Dembos evangelizados — estes parecem estar alcançados pelos raios solares — enquanto que os outros, não evangelizados, continuam na sombra.

Temos que orar muito ao nosso Pai, porque ainda há muitas ovelhas que não são deste aprisco e convém ajuntá-las de modo a haver «um rebanho e um Pastor».

Gaspar d'Almeida

Artigo sobre o “Diário de uma Viagem”

In “O Estandarte” n.º.141 e 142, ANO XV,
dos meses de ABRIL e MAIO de 1948, p.3

O tempo corre veloz e na sua marcha quase imperceptível se esquecem as futilidades e erguem-se imorredoiros os acontecimentos que caracterizam o homem como dependente de Deus.

Em 13 de Julho próximo, vai fazer dois anos desde que o Congresso Missionário Evangélico, realizado em Léopoldville, abriu na História do Mundo uma página nunca conhecida pelos Afrikanos, interpretando, na sua maior largura, o significado da doutrina de Jesus, o Salvador do mundo.

«Eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância»— João 10:10.

E para que tão grande acontecimento não passe despercebido, “O ESTANDARTE” editou um opúsculo da reportagem do nosso irmão Reverendo Gaspar d’Almeida, um dos delegados àquele Congresso, que vale a pena ser consultado.

O opúsculo contém 42 páginas e é de formato do “Alimento Espiritual”. Está dividido em capítulos para tornar a leitura fácil, agradável e nada fastidiosa. Eis, em resumo, o que o leitor encontrará: a nota explicativa termina com uma veemente oração; ao abrir a terceira página deparar-se-á com a fotografia do repórter, em cujos traços fisionómicos parece que o prazer mundano e a dor lhe confundem. Seguem-se os anseios pela partida; divagações e descrição de paisagens; enaltece a Natureza; enfim, interessando-se por tudo, satisfaz — deleitando-o com primorosas minúcias. Reporta recortes de discursos que lhe fazem cair lágrimas. Dá-nos, em resumo, os propósitos do Congresso. Bate o Afrikano procurando levantá-lo da letargia. Diz o que ele (Afrikano) pode vir a ser. Mais uma gravura. Fecha o Congresso e apresenta-nos o Relatório.

Lendo o Opúsculo sobre DIÁRIO DUMA VIAGEM, o Afrikano viverá esperançoso, sim, confiando em Deus.

O ESTANDARTE

Milagres pelo Evangelho

In "O Estandarte" n.º.143, ANO XV,
do mês de JUNHO de1948, p.2

Os milagres, nas Sagradas Escrituras, tiveram a sua oportunidade. Eles actuaram geralmente nas pessoas que necessitavam de cura ou manifestavam-se em coisas cuja falta era deveras notada.

Os milagres eram uma manifestação do Poder Divino. Desde as bodas de Canã, lugar do primeiro milagre do Nosso Senhor até à ressurreição, vemos que se Ele foi admirado pelos seus discursos cheios de uma sapiência descomunal, mais ainda foi admirado e acreditado pelas curas instantâneas que fazia, actuando ora sobre os cegos, coxos e paralíticos, ora sobre os mortos e sobre os que sofriam de moléstias de várias espécies. Evidentemente, no dizer do Mestre, os são não precisavam de médicos.

Afora os invejosos e os desconfiados que julgavam perder a sua autoridade e influência, uma grande maioria do povo judaico amava o Senhor Jesus. Numa noite, Nicodemos, o príncipe entre os judeus, procurou-O para com Ele acertar as coisas da sua vida. E no seu julgamento, o presidente Pilatos, depois de lavar as mãos, disse: *«eston inocente do sangue deste justo; considerai isso»* (Mat.27:24.). Talvez, ao longo dos tempos, nunca tenha havido um homem que fosse ou tenha sido tão aclamado como Jesus: lembrem-nos da última semana antes da crucificação, quando Jesus foi a Jerusalém montado sobre um simples jumento. *O Senhor é o mesmo ontem, hoje, amanhã e eternamente.*

Muitos dos milagres realizados por Nosso Senhor Jesus Cristo e seus discípulos representavam a misericórdia actuando sobre a miséria dos homens. Serviam para exaltar o nome de Deus omnipotente no mundo.

Em África, talvez mais do que em qualquer outra parte do mundo, há ainda muitas possibilidades para nela serem efectuados muitos milagres. Há muitas coisas que o homem tem estado a inventar e que nos deixam garantidamente admirados. São os resultados de alguns estudos bem aturados de longos anos. Algumas invenções, infelizmente, só têm servido para destruir em vez de construir o mundo que Deus criou.

O cristianismo é, através da sua história, uma religião de milagres. O mundo corrompido pelo pecado do primeiro casal que Deus criara só se tem modificado pela influência da religião cristã, porque o seu fundador, Jesus Cristo Nosso Salvador, quando viveu neste mundo, muitas vezes se moveu de íntima compaixão perante a miséria dos homens, e procurava por todas as formas aliviar as necessidades de cada um. Os apóstolos obraram milagres porque viveram a vida de Cristo, seu Mestre, e estavam inspirados no seu amor. De modo nenhum podiam proceder de forma contrária àquilo que o seu Mestre fazia.

Desde a fundação do Cristianismo, sempre se verificou que os seguidores de Jesus Cristo não eram, regra geral, pessoas que se preocupavam com a abundância das riquezas deste mundo. Assim vemos o coxo na Porta Formosa, quando, ansioso, esperava receber algum dinheiro dos apóstolos. Pedro disse-lhe: *«Não tenho ouro nem prata...»*. Porém, possuía coisa mais valiosa do que aquilo que declarava não ter. Uma coisa que os homens mais abastados só em coisas materiais não podem adquirir: a fé no poder de Deus e a inspiração divina pelo contacto íntimo com Cristo, o Príncipe e unção de Deus.

«...Mas o que tenho, isto te dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda. E tomando-o pela mão direita, o levantou e logo os seus artelhos se firmaram». (Actos 3:5 a 7).

Milagre!... Houve uma completa cura e desde aquela hora, nada mais consta que alguma vez o curado se tenha sentado à porta de quem quer que fosse para mendigar. Estava apto para ganhar a sua vida. Foi-se, louvando a Deus.

Que satisfação deviam sentir os actores deste incidente que, só nós lendo-o, faz-nos lembrar o Poder que está nas mãos dos continuadores desta missão.

O que é, ou melhor, o que seria o Cristianismo sem milagres? É ou seria apenas uma seita de politiquices em que só se via ou seria visto o imperialismo epidérmico e em que o feudalismo, sempre crescente, oriundo de sentimentos excêntricos ao que o apóstolo Paulo nos fala no Capítulo 13 da 1ª Carta aos Coríntios, continuaria esmagando desumanamente os povos menos favorecidos.

O cristianismo é, ainda hoje, o Sol da justiça que actua com igual calor em todas as raças e a todos beneficia. Quando ouvimos falar de milagres realizados nesta e naquela terra, sentimos tristeza pela cegueira que domina esses povos que, tendo olhos não vêem. Porque se vamos atrás da verdade, a poucos passos podemos-nos certificar de que não se deu o mínimo sinal de milagre. Muitos povos chamados cristãos estão de regresso ao paganismo por falta de livre exame de consciência.

Sim. Não tenho dúvidas em admitir as possibilidades de ocorrência de milagres nesta África que etnologicamente ainda se chama continente negro.

«Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho isto te dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda»

Para os nossos dias, estas não são palavras. São obras. O Afrikano não pede a vós missionários, ouro e prata. Implora-vos o que tendes para o fazerdes andar sem auxílio de muletas.

Que quer dizer isto — o que tendes? É o esforço conjugado do efectivo de todas as vossas capacidades, que vos livrou da superstição e vos encaminhou para uma vida livre de ignorância. O que tendes é o amor pela salvação das almas dos afrikanos, que

vêm em vós a imagem d'Aquele que vos chamou para tão grande e sacrossanto ministério. O que tendes é aquela mão milagrosa de Pedro que fez com que puxando o coxo para junto de si, logo os seus pés e os artelhos se firmaram tornando-o capaz de andar e saltar, louvando a Deus.

A minha crença nos milagres é segura, porque acredito que vós sóis embaixadores de Cristo e continuadores da grandiosa obra dos Apóstolos.

Dai-nos, pois, o que tendes.

Gaspar d'Almeida

Nota da Redacção sobre “O Diário duma Viagem”

In “O Estandarte” n.º.143, ANO XV,
do mês de JUNHO de1948

Está sendo procurada com muito apreço a Separata “Diário duma Viagem” do nosso irmão, Sr. Reverendo Gaspar d’Almeida.

Cada livrinho custa 5,00. Os pedidos, acompanhados da respectiva quantia, deverão ser dirigidos ao referido Irmão, que tratará de os satisfazer com as diligências possíveis.

Os crentes duma congregação que desejem adquirir a referida Separata devem fazer o pedido por intermédio dos Pastores ou quaisquer pessoas interessadas para se fazer a remessa num só pacote.

Achamos esta recomendação mais viável para nos poupar tempo.

O Natal de Jesus

In "O Estandarte" n.º 144, ANO XVI,
do mês de DEZEMBRO de 1948, p.1, 3

Já é um título velho. Reaparece em todos os jornais religiosos e profanos.

Com certeza, o primeiro dia em que esta data foi comemorada houve nos corações de todos a ideia de acção de graças e de adoração.

Agora o nascimento de Jesus amontoou séculos e nos crentes de corações ressecados perdeu o verdadeiro sentido, ficando apenas a tradição, cheia de poeiras e de incredulidade.

Há ainda quem ignore a razão por que o Filho de Deus veio para este mundo.

Os homens, hoje, festejam esta data, passando dias e noites inteiros comendo, bebendo e dançando delirantemente, chegando até alguns a perderem a noção da moralidade.

Deve estar na memória de todos, que o Filho de Deus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais são todos, sem excepção, os que fazem parte do género humano.

Demos, com simplicidade dos nossos corações, honra à data que estamos comemorando, imitando o exemplo dos pastores de Belém. Exaltemos o Senhor e baixemo-nos em adoração como fizeram os sábios do Oriente, abrindo-lhe os nossos corações.

Que o dia do Natal seja de verdadeiro júbilo para os crentes da nossa Igreja, um dia de acção de graças, de glorificação e de verdadeira adoração.

Gaspar d'Almeida

Anúncio da Redacção sobre "Diário duma Viagem"

O livrinho "Diário duma viagem" do nosso irmão Gaspar d'Almeida tem sido procurado com muito interesse. Envia-se pelo correio a quem o pedir mediante a importância de 5,00.

Ano de 1949

O Jornal "O Estandarte" n.º 147 (está erradamente com o n.º 145), de ANO XVI, do mês de JANEIRO de 1949 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida.

<p><i>Se pudermos contar com os honrosos, os sábios que dizem o que sentem, que sofrem pelos interesses de bem comum.</i></p> <p><i>Os outros vivem uma vida alheia, são estranhos.</i></p> <p>Gaspar d'Almeida</p>	<p>ANO XVI</p> <p>Luanda, Janeiro de 1949</p> <p>1.º 145</p> <h1>O ESTANDARTE</h1> <p>Mensário - Pregoeiro C-145 dos Bairros</p> <p>Orgão e propriedade de «Crentes Evangélicos Angolenses»</p> <p>Cada cópia vende-se por 1,50</p>	
<p>Redacção e Administração</p> <p>CALÇADA LUÍS DE CAMÕES</p> <p>N.º 2 - (1.º Andar)</p> <p>Caixa Postal N.º 91</p> <p>COMPRO E IMPRESSO</p> <p>— 10 —</p> <p>INDUSTRIAL REPRODUCO</p> <p>LUANDA</p>	<p>CORPO DIRECTIVO:</p> <p>Director: GASPAR D'ALMEIDA</p> <p>Redactor-Principal e Administrador: A. VOTON DE CARVALHO</p> <p>Colaboradores: — Diversos —</p> <p>NÃO SEFAZ RESPONSABILIDADE</p> <p>NINGUÉM QUERER ASSUMIR</p>	<p>Administradores</p> <p>Responsabilidade editada:</p> <p>Chanceler Portuguesas..... 1000</p> <p>Partido Constitucional, Uniao e Republica..... 17200</p> <p>Direccao..... 20000</p> <p>Visado pela Censura</p>

Agora é Tempo

*E isto digo, conhecendo o tempo que é
já hora de despertarmos do sono
(Romanos 13:11)*

In "O Estandarte" n.º.146, ANO XVI,
do mês de FEVEREIRO de 1949, pp.1 e 3

Os leitores da Bíblia, ao lerem esta mensagem do Apóstolo, certamente que não hão de fazer a sua avaliação consoante o tempo em que ela foi escrita. Todos nós conhecemos o tempo que estamos a atravessar e ainda que uns vivam uma vida tão regada que desconheçam o que quer dizer miséria, contudo, nem sempre todos são indiferentes aos ais que erguem as multidões de pessoas que vivem neste mundo abandonadas de toda a espécie de sorte.

A passagem em referência tem ainda hoje a mesma rejuvenescência do passado, e transmite para nós os mesmos acordes para despertar as nossas consciências que infelizmente jazem no olvido.

Se a vida de qualquer pessoa começa por buscar as coisas de que necessita logo que esta se desperte do sono, logo o apóstolo prevê nisto uma necessidade imperiosa e urgente quando diz: «*é já hora de despertarmos do sono*».

Para nós esta frase pode ter um duplo sentido:

Em primeiro lugar:

Podemos aplicá-la no sentido espiritual. Neste caso, pela observação das coisas que vemos em cada dia, podemos dizer que o mundo deve ser despertado porque espiritualmente dorme. Um grande mal que o afecta é a falta do conhecimento e prática da Palavra de Deus.

Os gozos e os prazeres mundanos cegaram a vista de muitas pessoas e fizeram adormecer moralmente as suas consciências a tal ponto que perderam todas as normas para se poderem julgar aptas para uma vida melhor.

Como crentes, temos, contudo, fé e esperança em Cristo, cujas mãos ainda estão estendidas, ao mesmo tempo que está clamando: «*Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei*». (S. Mateus 11:28)

Torna-se doloroso pensar que há remédio para os grandes males e as pessoas que os sofrem não se interessam nem procuram indagar quem as possa aliviar do cansaço proveniente do tempo gasto inconscientemente e da opressão, porque inconscientemente sujeitaram-se ao jogo de Satanás.

A palavra de Deus tem, ainda hoje como no passado, a sua vital influência. Ela insufla na vida de qualquer pessoa um carácter nobre. Corrige nela os defeitos que a deprime e fá-la cõscia no cumprimento dos seus deveres.

Cristo é o único que pode remir os pecados do mundo. A cada passo encontramos homens e mulheres que, angustiados, nos queiram desabafar o que lhes vai no coração e dizem: nunca atravessamos uma situação tão triste como a destes últimos tempos. Sem dúvida, como cristãos e homens do povo forçados pela natureza dos factos, muitas vezes o momento só nos permite chorar com os que choram e levantarmos os olhos para os montes de onde temos esperança de que nos virá o socorro. (Salmo:123).

Com que palavras devemos aconselhar essas pessoas para que tenham em nós a confiança de que não lhes estamos a enganar!

Não há que lhes esconder a verdade, ainda que esta seja para elas triste e dolorosa. Temos que lhes dizer: *«Morrereis se não vos arrependerdes dos vossos pecados»*. Temos que lhes repetir a mensagem dos Apóstolos ao carcereiro de Filipos, quando este via todas as suas esperanças perdidas. Porém, tendo oportunidade de se salvar, gritava para o Paulo e Silas: *«... que é necessário que eu faça para me salvar?»*. E eles, em resposta, disseram-lhe: *«crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu és tua casa»* (Actos 16: 30-31). Temos que lhes dizer ainda que há só um Mediador entre Deus e os homens: Jesus Cristo, o Homem.

Em segundo lugar: "

As palavras do Apóstolo têm toda a oportunidade em nossa vida étnica e psicológica. O imperativo da sua vontade indo ao encontro das nossas consciências bem despertadas pode operar milagres em nossas vidas.

Agora é tempo, irmãos, de despertarmos do sono.

É claro que, tratando-se de vida, não entendemos que ela é simplesmente aquilo que se manifesta quando temos a pulsação normal. A vida é mais do que isso. A vida é aquilo que luta honesta e incessantemente para uma vida melhor.

Se um sentimento humano nos levasse a pensar o que nós temos feito em prol da nossa raça — esta raça negra — que neste presente século ainda não ouviu os clangores do progresso estupendo feito pelas outras raças em todos os aspectos do conhecimento, se pensássemos que fazemos parte dessas raças e temos responsabilidade moral perante Deus que nos criou, a quem um dia havemos de apresentar contas, e perante os homens com os quais devemos andar em paralelo em todas as facetas nobilitárias da vida, então teríamos o pressentimento de que, na verdade, estas palavras são para nós oportunas e por isso devem ser acolhidas com simpatia. Para *despertarmos do sono* que outra coisa não é senão a nossa ignorância no que diz respeito à vida nos seus mais variados sentidos, devemos considerar, em primeiro lugar, os nossos problemas como genuinamente nossos; e que os estranhos, como é lógico, por mais boa vontade que te-

nham, nunca os podem resolver duma maneira satisfatória sem o nosso oportuno, valioso e desinteressado contributo.

Não guerreemos, pois, os estranhos. Guerreemo-nos a nós mesmos. Combatamos o nosso individualismo egoístico e procuremos congregar os nossos ideais para o bem comum da nossa raça.

Muito há que dizer ainda sobre este texto tão oportuno do Apóstolo dos gentios, que para nós cai em terra virgem podendo a sua semente germinar tão depressa quanto possível, se nos julgamos capazes de sacudir as deficiências anormais que nos atolam e que até agora criaram em nós a falsa crença de que somos uma raça vencida.

Entregando, com fé, todos os nossos cuidados a Deus estaremos melhor elucidados das responsabilidades que temos neste mundo e perante os outros povos competrem-nos desta verdade, convençamo-nos de que agora é chegado o tempo de nos despertarmos do sono.

Gaspar d'Almeida

Uma Resposta Irreflectida

In "O Estandarte" n.º.148, ANO XVI,
do mês de ABRIL de 1949, p.2

Quando dava lição a uma classe infantil, perto da Escola passava um avião que nos estonteava com o seu barulho. As crianças desocuparam as carteiras e foram para as janelas. Ficaram muito admiradas por verem tão grande milagre. Milagre porque não estava na ideia delas que aquele avião fosse uma obra feita pelo engenho dos homens.

Tudo passou. Quando retomaram os lugares, perguntei-lhes: que fostes ver? Todas a uma responderam: um avião, um avião grande! Tornei a perguntar-lhes: sabeis vós quem foi que fez o avião? Todas se calaram, menos uma que era a mais precipitada e menos reflectida que se ergueu e disse: foi Deus. Algumas crianças de entre elas mostraram certa hesitação pela resposta do companheiro e outros meninos discordaram com um veemente NÃO. Coloquei-me entre aquela criança que respondeu que foi Deus e as outras que se opuseram com o NÃO, para das duas opiniões não destruir uma, resultando daí amuaças ou amuos entre os dois partidos.

Havia, de facto, na resposta da criança, a chamada irreflectida, algo de verdade. Analisando bem as coisas, foi Deus quem criou a matéria com que o avião foi construído. Foi Deus quem criou o homem e este, servindo-se da inteligência que d'Ele recebeu, usou a matéria já existente para construir o monstruoso pássaro que os meninos tanto admiraram.

Cingindo-me, entretanto, do lado da opposição, alguma coisa há que precisa de ser esclarecida. É claro que aquela criança, com os seus oito anos de idade, ainda não tem o entendimento suficientemente aberto para compreender o que a inteligência dos homens, sejam eles de que raça for, pode fazer, uma vez cultivada. Há muitas pessoas que esperam que Deus faça para o seu bem-estar tudo o que Ele já criou desde o princípio do mundo. Esquecem-se, ou melhor, desconhecem que o segredo do progresso humano está em o homem, através da Escola, cultivar a inteligência com que Deus o dotou e reunir em si todas as forças ao seu alcance, agindo em trabalho contínuo e bem disciplinado para depois ser capaz de realizar tudo quanto ainda está na imaginação de muitos de que seja obra de Deus.

«Na verdade, na verdade vos digo que qualquer que crê em mim também fará as obras que eu faço e as fará maiores do que estas, disse o Mestre dos mestres» (João 14:12).

À excepção dos homens verdadeiramente incrédulos e estes podem sê-lo por ignorância, ou ateus, uma grande parte dos homens crê que Jesus Cristo é o Filho de Deus.

VI, p.2
que
ara
ão
s.
er?
eis
da
s-
m
as
l-
e.
-
s

Será que todos que assim o declaram crêem n'Ele? Não. A ser assim, os milhões de cristãos de todos os ramos do cristianismo espalhados em todo o mundo, que um jornalista ateu quis saber onde estão, seriam suficientes para estabelecer neste mundo, onde o egoísmo vê no ser humano um pássaro que deve estar na gaiola, o Reino de Deus. Nem todos aqueles que com os seus lábios dizem: «Senhor, Senhor» são crentes. Crentes só são de verdade aqueles que fazem a vontade de Deus. É a estes que Jesus Cristo assegurou o poder de fazer coisas maiores que até então Ele ainda as não tinha feito. Há tempos passou pelas minhas mãos uma lista onde vinham mencionadas as maiores invenções destes últimos séculos que não deixam de ser milagres para nós. Foi para mim uma admiração saber que todas as invenções foram atribuídas a cristãos. Sim, Deus interveio nesses inventos, mas o homem agiu. Esperar, pois, que Deus faça o que nós podemos fazer, se não é um fanatismo exagerado, é, pelo menos e com alguma certeza, uma compreensão tão errada que, pela sua estreita e limitada visão, faz dormir os povos numa indolência eterna e tão debilitante que só pode ter como finalidade a morte.

Muitas vezes perdemos o nosso tempo, que os ingleses colocam na classificação de ouro, em discussões sobre a vida e, quando se espera chegar a qualquer conclusão, vem-me à lembrança a seguinte história.

Em certo lugar um gato dava cabo dos ratos. Estes, para se livrarem do terrível inimigo, resolveram reunir em conselho. Votaram para presidir ao conselho o mais velho dos ratos. Discutiam calorosamente, sem, contudo, chegarem a qualquer conclusão. Quando tudo estava mal parado, um deles pede licença e propõe: a única coisa que devemos fazer para escaparmos desse malvado inimigo é amarrar-lhe um guizo ao pescoço para que possamos pressentir os seus movimentos assim que nos vier atacar. A moção foi aceite por aclamação e com aplausos de todos. Ainda no calor dos aplausos e assobios de aprovação, o presidente faz a seguinte pergunta: e quem é que vai amarrar o guizo ao pescoço do gato? Quando ele, presidente, esperava pela resposta, não tardou só começar a ver os rabos dos ratos. Todos e cada um fugia para a sua toca.

A evidência desta história é bem um retracto que revela a timidez com que temos tratado os mais prementes problemas. Por falta de fé e devido ao analfabetismo antevemos a derrota ao entrarmos na liça. Há ainda a acrescentar que somos demasiadamente supersticiosos, sendo o apego às velhas tradições causa de maior monta para a nossa desorganização. Não é um caso isolado o que o leitor vai ler e que o bom senso nos aconselha trazer à luz a fim de cada um fazer o seu juízo relativamente à nossa apatia moral. Há bem pouco tempo passava eu pelo Bairro Indígena e a minha atenção estava distraída a ver um pombal no quintal de um europeu. Justamente passava junto de mim um patrício, obviamente homem de certa representação social, que me surpreendeu com os seguintes dizeres: «essas pombas se fossem nossas já há muito teriam morrido». Perguntei-lhe se alguma vez já experimentou criar pombas. A resposta foi: «para quê? Elas morrem, convença-se disso».

Um outro patricio também teve que abandonar a casa juntamente com a família sem se despedir do senhorio por ter morto uma cobra num dos quartos, a cujo desagradável aparecimento atribuiu a um feiticeiro, a um homem cheio de mescuria, que pretendia tirar-lhe a vida e a de toda a sua família. Poderíamos citar outros tantos exemplos dos mais atrepidantes para que, por menos estranhos que pareçam ou possam parecer, sejam esclarecidos dos princípios rotineiros que ainda existem na vida de muitas pessoas de entre nós, que podiam ser os esclarecedores dos seus irmãos mais atrasados.

A África não foi o único continente que se atolara nesses absurdos preconceitos. Porém, o que nos deixa admirados é a consistência do nosso povo na conservação dessas ideologias pagãs em virtude de ainda fazer resistência à frequência de Escola.

Paulo, o apóstolo das gentes, apela para nós quando, na sua Epístola aos Coríntios, diz: *«Se alguém está em Cristo nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo»* II Cor 5:16.

Caros leitores, volvei os vossos olhos para Cristo, em cujo Poder está a esperança que nos cura da cegueira, a fim de que possamos ver a excelência do seu amor, que nos torna dignos e conscientes para pensar em coisas mais altas.

Não digamos, pois, como aquela criança, que foi Deus quem fez o avião, porque isso quererá dizer que nós estamos de braços cruzados à espera que Ele venha em pessoa para fazer aquilo que nós bem podemos fazer. NÃO. Cultivemos a nossa inteligência através da frequência da Escola onde devemos aprender a ler, escrever, contar e outros saberes a fim de, com esses conhecimentos, podermos usar as faculdades que Deus nos deu e erguermos-nos à procura dos melhores caminhos e cedo nos convenceremos de que somos capazes de construir, produzir e inventar as mesmas ou melhores coisas do que aquelas que os outros povos têm posto ao serviço da humanidade.

Portanto, *«procurai, com zelo, os melhores dons e eu vos mostrarei um caminho mais excelente»* (I aos Coríntios 12:31)

Gaspar d'Almeida

Publicado in "O Estandarte" n.º.150 e 151, dos meses de JUNHO/JULHO de 1949, uma nota escrita por Gaspar d'Almeida embora assumida pela Redacção do Jornal, sobre o falecimento, em Kitéxi, do Pastor ANTÓNIO GASPAR DOMINGOS, p.6

António Gaspar Domingos

Natural de Kalomboloka (e filho de Miguel Gaspar Domingos, mais conhecido por ZAKUTA, sendo este irmão mais velho do finado Reverendo Adão Gaspar Domingos), Concelho do Ikolo e Mbengu, faleceu, em Kitéxi, onde jazem os seus restos mortais desde 17 de Junho, o nosso querido irmão ANTÓNIO GASPAR DOMINGOS, Pastor da Congregação Evangélica de Mfuke.

A morte deste extinto irmão foi muito sentida pelos colegas da Seara, pelos crentes daquela Congregação e principalmente pela família do malgrado.

O Pastor ANTÓNIO GASPAR DOMINGOS era muito amigo de "O ESTANDARTE". Na última carta que este ano enviou à Administração do nosso Jornal ele dizia assim: «A Congregação de Mfuke envia angolares 70,00 de auxílio ao incansável cooperador, "O Estandarte", na grande obra sacra de Cristo Jesus».

Tal era a nitidez que tinha do valor deste Jornal, a quem chamava seu incansável cooperador.

O extinto Pastor deixa a esposa desolada, a Sra. D. Domingas Rodrigues e cinco filhos, todos menores, de entre os quais, o Miguel, a Lúcia, o Adão, a Antónia.

A todos quantos acompanharam, com tristeza, a partida deste Irmão e à família, "O Estandarte" apresenta os cumprimentos de profundos e sentidos pêsames.

Texto de Gaspar d'Almeida,
(assumido pela Redacção do Jornal)

Índice Específico

No Ano de 1950 ⁽⁴⁾..... 259

“OLHAI PARA JESUS” in “O Estandarte” n°.159 (erradamente com o n°.157), ANO XVII, do mês de MARÇO de 1950, p.1./p261

“O EVANGELHO EM VOLTA DE CRISTO – O CRUCIFICADO” pp.1-3 e “SAUDOSA MEMÓRIA” que se faz acompanhar de um poema de José Manuel da Silva, intitulado “VINTE E UM FEITOS” p.2, in “O Estandarte” n°.160 (erradamente com o n°.158), ANO XVII, do mês de ABRIL de 1950 insere os referidos artigos./p262

“A HERANÇA DOS JUSTOS E DOS INJUSTOS” in “O Estandarte” n°.161 (está erradamente com o n°.159), ANO XVII, do mês de MAIO de 1950 a p.1./p269

“ANTIGAMENTE...” in “O Estandarte” n°.165 (está erradamente com o n°.163), ANO XVII, do mês de SETEMBRO de 1950 insere este artigo a p.2./p271

“JESUS CRISTO É IMUTÁVEL” p.1 e “ATRAVÉS DAS MONTRAS” p.4 in “O Estandarte” n°.166 (está erradamente com o n°.164), ANO XVII, do mês de OUTUBRO de 1950 insere os referidos artigos./p274

⁴O Jornal “O Estandarte” n°.162 (está erradamente com o n°.160), ANO XVII, do mês de JUNHO de 1950 (Falta)

"NOVA ALEGRIA" in "O Estandarte" n.º.167 (está erradamente com o n.º.165), ANO XVII, do mês de NOVEMBRO de 1950 insere este artigo a p.1./p278

No Ano de 1951..... 257

"VIMOS A SUA GLÓRIA" in "O Estandarte" n.º.171 (erradamente com o n.º.169), ANO XVIII, do mês de MARÇO de 1951 insere este artigo a p.1./p281

"KAPANGE - O DESESPERADO" in "O Estandarte" n.º.173 (erradamente com o n.º.171), ANO XVIII, do mês de MAIO de 1951 insere este artigo a p.2/p283

"A ORIGEM DO NOME "PROTESTANTE", p.1 in "O Estandarte" n.º.175 (erradamente com o n.º.173), ANO XVIII, do mês de JULHO de 1951 e uma nota assinada por Alexandre da Rosa Tavares sobre a "IGREJA DE CRISTO EM KAXITU - ALTO DANDE", p.1, ilustrada com uma fotografia que inclui o Guia de Classe Metodista e Professor LUÍS PAULINO DOS SANTOS VAN-DÚNEN, que é o avó paterno do actual Presidente da República de Angola, Sua Ex.a. Engenheiro José Eduardo dos Santos/p286

"CONFERÊNCIA DA ALIANÇA EVANGÉLICA DE ANGOLA EM CHISAMBA I" in "O Estandarte" n.º.176 e 177 (erradamente com o n.º.174 e 175), ANO XVIII, dos meses de AGOSTO e SETEMBRO de 1951 insere este artigo a pp.2-3 (conclui no próximo número)./p287

"CONFERÊNCIA DA ALIANÇA EVANGÉLICA DE ANGOLA EM CHISAMBA II" in "O Estandarte" n.º.178 e 179 (erradamente com o n.º.176, a 178), ANO XIX dos meses de OUTUBRO, NOVEMBRO e DEZEMBRO de 1951 insere a conclusão do artigo anterior a pp.2 e 5. (Faltam as pp.3 e 4 deste número)./p291

No Ano de 1952..... 295

"SABEDORIA DO ALTO" in "O Estandarte" n.º.180 (erradamente com o n.º.179), ANO XIX, do mês de JANEIRO de 1952 insere este artigo a p.1./p297

"MASA-A-MBALA OU HALU?..." in "O Estandarte" n.º.181 (erradamente com o n.º.180), ANO XIX, do mês de FEVEREIRO de 1952 insere este artigo a pp.1 e 2./p299

"O ESTANDARTE", p.1 e "O LEMBAMENTO" p.3. in "O Estandarte" n.º.182 (erradamente com o n.º.181), ANO XIX, do mês de MARÇO de 1952 insere os referidos artigos e uma "Caixa" da Redacção intitulada "REV.GASPAR D'ALMEIDA" p.1 e "O

LEMBAMENTO”, p.4 in “O Estandarte” n.º.183 (erradamente com o n.º.182), ANO XIX, do mês de ABRIL de 1952./p303

No Ano de 1953..... 307

“VISITA AO SENHOR MINISTRO DO ULTRAMAR” in “O Estandarte” n.º.193 (está erradamente com o n.º.192), ANO XX, do mês de FEVEREIRO de 1953. Abre a p.3 deste Jornal o título NOTÍCIAS DE LISBOA que insere o referido artigo./p309

O Jornal “O Estandarte” n.º.199 (está erradamente com o n.º.198), ANO XX, do mês de AGOSTO de 1953 não insere nenhum artigo de Gaspar d’Almeida, mas uma NOTA a p.1 que dá conta do regresso a Lwuada de Gaspar d’Almeida, vindo de Portugal.

No Ano de 1954..... 313

“A LIBERDADE RELIGIOSA É UM DIREITO NATURAL DO INDIVÍDUO” in “O Estandarte” n.º.204 (erradamente com o n.º.203), ANO XXI, do mês de JANEIRO de 1954, pp. 1-2. Por razões óbvias o autor do texto não se identifica, por isso assumido pela Redacção./p315

“COMPÊNDIO DE HISTÓRIA DAS MISSÕES” in “O Estandarte” n.º.207 e 208 (está erradamente com o n.º.206 e 207), ANO XXI, dos meses de ABRIL e MAIO de 1954 insere este artigo a p.2./p319

No Ano de 1955..... 321

O Jornal “O Estandarte” n.º.216 (está erradamente com o n.º.215), ANO XXII, do mês de JANEIRO de 1955 não insere nenhum artigo de Gaspar d’Almeida, mas uma NOTA sobre ele a p.1./p323

“APONTAMENTOS SOBRE A PARÁBOLA DO «FILHO PRÓDIGO»” in “O Estandarte” n.º.225, 226 e 227 (está erradamente com o n.º.224, 225 e 226), ANO XXIII, dos meses de OUTUBRO, NOVEMBRO e DEZEMBRO de 1955, p.6./p324

No Ano de 1956..... 327

O Jornal “O Estandarte” n.º.228 (erradamente com o n.º.227), ANO XXIII, do mês de JANEIRO de 1956 não insere nenhum artigo de Gaspar d’Almeida, mas uma nota dele

a p.3 sobre a figura do falecido irmão na fé GASPAR JOÃO CUSTÓDIO RODRIGUES./p329

"ANTÓNIO AYRES DE CARVALHO" in "O Estandarte" n.º.232 e 233 (está erradamente com o n.º.231/232), ANO XXIII, do meses de MAIO e JUNHO de 1956, insere este artigo sobre a figura deste falecido irmão na fé, a pp.1 e 2./p331

"DR. MICHAEL P. TESTA" in "O Estandarte" n.º.234 e 235 (erradamente com o n.º.233 e 234), ANO XXIII, dos meses de JULHO e AGOSTO de 1956 insere este artigo sobre a figura deste falecido irmão na fé, a pp.1 e 2./p334

No Ano de 1957..... 337

"O REINO DE DEUS NA TERRA (I)" in "O Estandarte" n.º.240 (erradamente com o n.º.239), ANO XXIV, do mês de JANEIRO de 1957, p.3./p339

"O REINO DE DEUS NA TERRA (II)" in "O Estandarte" n.º.245 (erradamente com o n.º.244), ANO XXIV, do mês de JUNHO de 1957, pp. 1 e 3./p341

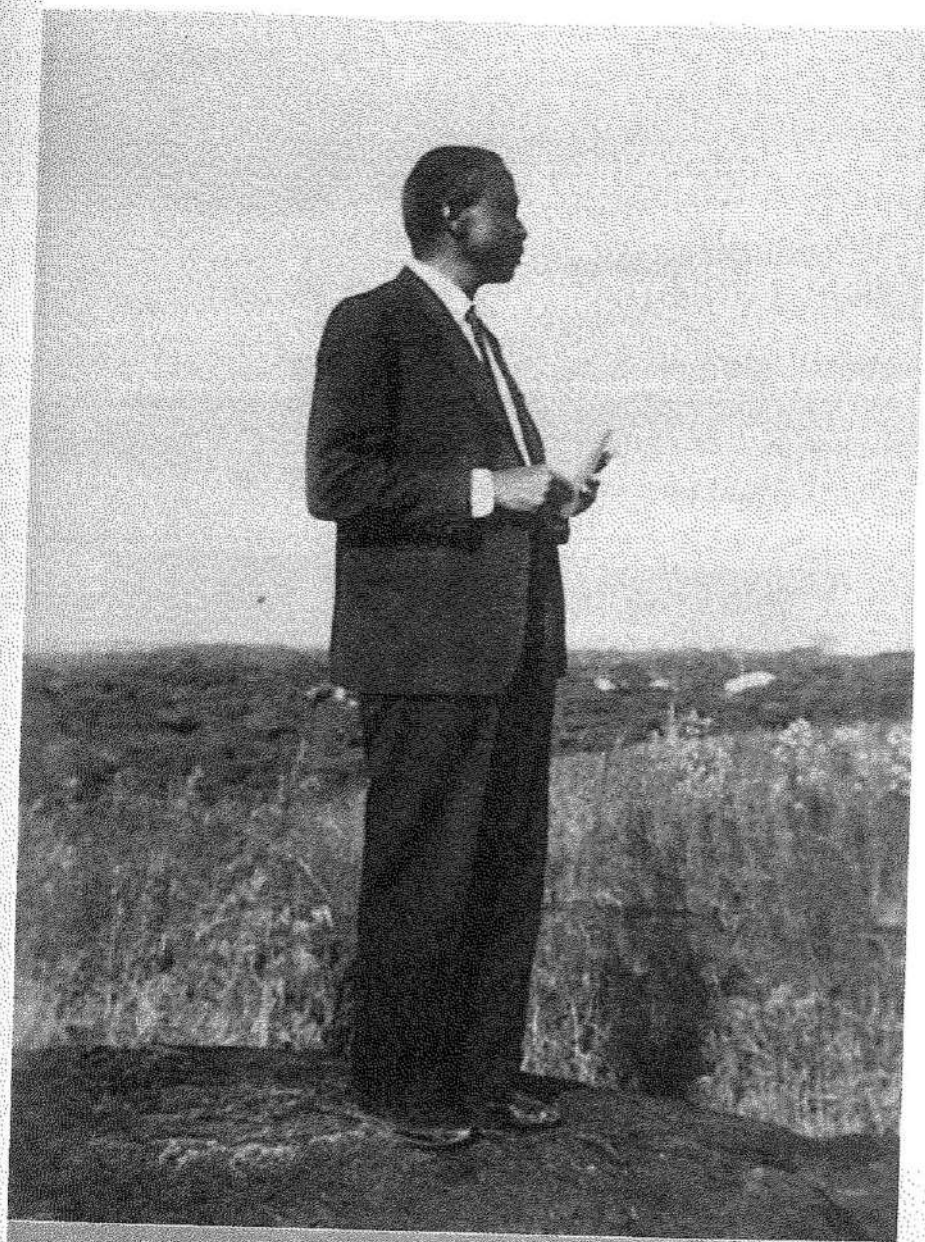
"A MENSAGEM DE JESUS AO MUNDO" in "O Estandarte" n.º.250 e 251 (está erradamente com o n.º.249/50, ANO XXV, do mês de NOVEMBRO e DEZEMBRO de 1957, pp. 8 e 2./p344

No Ano de 1958..... 347

"TRANSLADADO PARA JERUSALÉM EXCELSA O REVERENDO DR. JOHN TUCKER" in "O Estandarte" n.º.255 e 256 (está erradamente com o n.º.254 e 255), ANO XXV, do mês de ABRIL e MAIO de 1958, p.1./p349

No Ano de 1959..... 351

O Jornal "O Estandarte" n.º.268, 269 e 270 (erradamente com o n.º.267, 268 e 269), ANO XXVI, dos meses de JULHO, AGOSTO e SETEMBRO de 1959 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida. NOTA IMPORTANTE: a partir deste número, com ISAAC AÇO na veste de Redactor, o Jornal muda de figura e de rosto textual e contextual.



Período de 1950 a 1959

Ano de 1950

O Jornal "O Estandarte" n°.157 e 158 (está erradamente com o n°.155 e 156), ANO XVII, dos meses de JANEIRO e FEVEREIRO de 1950 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida.



Olhai para Jesus

In "O Estandarte" n.º 157, ANO XVII,
do mês de MARÇO de 1950, p.1

Na expressão desta epígrafe, olhar para Jesus é erguer a cabeça e com os olhos abertos olhar para Aquele cuja vida devemos imitar e cujos ensinamentos devemos aprender.

Hoje em dia — é vulgar ouvir-se dizer fechemos os olhos a isso — em certos casos quando se trata de alguma coisa que esteja em contraste com os ensinamentos da Palavra de Deus.

Há que advertir que podemos estar em perigo de perder tudo o que em nome de Jesus desejamos obter, quando nos assuntos das nossas reuniões fechamos os olhos para não vermos nelas a sua Iluminosa presença.

Em busca das coisas terrenas muito necessárias, sem dúvida para o sustento do corpo, os homens correm velozmente com os olhos abertos sobre tudo o que é passageiro e às vezes menos dignificante. E, contrários à sua posição natural em coisas do espírito, parece que andam de cabeça para baixo.

Olhemos para Jesus e o reflexo da sua presença resplandecente nos mostrará qual é a condição da nossa vida para com Deus e para com os nossos semelhantes.

Zaqueu, o cobrador dos impostos, dada a sua baixa estatura e levado pela simples curiosidade, para conhecer Jesus subiu muito satisfeito a uma figueira brava; sentiu-se daí muito orgulhoso quando viu passar Jesus debaixo da figueira; atendendo, porém, à chamada d'Ele, desceu depressa e, olhando para Jesus já em baixo, reconheceu a baixa estatura moral; e como consequência disto disse:

"Senhor, eis que eu dou aos pobres metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo em quadruplicado" (Lucas 19:8)

O levantar dos nossos olhos para Jesus trás para nós salvação, modifica-nos e torna-nos criaturas novas.

Leitores: olhemos para Jesus, o autor e consumidor da nossa fé. Heb.12:2

Gaspar d'Almeida

Com Ele veio o Evangelho ao mundo para a salvação de todos os que crêem e com o seu poder divino muitos mortos retomarão as suas vidas. Os cegos recuperarão a vista; os coxos caminharão e aos pobres ou ricos, mas perdidos, foi-lhes pregado o Evangelho para a sua salvação.

Que encanto nos apresenta o panorama destes milagres!

Vemos a misericórdia de Deus actuar sobre a miséria humana; e esta é a doutrina que trouxe o Filho de Deus ao mundo, cuja projecção é a de trazer para toda a humanidade uma vida abundante. E como na parábola do Bom Samaritano todos devemos praticar o bem a quem quer que seja.

Jesus foi mal visto e mal compreendido por muitos porque proclamava uma doutrina de conciliação, de liberdade e de fraternidade humana.

Dias antes de terminar a sua gloriosa Missão na terra, entrou triunfante em Jerusalém montado sobre um jumento. A multidão acolheu-o jubilosa e gritando: «...*Bendito o que vem em nome do Senhor. Hosana nas Alturas!*...» S. Mateus 21-9. O rei dos reis entra na Cidade Santa e purifica o Templo, derribando as mesas dos que faziam da casa do Senhor um covil de ladrões. E tendo-se aproximado a hora mais crucial até aí da sua vida, sente-se profundamente triste e em Gethsemane entrega-se à oração.

«*Pai, todas as coisas te são possíveis; afasta de mim este cálice; não seja, porém, o que eu quero, mas o que tu queres*» S. Marcos 14:36.

Surgem depois os inimigos aos quais só fizera bem e O insultam, prendem, julgam e O condenam à morte. Vemo-lo aí no alto do calvário, pendurado no madeiro — o Cordeiro Imaculado de Deus que nem sequer uma palavra de réplica tinha dito.

Finalmente, aquele que veio indicar ao mundo o caminho da salvação, clama lá do alto da cruz: «*Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. E, havendo dito isto, expirou*» S. Lucas 24:46.

Silêncio, escuridão, tremores de terra assinalam a divindade de quem a injustiça condenou. As mulheres batem nos seus peitos de tanta aflição, o centurião fixa os seus olhos n'Ele e não se oculta a dar o seu testemunho nestes termos: «*Verdadeiramente, este era o Filho de Deus*» S. Mateus 27:54.

A multidão regressa às suas casas cabisbaixa e há mesmo aqueles que se sentiam exaltados por julgarem praticar uma acção patriótica; estavam exaustos e envergonhados de tanto mal que, inconscientemente, tinham acabado de praticar.

Tudo estava consumado e aqueles que deviam cercar Jesus de carinhos, tratavam de registar os acontecimentos dos últimos dias e arquivá-los, enquanto o povo comentava o caso com dores e lágrimas.

Na manhã do primeiro dia da semana, as mulheres, cheias de gratidão para com o seu Senhor e Salvador, foram lamentando a sua sorte sobre quem lhes havia de tirar a pedra que tapava o túmulo, porque queriam ungir o corpo do defunto com aromas; viram, com surpresa, a pedra removida e, perplexas, queriam descobrir o mistério, quando um mancebo de vestes brancas as animou, dizendo: «*ELE JÁ RES-SUCISTOU*»

O Evangelho em volta do Cristo – O Crucificado

In "O Estandarte" n.º 158, ANO XVII,
do mês de ABRIL de 1950, pp.1-3

Os homens perderam o caminho da rectidão desde o berço dos nossos primogénitos.

Hoje, a pensar no tempo, na distância e no espaço, tem-se tornado para os pobres mortais um grande pesadelo regressar para se chegar até onde eles deixaram o caminho.

E nesta confusão em que todos sofrem as consequências de viajar em barcos sem pilotos, vivem cheios de medo pela incerteza de chegarem ao porto da felicidade.

Humanidade triste e miserável, Deus a amou...e como resultado desse amor mandou o seu Filho. Ele é o princípio e o fim. É o ponto de origem onde todos deixaram o caminho.

A sua vinda ao mundo, se alegrou a muitos, houve também muitos que por causa dela se entristeceram.

Entre eles o rei Herodes que supunha perder o seu trono e por isso muitas tentativas fizera para matar o Menino, que cresceu humilde, ajudando seu pai carpinteiro de aldeia e sua Mãe, uma exemplar dona de casa. Era sábio, tinha boa estatura e estava cheio de graça para com Deus e os homens.

Logo no princípio dos seus ensinamentos chamou a atenção de todos para se arrependem dos seus pecados, mostrando-lhes o reino da felicidade e paz que viriam depois ao mundo.

Para todas as classes dirigiu o seguinte convite merecedor de toda a confiança por proceder de quem é Senhor e tudo dá: *«Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos que eu vos aliviarei»* S. Mateus 11:28.

Nos seus carros de luxo muitas vezes alguns homens caminham estrada fora, e, de repente, os carros param. O caminho não continua. Neste caso, pensar na distância que já se andou e na gasolina que se gastou, tudo isto de nada serve. A única solução é a de voltar até onde deixaram o caminho. Os reccios, a guerra de nervos acabarão e a humanidade viverá tranquila se proceder da mesma maneira.

«Todos se extraviaram e juntamente se fizeram inúteis» Rom.3:12.

Se o ponto de partida em todos os nossos misteres tiver origem em Jesus, caminharemos direitos e seguros, porque Ele é o verdadeiro caminho que nos conduz com toda a confiança para o destino da felicidade e fora dele não há outro que nos encaminhe para este lugar sem o perigo de nos perdermos totalmente.

A notícia corre célere em toda a Jerusalém e em povoações vizinhas encontrando dívidas e incerteza em quase todas as pessoas.

Depois de aparecer a certas pessoas, foi ter com os seus discípulos que se encontravam em casa fechada, cheios de medo, e disse-lhes: *«Paz seja convosco, mostrando-lhes as cicatrizes das suas mãos e o lado onde vertera o sangue purificador»*. Outorgou o poder do Espírito Santo aos seus discípulos e deu-lhes o seguinte mandato: *«Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura. Quem crê e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado.»* (S. Lucas 16:15.)

Este é Jesus a quem nós aceitamos como nosso Salvador pessoal e que, pelo poder do Espírito Santo, tem-nos encorajado a procurar o ponto onde tivéramos deixado o caminho para com Ele começarmos a viver uma vida nova, livre de todo o medo e cheia de paz.

Está nos céus a interceder por nós e virá na plenitude da sua Glória como Rei, afim de julgar o mundo.

Leitor, já encontraste o ponto onde deixaste o caminho para, de hoje em diante, andar seguro com Jesus?...

Gaspar d'Almeida

Saudosa Memória

In "O Estandarte" n.º.158, ANO XVII,
do mês de ABRIL de 1950, pp.1-3
e um poema de José Manuel da Silva, intitulado VINTE E UM FEITOS"
p.2

José Manuel da Silva, filho do velho Makelu, de Kalumbunze, autor da poesia que inserimos neste número, escreveu-nos da Fazenda Kasanha, interior do Dondo, onde era enfermeiro, em 12 de Dezembro do ano findo, tendo a carta chegado às nossas mãos em 16 do mesmo mês. Pedia-nos que passássemos a mandarlhe a remessa de "O ESTANDARTE" e outros escritos de carácter religioso, posto que lá onde se encontrava não tinha nenhuns companheiros para conversar nem livros para ler.

Na carta incluía a poesia que se segue com o pedido de publicação. Infelizmente, quando nos preparávamos para o atender, chega-nos a infausta noticia do seu falecimento, ocorrido no dia 24 de Dezembro, vésperas do Natal de 1949.

O inditoso jovem era natural de Kalumbunze, Katete, filho de Adão Manuel da Silva "Makelo" (sendo este irmão mais novo da mãe do finado Reverendo Adão Gaspar Domingos). Tal como muitos outros jovens de gerações anteriores e da sua geração, o inditoso estudou no Seminário Católico de Mutemu (Ikolo e Bengo), o qual, em consequência da Revolta de Katete, de 1922, foi mandado encarcerar e transferir pelas autoridades coloniais para a região da Gabela (Kwanza Sul). Interrompidos os estudos do Seminário, este jovem foi integrado na Igreja evangélica e feito pelos Missionários professor da Missão Evangélica de Kitongola - Kaxitu. Ultimamente preparava-se para tirar o curso de enfermagem. Apesar de não gozar de muita saúde, o finado era muito activo e tinha um ideal muito prometedor.

Deus o chamou para sua Mansão na flor da sua idade, cheia de sonhos.

NOTA: O rio Mbengu era navegável desde a foz (ali perto de Kakwaku) até para lá de Mbanza Malambu. Saliente-se que foi na grande sanzala do Mutemu que o acesso à escola começou neste território kimbundu, onde os padres da Igreja Católica fundaram, por volta de 1746, o primeiro Seminário Católico e a primeira Escola Primária Rural para filhos de indígenas. Esta sanzala ficava mesmo em frente à actual povoação de Kabidi (vulgo Kabiri) e situada do lado de lá do rio Mbengu. Foi na Escola Rudimentar de Mutemu que muitos filhos de quase todas as sanzalas do Ikolo e Mbengu de gerações anteriores à minha (eu nasci em 25 de Julho de 1907) aprenderam a ler, escrever, contar e fizeram a instrução primária rudimentar.

fluviais de porte médio que partiam do Porto de Sadiku, na foz do rio Mbengu, ali entre Kakwaku e Barra do Dande, foi construída a linha do Ramal do Caminho de Ferro do Bengo, que ligava Luanda às margens dos rios Mbengu e Kwanza, passando por Mulemba wa ixi ya Ngola, Kakwaku, Funda, Kingongo (Km.56 que era o grande entreposto do lado de cá do rio ligando Mutemu do lado de lá), Mbanza Kitele, Kasanzu, Katete e ia até para lá do Km.107, povoação conhecida com o nome de Hombo, entre a Vila de Katete e as margens do rio Kwanza, passando por Ngulungu, Luís Miguel, Sêle, até Kaxikane. Não se admire, pois, que quando os Missionários Evangélicos chegaram no Ikolo e Mbengu, mais precisamente em Kalomboloka em 1906 encontraram nativos de várias sanzalas com domínio da leitura e da escrita e, em Kalomboloka, foram dar com outros nativos que dominavam a escrita, tal como são os casos, de entre outros, de: Adão Gaspar Domingos, João Miguel Mendes de Carvalho (Kimbwenzengele), Agostinho Pedro Neto, Luís Paulino dos Santos Van-Dúnen, Paulo Adão de Almeida, etc.

Reproduzindo a sua poesia, primeira e última, queremos com este gesto prestar sincera homenagem à sua saudosa memória.

Gaspar d'Almeida

A sanzala foi mandada arrasar em 1922 depois da Revolta de Katete e todos os seus habitantes transferidos para outras localidades da região, nomeadamente para a Barra do Dande, Kaxitu, Luanda, Funda, Kalomboloka, Nganga-Zuze, Kalumbunze, Mazozo, Mbanza Kitele, Kasanzu, Kalumbu, Zotange. A extinção de Mutemu deu lugar à criação da povoação de Kabidi. Mutemu é o berço da miscigenação operada nas proximidades de Luanda, pois aqui fixaram-se para fazer comércio e agricultura (que Luanda não tinha) muitos brancos vindos do Brasil, Holanda, Portugal e outros pontos. Foi aqui em Mutemu que nasceram as famílias: Zuzarte de Mendonça; Vieira Lopes; Botelho de Vasconcelos; Amaral Gourgel; Santos Pio; Van-Dünen; Voto; Marcelino; Veríssimo da Costa; Contreiras; Vieira Dias; Saturnino de Oliveira, Fontes Pereira; Sant'Ana y Palma; Pereira da Gama; Moreira Bastos; Mendes de Carvalho; Dias dos Santos; Bessa Victor; Assis; Pinto de Andrade; Almeida; Mateus Torres; Azevedo; Cortez; Bernardo Gonçalves etc, cujos nomes e apelidos foram adoptados por várias famílias indígenas da terra. Alguns comerciantes brancos idos do Mutemu foram subindo o rio Mbengu acima, para lá de Mbanza Malambu rumo às terras da Cerca, do Nzenza do Itombe, Kaswalala, Dondo, Golungo Alto, Lukala. Algumas famílias indígenas da região katetense, mesmo sem descendência biológica da dos titulares dos nomes desses comerciantes, acabaram por dar aos filhos nomes portugueses e adoptar muitos daqueles apelidos, uns porque forçados a fazê-lo na ocasião de procederem ao registo civil indígena na Administração Colonial que não aceitava nomes autóctones, outros pelos laços de amizade e simpatia que tinham por alguns deles. Esses comerciantes brancos vieram para Angola nos séculos XV, XVI, XVII e XVIII deixando as suas esposas nas terras de origem. Amantizaram as pretas da terra e com elas fizeram os primeiros filhos mulatos da região Lwuangu, os quais foram crescendo e multiplicando-se com outras pretas, derivando daí o facto de, nas famílias biologicamente oriundas do processo da miscigenação destes primeiros brancos brasileiros, portugueses e holandeses com pretas desta região Ikolense, encontrarmos muitos dos seus descendentes directos e colaterais que são pretos, kafuzus, mulatos, cabritos e brancos. Aqui operou-se a miscigenação de branco para preto, ao contrário daquilo que ocorre na América latina onde esse cruzamento é feito no sentido da branquificação da raça que provém da mistura dos índios e dos escravos com gente europeia de raça branca das comunidades de imigrantes. A agricultura e o comércio desenvolveram-se de tal maneira que levou as autoridades coloniais a construir, por volta de 1830, a Estação Experimental Agrícola nas proximidades de Mutemu, mais concretamente no Honga-a-Zanga, apoiada por uma Capatazia Agrícola localizada na vila de Katete para apoio técnico aos colonos empresários agrícolas que se fixaram na região, com destaque para a Companhia Chibera, José Bernardo, Diogo & Companhia, Katonho-Tonho, Karikoko. O volume da produção agrícola era tal que, para o seu escoamento para Luanda, para além da frota de embarcações

Vinte e um feitos

Ó jovem, Infante do Salvador
De que foste criado? Por quem? P'ra quê?
Ai de ti, vil, sem quem vida te dê!
Incandescende-Lhe em ti maior amor.

Jovem, erga os olhos e veja a idade:
Vinte um feitos. Morto ou em oração?
Vá, entrega a Cristo teu coração,
Pois te é chegada a oportunidade.

Corpo e espírito te deram essência;
Por Deus, P'r'O louvares por excelência
Hora d'amor à verdade!

Riquezas e prazeres são passados,
Queixas e prantos p'la luz dissipados,
Jubilam os Anjos n'Eternidade.

Luanda, 10 de Junho de 1949.
José Manuel da Silva

A Herança dos Justos e dos Injustos

In "O Estandarte" n.º 159, ANO XVII,
do mês de MAIO de 1950, p.1

Quando Jesus ascendia para junto de seu pai, no Monte das Oliveiras, as testemunhas que assistiram aquele grande acontecimento olhavam para Ele cheios de grande espanto. Dois varões vieram ao encontro do Senhor, o Vitorioso, os quais vendo o esplendor e o assombro que dominavam aqueles homens que assistiam à ascensão de Jesus ao Céu, disseram:

«Varões galileus, porque estais olhando para o Céu? Esse Jesus que de entre vós, foi recebido no Céu, há-de vir assim como para o Céu o vistes ir»

(Actos I:11)

Todo o mundo cristão vive nesta perspectiva. Cristo voltará na Sua glória e majestade como Juiz e Rei para julgar o mundo e no fim de tudo dará a cada um o respectivo prémio, segundo o que cada um tiver feito cá na terra: bem ou mal.

Segundo o Evangelista S. Mateus, no dia do julgamento do mundo, todas as nações estarão reunidas junto d'Ele e haverá separação entre os justos e os injustos. Aqueles para a direita, e estes para a esquerda. E o Rei dirá para os justos: *«Vinde, benditos de meu Pai, possuí o reino que vos está preparado desde o princípio do mundo»* S. Mat. 25-34.

Esta determinação do Cristo-Rei causará grande surpresa aos heróis do bem, dada a sua modéstia que os levava a tornarem-se pobres para salvar os pobres e sendo grandes tornaram-se pequenos para levantar os infelizes do seu nível, onde jaziam tristes sem esperança duma vida melhor.

A admiração dos justos pelo facto do Rei os ter recompensado com tão grande herança, levará o Senhor a dar-lhes o seguinte esclarecimento: *«Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro e hospedastes-me; estava nu e vestistes-me; adoeci e me visitastes; estive na prisão, e fostes ver-me»* S. Mat. 25:35-36.

«Mas quando, Senhor, te vimos nessas circunstâncias e te procuramos socorrer?» Perguntarão os justos, ainda cheios de pasmo.

Mas o Rei lhes dirá: *«Em verdade vos digo que, assim quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes»*. S. Mat.25-40

Os homens disputarão então egoisticamente a pertença deste pequenino meu irmão referido pelo Senhor e Rei e fazendo distinções entre raças e cores, dirão: primeiro nós; segundo nós; e, por fim, isto é só para nós.

E o Rei dirá para os injustos: *«Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos»* S. Mat. 25-41.

Leitores: como mortais, a nossa vida é breve e, por isso, enquanto vivemos, devemos fazer bem a todos, indistintamente, para sermos dignos da herança daquele reino de paz e felicidade eternas.

Gaspar d'Almeida

Antigamente...

In "O Estandarte" n.º.163, ANO XVII,
do mês de SETEMBRO de 1950, p.2

Éramos pequeninos...Havia sossego na terra: a chuva caía a tempo próprio e inteiro, de maneira que os velhos da aldeia podiam, sem receio de desmentidos, dizer em que data devia principiar. Antigamente...

O bom povo de Katete, nomeadamente o de Kalomboloka, trabalhador como nenhum que eu tenha conhecido, levantava-se à madrugada para ir ao campo das lavouras. Para os que tinham as lavras muito distantes, à alta noite estavam atentos ao primeiro cantar do galo. Os outros, ao cantar do segundo e do terceiro. O cantar do galo à noite era o relógio do bom povo. Ainda hoje o é, embora exista quem tenha já um relógio. Este tempo é calculado entre as duas e as quatro horas da madrugada. Em noite sem luar, para alumiar o caminho, o bom povo servia-se de uma madeira fofa, denominada kixingü, de comprimento mais ou menos de meio metro, que acendia numa das extremidades para servir de lâmpada para iluminar o caminho, um risco feito com o pisar constante dos pés. Não dava quase nenhuma luz. Porém, nos lugares onde o piso metesse dúvida, eles mexiam o kixingu para elevar a chama e dar mais claridade.

Povo alegre, saudável, forte e trabalhador que nunca conhecera o que era fome. Antigamente...

Registou-se fome em tempos muito recuados, contada aos nossos pais pelos seus avós, conhecida pelo nome XÁ MAVU (só deixa terra). Povo pacato, de tanto se orgulhava do seu trabalho do campo, que era com dificuldade que um jovem podia pretender uma menina que o aceitasse sem provar a sua capacidade de trabalho, para o que deveria ter feito um bom hectare de algodão e construído uma casa. À menina caracterizavam o respeito pelas pessoas e obediência aos pais, dando também provas de ser uma boa cooperadora.

Cada família na aldeia tinha à sua posse uma ou duas lavras de mandioka, outras tantas de milho, cultivava batata doce à parte, e uma grande lavra de masa-a-mbala, sendo esta a cultura que constituía o predilecto alimento do bom povo. Os géneros eram vendidos onde eles quisessem chegando a fazer provisões que iam até à outra colheita sem haver necessidade de contrair dívidas.

Havia sossego na terra. A chuva caía a tempo próprio. Antigamente...

Há momentos, na vida dos povos, que são lembrados com lágrimas nos olhos. Tempos que nunca desaparecem da memória do povo. Oxalá houvesse a possibilidade de os escrever e perpetuá-los em livros, para serem consultados nas horas de meditação.

Em dias determinados o bom povo reunia-se debaixo de um grande e frondoso imbondeiro, dentro da aldeia, onde os velhos discutiam, nas horas vagas, os problemas da vida quotidiana. O Soba ou kimbadi, autoridade muito respeitada, tinha à sua volta e

dispor os homens mais esclarecidos em assuntos históricos, sociais, económicos, jurídicos, judiciais, administrativos, ambientais, produtivos, políticos e militares para intervir na solução das questões de ordem geral e de especialidade. Era giro vê-los em discussões calorosas baseando as suas asserções em conhecimentos e saberes empíricos sim, mas de grandeza e certeza temporal milenar. No fim de tudo fazia-se a catarse, verberavam-se as irregularidades, sentenciavam-se os presumíveis culpados, aplicavam-se os castigos de acordo com a dosimetria penal e disciplinar aos comprovadamente infractores, harmonizavam-se as discórdias, dava-se solução aos diferendos pessoais e familiares e morigerava-se o costume dos cidadãos.

Os divertimentos do bom povo eram organizados em clubes com uma direcção permanente, eleita pelos membros da aldeia. Tinham o seu regulamento e nos dias indicados para se reunirem, lá estava, no extremo Sul, o corneteiro-mor Nzamba-dya-Pulu a tocar o secular *mbungu* (corneta feita de chifre de antilope ou de pakhasa) para avisar os corpos directivos do clube, da proximidade da hora da reunião ou do ensaio de uma dança. Esse mbungu era feito de chifre de animal de caça de grande porte (pakasa) que ele bem sabia manejar. O Nzwa-dya-Ulu era o tocador da *pwita-mbombo*. Ao toque deste instrumento, a aldeia toda entrava como que em transe e toda a gente estremeçia de contentamento.

Havia também o *mbwetete (kisanji)* que Paulo-dya-Mavwalala, em memória saudosa de sua mulher, tocava cantando, à madrugada, despertando nostalgia do passado ao bom povo que ainda estava adormecido. O *hungu*, outro instrumento de um só fio, tinha também os seus competidores, principalmente entre a mocidade casadoira. O Adá-dya-Kangundu dedilhava o *mbanza*, outro *mbwetete*, mas duas vezes maior do que este, que no momento de inspiração tocava com os olhos fechados submetendo os assistentes ao estado de estupefacção. O *kakóxi*, instrumento de arco e uma só corda semelhante ao violino ou ao cavaquinho cabo-verdiano, era um instrumento por excelência, aristocraticamente tocado com mestria nostálgica por outro exímio tocador cujo nome não nos vem neste momento à memória.

Havia sossego na terra; a chuva caía a tempo próprio, antigamente...

O folklore do bom povo abundava em canções, lendas, adágios.

Este artigo veio inspirado numa cena que eu presenciei, quando visitei Kalomboloka, terra onde nasci e onde quase passei parte da minha mocidade frequentando os cultos e a escola desde pequenino, na Capela Evangélica ali existente, e mais tarde como um apagado cooperador ensinando as crianças. Tive uma mocidade monótona, dando-me por não estar onde estou presente. Soube, contudo, catalogar, pela observação diária, algo de interesse da vida desse bom povo. Pena é que a nossa mocidade, em corrida vertiginosa para uma nova civilização, além de ignorar estes relicários onde se acha depositado o conjunto de toda a nossa etnia, nenhum interesse lhe desperta para os conhecer.

Uma civilização não reduzida a escrito é como uma pessoa que, com o auxílio de uma escada, consegue pendurar-se ao cimo de uma torre querendo descer depois quando a escada de subida estiver já retirada...

A cena foi a seguinte: passeava eu na aldeia quando uma família me chamou a atenção e parei. Era o Nzamba-dya-Meno-a-Ngosalo e sua mulher Keza, ambos de estatura em contraste, ou seja, o homem muito alto e a mulher muito baixa. Sentado estava o irmão mais velho daquele, chamado Songe, com perna inchada, dando-lhe dores horríveis. Notei que Nzamba estava um pouco treloucado. Tinha os beiços cerrados, aos olhos afloravam lágrimas e parecia sentir uma dor interior. A mulher, Keza, que era mais corajosa, disse-me: *«estamos aqui à espera da morte. Os nossos filhos, Manuel José e Adão foram desterrados para são Tomé deixando-nos, cada um deles, uma mulher e crianças menores»*. Quando a Keza falava eu olhava para o Nzamba, de quem só via as lágrimas a caírem em catadupa, sem dizer nenhuma palavra. O Songe só gemia. A mulher falava dos sofrimentos por que têm passado, dada já a sua idade avançada, pela escassez das chuvas e perseguições de factores diferentes. E depois de tudo dizer, lembrou-se dos felizes tempos do passado. Perdeu logo a coragem e chorava, quando principiou dizer. Antigamente...

Gaspar d'Almeida

NOTA: Nzamba e Songe são os verdadeiros nomes indígenas que lhes foram dados à nascença e por que eram chamados e tratados, desde criança, como é costume do bom povo. Os seus nomes em português que lhes foram impingidos pela autoridade colonial e por isso definitivos, são, respectivamente: Gonçalo Manuel e João Manuel Gonçalves.

Jesus é Imutável

In "O Estandarte" n.º 164, ANO XVII,
do mês de Outubro de 1950, p.1

As páginas dos Evangelhos que vêm sendo lidas e relidas há cerca de dois mil anos continuam a trazer aos homens desejosos de conhecer a verdade salvadora, a mesma novidade, a mesma admiração, a mesma alegria.

Nelas se reflecte claramente a pessoa do Cristo Vivo; real para os que já passaram deste mundo; real pela fé para nós os que vivemos; real para os que hão de vir.

Em volta dos seus ensinamentos muitas lutas se travaram, muitas filosofias foram ensinadas, mas nem uma, nem outra, foi capaz de diminuir o seu valor.

Quando os povos fazem-se de esquecidos dos Seus ensinamentos e vivem segundo a vontade do mundo, tudo parece, no princípio, correr muito bem. Porém e como é óbvio que são os meios que determinam os fins, não tarda que consequências trágicas os venham meter em conflito, e então é que se lembram do mal que fizeram, clamando na agonia da vida para Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

As autoridades responsáveis pela ordem do mundo, convencidas de que uma paz duradoura só é possível quando os povos sejam ou forem capazes de reconhecer os seus erros e, em consequência comecem a praticar a doutrina do Sermão da Montanha, advertem o mundo para que sejam acatadas as lições do profeta da Galileia, registadas nos Evangelhos, único meio que, posto em prática, dará solução à perturbação que confrange o mundo.

Jesus Cristo não é uma simples figura histórica. A ser assim, já há muito tempo a ninguém interessaria ler os seus ditos e tampouco a Bíblia, cuja distribuição, em todo o mundo, hoje mais do que nunca, atinge milhões de volumes produzidos em diluvianas edições, seria o livro por excelência lido e estudado com devoção por todos aqueles que desejam firmar a sua fé na verdade revelada.

Disse o Apóstolo S. Pedro: *«É em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do Céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devemos ser salvos»*. Actos 4:12.

Desta passagem cuja clareza nos isenta de qualquer interpretação ambígua, depreende-se que Deus, Pai amoroso de toda a humanidade, está com as mãos abertas para dar perdão a todos os que, como o filho pródigo, O implorem em nome do Seu Filho Jesus Cristo, o único Mediador entre Deus e os homens.

Uma vez Jesus fez um discurso que alguns dos Seus discípulos não compreenderam e, desanimados, começaram a voltar para trás. O Mestre, voltando-se para os Doze discípulos, disse: *«Quereis, também, retirar-vos?»* Foi então que Simão Pedro respondeu: *«Para quem iremos nós? Tu tens a palavra da vida eterna»*. João 6:68.

À luz da Bíblia aberta, os corações dos cristãos comovem-se de tristeza ao saber que, apesar da limpidez com que o caminho se nos apresenta, ainda há muitos que se embatem contra a verdade, sendo ignorantes da palavra de Deus.

Hoje, tal como nos tempos passados, os ensinamentos de Cristo continuam a ser reclamados pelos povos de todo o mundo, porque todos estão certos e convencidos de que debaixo do Céu nenhum outro nome foi indicado pelo qual havemos de socorrer-nos para encontrar a salvação., senão do Unigénito Filho de Deus, o qual, para nos tornar herdeiros da vida eterna, deu-se a Si mesmo aceitando a morte mais afrontosa da cruz do Calvário.

Milagres que redundam para o bem-estar de todos os povos e de todas as raças são possíveis, porque Jesus Cristo de ontem é o mesmo de hoje e será o mesmo eternamente.

Gaspar d'Almeida

Através das Montras

In "O Estandarte" n.º.164, ANO XVII,



A gravura que estampamos nesta página mostra-nos três senhoritas negras da Universidade da Costa do Ouro – África Ocidental (actual Gana)..

O problema da instrução para as raças de todo o mundo, está tão encarecido nos últimos tempos que, dificultá-lo, equivaleria o mesmo a querer condená-las a uma pena de prisão e ou de ignorância perpétua.

Crê-se que as afirmações de certos curiosos que se dizem sabedores da natureza das raças, ficam destituídas da verdade, quando – se não é por egoísmo – chegam a defender nas suas teses racistas princípios segundo os quais os negros não possuem inteligência para acompanhar o progresso das outras raças que conformam o mosaico demográfico que, desde milénios e por criação divina, ocupa os espaços continentais do Planeta e, obviamente, formam a Humanidade inteira.

Por outro lado os maiores cientistas em assuntos deste quilate são unânimes nas

suas pesquisas em provar que não há raças superiores, afirmando mesmo que o progresso de umas raças e o atraso abissal doutras depende, tão só e principalmente das oportunidades, influenciando nisto o meio ambiente.

Os negros da África, tão pacíficos como religiosos junto de um altar, precisam de mais simpatia por parte dos seus protectores e colonizadores, simpatia essa que deve traduzir-se não em simples sorriso nem em um mero aperto de mão com palminhas nas costas, mas sim na criação de escolas de todos os níveis com acesso por todos os cidadãos indiscriminadamente, com uso de métodos de ensino que, sem exclusão de nenhuma espécie, devam abarcar matérias com conteúdo que interesse aos territórios onde habitam todos os cidadãos, de tal maneira que se estanque a ignorância que tem sido um dos seus grandes males e que, séculos após séculos de colonização, têm cavado e de que maneira prematura a sua sepultura.

Ao dizer esta verdade, nós, ao vermos os progressos que têm já sido realizados na esfera da elevação da raça negra em certas partes do mundo, sentimo-nos como pobres famintos a olharem os fartos e apetitosos manjares através das montras de estabelecimentos localizados em outras paragens.

Gaspar d'Almeida

Nova Alegria

*«...eis que vos trago Nova de grande
alegria que será para todo o povo...»
Lucas 2:18*

In "O Estandarte" n°.165, ANO XVII,
do mês de NOVEMBRO de 1950, p.1

Predomina quase em todas as pessoas o desinteresse quando se fala em acontecimentos tristes e desumanos que confrangem as almas e consternam as consciências.

Pelo contrário, o coração de qualquer pessoa parece que salta de júbilo, principalmente quando assiste a um acontecimento que concorra para trazer felicidade a toda a gente.

O nascimento de Jesus encerra este mistério: *«Eis que vos trago Nova de grande alegria que será para todo o povo»*. Assim dizia o anjo aos pastores que guardavam os rebanhos nas cercanias de Belém.

Pela sua importância, esta Nova de grande alegria não podia, de maneira nenhuma, caber nas fronteiras da Palestina, posto que ela devia envolver todo o género humano habitante do Planeta Terra.

O mundo, destituído da graça de Deus, vivia há milhares de anos sob o domínio de Satanás. A vida dos habitantes da Terra carecia de e reclamava a presença do Redentor. Para Deus tudo tem o seu propósito e vem a seu tempo. Assim como das trevas nasce a luz, do mesmo modo da tristeza vem a alegria. Aguardava-se o momento em que os gemidos dos povos se transformariam em uma fonte de alegria e, cumprido que foi esse tempo, NASCEU JESUS.

Os anjos que, como parece e ao que tudo indica assistiam à vida horrível dos habitantes da Terra, por essa razão acompanharam, com grande interesse, o grande Plano de Deus. Não esconderam o júbilo que os dominava e cantaram, a plenos pulmões, o: *«Glória a Deus nas alturas, e paz na Terra aos homens de boa vontade»*.

Com a vinda de Jesus ao mundo é hoje proclamada a liberdade aos cativos, isto é, aos desesperados da salvação das suas almas. O paganismo, com a sua superstição, fica desbotado ante a surpreendente Nova que marca completamente uma nova era na vida de todos os povos.

Por isso e com a mesma alegria podemos, todos, repetir o coro dos anjos: *«Glória a Deus nas alturas...»*

Gaspar d'Almeida

Ano de 1951

O Jornal "O Estandarte" n.º.169 (está erradamente com o n.º.167), ANO XVIII, do mês de JANEIRO de 1951 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida.



Vimos a Sua Glória

In "O Estandarte" n.º.169, ANO XVIII,
do mês de MARÇO de 1951, p.1

O Evangelista S. João, como testemunha ocular, desde o início do ministério de Jesus, examinando, no decurso dos tempos, a grandiosa obra do seu Mestre ... (*illegível no original*).....

para se queimarem, passando a ter uma vida cheia de confiança na protecção suprema de Deus. Milhares de indivíduos que estavam presos aos grilhões do terrível vício das bebidas alcoólicas, hoje, tocados pela palavra de Deus, chegam junto do altar arrependidos e chorando o tempo que desperdiçaram quando viviam segundo a vontade do rei das trevas. Vemos, em toda a parte, famílias cristãs a viverem em extrema união, cuidando, com carinho, os seus filhos e sacrificando-se pela sua educação. O segredo dessas transformações que se notam em toda a parte onde existem Missões Evangélicas está na abertura do Livro dos Livros que os seus dirigentes patenteiam ao povo. Nele se encontra a pessoa de Cristo o único Salvador e o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

Vemos ainda o afã com que os dirigentes evangélicos vão de aldeia a aldeia, com sacrifício próprio, dormindo em cabanas de colmo, comendo o que podem achar, à procura do negro afrikano, esse afrikano a quem o orgulho e a ambição humanas classifica como sendo uma coisa criada apenas para ser utilizada para o benefício alheio, figura abjecta que pretendem mostrar a Cristo que, entretanto, garantiu aos homens de todo o mundo e de todas as raças uma vida cheia de abundância.

Hoje constroem-se Igrejas nas quais a Bíblia, aberta, lida e interpretada, serve de candeiro aceso para iluminar as mentes obcecadas pelas doutrinas mescladas de paganismo. Ao lado das Igrejas vemos, aqui e acolá, escolas primárias com milhares de crianças, já nesta África, antes de possibilidades enterradas para os seus naturais, que descem e sobem, todas elas ávidas do saber, à procura de instrução que lhes cure a cegueira de nascença. Paralelamente à Igreja e à escola, têm sido construídos, em várias Missões, hospitais e vários sanatórios com médicos e enfermeiros especializados, que tratam carinhosamente e curam numerosos doentes, chegando quase a fazer milagres nessa parte da ciência. Existem, em muitos desses hospitais, cursos de enfermagem, onde dezenas de enfermeiros afrikanos são preparados, sendo úteis auxiliares em tratamento de doenças, propagando a limpeza e a higiene nas aldeias.

Enfim, continua a Bíblia aberta diante do povo a fazer maravilhas, convertendo milhares de almas para o Reino de Deus, passando essas pessoas a gozar de vida abun-

dante que Cristo dá pela alegria de terem os seus pecados perdoados e essas pessoas convertidas em discípulos d'Ele.

E tendo em vista os benefícios que o Evangelho trouxe para a nossa terra, somos levados a testemunhar com o Apóstolo a certeza das coisas que os nossos olhos têm visto, fazendo nossas as palavras da sua grande experiência.

E vimos a sua glória como a glória do Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade.

Gaspar d'Almeida

Kapange – O Desesperado

In "O Estandarte" nº.171, ANO XVIII,
do mês de MAIO de 1951, p.2

Kapange voltara de S.Tomé para onde fora desterrado e sido trabalhador forçado de roça durante quatro anos e seis meses.

Quando regressou a Luanda em companhia dos seus amigos de desterro, apresentou-se às autoridades, as quais lhe avisaram que deveria voltar a S. Tomé e ir trabalhar para outra roça.

Kapange, cheio de saudades da família que havia muito tempo não via, julgou poder escapar-se e combinou com um comerciante para tê-lo como servente em sua casa, ao menos estava na sua terra e junto de sua família.

Tudo se acertou da melhor maneira e Kapange seguiu para a sua terra. Encontrou a mulher e o resto de família que o abraçaram no meio de uma alegria quase indescrevível. Foram invocados comovidamente os nomes das pessoas que faleceram na sua ausência. Ambos ficaram banhados em lágrimas de saudade e depois seguiram-se os dias de festa.

Kapange tinha-se perdido e achou-se.

A ausência de quase cinco anos deu-lhe grande experiência e logo começou a trabalhar afanosamente nas suas antigas lavras juntamente com a sua mulher. Semeara milho, masa-a-mbala. Plantara muita batata-doce, etc. Por um triste incidente, a mulher que encontrara cheia de saúde, tinha contraído uma ferida num dos dedos da mão quando arrancava capim da lavra, tendo-lhe sido amputado depois de longos dias de sofrimento. Kapange julgou ser o mais infeliz dos homens.

Ora, como desde que chegara ainda não se tinha apresentado à autoridade administrativa colonial local, resolveu, voluntariamente, fazê-lo, aliás como era seu dever. Foi bem recebido, mas como não tivesse trazido guia ou qualquer outro documento que justificasse o seu regresso à terra natal, a autoridade administrativa local conferiu-lhe uma guia para se apresentar em Luanda onde deixara os documentos. Kapange afundou-se num tremendo desespero; porém, ganhou coragem e voltou a Luanda onde se apresentou às autoridades. Posto que e como estivessem à procura dele havia muito tempo, ficou preso. Dois meses depois de encarcerado, foi solto, saiu da prisão com uma guia para se apresentar à autoridade competente.

Da prisão ao local onde se dirigia para efeitos de apresentação, passou por minha casa. Cumprimentamo-nos e ao perguntar-lhe sobre o que havia, é ele que me dá os informes que acabo de reportar.

Eram sete horas da manhã. Ainda estava fresquinho e, apesar disso, o meu interlocutor Kapange transpirava, cheio de susto, tendo terminado o seu informe com as seguintes palavras que muito me comoveram: «*sufrimento não acaba*». E, como quem o desafiasse, eu disse-lhe: «*Não digas tal, Kapange, pois nós temos na palavra de Deus uma frase que diz exactamente o contrário do que aquilo que acabas de afirmar e, se crês nela, todas as tristezas que te cobrem irão desaparecer; pois, S. Paulo, na primeira epístola aos Coríntios, 13:8, diz: «o amor não falha».*

Kapange parece que me compreendeu: ficou mais calmo e, ao dar-me a mão em sinal de despedida, estava mais animado.

Quatro dias depois, ouço alguém junto da porta a bater palmas pedindo licença para entrar. Era Kapange. Logo que o vi, adivinhei o que lhe acontecera. Estava todo radiante, as rugas da cara haviam desaparecido, e antes de lhe fazer qualquer pergunta, disse-me: «*Estou agora livre. Aqui estão as guias que me passaram a fim de seguir para a minha terra e apresentar-me às autoridades administrativas coloniais locais*».

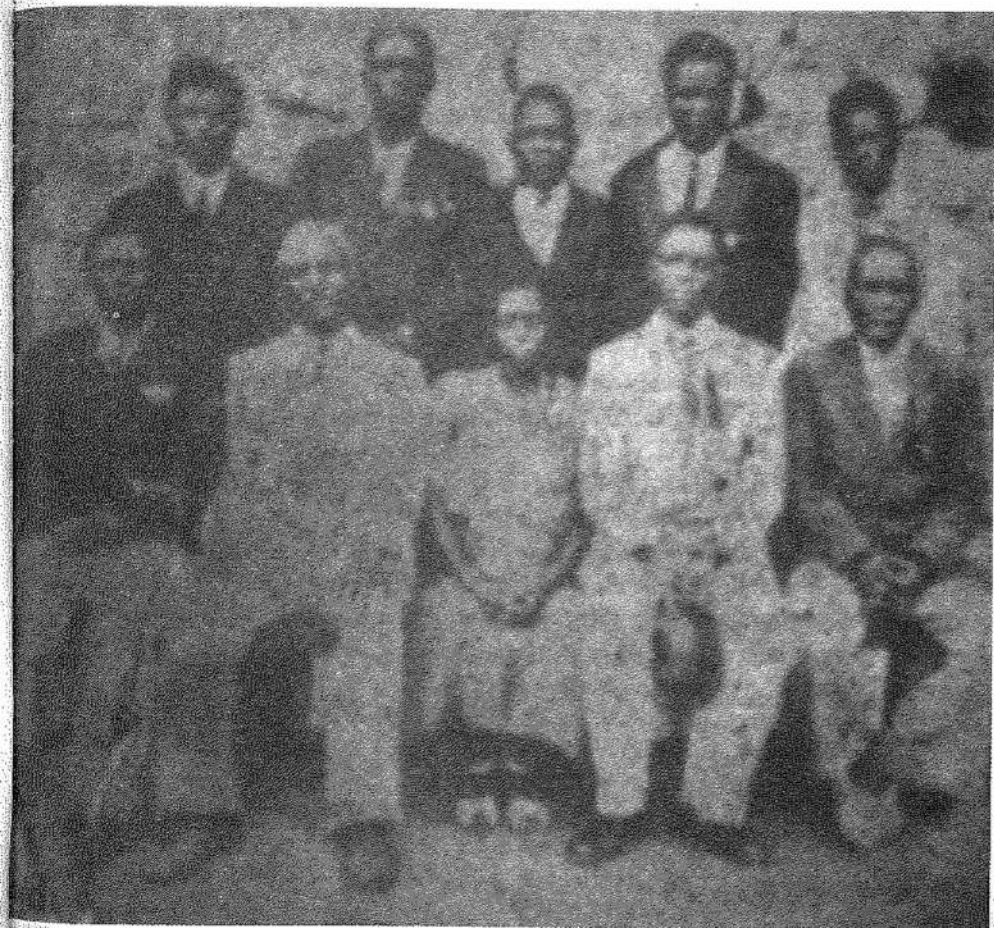
Nessa hora, vivi também a alegria de Kapange.

Oremos para os milhares de pessoas que, estando ainda debaixo de grandes sofrimentos, perderam toda a esperança de se tornarem livres, para que saibam que Deus é amor e de tal maneira nos amou que deu o Seu Filho Unigénito para que todo aquele que n'Ele crê, não perea, mas tenha a vida eterna. S. João 3:16.

Gaspar d'Almeida

Igreja de Cristo em Kaxitu – Alto Dande

In "O Estandarte" n.º.173, ANO XVIII, do mês de JULHO de 1951, p.1, ilustrada com uma fotografia que inclui o Guia de Classe e Professor LUÍS PAULINO PEREIRA DOS SANTOS VAN-DÚNEN, que é o avô paterno do actual Presidente da República de Angola, S.Ex.a. Engenheiro José Eduardo dos Santos.



A Origem do Nome “Protestante”

In “O Estandarte” n.º.173, ANO XVIII,
do mês de JULHO de 1951, p.1

Havendo o imperador Carlos V feito um decreto ameaçando a liberdade do Partido Evangélico Alemão, os dirigentes do mesmo elaboraram e publicaram o protesto ou declaração, que dizia assim:

“Atendendo a que não há doutrina exacta fora daquela que seja conforme a palavra de Deus;

Que o Senhor proíbe ensinar qualquer outra;

Que cada texto da Escritura Sagrada deve ser explicado por textos mais claros;

Que este Livro Santo é idóneo para dissipar as trevas do crente em todas as conjunturas;

Estamos resolvidos, com a graça de Deus, a manter a pregação simples e exclusiva da Sua Palavra Única, tal qual ela se encontra contida nos livros bíblicos do Velho e do Novo Testamento, sem lhe juntar qualquer coisa que a contrarie. Só esta Palavra é a Verdade. Ela é a norma segura de toda a doutrina, e nunca pode falhar nem enganar. Todo aquele que edificar sobre este fundamento subsistirá contra todos os poderes do Inferno, enquanto que todas as vaidades humanas que se lhe opuserem, cairão perante a face de Deus.

Protestamos diante de Deus, esquadrinhador dos corações e o Juiz Justo, assim como de todos os homens e de todas as criaturas, que não podemos consentir em nenhum acto ou decreto contrário a Deus, à Sua Santa Palavra, à Salvação das almas e à boa consciência».

Devido a tal documento e depois da Dieta de Spira, de 1529, começaram os evangélicos a ser designados pelo nome de «Protestantes», nome que nos honra sobremaneira, sempre que incarne a defesa do Evangelho, a liberdade de consciência e a honra de Deus.

(Extractos)

Gaspar d'Almeida

Conferência da Aliança Evangélica de Angola em Chisamba (1)

In "O Estandarte" n.º 174 e 175, ANO XVIII,
dos meses de AGOSTO e SETEMBRO de 1951, pp.2-3
(conclui no próximo número)

A Conferência da Aliança Evangélica de Angola é uma Conferência de todas as Missões que aqui trabalham com o fim de tornar conhecido aos povos desta terra, por meio do ensino dimanado das Escrituras Sagradas, o nome bendito de Nosso Senhor Jesus Cristo, como o Salvador do mundo.

Sentia-se, há muito, a falta de conjugação de ideias entre as autoridades missionárias, embora trabalhassem todas para o mesmo fim. O singularismo de então constituía uma força tão fraca que, em certos casos, criava desalento a muitos missionários que não se achavam dispostos a adaptar-se e lutar contra os embates de vária ordem que assediavam a marcha do seu trabalho.

Pôs-se, então, em prática o velho ditado que diz: «a união faz a força» e criou-se a Aliança como órgão de representação junto das nossas autoridades, à semelhança das que já existem no Kongo Belga e Kongo Francês.

Há que destacar o dinamismo com que agiu o Reverendo Dr. John T. Tucker na fundação deste organismo, do qual foi o seu primeiro Secretário Geral com sede definitiva em Luanda.

*

A Igreja Evangélica de Luanda, dando ênfase ao significado moral da Conferência da Aliança que se realizou de 21 a 26 de Agosto findo, na Missão da Chisamba, Katabola, Bié, mandou, de conta própria o seu delegado, caindo a eleição a favor do nome do irmão Sr. Reverendo Gaspar d'Almeida, Director do nosso órgão "O Estandarte", que se dispõe agora a dar-nos um resumo das impressões da sua viagem e do que foi a referida Conferência realizada em Chisamba.

Foi uma viagem feita à pressa sem dar tempo à meditação. Parti daqui no comboio de Sexta-feira, dia 17, até à estação de Nzenza do Itombe onde, como é uso, com os companheiros fizemos o transbordo; de um comboio rápido passamos para um outro que desafiava os peões até Ndongdo, onde chegamos cerca das 13 horas. Daqui tratei

logo das passagens através da KAPA, que partia às 14,30 horas. Os companheiros eram todos pessoas desconhecidas, que por poucos angolares davam e faziam tudo, convergindo toda a sua conversa na escassez da mão de obra indígena que, a seu ver, constitui uma negação ao triunfo.

Estávamos com as ideias diametralmente opostas: eles pró angolares e eu pró angolanos. É natural que qualquer conversa baseada nesta nossa diferente maneira de pensar não pudesse ser agradável.

Como indivíduos devemos compreender que a felicidade de um povo não depende dum reduzido número de ricos ou letrados, mas do bem-estar da massa total da população. Como cristãos, sejamos o "Bom Samaritano". E quantos são os Cristãos nesta vasta terra de Angola? Que influência exercem esses Cristãos sobre os seus semelhantes? Que ideias os animam para pôr em prática a Lei de Cristo? Se o amor ao próximo como a nós mesmos é impraticável, para quê pregar? Para quê orar? Para quê cantar? E neste deambular de perguntas, Jesus dizia a Simão Pedro: «Simão, amas-me?» *«Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo».* Disse-lhe Jesus: *«Apascenta as minhas ovelhas»* João, 21:16.

*

Eram 20 horas quando chegámos a Kibala, onde o hoteleiro da vila nos preparava guarida. Às 7 horas da manhã seguinte partimos daqui e almoçando no Posto do Bimbe, chegamos a Nova Lisboa às 18,30.

Recolhi-me num hotel e no dia seguinte, Domingo, fui assistir ao culto na Sala de Orações da Igreja Baptista, onde eu e todos os irmãos que enchiam o pequeno salão passámos um tempo muito abençoado. Aqui encontrei o irmão Carlos Alberto Domingos que na noite anterior fartou-se de me procurar e levou-me para sua casa onde passei três dias bem descansado sob as atenções deste amigo e de sua esposa D. Rita, que não posso esquecer.

Às nove horas do dia 21 parti de Nova Lisboa, de comboio e cheguei a Nova Sintra às 17,30 horas. Além de mim, vi desembarcar o Reverendo Pinto Ribeiro, algumas missionárias e muitos delegados afrikanos das Missões do Dondi, Silva Porto e Kalukembe. Tive o privilégio de conhecer pessoalmente muitos irmãos que só conhecia através de correspondência.

D. Alice Strangway e Reverendo Harold Steed que aguardavam na estação a nossa chegada levaram-nos à Missão em cuja entrada éramos aguardados por um grupo de meninos e meninas da escola que nos receberam cantando e sacudindo os ramos de bananeiras que traziam. Estávamos dominados por uma sensação que fazia os nossos corações bailar de alegria.

Foram-nos depois indicados os lugares. Aqui já se encontravam os pastores Reverendos Fernando Pio do Amaral Gourgel, de Kaypemba e Raimundo de Sousa e Santos, delegados eleitos na Conferência de Julho findo realizada no Késua. Estes irmãos tiveram a oportunidade de assistir ao Congresso do Dondi, organizada sob os auspícios

dos Crentes Evangélicos Portugueses, de "fala portuguesa" e contaram-me a maneira cavante como ela se realizou.

As 20,30 hora começou o Congresso num dos edificios da Escola, sendo a mesa das sessões constituída da seguinte maneira: Presidente, Reverendo Emil Pearson; Secretários das actas em português, D. Lídia Rodrigues Pinheiro e Sr. Abel Francisco Lopes; Secretárias das Actas em inglês, D. Marjorie Baker e D. Malvina Shields.

Depois das saudações de boas-vindas apresentadas pelo Reverendo Harold Steed, foram projectadas algumas fotografias de ilustrações bíblicas, após o que a sessão foi encerrada com a Benção Apostólica pelo Reverendo Dr. John Tucker.

No dia seguinte, depois do culto de meditação, no qual foi pregador o nosso ilustre visitante Reverendo Rosa Baptista, de Lisboa, o Presidente da Mesa, num tom de confiança, referiu-se, no seu empolgante discurso, à situação horrenda por que estão passando os cristãos nos outros países do mundo, dominados pelo comunismo; e comparando-a com a vida pacífica usufruída nesta terra cheia de grandes oportunidades, sintetizou o seu discurso mostrando, segundo o seu ponto de vista, os objectivos sobre os quais deve ser alicerçada a obra da Igreja de Cristo em Angola; citando quatro pontos, a saber:

- I. Fazer discípulos pela pregação individual do Evangelho;
- II. Baptizar os convertidos;
- III. Organizar a Igreja;
- IV. Ensinar.

O ilustre orador foi escutado com muito interesse. Seguiu-se, depois, a nomeação de comissões para o estudo das seguintes teses: 1) Educação; 2) Juventude; 3) Assistência médica; 4) Nomeações.

*

Foi muito lamentada a situação por que tem atravessado a população da comunidade Evangélica, principalmente os chamados indígenas, pela questão dos seus filhos baptizados nas Missões Evangélicas não poderem inscrever-se nas Zonas Escolares com a certidão emitida pelo Missionário Evangélico e, dado que algumas autoridades administrativas coloniais não registam crianças indígenas, são os pais, levados pela necessidade de instruir os filhos, obrigados a baptizá-los novamente na Igreja Católica Romana onde podem obter este documento válido. Na mesma proporção de mágoa foi lamentado o facto da invalidez das certidões de casamento passadas pelos Missionários Evangélicos em quaisquer assuntos oficiais, sendo, por isso, chamados SOLTEIROS a bons chefes de família, ordeiros e a homens de valor moral indiscutível.

A questão, que é de uma transcendência palpitante para a Igreja de Cristo em Angola foi entregue ao Sr. Secretário da Aliança para tratá-la junto do nosso Governo,

certos de que merecerá a solução que ela carece, pois que reacendem ainda na memória de todos nós, as palavras de Sua Excelência o General Francisco Higinio Craveiro Lopes, ao assumir as elevadas funções da Suprema Magistratura da Nação, quando, a dado passo declarou:

«Desejo, ardentemente, que à minha volta se reúnam todos os que tiverem a honra de nascer em terras de Portugal, sem distinção de raças, religiões ou ideias, e que no Chefe do Estado vejam segura garantia do prestígio e da continuidade da Pátria. Os povos só prosperam e são fortes quando, espiritualmente unidos, tornam um bloco sólido e homogéneo.»

(conclui no próximo número)

Conferência da Igreja Evangélica de Angola em Chisamba (2)

In "O Estandarte" n.º.176, a 178, ANO XIX
dos meses de OUTUBRO, NOVEMBRO
e DEZEMBRO de 1951, pp.2 e 5.

Prosseguem os trabalhos da Conferência num ambiente satisfatório, o que era já de esperar, pois as pessoas que aí estavam reunidas eram apenas servos de Deus, enviados em cumprimento de uma missão diferente da de muitas pessoas que têm as suas ideias concentradas em negócios e partilha de fortunas.

Se todos concordarem comigo, dir-se-á que tivemos reuniões magnas. Assim eu queria chamá-las, já que todas as discussões havidas à volta dos seus assuntos só tiveram projecção na valorização do homem, facto que permitiu que duas ou mais raças distintas tivessem a mesma unidade de ideias.

Tudo me leva a crer que o Evangelho praticado entre os homens tem poder para operar milagres ainda, mesmo nos nossos dias.

INSTITUTO DE CULTURA SUPERIOR GERAL TEOLÓGICO

Mereceu especial atenção a proposta do Secretário da Junta Metodista, ex-Missionário em Angola, Dr. Ralph E. Dodge, o qual expôs a necessidade de criação de um Instituto de Cultura Superior Geral e Teológica em Angola, para uma preparação suficientemente adequada aos obreiros Afrikanos. Para a apreciação da referida proposta vários membros manifestaram-se emitindo as suas opiniões, na certeza de que assunto de tão elevado alcance merecesse todo o apoio, tendo acrescentado que tal Instituto seja bem fundado e que os seus professores sejam cuidadosamente escolhidos. A proposta foi aprovada por unanimidade. E disse cá comigo: EMANUEL...

*

Jesus Cristo, nosso Senhor, teve no mundo a Sua hora de oportunidades, que aproveitou sem demoras. Não deixou para amanhã a cura de um coxo ou de um cego que para Ele clamasse; nem adiou a alimentação da multidão faminta.

A África oferece esta hora aos Missionários de boa vontade, cheia de grandes oportunidades. A África grita para os embaixadores de Cristo tal como o cego Bartimeu pediu para lhe abrirem os olhos da mente. África brada: Jesus, Filho de David, tenha misericórdia de mim!..

LEPROSARIA

No seu relatório sobre a acção anti-lepra, a Missionária Sra. D. Anne Copithorne indicou o lugar onde será construída a leprosaria – Centro da Acção Anti-Lepra das Missões Evangélicas - Kavangu, a localizar entre Ngalange e Chitembo, devendo receber, possivelmente, os primeiros doentes nos princípios de Setembro.

RECOMENDAÇÕES

Foi recomendada a produção de uma literatura sã para os africanos, ao mesmo tempo que se devem ampliar as instalações das tipografias nas Missões com máquinas e materiais modernos. Ficou o Reverendo Pinto Ribeiro encarregado de publicar um livro com resumo histórico das várias Missões Evangélicas em Angola. O livro deverá ser eminentemente ilustrado com fotografias de várias actividades, com as respectivas legendas tão claras e elucidativas quanto possível, de maneira a facilitar a compreensão de qualquer consulente. O Reverendo Pinto Ribeiro espera que todos os Directores das Missões lhe enviem os necessários elementos para a iniciação da obra.

Recomendou-se que seja nomeada uma Comissão Permanente da Aliança que trate da publicação da literatura, de cooperação com as Missões e com a Livraria Evangélica de Luanda.

O ESTANDARTE

Foi mais uma vez feito o encarecido pedido de apoio que as Missões devem dar ao Jornal "O Estandarte" e recomendou-se que todas as Missões devem enviar artigos de interesse geral acompanhados de fotografias legendadas no verso ao Corpo Directivo do mesmo Jornal para serem publicados.

MÉTODO LAUBACH

A campanha contra o analfabetismo continua no Sul de Angola com resultados surpreendentes, através do uso do Método Laubach. Com efeito, D. Frances Walbridge, do Sul, tomará conta dos trabalhos do Método Laubach em substituição da D. Leona Tucker.

A MISSÃO DE CHISAMBA

A uns poucos quilómetros da vila de Nova Sintra fica a Missão Evangélica da Chisamba com muitos edificios entre arvoredos. O Reverendo Harold Steed, seu direc-

tor, é um engenheiro agrônomo e dispensa toda a sua atenção aos pastores e professores sobre os métodos científicos de preparação da terra para lhe ter boa colheita. Vimos a criação de porcos de raça com a finalidade de os bácoros serem distribuídos entre os obreiros para terem boa criação com maior rendimento.

A Missão mantém uma máquina cinematográfica com filmes muito instrutivos. Há centenas de crianças no ensino rudimentar com internato de alunos de ambos os sexos.

HOSPITAL DA CHISAMBA

É bem conhecido o nome do médico Dr. Walther Strangway. Numa das tardes fomos convidados para visitar o seu hospital. O que vimos? Doentes a serem tratados de várias enfermidades, muitos operados, mulheres parturientes numa sala e suas crianças em um quarto especial. Vimos aí, na verdade, uma obra admirável. Com efeito, o Dr. Strangway e sua dedicada esposa, distinta analista, têm realizado aí um trabalho digno, próprio de enviados de Deus. Vimos aí enfermeiros e enfermeiras bem treinados. E comentamos: em certos casos, os milagres operados pelo Dr. Strangway ao nosso povo, advêm de duas coisas: i) pela sua esclarecida sabedoria; ii) pela especial atenção e amor com que trata os doentes, havendo camas com impecável decência para todos. De modo que um padecente, vindo lá do seu habitat no estado quase primitivo, ao ser deitado em uma cama com lençóis brancos qual Sol e limpinhos depois de um banho reparador, só isto já lhe inspira a confiança de cura.

E quantos têm saído do Hospital do distinto Dr. Strangway cantando e louvando a Deus!

Em nome dos delegados Afrikanos, "O Estandarte" deseja patentear, nestas suas colunas, os seus diluvianos agradecimentos à Sra. D. Alice e ao Sr. Dr. Strangway pela forma tão cativante como foram tratados durante a sua estadia na Conferência de Chisamba.

DR. JOHN T. TUCKER

A Igreja de Chisamba prestou, na noite de 25 de Agosto, uma grandiosa homenagem aos distintos Missionários Dr. John T. Tucker e sua esposa, Sra. D. Leona Tucker, que nos deixou fascinados e profundamente encantados. O ilustre casal foi introduzido no púlpito por um grupo de crianças, vestidas de branco, que cantavam o "Glória a Deus nas Alturas...". Os coros cantavam repetidas vezes. O pastor Basílio Tjipilika discursou em umbundu exaltando as qualidades do Sr. Dr. Tucker e a sua obra no Sul de Angola. Duas meninas colocaram uma coroa de flores na cabeça da Senhora e outra na do Sr. Dr. Tucker, quando se ouviu, lá fora, um tiro saudando os ilustres missionários que ficaram muito comovidos.

dos Crentes Evangélicos Portugueses, de "fala portuguesa" e contaram-me a maneira cativante como ela se realizou.

Às 20,30 hora começou o Congresso num dos edificios da Escola, sendo a mesa das sessões constituída da seguinte maneira: Presidente, Reverendo Emil Pearson; Secretários das actas em português, D. Lídia Rodrigues Pinheiro e Sr. Abel Francisco Lopes; Secretárias das Actas em inglês, D. Marjorie Baker e D. Malvina Shields.

Depois das saudações de boas-vindas apresentadas pelo Reverendo Harold Steed, foram projectadas algumas fotografias de ilustrações bíblicas, após o que a sessão foi encerrada com a Benção Apostólica pelo Reverendo Dr. John Tucker.

No dia seguinte, depois do culto de meditação, no qual foi pregador o nosso ilustre visitante Reverendo Rosa Baptista, de Lisboa, o Presidente da Mesa, num tom de confiança, referiu-se, no seu empolgante discurso, à situação horrenda por que estão passando os cristãos nos outros países do mundo, dominados pelo comunismo; e comparando-a com a vida pacífica usufruída nesta terra cheia de grandes oportunidades, sintetizou o seu discurso mostrando, segundo o seu ponto de vista, os objectivos sobre os quais deve ser alicerçada a obra da Igreja de Cristo em Angola, citando quatro pontos, a saber:

- I. Fazer discípulos pela pregação individual do Evangelho;
- II. Baptizar os convertidos;
- III. Organizar a Igreja;
- IV. Ensinar.

O ilustre orador foi escutado com muito interesse. Seguiu-se, depois, a nomeação de comissões para o estudo das seguintes teses: 1) Educação; 2) Juventude; 3) Assistência médica; 4) Nomeações.

*

Foi muito lamentada a situação por que tem atravessado a população da comunidade Evangélica, principalmente os chamados indígenas, pela questão dos seus filhos baptizados nas Missões Evangélicas não poderem inscrever-se nas Zonas Escolares com a certidão emitida pelo Missionário Evangélico e, dado que algumas autoridades administrativas coloniais não registam crianças indígenas, são os pais, levados pela necessidade de instruir os filhos, obrigados a baptizá-los novamente na Igreja Católica Romana onde podem obter este documento válido. Na mesma proporção de mágoa foi lamentado o facto da invalidez das certidões de casamento passadas pelos Missionários Evangélicos em quaisquer assuntos oficiais, sendo, por isso, chamados SOLTEIROS a bons chefes de família, ordeiros e a homens de valor moral indiscutível.

A questão, que é de uma transcendência palpitante para a Igreja de Cristo em Angola foi entregue ao Sr. Secretário da Aliança para tratá-la junto do nosso Governo,

Ano de 1952

“SABEDORIA DO ALTO” in “O Estandarte” n.º.180 (está erradamente com o n.º.179), ANO XIX, do mês de JANEIRO de 1952 insere este artigo intitulado a p.1.

O Estandarte

Revista do Centro dos Baianos - Orgão e Propriedade

Sabedoria do Alto

In "O Estandarte" n.º.179, ANO XIX,
do mês de JANEIRO de 1952, p.1

Caríssimos Irmãos!

Estamos atravessando dias muito perigosos. Alguns daqueles que tiveram grandes responsabilidades dentro da Igreja estão sendo atraídos pelas aparências mundanas e levados a servir o Diabo e toda a sua concupiscência. Outros vivem tão preocupados com os seus negócios que já nem têm tempo para a meditação sobre a Palavra de Deus.

Irmãos: lembrai-vos que somos um só corpo em Cristo; de sorte que, se um membro de entre nós for atacado de qualquer enfermidade, todo o nosso corpo sofre. Sofre toda a Igreja e com maior intensidade de dor, sofre Aquele que por nós deu a Sua vida na cruz para nos salvar.

Irmãos: não nos iludamos supondo que os nossos interesses devem ocupar o primeiro lugar na vida. Porque o próprio Nosso Senhor, que nos remiu com o seu precioso sangue, disse: «*Buscai primeiro o reino de Deus e a sua Justiça e todas estas coisas vos serão acrescentadas*» Mat. 6:33. Ele sabe as nossas prementes necessidades. Ele não nos desampará. Ele promete estar connosco até à consumação dos séculos.

Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado para que a graça abunde? (Rom.6:1). É do Apóstolo Paulo a pergunta; a sua resposta que está no versículo 2, deve ser tomada como decisão para todos os cristãos: De modo nenhum...de modo nenhum. Amem.

Irmãos: ansiemos por adquirir a sabedoria do alto que resulta da nossa comunhão permanente com Deus, alimentada num ritmo sempre crescente com o estudo da Palavra de Deus. Ela torna-nos testemunhas da verdade, fiéis e prontos a reprová-lo o pecado no mundo. Cria no círculo da nossa influência um ambiente de pureza, amor e justiça.

Lembre-mo-nos de que há faltas que devemos confessar com lágrimas e com desejo ardente de procurarmos voltar até onde perdemos o caminho, começando com o espírito de humildade e dedicação a consagrar de novo as nossas vidas para a Causa a que estamos chamados.

Irmãos: é natural que tenhamos muitos anseios para o nosso bem-estar e dos nossos queridos, mas nunca estes devem merecer primazia em relação aos anseios da nossa dedicação à Causa da largueza do Reino de Deus na Terra, para que não suceda que o Mestre nos chame de loucos, como na parábola aconteceu com o rico insensato que ajuntou para si tesouros e não foi rico para com Deus. Lucas,12:23-20.

Caríssimos irmãos: busquemos a sabedoria do Alto, pura, frutífera, que nos constrange a honrar os nossos semelhantes, para glória d'Aquele que levou para Si todos os nossos receios e nos livrou, com a Sua morte, da lei do pecado.

Janeiro de 1952

Vosso no Senhor
Gaspar d'Almeida

Masa-a-Mbala ou Halu?

In "O Estandarte" n.º 180, ANO XIX,
do mês de FEVEREIRO de 1952, pp.1 e 2.

Com a grande bênção que Deus lançou sobre a região seca da área do Ikolo e Mbengu, pelas abundantes chuvas que nela deixou cair, o bom povo Iwangu desta área, cumprindo uma tradição que lhe está na consciência como um dever moral – o amor ao trabalho – tem os campos juncados de milho, algodão e masa-a-mbala; não faltando uma lavra de mandioka nos locais onde as terras são propícias e outra de batata doce que o povo de longo (terras ligeiramente afastadas das margens do rio Kwanza) cultiva como alimento preventivo para os anos em que as chuvas escasseiam.

Hoje, quem vai àquelas plagas, sem dúvida que gostará de ver aqueles extensos campos cobertos de sementeiras em que se salienta a *mbala*, cereal de caniço com mais de dois metros de comprimento, e cuja parte superior termina com uma espiga cheia de numerosos grãos, os chamados *masa-a-mbala*, ao contrário das espigas de milho que se denominam *masa-a-kindele*.

É bonito e encantador ver um campo semeado de *mbala* com as espigas já maduras, às tardes, quando o vento perpassa vergando-a de um lado para o outro, formando ondas vegetais fascinantes. Dir-se-ia, como antigamente quando tudo era sossego, que aquele povo está a viver com o passado.

Quando é que, numa lavra de *mbala*, começa a aparecer *halu*? i) No ano da primeira sementeira de *mbala*, toda a lavra só produz *mbala* pura. ii) No ano da segunda sementeira de *mbala* na mesma lavra, nasce a *mbala ya ngolongo*, ainda totalmente aproveitável. iii) No ano da terceira sementeira de *mbala*, na mesma lavra, é que, a par da *mbala*, nasce igualmente o *halu*. Portanto, o *halu* não nasce *ab initio* em lavras onde não tenha havido, dois anos antes, a cultura de *mbala*.

Reparemos: o lavrador semeou a *mbala* segundo os processos mais seculares, julgados razoáveis e aceitáveis até hoje e seguidos também pelos europeus da terra. Sucede, porém, que na altura de fazer a sacha ele vê nascer e crescer, sem ser semeado, aqui e acolá, em direcções desordenadas, outras sementeiras da mesma família: é justamente o *halu*. E sendo difícil distinguir-se a verdadeira *mbala* do *halu*, o agricultor diz de si para si: é melhor deixar ficar tudo como está para não suceder que ao arrancar o que eu julgo ser o *halu*, venha a arrancar a *mbala*. Assim, ambas as sementeiras ficam a crescer juntas sob os mesmos cuidados do lavrador. O *halu* é inconveniente porque rouba o tempo ao lavrador ao julgá-lo como boa semente, além de ocupar espaço que pode ser ocupado por outra cultura alimentar.

São precisos cerca de nove meses que o lavrador, pacientemente, deve esperar para distinguir a *masa-a-mbala* do *halu*. Ao cabo deste período as espigas de ambos

os cereais estão maduras. Às vezes, à simples vista não é possível fazer-se a separação. Tudo é *masa-a-mbala* por enquanto.

O *halu* distingue-se da *masa-a-mbala* do seguinte modo: quando se dá uma pancada, ainda que leve à haste do *halu*, a espiga desfaz-se imediatamente, deixando espalhar a semente no chão que, por não ter o desenvolvimento necessário, apenas serve para a alimentação dos pássaros, dos porcos e germinação desordenada nas próximas chuvas.

O leite do bago ainda verde do *halu* além de ser amargo, não abre, não fica à mostra; enquanto que o leite do bago de *masa-a-mbala* ainda verde e em fase de maturação é doce e abre-se, todo ele amarelinho para a maturação. Por isso é que as nuvens de pássaros que assolam as lavras de *masa-a-mbala* caem de forma diluviana sobre esta. Por esta razão as lavras de *masa-a-mbala*, logo a seguir à formação da espiga, exigem a presença, durante todo o dia, de toda a família (crianças, adolescentes e adultos) para *ku kalela ó mbala*, ou seja afugentar os pássaros com vozearia humana e barulho feito com lataria, para não darem cabo das espigas formadas em cada caniço. O caniço de *masa-a-mbala*, denominado *mwenge*, é doce e serve de alimento, tal como a cana-de-açúcar. Contrariamente, o caniço do *halu* é azedo e não serve para alimento.

A *masa-a-mbala*, tem o caniço e o grão mais grosso e resistente a toda a agitação, seja ela provocada por chuva, ventos leves ou ciclónicos ou por pancada humana por que tenha de se sujeitar, até ao corte dos caniços que são deitados ao chão. Segue-se o corte das espigas, o seu ensacamento e transporte até serem levadas ao local preparado já na sanzala para eira onde são amontoadas e debulhadas manualmente pelos homens com utilização de um instrumento de debulha denominado *divundu*, composto por pau de *kisungu* (nas terras do longo) ou da haste de ramo de palmeira (nas terras das margens do rio Kwanza), na ponta do qual se amarra a *kibaba* feita de palma grossa da casca, sem fibra, do imbondeiro com que cada homem procede à debulha, ao ritmo de canções apropriadas para esta cerimónia secular. Ainda na eira e depois da debulha efectuada exclusivamente por homens, o grão é separado da palha que se mistura através de um processo de peneira levado a cabo por mulheres que utilizam o *kibandu kya maku* (pequeno) o qual, depois de cheio de bagos e palha, é elevado para cima da cabeça e aos poucos vai caindo no *kibandu kya muzalu* (grande) estendido no chão. No trajecto de caída e com a ajuda do vento, este se encarrega de separar a palha do grão, cujos montes são seguidamente ensacados para se medir a quantidade de sacos de cem quilos produzidos por cada lavra. Terminada a medição, o grão é retirado dos sacos de cem quilos e seguidamente recolhido nas *inganja* (plural de *kinganja*) celeiro(s) para armazenamento e servir de alimento diário, de troca e de reserva de asseguramento alimentar até à próxima colheita do bom povo.

*

Tal como a *masa-a-mbala* e o *halu*, assim também os registos das nossas Igrejas estão cheios de nomes de cristãos. Há crentes para os quais a prudência manda que

devem ficar dentro da comunidade até ver; e, como é pelos frutos que se conhece a árvore, justamente quando o Pastor se sente mais satisfeito com o aumento dos números é que uma aragem de origem inimiga paira sobre a comunidade e vê, com surpresa, que pessoas que julgava serem os sustentáculos da Igreja, começam a perder o brilho da sua fé, vindo a desaparecer no mais extravagante turbilhão do mundanismo.

Para nós salvuardarmos da tentação e manter a centelha da nossa fé viva, nunca é demais a vigilância, nunca é demais a oração e nunca deve ser demais a nossa consagração a Cristo.

Qual é, então, a nossa posição na comunidade da nossa Igreja? Somos *masa-a-mbala* ou *halu*?

Gaspar d'Almeida

N.R. O título *masa-a-mbala* ou *halu* do artigo inserto na primeira página foi sugestivo. É que entrou no espírito da maioria dos nossos leitores a tendência de se interessarem mais pelas coisas de mera importância do que por aquelas que contribuem para a sua própria dignidade. Podíamos substituí-lo pelo título de "Joio na Seara" e ninguém lhe dar importância desejada, por se tratar de um assunto de e por todos muito conhecido. Deste modo temos a certeza de que muitos, levados pela curiosidade, não de se esforçar por o ler, trazendo-nos a satisfação de que não erramos o alvo da nossa sua gestão. O h da palavra *halu* e aspirado. Muito obrigado.

“O Estandarte”

In “O Estandarte” n.º.181, ANO XIX,
do mês de MARÇO de 1952, p.1

Repetimos mais uma vez que “O ESTANDARTE” é, hoje, o único Jornal dos Afrikanos que se publica em Angola. Por isso, sejam quais forem as deficiências que tiver, há que provar, com segurança, que os Cristãos Evangélicos Angolanos têm já em si certo poder executivo que, longe de os tornar orgulhosos, enaltecem a religião que professam e honram o nome d’Aquele que os tirou das trevas para tão maravilhosa luz, a qual é Jesus Cristo, o Caminho, a Verdade e a Vida.

Nossa tarefa, porém, nunca tem fim. Quanto mais fazemos, mais reconhecemos que somos servos inúteis. Precisamos, pois, nós os Evangélicos, desta terra que nos viu nascer, estarmos sempre prontos para enfrentarmos as fases de todos os momentos. O futuro apresenta-se mais brilhante do que o passado e o presente. Porém, o futuro depende de nós. Cristo, o nosso Mestre e Guia, por excelência disse: «E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará» João....

Cheguemos com confiança a Ele e nos mostrará o melhor caminho a seguir neste mundo onde todos são simples peregrinos, caminhando uns para um destino certo, e outros, infelizmente, sem saber para onde vão.

Somos muito poucos para um campo tão grande; os nossos recursos são poucos para manter instituições de vulto, mas Deus, na Sua omnisciência, para que não cruzássemos os braços, nos deu “O ESTANDARTE” por meio do qual todos os cristãos, pobres ou ricos, sábios ou ignorantes, podem mostrar os seus dons. Muitos estão esquecidos de que os melhores colaboradores são aqueles que, além das suas ofertas, têm as suas assinaturas em dia.

Que podem fazer os redactores, se depois de terem todos os originais não tiverem dinheiro para custear a despesa da publicação? Se os nossos prezados assinantes se lembrassem de que a falta de pagamento da assinatura prejudica a publicação, certamente que haveriam de ser mais pontuais no cumprimento dos seus deveres.

Prezados Amigos, se quereis a prosperidade de “O ESTANDARTE” para que vá a todos os cantos de Angola transpondo fronteiras se necessário for, por favor enviai os vossos donativos à sua Administração e liquidai as vossas assinaturas.

Gaspar d’Almeida

O Lembamento

In "O Estandarte" n.º 181, ANO XIX,
do mês de MARÇO de 1952, p.3

Várias ideias pululam dentro do âmbito dos etnógrafos sobre a origem do lembamento (do verbo kimbundu ku lemba), uma prática milenar social dos povos negros de África e que corresponde a uma obrigação que os pais do rapaz pretendente a constituir família prestam aos pais da menina pretendida e traduzida em bens materiais, animais e em espécie.

É que nas tribos africanas a menina sempre mereceu mais atenções do que um filho varão em qualquer lar. O *lembamento*, na sua origem, era uma coisa feita com grande respeito e até há alguns anos atrás com certa decência.

Quando um rapaz quiser escolher uma menina nunca manifesta esse desejo directamente a seu pai. A pai é devido um respeito tal que a civilização milenar recomenda que, num lar e para os filhos e filhas que comecem a atingir idade de adolescente, a pessoa de maior intimidade para as confidências é a mãe. Daí que todos os assuntos de interesse geral (tais como os de vestuário, calçado, escola, etc.) e especial vão ter a ela e esta leva-os depois ao marido e...abrange até as necessidades do vestuário.

Voltemos ao assunto do *lembamento*; muitas vezes, os pais sabem por portas e travessas que o seu filho namora com uma certa menina; ele não tem coragem de lhe chamar a atenção e procurar saber sobre se é a verdade. São os tios (irmãos da mãe) quem se encarrega do assunto e quando chegam a apurar a verdade, vão levá-la ao conhecimento dos pais. Se todos concordam com a escolha, então os pais combinam com um dos tios do rapaz para irem cumprimentar os pais da menina. Não vão directamente à casa dos pais dela; dirigem-se à casa de um tio matrilinear da menina pretendida, a quem apresentam os motivos da sua visita; depois de uma pequena conversa amigável, o tio vai avisar os pais da pretendida pondo-lhe ao alcance do assunto com os detalhes. É já a partir deste ponto que eles devem procurar saber tudo sobre o porte do rapaz: se é obediente, ajuizado ou se é trabalhador. A falta de qualquer desses assessórios é um caso que põe em dúvida a aceitação. Se acham que o rapaz possui todas estas qualidades ficam de acordo, mandam chamar a visita e esta expõe outra vez o assunto. É claro, deve estar já prevenido com a importância (moeda) que corresponda, pelo menos a cinco litros de vinho, porque a concordância já é um princípio de alegria na primeira etapa em que se reatam velhas amizades. Nessas reuniões, as partes embora concordem, os futuros sogros, não tomam parte nem mesmo os nubentes.

Quando o assunto for resolvido de maneira aceitável, o homem volta para informar ao irmão de como foi feliz na sua missão.

Daí os futuros sogros vão se visitando de vez em quando e o rapaz, sempre que é necessário, às vezes vai prestar um dia de serviço na lavra do sogro; a menina também vai à casa dos futuros sogros passar o dia e pisar o milho, moer a fuba ou executar trabalhos de cozinha. Isto não é obrigatório, mas é simplesmente para uma aproximação mais íntima entre as duas famílias que se irmanam por afinidade.

Quando chega o dia determinado para se efectuar o *lembamento*, os pais do rapaz, preparam um conjunto de bens materiais tradicionalmente estabelecidos a que juntam a quantia de 500,00 angolares (hoje esta importância se elevou a dez vezes mais nalgumas regiões) e a entregam a um tio que às vezes se faz acompanhar de sua mulher que vai à casa do tio da menina e daí à casa dos pais dela. Geralmente isto é feito de noite. São avisados os outros parentes e mais pessoas amigas para no dia seguinte assistirem à entrega do ilembu. Deste dinheiro tiram o necessário para comprar o vinho, matam um porco ou galinhas para um bom almoço dos hóspedes e do remanescente compram-se panos para a sogra e uma camisa ou um cobertor para o sogro. Daí passam mais um tempo que não é definido, mas não muito longo, que os futuros consogros combinam o dia em que se vai buscar a menina. Quando esse dia chega, os pais do rapaz preparam um galo, uma kinda de fuba e dinheiro que corresponda pelo menos a cinco litros de vinho. Chamam outra vez os tios para irem buscar a noiva. Na hora de despedida da filha há uma solenidade que às vezes deixa a mãe deitar lágrimas de comoção. A menina também vai acompanhada por uma pessoa da sua família, de preferência uma tia materna, despedindo-se cheia de tristeza por ter de abandonar, para sempre, o lar de seus pais.

A maior parte das vezes, o facto de *kolokar* ou *sokanar* (do verbo kimbundu *ku sokana*) uma menina, passa-se mesmo despercebido, limitando-se apenas os vizinhos a dizerem que o António já *kolokou* ou *sokanar* sua namorada, acto que, geralmente, se faz à noite.

eticamente o *lembamento*, na sua origem não contém nada de mal, embora tenha os seus defeitos, muitas vezes contraproducentes. O pior de tudo é que nós, os povos de África, nunca temos tendência de melhorar as nossas tradições; pelo contrário, em vez de aperfeiçoarmos aquilo que julgamos de boa índole, menosprezamos e destruimos tudo quanto era o património mais sagrado do nossos ancestrais. Não há quem negue que há alguns séculos passados houve mais valores em sentimento e moral entre os negros de África do que hoje, em que a actual geração, influenciada pelos valores alheios, fruto da colonização, parece fazer voos para alcançar uma nova civilização.

Não podendo alimentar a ideia que ainda muitos nutrem de que se deve manter o *lembamento*, esta é uma questão de que tenho sido um acérrimo opositor em

várias conferências, pois, bastam as volumosas consequências funestas de que muitas mulheres têm sido vítimas por causa dele, colocando-as num plano de inferioridade perante os seus maridos.

Não há dúvidas de que, antigamente, quando uma menina fosse para a casa do seu marido, sentia-se orgulhosa quando soubesse que o seu marido cumpriu com todas as obrigações; pelo contrário, ficava e ou sentia-se humilhada quando o marido não tivesse pago o *lembamento* e raras vezes isto ocorria sem contrariar a vontade dos pais da menina que, como é tradicional, exigem sempre que este seja pago integral e antecipadamente. O cumprimento antecipado da obrigação de dar o ilembu é condição sine qua non para a menina poder ir para a casa dos sogros. Sem ele, não há nora para ninguém.

Existe também o costume de *ku tambula*, que consiste no rapto da menina. Este costume geralmente tem a sua origem em os pais da menina não gostarem do rapaz pretendente, enquanto ela tem por ele toda a sua predilecção; outra origem é se o rapaz é pobre e a sua família não consegue arranjar facilmente o lembamento e depois de alguns anos de namoro, o rapaz põe fim ao seu ideal tambulando a menina. Neste caso muitos pais desprezam ou abandonam as filhas, vindo a reconciliação tempos depois.

A restituição dos ilembu pelos pais da filha no caso de se desfazer o lar tem sido uma questão muito séria. Dada a avultada soma de bens materiais e em espécie que hoje se exige, os pais da menina não podendo arranjar o que antes tenham recebido. O lesado recorre às autoridades para obter o ressarcimento do que é seu.

A Igreja Evangélica não teme que o lembamento, com as tristes consequências, venha perturbar a paz no lar Evangélico, conquanto esteja segura de que a beleza da sua mensagem é superior em riqueza a estes pequenos nadas. Por isso, aconselha que o lembamento deve ser banido, considerando que tanto o rapaz quanto a menina, estão em idênticas circunstâncias, devendo-se, quando necessário, auxiliarem-se um ao outro, na constituição do seu novo lar.

Gaspar d'Almeida

Reverendo Gaspar de Almeida

In "O Estandarte" n.º 182, ANO XIX,
do mês de ABRIL de 1952, p.1



Deverá embarcar brevemente para a Metrópole, no paquete "Pátria", o nosso querido irmão, director e redactor do mensário "O ESTANDARTE", professor ao serviço da Missão Evangélica de Luanda.

O Reverendo Gaspar d'Almeida que vem dedicando uma grande parte da sua vida à causa do Evangelho, é um digno filho de África, podemos mesmo afirmar, um dos líderes que mais têm pugnado pelo levantamento moral e intelectual do povo da sua Raça.

Homem modesto, sempre norteado por elevados ideais, o nosso irmão tem sabido repartir desinteressadamente o seu esforço por actividades múltiplas.

Assim se explica a sua viagem à Europa que, longe de ser uma excursão vulgar, é uma viagem de estudo. Estamos certos de que o Reverendo Gaspar d'Almeida, após vários meses de estágio numa escola especializada, regressará para o nosso meio animado de novas ideias e com mais larga visão sobre os problemas locais.

Em nosso nome e no de todos os assinantes e leitores de "O Estandarte", fazemos votos para que Deus acompanhe o seu servo e lhe dê força e inteligência durante a sua estadia em Portugal, para que possa continuar a sua obra entre nós.

A REDACÇÃO

da

XIX,
p.1

Ano de 1953

O Jornal "O Estandarte" n.º 192 (está erradamente com o n.º 191), ANO XX, do mês de JANEIRO de 1953 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida.



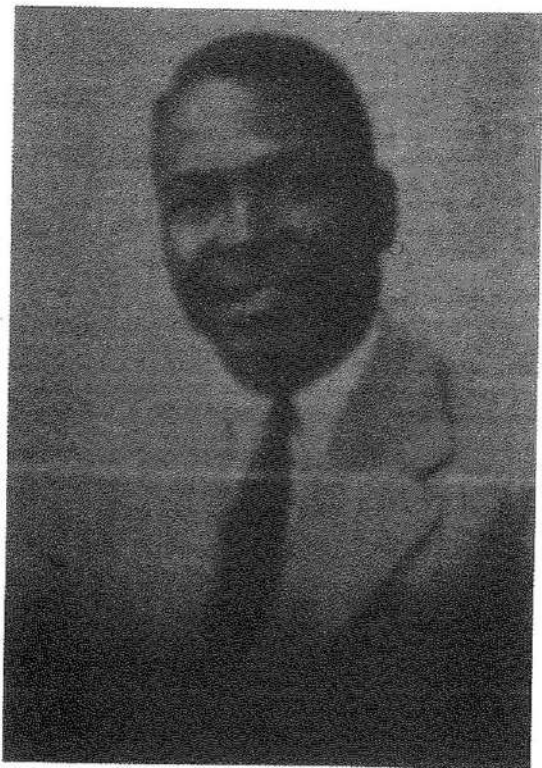
Gaspar de Almeida

In "O Estandarte" n.º.193 e 194, ANO XX,
dos meses de MARÇO e ABRIL de 1953.

Numa das Casas de Saúde de Lisboa, esteve internado, de 19 de Março a 3 de Abril, para ser submetido a uma intervenção cirúrgica de apendicite que decorreu com êxito, o Director de "O Estandarte", nosso estimado irmão e amigo Sr. Reverendo Gaspar d'Almeida.

A notícia encheu de júbilo os camaradas de lide de "O Estandarte" e da Igreja Evangélica de Luanda que Gaspar d'Almeida vem servindo há mais de 23 anos com exemplar comportamento.

Com muita satisfação registamos a notícia e aqui retribuímos os nossos cumprimentos, com votos de muitas felicidades.



Gaspar de Almeida

In "O Estandarte" n°.197, ANO XX,
do mês de JULHO de 1953, p.1

Terminadas as férias na Metrópole, precedidas de estudos dos quais obtive óptimos resultados, embarca no próximo mês de Agosto, no paquete "Kwanza", o nosso benquista irmão Sr. Gaspar d'Almeida, Professor e Director do nosso jornal "O ESTANDARTE".

O nosso ilustre Director saúda, indistintamente, todos os irmãos de Angola e, após o seu desembarque, estará de braços abertos.

Reverendo Gaspar d'Almeida

In "O Estandarte" n.º.198, ANO XX,
do mês de AGOSTO de 1953, p.1



Chegou em 21 do corrente, a bordo do paquete "Kwanza", vindo de Lisboa onde esteve durante um ano, o Professor Primário e Director do nosso Jornal Reverendo Gaspar d'Almeida. Na altura do desembarque viu-se rodeado por um grupo de amigos, destacando-se a juventude da nossa Igreja.

De tarde foi servido um chá de recepção organizado pela referida Juventude, no decorrer do qual usou da palavra o respectivo Presidente, Emílio de Carvalho. Às 19,30 horas realizou-se um culto na Igreja, tendo usado da palavra o Reverendo Gaspar d'Almeida sobre a sua viagem e da responsabilidade que todo crente evangélico tem na hora presente, em transmitir as boas novas da salvação aos que ainda não crêem.

No Sábado, dia 22, foi recebido na Redacção pelos Srs. Administrador e Secretário de "O ESTANDARTE" em companhia de outros activos colaboradores que, num ambiente sinceramente amigável, lhe foi servido um lanche.

Finalmente, ainda falou na Igreja no Domingo de manhã e de tarde, usando sempre o tema *«A responsabilidade que tem quem é cónscio, para com o seu semelhante no sentido de elevá-lo a um grau considerável de civilização e principalmente de uma profunda educação religiosa – elo essencial de qualquer povo»*.

a
XX,
p.1

Ano de 1954

"A LIBERDADE RELIGIOSA É UM DIREITO NATURAL DO INDIVÍDUO" in "O Estandarte" n°.204 (está erradamente com o n°.203), ANO XXI, do mês de JANEIRO de 1954 insere este artigo a pp. 1-2. Por razões óbvias o autor do texto não se identifica; por isso assumido pela Redacção.

ANO XXI	Luanda, Janeiro de 1954 — N.º 203	
O ESTANDARTE		
Mensário — Pregoeiro Cristão dos Bairros		
Criação e propriedade de Grupos Evangélicos Angolano.		
DESENVOLV. CARLOS PALMEIRA	REDACÇÃO PRINCIPAL ANTONIO VITOR DE CARVALHO	PREÇO N.º 100 2000

A Liberdade Religiosa é um Direito Natural do Indivíduo

In "O Estandarte" n.º 203, ANO XXI,
do mês de JANEIRO de 1954, pp. 1-2.

Por razões óbvias o autor do texto não se identifica,
por isso assumido pela Redacção

Jesus disse: «Se, pois, o Filho vos libertar,
sereis realmente livres» S. João 8:36

Liberdade e Liberdades

O maior tesouro que uma pessoa humana possui é a sua vontade. Este é um glorioso poder pessoal, inteligente e reflectido de determinação própria, tem em vista determinar motivos, desejos e sentimentos, factos e possibilidades. Neste acto de determinar, de resolução e de escolha final está o eixo da personalidade humana. Aí ela é excepcional e senhora de si, responsável e capaz, verdadeira «imagem e semelhança» do seu Deus e Criador.

Se o homem não possuísse tão excelente privilégio seria tudo menos uma pessoa.

Agora assinala-se que existem duas forças a constituir esta actividade específica da personalidade, sendo uma – inteligente e psicológica – que é a capacidade de reflexão ou de premeditação intencional.

A outra, moral e dentro da consciência – é a liberdade. Esta palavra – Liberdade – é uma das mais altas expressões de linguagem humana.

Tem sido e ainda é um verdadeiro campo de batalha dos filósofos, sociólogos, mestres e sacerdotes que, achando-a imensa, procuram definir-lhe o recto conteúdo, afirmar-lhe a primazia, e mesmo alguns a negar-lhe existência real e autónoma na pessoa humana. *O que é a liberdade?* No seu conceito mais genérico define-se como sendo a *«capacidade intrínseca da pessoa de se determinar, de resolver, de escolher em face de ideias ou noções»*. É um facto moral e de consciência, já resultante do poder voluntário que distingue o ser racional. Chama-se, neste caso, *«livre arbítrio»*, ou *«faculdade que tem a pessoa de determinar, por si mesma, os seus actos internos ou externos, positivos ou negativos, sem qualquer compreensão, necessidade ou violência»*. Diz-se também *«direito natural»*, ou poder moral e não físico exterior.

Praticamente, a liberdade moral é o «*poder intrínseco que a própria pessoa tem de poder resolver e de escolher aquilo que é, acha ou lhe parece ser justo e bom*». Neste sentido, a Liberdade passa a ser mais do que poder ou capacidade — é a Ordem dentro do Dever, ou seja, a Lei de Deus na própria consciência humana.

Popularmente diz-se que a «*liberdade é o direito que a pessoa tem de fazer o que quiser, contanto que reconheça os limites da liberdade alheia e o bem de outrem*». Assim, Liberdade não é licença nem arbitrariedade, mas actividade reflectida, consciente, deliberada, dentro dos limites adequados de uma ordem legal ou moral.

*

Formas de Liberdade

Há *Liberdades* diversas, que se distinguem entre si.

I. Temos a *Liberdade Física ou Corporal*, que é o poder da pessoa agir sem obstáculos ou constrangimentos;

II. Temos a *Liberdade Civil* que é o reconhecimento da Liberdade Moral do homem em sociedade, num Estado ou num Governo, em que certos direitos e privilégios coerentes com a Ordem Jurídica e Moral lhe são garantidos e assegurados, tais como os de viver, trabalhar, ter família, possuir bens, negociar e receber a defesa da justiça.

III. Temos a *Liberdade Política*, que é a mesma Liberdade Civil relacionada com o cidadão de um país ou nação organizada civicamente, como o de ser elegível e ser eleito, gozar certas imunidades e realizar uns tantos deveres de cidadania para com a Pátria.

IV. Temos a *Liberdade Cristã*, que é «*a capacidade de uma pessoa, que professa a Fé Evangélica ou a Religião de Cristo, de viver de acordo com os princípios, regras, deveres e privilégios do Evangelho*». Esta *Liberdade é Espiritual* e elevada. Ela é oriunda do Espírito de Deus, o génio infalível dos cristãos fiéis (Gal. 5:1; 4:6; 2º. Cor. 3:17; Rom. 8:11-6).

Todas essas *Liberdades* que acabamos de referir são frutos da *Liberdade*, que é o selo magistral da pessoa humana, ou o seu poder voluntário, inalienável, intrínseco e permanente de escolher por si, decisivamente, as suas acções ou omissões. Que honra é ser livre.

Depois de verificarmos, em síntese, a natureza da *Liberdade* e das *Liberdades* dela decorrentes, ainda não esgotamos tudo neste assunto.

Possuímos também *Liberdade Maravilhosa*, adquirida no tempo e no espaço penosamente, através dos Séculos e dos povos, embora seja ela consequência imediata e real da verdadeira *Liberdade Ética* que Deus concede à Raça Humana. É a *Liberdade Religiosa*.

Ela é um aspecto da *Liberdade Civil* e da *Liberdade Política*, como que reunindo as duas numa só unidade muito santa e alta. Define-se, juridicamente, como sendo «o direito que o poder civil ou o de um Estado deve reconhecer e assegurar a cada pessoa, capaz e idónea dos cidadãos de um país, de professar e exercer espontaneamente, dentro da Ordem, sem qualquer coacção, as suas crenças espirituais, o seu credo e modo de pensar pessoal, não só como indivíduo, mas como pessoa colectivamente».

Esta Liberdade implica, de e em si mesma, o reconhecimento, pelo Estado, de liberdade de foro íntimo ou de associação, de propriedade, de reunião particular ou pública, enfim, de liberdade de culto político e ou religioso e do seu exercício pleno.

Ao Estado, nesse caso, não cabe qualquer intervenção que possa obstar, impedir, perturbar, coarctar ou proteger unilateralmente esse direito de crença, de credo, de vontade ou de consciência.

Esta Liberdade nem sempre foi ou é reconhecida e foi penosamente conquistada, através da História, entre lutas e sofrimentos, contra as tiranias humanas do Estado Político. Foram Cristo e o Evangelho os campeões dessa Liberdade no mundo.

A Reforma do Século XVI também defendeu-a heroicamente e fê-la frutificar na Terra. Os povos devem aos evangélicos esse privilégio e essa Democracia moderna, hoje tão falada e tão querida.

A *Liberdade Religiosa*, sendo de duplo carácter — i) *pessoal*, por isso é que reside no domínio do foro íntimo de cada pessoa humana, e ii) *civil*, porque se exercita em Sociedade agrupada, sob as vistas do Estado; tem limites justos — o Bem Público, os Bons Costumes, a Liberdade Alheia.

O princípio básico dessa Liberdade é a «*igualdade para todos e de todos*». Daí considerar-se, rectamente, erro do Estado qualquer atitude arbitrária, de restrição, de violência ou mesmo de protecção à fé e aos credos religiosos, unilateralmente. O Estado que assim age, pratica uma acção clamorosa. A Liberdade Religiosa é um privilégio espiritual intrínseco (S. João Cap.8).

O cristão não deve nem pode abrir mão desse direito em caso algum. No problema de conflito entre «*César*» e «*Deus*», a regra a seguir é a que encontramos no Livro dos Actos Cap. 4:19 e 20. Isto, todavia, não dá à Igreja ou ao crente o direito de defesa de consciência por meios violentos ou guerras, ou perseguições ou intolerância tal como, infelizmente, já tem acontecido no decorrer dos tempos.

Nestas circunstâncias cabe ao crente defender, perante o Estado, com todas as forças e energias, o seu direito de consciência cristã, mas persuasivamente, por todos os meios legais ao seu alcance. Se não conseguir, assim, o seu objectivo, deve manter-se fiel a Cristo, à sua Igreja e ao seu Evangelho, sofrendo as consequências desse seu acto

condignamente, até mesmo a ponto de ser entregue à morte.

Acima de tudo deve vincar a sua fidelidade a Deus. Este é um grande dever cristão.

No Antigo Testamento, temos dois edificantes e heróicos exemplos de coragem de crentes, em face da opressão do Estado em tempos remotos – i) o de Daniel e seus três companheiros, e ii) o de Daniel sozinho. (Dan. Capítulo 3 e 6).

O primeiro caso foi na ocasião em que o rei Nabucodonozor, da Babilónia, decretou a adoração de certa imagem pagã, universalmente, no seu Reino.

O segundo caso foi ainda um decreto de Dário, medo-persa, proibindo se desse qualquer culto ou pedido religioso, em particular ou em público, por 30 dias, no Império, senão à ele, rei, sob pena de morte violenta em cova de leões bravos.

Notemos estes factos: i) os decretos referidos foram de franca opressão de consciência, odiosos, injustos, incoerentes, feitos por orgulho e egoísmo, sem finalidade justa, por puro gozo de perseguição e demonstração violenta de poder de totalitários, pagãos; ii) Daniel e seus companheiros, crentes fiéis, não fizeram escândalo, nem guerra, nem revoltas, em face de tais leis diabólicas; mas agiram com absoluta firmeza, sabedoria, clareza de atitudes e sem provocações; todavia, com enérgica altivez de carácter; esgotados os meios suasórios e legais para escaparem às sanções dos decretos reais opressivos, revelaram fidelidade de consciência, espírito heróico, senso de dignidade, FÉ em Deus e absoluto desprendimento, entregando-se às penas de morte cominadas pelos decretos; iii) no seu fiel testemunho, receberam a protecção divina, deram belo exemplo, saíram vencedores e conseguiram, até, a plena modificação das leis odiosas do Império que os tentara silenciar.

Assim faz o crente fiel!

(por razões óbvias o articulista não se identifica, por isso assumido pela Redacção)

Compêndio de História de Missões

In "O Estandarte" n.º.206 e 207, ANO XXI,
dos meses de Abril e Maio de 1954, p.2

Dedicado à sua Ex.ma. esposa, Sra. D. Laura Stukeby Tucker, o Reverendo Dr. John T. Tucker, decano dos Missionários que trabalham em Angola, publicou em Lisboa um livro intitulado Compêndio de História de Missões.

O livro, tal como o título indica, é uma súpula do desenvolvimento da História da Igreja desde os tempos da sua alvorada, ainda em fase inicial, até à actualidade.

Nos primeiros dois capítulos o erudito Missionário procura demonstrar, com provas convincentes, a «Bíblia como o Livro Missionário e a Jesus Cristo como o Supremo Missionário de todos os tempos».

Nos seguintes capítulos sintetiza, com a argúcia que lhe é peculiar, a história de Missões dando de tudo um pouco aos estudantes e interessados que desejam integrar-se no conhecimento da História de Missões.

A necessidade da obra Evangélica na África de colonização portuguesa obrigou o venerando Missionário a fixar residência em Lisboa, onde a sua colaboração, quer nas Igrejas do Continente, quer nas do Ultramar, tem sido de alto apreço.

O Reverendo Dr. John T. Tucker, sempre infatigável, é hoje Director do Centro de Orientação Missionária e Professor de Missões e Hierologia no Seminário Presbiteriano de Caravelos.

Ao ilustre Missionário, sinceramente obrigado pela oferta do livro.

Gaspar d'Almeida

Ano de 1955

O Jornal "O Estandarte" n.º.216 (está erradamente com o n.º.215), ANO XXII, do mês de JANEIRO de 1955 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida, mas uma NOTA sobre ele a p.1.



Gaspar d'Almeida

In "O Estandarte" n.º.215, ANO XXII,
do mês de Janeiro de 1955,
insere uma NOTA sobre Gaspar d'Almeida, p.1

Com curta demora esteve entre nós, vindo do Dondo, o nosso muito amigo e Director de "O Estandarte".

Gaspar d'Almeida, de uma pena brilhante e com conhecimento vasto na matéria religiosa, de há muito temos sentido a falta dos seus doutrinários artigos, certamente porque as ocupações do seu novo campo lhe não têm permitido, razões por que dizemos: seu lugar, salvo o devido respeito, era em Luanda, para poder cooperar no Jornal.

Apontamentos sobre a Parábola do “Filho Pródigo”

In “O Estandarte” n.º.224, 225 e 226, ANO XXIII,
dos meses de Outubro, Novembro e Dezembro de 1955, p.6

Esta é a parábola que mais tem chamado a nossa atenção nos quatro evangelhos. Toda a pessoa, pela sua natureza humana sente-se tocada com o desejo de participar daquele abraço comovido do Pai Celestial: quer receber o vestido novo, amor do Pai; quer ter o anel na mão, aliança com o Pai; quer sentar-se à mesa com os amigos, alegria do pai.

Jesus apresentou-a para mostrar à Humanidade, da qual fazemos parte, que é esbanjadora dos bens do Pai Celeste.

O Filho Pródigo tinha pedido ao pai parte da herança que lhe dizia respeito e este, sem hesitação, deu-lha. Neste caso, não só teve responsabilidade, como também grandes possibilidades. Responsabilidade porque os bens e todo o dinheiro que recebera custaram ao pai muitas canseiras e, por isso, desperdiçá-los seria falta de consideração àquele que os ganhara à custa de muitos sacrifícios. Teve possibilidades, porque se usasse a capacidade que Deus lhe tinha dado, como tinha acontecido com os servos que receberam as minas, (S. Lucas 19:12-19), com certeza teria muitos lucros e não teria caído naquela miserável situação. E quais foram as razões que o levaram a chegar àquele estado tão deplorável? A razão não estava no muito dinheiro que possuía, nem no seu uso, mas no abuso da oportunidade. Ficou iludido pela maneira como viu o meio onde vivia, vasto e quase sem fronteiras de temperança, pelo que foi tentando gastar tudo quanto possuía, vivendo, depois, dissolutamente. Exausto de todos os recursos, a desgraça tornou-se maior por causa da fome que houve na terra onde vivia. Daí começou a andar de porta em porta à procura de quem pudesse dar-lhe serviço, tendo, contra os princípios do seu país como judeu, sujeitado o lugar de guardador de porcos.

O nosso homem tinha descido ao ponto máximo da miséria e, desesperado, pensou consigo e disse: *«Quantos jornaleiros de meu pai têm abundância e eu aqui pereço de fome?»* Com este pensamento começou a subir para o caminho do arrependimento. Vemo-lo a dar o primeiro passo: *levantar-me-ei*. E embora estivesse decidido, tinha, contudo, ainda a sua dúvida de ser recebido pelo pai, como se depreende destas palavras *«E dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e contra ti e já não sou digno de ser chamado seu filho...»*. O pai, que não via na sua pessoa senão um filho que estava morto e reviveu, perdido e se achou, apressou-se a abraçá-lo comovidamente, beijando-o e tratando de vesti-lo da melhor maneira possível: mandou matar o bezerro e tendo convidado os seus amigos, fez uma grande festa.

Aplicação: temos ou não filhos pródigos nas nossas Igrejas? Temo-los em número muito avultado. Para pouparmos espaço, vamos adaptar entre centenas de histórias à semelhança do filho pródigo, estas duas, as quais representam uma realidade incontestável.

1. — Mateus Paulo era um dos primeiros membros da Igreja na aldeia onde nasci. Tinha-se arrependido quando ainda era moço. Era muito activo nos trabalhos da Igreja. Vestia-se decentemente e todos tinham para com ele uma simpatia contagiosa. Porém, decorridos alguns anos, fora atraído pelo gozo deste mundo e, *como o salário do pecado é a morte*, caiu em desgraça. Por vergonha passava os dias no campo donde só voltava às noites. Como aconteceu com o filho pródigo, Mateus Paulo, tornando a si, disse: *«levantar-me-ei e irei ter com o meu Pai...»*. Um dia, numa reunião de oração, ouviu a voz de Deus a chamá-lo e levantou-se para responder à chamada para renovar a sua amizade já há muito corada, com o seu Criador. Naquela noite, tão feliz para ele, reentregou-se a Jesus. Os membros da Igreja abraçaram-no efusivamente, dando graças, porque havia muito tempo que eles oravam pedindo a Deus para ele voltar ao seio da Igreja. A última vez que visitei a minha antiga Igreja que eu e os meus amigos colegas de escola construímos, levando pedras e madeira onde nesta ocasião tive a oportunidade de pregar, frente a uma assistência que enchia o salão, havendo, entre ela, velhos curiosos que gostavam de me ouvir falar, vi, com toda a satisfação, Mateus Paulo a fazer anúncios dos trabalhos da Igreja, feito já uma nova criatura.

2. — Estávamos em Conferência do Sector em uma aldeia onde encontramos dois príncipes cujos nomes desejo omitir. Chamo-lhes príncipes porque na aldeia onde nasceram e em todo o Concelho a que pertencem, com uma população de milhares de pessoas, são eles que receberam melhor educação, tendo exercido cargos de grande responsabilidade. Eram venerados em todos os sentidos pela sua posição. E como se costuma dizer, quanto mais alto o homem subir (se não tiver cuidado) maior é a sua queda, estes príncipes voltaram os olhos para os prazeres que, enganosamente, o mundo oferece e do alto caíram e foi tal a queda que a todos que os conheciam deixou assombrados.

Seriam vinte horas quando o grupo de Pastores daquele Sector estava reunido com o seu superintendente a fim de cada um apresentar as dificuldades mais prementes da sua Igreja. Ali sentimos alguém bater à porta. Dada a competente licença, entrou um dos príncipes, o qual contou-nos todas as dificuldades da sua vida e por fim, olhando para o seu passado, disse: *«não quero já ser o que fui, mas apenas desejo um lugar onde possa ser amparado para me esquecer das distrações do mundo»*. Acabadas as suas declarações ajoelhamos e cada um de nós fez uma breve oração pedindo a Deus para ajudar o nosso amigo. O que aconteceu entre nós foi inexplicável. Deus deu-nos a vitória e daí, com o Missionário que estava connosco, tomamos a decisão de, com a ajuda d'Ele, usarmos os meios ao nosso alcance, para desviá-lo dos deleites do mundo.

Depois que este saiu veio o segundo príncipe. Esclareceu do mesmo modo e em detalhe o passado e o presente da sua vida e, ao terminar, disse: «É costume, nesta terra, quando os patrões têm de atravessar um riacho e não havendo outro meio de transporte, os serventes darem as suas costas para os patrões passarem. Não venho pedir muita coisa, se não que eu seja um desses serventes para fazer o mesmo serviço». Esta confissão tão franca, esta humildade, esta diminuição, se, por um lado, nos comove profundamente, por outro lado nos enche de viva alegria. É o anelo dum homem que anseia pela regeneração de sua alma pelos méritos de nosso Senhor Jesus Cristo.

Que mais diremos senão repetir o que o Autor da parábola já disse: «Trazei, depressa, o melhor vestido, e vesti-lho e ponde-lhe o anel na mão e alparcas nos pés. E trazei-lhe o bezerro cevado, e matai-o e alegremo-nos. Porque este meu filho estava morto, e reviveu; tinha-se perdido, e foi achado. E começaram a alegrar-se».

Também nós não tocamos o Ngoma, mas os nossos corações dançaram, nessa ocasião, radiantes, louvando a Deus.

É nossa obrigação, como Cristãos, orar por aqueles que se encontram afastados da casa do Pai Celeste pela atracção do mundo, para restarem a sua amizade com Deus.

Gaspar d'Almeida

NOTA: se alguém, que ao ler este artigo, se julgar estar moralmente nas mesmas condições do "Filho Pródigo", ou das pessoas aqui ilustradas, não podendo fazer a sua declaração publicamente, pode fazê-la por escrito, em poucas palavras, e mandá-la ao autor deste artigo ou ao Pastor da Igreja mais próxima de sua casa.

*Há quem tenha o coração de Jesus na parede, mas não o tem no coração; há quem beje o senhor morto, mas não sente na vida o poder do Senhor Vivo.

*Quando só encontramos defeitos em nosso próximo e, sem caridade, os apontamos, é porque o defeito não é só dele; é nosso e não temos coragem moral para confessá-lo.

Ano de 1956

Jornal "O Estandarte" n.º.228 (está erradamente com o n.º.227), ANO XXIII, do mês de JANEIRO de 1956 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida, mas uma nota dele a p.3 sobre a figura do falecido irmão na fé GASPAR JOÃO CUSTÓDIO RODRIGUES.

ANO XXII Luanda—JANEIRO de 1956—N.º 227

O ESTANDARTE

Mensário — Pregoeiro Cristão dos Bairros

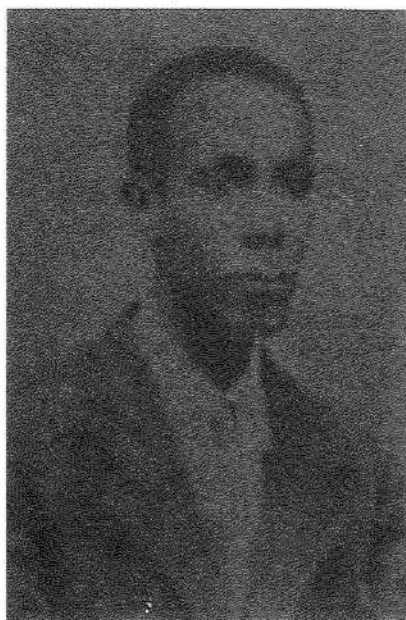
Orgão e propriedade de **Crentes Evangélicos Angolanos.**

IMPRESSÃO: Gaspar d'Almeida	FACTOS FINANCEIROS: Abra Pereira Dias	ADMINISTRAÇÃO: Sebastião Gaspar Domingos	SERVÍCIO DE REDACÇÃO: Mateus Manuel da Silva	Número Avulso Esc. 2500
--------------------------------	--	---	---	-------------------------

Falecimentos

Gaspar João Custódio Rodrigues

In "O Estandarte" n.º.227, ANO XXIII,
do mês de JANEIRO de 1956, a p.3,
sobre a figura do falecido irmão na fé
GASPAR JOÃO CUSTÓDIO RODRIGUES



No Hospital Central desta cidade, depois de curto período de baixa, faleceu, na tarde de 12 de Dezembro p.p., o nosso querido irmão e amigo Gaspar João Custódio Rodrigues, vítima de um tétano.

Nunca é completamente possível descrever a biografia de pessoas que podemos considerar boas. Do Sr. Custódio pretendemos apenas destacar as notas mais importantes desde muitos anos que o conhecíamos.

Era natural da província ultramarina de Moçambique. Distrito do Quelimane. Aos 12 anos de idade veio para Angola onde recebeu instrução adequada ao seu tempo. Aprendeu alfaiataria da qual viveu quase toda a vida. Como cristão bastante dedicado à

Falecimentos

Gaspar João Custódio Rodrigues

In "O Estandarte" n.º.227, ANO XXIII,
do mês de JANEIRO de 1956, a p.3,
sobre a figura do falecido irmão na fé
GASPAR JOÃO CUSTÓDIO RODRIGUES



No Hospital Central desta cidade, depois de curto período de baixa, faleceu, na tarde de 12 de Dezembro p.p., o nosso querido irmão e amigo Gaspar João Custódio Rodrigues, vítima de um tétano.

Nunca é completamente possível descrever a biografia de pessoas que podemos considerar boas. Do Sr. Custódio pretendemos apenas destacar as notas mais importantes desde muitos anos que o conhecíamos.

Era natural da província ultramarina de Moçambique. Distrito do Quelimane. Aos 12 anos de idade veio para Angola onde recebeu instrução adequada ao seu tempo. Aprendeu alfaiataria da qual viveu quase toda a vida. Como cristão bastante dedicado à

Igreja Evangélica, aceitou o convite do Sr. Dr. Dodge em 1938 para estudar e fazer o curso bíblico na Missão Evangélica do Késwa. Quem com ele conviveu ali, soube apreciar as suas excelentes qualidades. Em 1942 foi nomeado Professor da Escola Luz - Késwa - para substituir a brecha causada pela morte brutal do moço Tomaz Domingos Martins. Passados alguns anos e por divergência de pouca monta, deixou Késwa. Seguidamente, a nossa Conferência nomeou-o Pastor Evangélico em Kikulungu. Para iniciar a Obra do Mestre naquela região, percorreu longas distâncias a pé visitando as sanzalas dos mahungu para falar-lhes de Cristo o Salvador.

Aqueles nadas - desentendimento entre seres humanos - continuaram e o nosso amigo viu-se forçado a deixar a carreira Ministerial. Regressou a Luanda onde muitos dão testemunho da sua bondade e de exemplar chefe de sua família. Viveu rico na modéstia.

Fez parte do grupo fundador do nosso Jornal. Ultimamente foi empregado dum dos Despachantes da Alfândega de Luanda onde também era estimado pela sua pontualidade e honestidade.

"O Estandarte" cumprimenta com profundo pesar a família enlutada. Paz à sua alma, querido Custódio.

A REDACÇÃO

António Ayres de Carvalho

In "O Estandarte" n.º.231/232, ANO XXIII,
do meses de MAIO e JUNHO de 1956,
sobre a figura do falecido irmão na fé
ANTÓNIO AYRES DE CARVALHO, pp.1 e 2.



No dia 4 do corrente o meio evangélico de Luanda recebeu a infausta notícia do falecimento, em S. Tomé, do nosso muito apreciado irmão Sr. António Lourenço Ayres de Carvalho. A notícia foi dirigida telegraficamente à família, e, mal chegou, depressa se espalhou pela cidade. O extinto irmão era natural de Luanda e um dos primeiros alunos da disunta e ilustre professora-missionária D. Louise Shields, de saudosa memória, e fazia parte do primeiro grupo da Escola Dominical sob a direcção do Reverendo Robert Shields, Pastor amado e então director e superintendente do distrito evangélico que se estendia de Luanda a Ambaka. Terminados os seus estudos, o irmão Ayres de Carvalho ingressou no funcionalismo público tal como fizeram muitos dos seus colegas educados na Missão, alguns dos quais ainda sobrevivem, sendo muito estimado pelos seus superiores hierárquicos, pela correcção do seu porte e pela sua competência. Chegou à categoria de Secretário Administrativo, tendo exercido, em S. Tomé e Príncipe e durante muitos anos as funções de Secretário Geral das Curadorias.

se fecundo nessa Ilha, a própria Igreja, ainda em organização, já conta aproximadamente cinco mil membros, graças à cooperação franca, leal, humilde e abnegada do irmão Ayres de Carvalho. Não quis o Senhor que ele assistisse à inauguração da Igreja pela qual lutou firmemente para a sua fundação, nem permitiu que desse um abraço fraterno ao primeiro Pastor que para lá se espera venha a ser enviado, o qual encontraria nele um amigo, um cicerone seguro e um bom conselheiro.

Faleceu o irmão Sr. Ayres de Carvalho e, tendo deixado grande parte da sua aspiração quase realizada quanto ao estabelecimento da Igreja Evangélica em S. Tomé e Príncipe, com certeza, ao despedir-se, terá dito, como o ancião Simeão, a seguinte expressão: *«Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo... pois meus olhos já viram a tua salvação»*.

Ao terminarmos esta notícia, o Corpo Directivo de "O ESTANDARTE" e todas as Igrejas Evangélicas de Angola desejam apresentar à família do extinto irmão e à Igreja Irmã de S. Tomé os mais profundos e sinceros pêsames.

Gaspar d'Almeida

Dr. Michael P. Testa

In "O Estandarte" n.º 233 e 234, ANO XXIII,
dos meses de JULHO e AGOSTO de 1956, a pp.1 e 2

Visita pela primeira vez Angola e particularmente as Missões Evangélicas estabelecidas nesta província, nos últimos dias de Julho e quase em todo o mês de Agosto, o ilustre Missionário Reverendo Dr. Michael P. Testa, Deão do Seminário Teológico Presbiteriano de Carcavelos, acompanhado de sua esposa.

Apesar desta viagem ser a primeira nestas plagas angolanas, contudo, o nome deste distinto Missionário tornou-se já muito familiar entre os Crentes da Comunidade Evangélica de Angola que há muito anseiam por vê-lo para lhe tributar todo o apreço que a ele é dedicado.

O Reverendo Dr. Testa, já conhecido pelo seu acendrado zelo pela Causa de Cristo, há muito vem tentando escrever uma história que, pela sua originalidade e extensão, é das mais belas que o filho de África, com toda a sua avidez, a despeito de todas as dificuldades, tem experimentado a ler. Muitas vezes concentramos os nossos pensamentos na leitura de um livro ou jornal e quando alguém chega a perguntar-nos a respeito do que lemos, a resposta é sempre franca e a mesma: tudo velho...e que velhice!

O Seminário Teológico Presbiteriano de Carcavelos de que o ilustre Missionário é fundador destina-se a criar um pensamento mais elevado e mais compreensivo naqueles que, por vocação, se sentem com capacidade de levar aos ombros a sagrada tarefa de proclamar as Boas Novas de salvação do Nosso Senhor Jesus Cristo. O seu aparecimento vem preencher não uma lacuna como se costuma dizer, mas um abismo que a cultura moderna via como uma enfermidade no seio do evangelismo português. Daí o apoio que mereceu o seu fundador pelos mais puritanistas representantes da Igreja Evangélica de Portugal.

Cada história tem o seu protagonista e esta que está sendo escrita cabe ao Reverendo Testa, homem de uma fé invulnerável e para quem a palavra e a obra se fundem em concretas realizações.

Muitos dos estudantes deste Seminário formados em Teologia estão mostrando já, pelos seus conhecimentos acalentados pela fé e pelo espírito de consagração à Causa do Mestre, quanto vale um eficiente preparo para o desempenho de uma missão tão sagrada.

Há quem diga que os discípulos de Jesus eram simples pescadores ignorando que três anos na escola de Jesus valem mais que toda a cultura teológica.

De Angola esteve a cursar neste Seminário o jovem José Belo Chipenda que, hoje como Pastor da Igreja Evangélica do Lobito, tem-se revelado como a pessoa mais

indicada para esse elevado cargo. Outros pastores já com experiência no serviço pastoral estão seguindo para aquele Seminário como estagiários durante um ano afim de avivarem os seus conhecimentos que, por falta de contacto com os mestres, têm-se empobrecido com prejuízo à obra.

Crê-se que a vinda do ilustre visitante esteja relacionada com um acordo de esforços conjugados entre as Missões Evangélicas de Angola, para uma mútua cooperação no sentido de ampliar aquele Seminário e dar guarida a maior número de estudantes afrikanos.

Sabemos, também, que os nossos missionários, no afã dos seus programas educacionais, apoiam esta cooperação, mas com este duplo sentido: o de dar aos obreiros afrikanos uma preparação adequada e o de os mesmos obreiros aliciarem cada vez mais o seu portuguesismo num sentido unânime de tornar Portugal, sua amada Pátria, uno e indivisível.

E assim, foi com acerto que dissemos que o Reverendo Dr. Testa está a tentar escrever uma história que, pela sua originalidade e extensão, é das mais belas que o filho de África está experimentado a ler.

Gaspar d'Almeida

Ano de 1957

"O REINO DE DEUS NA TERRA (I)" in "O Estandarte" n°.240 (está erradamente com o n°.239), ANO XXIV, do mês de JANEIRO de 1957
insere este aflighto a p.3.



O Reino de Deus na Terra (1)

In "O Estandarte" n.º 239, ANO XXIV,
do mês de JANEIRO de 1957, a p.3

As Igrejas cristãs de todo o mundo estão desejosas de um dia ver estabelecido neste mundo o Reino de Deus. Firmam a sua esperança nas promessas de Deus feitas nas Sagradas Escrituras, dadas aos profetas e confirmadas no Novo Testamento por Jesus, «O Verbo que se fez carne e habitou entre nós».

Para definir o que quer dizer "Reino de Deus" não nos vamos preocupar com as significações que esse Reino era para muitos judeus, obrigados a compreendê-lo pela sua situação política como um reino terrestre, no qual Jesus Cristo seria o rei e seu libertador do jugo romano. Reino, bem entendido, é um Estado governado por um rei. Reino de Deus será, portanto, o governo de Deus sobre todos os povos ou nações; é o domínio moral e espiritual de Deus sobre todo o ser humano.

Os anseios dos homens por um novo mundo governado por Deus, onisciente e conservador de todas as coisas por Ele criadas, baseiam-se no reconhecimento bem provado da capacidade bem limitada do Homem, comparando os esforços por vezes sobre-humanos que ele vem fazendo no mundo das ciências, através dos séculos e os fracassos registados no interesse de se tornar este mundo melhor.

Alguns pensam que todas as revelações que Deus tem feito, postas em acção em benefício do Homem, seriam suficientes para melhorar as condições da vida humana. Se isso um dia vier a realizar-se, o facto será dos mais retumbantes em toda a história da humanidade. Não precisamos de saber quando estará este Reino entre nós, pois já existiu nos tempos passados, está entre nós presentemente, e continuará a existir no futuro.

João, o Baptista, pregou no deserto dizendo: «Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos Céus». Jesus começou o Seu mistério dizendo: «Arrependei-vos porque é chegado o Reino dos Céus». Quando os fariseus perguntaram a Jesus quando haverá de vir o Reino de Deus, Ele respondeu: «O reino de Deus não vem com aparências exteriores». Nem dirão: «ei-lo ali; porque eis que o Reino de Deus está entre vós». É espiritual e universal. Estamos passando aqui no Dondo dias de calor quase insuportável. Se nos fechamos em casa podemos piorar a nossa boa disposição; sentimo-nos sufocados; mas abrimos as janelas da casa e logo vem uma aragem que nos conforta e nos dispõe bem. Toda a atmosfera está cheia de ar para o nosso bem-estar. Entretanto, muitos estão morrendo asfixiados pelo seu comodismo ou pela ignorância dos benefícios que este fluído nos trás.

O Reino de Deus deve ter lugar no coração de cada indivíduo que assim o abre como Zaqueu que, frente a Jesus, disse: «Senhor, eis que eu dou aos pobres metade dos meus bens e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, o restituo quadruplicado». Podemos imaginar como se sentiu Zaqueu naquele momento quando Jesus o surpreendeu com estas palavras:

«Hoje veio a salvação a esta casa...» (lede Lucas 19, 8, 9). O Reino de Deus está no mundo e muitos não o percebem porque têm os corações fechados aos ensinamentos de Jesus, o Salvador do mundo.

Será verdade que os Cristãos podem contribuir com a sua acção para a reconstrução dum mundo novo? Não devemos hesitar em responder de modo positivo à pergunta, senão negaríamos a nossa crença n'Aquele que disse: «EU SOU O QUE SOU». Estaríamos em contraste com muitos dos argumentos da nossa fé e, por outro lado, o esforço missionário, principalmente nos anos que estamos vivendo, superando todos os interesses pessoais e levando alegria onde há tristeza, saúde onde há doença, conhecimento onde há ignorância e fraternidade onde impera o racismo, é uma demonstração bastante convincente para dirimir a nossa incredulidade.

Na certeza de que o Reino de Deus esteja estabelecido no mundo, que qualidade de cidadãos julgais vós viverem nele?

A própria Bíblia pode nos orientar, indicando-nos a qualidade de cidadãos que poderão viver neste novo Reino. Citemos, em primeiro lugar, a parábola do Bom Samaritano, o homem a quem a justiça humana classificou como o melhor entre os melhores, os quais, sendo muito considerados pela posição que muitos ocupavam, sustentavam a indiferença, a discriminação racial, nutrindo, cada um, um profundo amor em si mesmo.

Outro exemplo dos habitantes deste Novo Reino que neste momento em que estamos escrevendo este artigo nos veio na memória é o dos quatro homens que levaram o paralítico aos pés de Jesus. (Lede Marcos, 2:1-12). Os evangelistas que descrevem a ocorrência não nos dizem qual o grau de parentesco que aqueles quatro homens, cujos nomes também não nos são revelados, tinham para com o paralítico. Podemos imaginar o grande esforço que eles fizeram e o espírito de abnegação que os dominava. Jesus admirou a acção desses homens de boa vontade, e antes mesmo de volver a Sua atenção ao paralítico, foi primeiro a eles que a voltou, conforme escreve o evangelista S. Marcos: «E Jesus, vendo a fé deles, disse ao paralítico: Filho, perdoados estão os teus pecados».

A reconstrução do novo mundo dependerá da fé e do esforço com que os cristãos se lançarem para salvar o homem, cuja vida vale muito mais do que todas as riquezas do mundo e que, incapaz de, por si mesmo, fazer qualquer progresso, necessita do auxílio do seu semelhante mais capacitado, mais adiantado no sentido mais amplo do termo, dando-lhe todas as possibilidades, que tornaram possível o seu progresso sem nenhuma parcimónia ou qualquer espírito de reserva.

Não precisamos de fazer promessas para acalmar os espíritos desesperados desta vida abundante que Jesus promete. A coisa mais importante é a de saber se estamos a fazer todo o esforço usando toda a nossa capacidade para contribuir de modo a que essa vida abundante seja uma demonstração real no mundo que estamos servindo.

Que as Igrejas Cristãs do mundo considerem o facto das grandes possibilidades que há da reconstrução do mundo sob os alicerces inabaláveis da prática dos ensinamentos de Jesus. Vem o Teu Reino, Senhor!

Gaspar d'Almeida

O Reino de Deus na Terra (2)

In "O Estandarte" n.º.244, ANO XXIV,
do mês de JUNHO de 1957, a pp. 1 e 3

*dizia o filósofo americano santayana:
«não precisamos de novas filosofias:
necessitamos apenas de coragem para pôr em prática
as mais velhas e melhores»*

Sendo os homens feitos novas criaturas após o seu contacto com Cristo no dizer do Apóstolo Paulo, evidentemente que essa transformação do homem implicaria uma mudança radical na ordem social do mundo, ficando os dísticos da seguinte maneira: homens renovados num mundo novo.

Não deve, creio, constituir uma utopia ou um sonho descabido, falar na possibilidade da formação dum novo mundo onde a vontade de Deus é feita tanto no Céu quanto na Terra. Muito se tem falado e escrito neste sentido e inúmeros mensageiros de Deus e homens de boa vontade em missão especial têm rodeado o mundo levando para toda a parte este Evangelho e prevenindo a todos o perigo que há em os homens se manterem em posição sempre oposta aos mais vitais ensinamentos de Jesus.

Há menos de um Século ainda o mundo era considerado enorme em extensão. Hoje estamos vivendo a verdade profética de John Wesley, o fundador do Metodismo, quando dizia: «O mundo é a minha paróquia».

Se queremos adaptar o pensamento do filósofo supracitado ao nosso conceito, podemos dizer: não necessitamos de novo Evangelho; necessitamos apenas de coragem para pôr em prática o mais velho e melhor.

No Evangelho vemos o poder de Cristo a agir no sentido de unir os filhos de Deus divididos pelas ideologias humanas. O Evangelho não nos satisfaz apenas pelo facto de significar boas novas, mas por ser ele a força que irresistivelmente deve compelir os Cristãos de tal maneira que os povos de todas as raças possam compreender o mundo como uma Sala em que o Sol é a lâmpada comum.

Wendell Wilkie, o autor de "O Carácter à Luz do Sermão da Montanha" disse: «Na formação de um MUNDO SÓ e de uma só família humana, sem ódio, sem barreiras, sem preconceitos, precisamos da colaboração de todos os homens de boa-vontade, que são os pacificadores». Como ele, muitos com fé em Deus, o Criador do género humano, estão se dando para serem instrumentos nas Suas mãos a fim de que a ideia e a realidade se casem em breve tempo.

Num desafio simpático, Jesus apresentou aos Cristãos uma oportunidade quando disse: «O Reino de Deus está entre vós». Parece dizer-lhes: «Vós é que não quereis aproveitá-lo. O Reino de Deus está onde duas ou três pessoas se reúnem em nome de Jesus». É o resultado da obra dos homens cujos corações são transformados pelo con hecimento do seu ensino e vivem praticando-o.

Nunca se registou na História da Humanidade nenhuma obra de vulto que não tivesse requerido o sacrificio colectivo dos que se integram na sua realização. O sacrificio foi sempre a mãe do progresso.

Há pouco acompanhamos estreitamente e com espirito de adoração, na Semana Santa, os acontecimentos que se desenrolaram contra Jesus, o Mestre Divino, e quando erguemos os nossos pensamentos até ao Calvário, não só nos impressionou sobremaneira o Seu sacrificio, como também caímos submissos perante a magnitude da alma d'Aquele cujo corpo está suspenso no madeiro e que, depois de três dias, diria aos seus discípulos: «PAZ SEJA CONVOSCO».

Na verdade, necessitamos apenas de coragem para pôr em prática o Evangelho mais velho e melhor; coragem, porém, é difícil de encontrá-la em individuos despidos de amor. A coragem sem amor facilmente se transforma em brutalidade. Os homens só podem fazer obra duradoura quando, usando a coragem, forem inspirados pelo amor. O verdadeiro amor, diz o Apóstolo João, lança fora o medo.

No seu livro "O Cristianismo e a Mensagem Evangélica", o falecido padre J. Alves Correia, disse: «O amor nivela, o amor igualiza...».

O que é o Reino de Deus na Terra? Já o tentamos explicar no primeiro artigo com a mesma epígrafe. Porém, como ele cresce a pouco e pouco e silenciosamente, uma definição hoje necessitará de um complemento para amanhã.

O Reino de Deus cresce consoante a experiência diária de cada Cristão com o seu Mestre e Salvador.

Todos saberemos que somos príncipes quando reconhecermos a Soberania de Deus; que somos filhos do mesmo Pai quando reconhecermos a paternidade de Deus sobre a Terra; e que somos irmãos quando, de joelhos e juntos, dissermos a oração que Jesus ensinou: «Pai nosso que estás nos Céus...».

Há poucos anos os jornais da capital faziam alarde a uma notícia vinda dos Estados Unidos da América do Norte, segundo a qual um checoslovaco que, ao preencher os impressos da sua identificação, no lugar da raça escreveu: «HUMANA». Ficaram sem explicações as razões que determinaram a assim responder, mas os comentários a seu favor foram-se avolumando. Para onde iremos se para nos identificarmos precisamos de um atestado de raça?

Só o mundo de Cristo, o mundo dos salvos pelo amor, nivela e igualiza...O Reino de Deus na Terra será como aquele que consta da célebre expressão do insigne filósofo alemão Emanuel Kant:

«EM CIMA O CÉU ESTRELADO, DENTRO DE NÓS A LEI MORAL».

E para não vermos nesta expressão nenhum platonismo, podemos dizer, mais claramente: «EM CIMA DEUS, DENTRO DE NÓS A SUA LEI PRATICADA».

Gaspar d'Almeida

A Mensagem de Jesus ao Mundo

In "O Estandarte" n.º.249 e 250, ANO XXV,
do mês de NOVEMBRO e DEZEMBRO de 1957, a pp. 8 e 2

Com a vinda de Jesus ao mundo muitos argumentos sobre a existência de Deus, que estavam em dúvida, tornaram-se compreensíveis para uma grande parte da humanidade hodierna.

O nascimento de Jesus tem os seus pontos surpreendentes. Dá-nos sempre que pensar o facto de tão grande acontecimento que encheria de alegria todos os recantos da Terra ter sido anunciado a simples pastores que em noite calmante descansavam, depois de vaguearem todo o dia debaixo de um Sol escaldante. E quando alguns se preocupam com estes pontos nos iis, há quem se sente emocionado com o canto da multidão dos exércitos celestiais, que em companhia do Anjo, cantavam: *«Glória a Deus nas alturas, Paz na Terra, Boa vontade para com os homens»*.

Se os propósitos de Deus são de algum modo conhecidos, a verdade é que Ele, unindo-se à humanidade por meio de Seu Filho, usa para com ela uma atitude paternal. O primogénito dos filhos num lar, segundo o nosso conceito, é também considerado como pai. Jesus Cristo, sendo o irmão mais velho do género humano, não é indiferente aos sofrimentos dos seus irmãos menores. A Sua vinda foi anunciada em primeiro lugar à classe mais baixa da sociedade para que esta não se sentisse desamparada dos cuidados paternos. O nascimento de Jesus entre a palha, numa estrebaria, é um outro reflexo de inqualificável amor de Deus, cuja finalidade é para despertar nas mesmas classes a crença de que Deus as tinha também em grande estima e para insuflar nelas um sentimento vigoroso da razão da vida.

A lógica de Jesus é suficientemente clara para elucidar os nossos pensamentos neste assunto quando o próprio disse: *«Os são não necessitam de médicos, mas sim os que estão doentes; eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores»* (Marcos, 2:17).

É sabido que a felicidade de uma nação não depende do bem-estar de um grupo de pessoas, mas do conjunto de todo o seu efectivo demográfico nacional. Generalizando a expressão, o mesmo diríamos com a sociedade humana. Os clamores horrorizantes que se elevam até ao trono de Deus, vindos dos povos que vivem sem nenhum amparo, nunca podem trazer a paz nem sossego aos que vivem na opulência neste mundo, onde, aparte o orgulho dos homens, somos todos irmãos.

Jesus nasceu nestas condições humildes para constituir realmente a esperança do mundo para uma vida melhor, vida que possa atingir todas as camadas das classes da sociedade humana.

Verifica-se, hoje, que o problema que afecta o mundo não é das relações de Deus para com os homens, mas sim das relações dos homens para com Deus e daqueles para com os seus semelhantes. Deus, reconciliando-se com o mundo pelo Verbo que se fez carne e habitou entre nós tornou possível a salvação de toda a raça humana.

«Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho Unigénito para que todo aquele que n'Ele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna»
(João 3:16).

O canto angelical nos exige recitá-lo de joelhos, dando louvores a Deus; já para exaltar o Supremo Deus pelo Seu dom inefável, já pelas personagens que constituem o coro, já pela excelente e consoladora mensagem que traz a este mundo de sofrimentos. Glória a Deus nas alturas...

Há muita razão de o mundo regozijar-se com o nascimento de Jesus, mas não há razão em muitas pessoas pela maneira como interpretam esse regozijo.

A Paz na Terra foi prevista pelos coristas celestiais porque o programa trazido pelo Emanuel - Deus conosco - era que ninguém deveria fazer ao outro aquilo que não desejaria que lhe fosse feito a ele; e toda a Sua doutrina resumia-se nisto: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

As desconfianças entre os homens e a inquietação do mundo têm a sua base na falta do cumprimento desta salutar doutrina que, aliás, muitos acham absurda e procuram combatê-la. A Paz na Terra é possível somente no sentido de que os ensinamentos de Jesus encontrem Boa Vontade entre os homens para serem executados com dedicação e fé.

Devemos reconhecer, de facto, os esforços que as Igrejas estão fazendo unindo os povos de diferentes raças pela compreensão de que Deus tornou já possível esta reconciliação com o envio do Seu Unigénito Filho ao mundo.

Um dos acontecimentos mais notáveis dos últimos dois anos foi a grande Assembleia do Conselho Mundial das Igrejas que teve lugar em Evanston, perto de Chicago, USA, a qual estava representada por 1.200 delegados de 163 Igrejas de 48 diferentes países, todos reunidos sob o tema: «Cristo, a esperança do mundo».

Aí todas as pessoas responsáveis dos Programas tinham a mente aberta para as necessidades mais prementes da sociedade humana e de tal maneira se empenharam nos seus estudos que conseguiram trazer à luz as questões mais complicadas que affectam as diferentes raças do mundo. E das conclusões depreende-se como o Espírito de Cristo foi, na verdade, o centro daquela Magna Assembleia, quando os delegados da Ásia e da

Afrika saíram dela com a clara convicção de que a Igreja Cristã não é somente uma religião para os brancos, senão também uma religião para todos os povos de todas as raças do Planeta.

A Paz na Terra que todos nós almejamos há de depender de como os homens de Boa Vontade se esforçarão por aplicar os planos divinos do mundo, de tal maneira que todos os povos da Terra compreendam que Aquele que é nascido é o primogênito dos Filhos e Deus é o seu Pai.

Gaspar d'Almeida

Ano de 1958

O Jornal "O Estandarte" n.º.252 (está erradamente com o n.º.251), ANO XXV, do mês de JANEIRO de 1958 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida

ANO XXV Luanda — JANEIRO de 1958 — N.º 251

O ESTANDARTE

Mensário — Pregoeiro Cristão dos Bairros
Órgão e propriedade de **Orentes Evangélicos Angolano**

REDAÇÃO Gaspar d'Almeida	IMPRESSÃO Abelha, Feitosa, Dias	ADMINISTRAÇÃO Sebastião Caspar Domingos	DEPÓSITO DE LEGISLAÇÃO Delfino d'Almeida	Número Anotado Exp. 2513
-----------------------------	------------------------------------	--	---	--------------------------

Transladado para Jerusalém Excelsa o Reverendo Dr. John Tucker

In "O Estandarte" n.º 254 e 255, ANO XXV,
do mês de ABRIL e MAIO de 1958

A notícia do falecimento, em Portugal, do grande Missionário Dr. John T. Tucker abalou o ânimo de milhares de pessoas que aqui em Angola conheceram aquele intrépido e fiel Embaixador de Cristo.

Foi personalidade que surpreendeu o povo de Angola pela maneira tão devotada como desenvolveu o programa de Cristo na Terra, a ponto de, ao contactarmos com ele, vímos a figura personificada de Cristo nele.

É difícil interpretar fielmente o que o ilustre Dr. Tucker, como Missionário, foi para nós. Faleceu pensando sempre nos seus amigos de Angola.

Com a data de 8 de Abril, estando já o Reverendo Tucker no leito, escreveu-me uma carta com o próprio punho. A letra já mal se lia e a carta foi completada pela sua Ex.ma Esposa, Sra. D. Leona Rucker, sua incansável companheira. Recebi-a depois da sua partida para junto do Senhor e termina assim: «Cumprimentos a todos».

Assim, cumpre-me transmitir, com o maior respeito, estes afectuosos cumprimentos do grande Amigo que morreu pensando sempre em nós.

Foi grande demais. Grande como Missionário, grande como sábio e grande como **HOMEM** num mundo de várias ideologias como este.

Não é, no entanto, a palavra **GRANDE** que tornou possível a conquista de milhares de pessoas que veneram o ilustre Missionário, tombado com a Espada da Fé, na maior simplicidade e na mais elevada humildade. Simples e humilde foi o grande servo de Deus para o humilde povo de Angola, em prol do qual consentiu os maiores sacrifícios em grande parte da sua vida, para que o angolano alcançasse a "Vida Abundante" que Cristo, Seu amado e inseparável Mestre ideal veio trazer. E nós descobrimos a grandeza na sua simplicidade e a autoridade na sua humildade. Por isso, o nome do Reverendo Dr. John T. Tucker será venerado e imortalizado através das gerações evangélicas angolanas e não só.

Gaspar d'Almeida

Ano de 1959

O Jornal "O Estandarte" n.º.264 e 265 (está erradamente com o n.º.263 e 264), ANO XXVI, dos meses de JANEIRO e FEVEREIRO de 1959 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida.

ANO XXVI LUANDA — Janeiro e Fevereiro de 1959 N.º 265 e 264

O Estandarte

Mensário — Pregoeiro Cristão dos Bairros
Órgão e propriedade de Crentes Evangélicos Angolano.

DIRETOR: Gaspar d'Almeida	EDITOR: Roberto Pereira Dias	ADMINISTRADOR: Sebastião Gaspar Domingos	SECRETÁRIO DA REDACÇÃO: F. Paul Maroso	Número Avulso Esc. 2350
------------------------------	---------------------------------	---	---	-------------------------

Índice Específico

No Ano de 1960 357

O Jornal "O Estandarte" n.º.274 e 275 (está erradamente com o n.º.273 e 274), ANO XXVII, dos meses de JANEIRO e FEVEREIRO de 1960 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida.

O Jornal "O Estandarte" n.º.276 e 277 (está erradamente com o n.º.275 e 276), ANO XXVII, dos meses de MARÇO e ABRIL de 1960 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida.

"O SIGNIFICADO E O LUGAR DAS INSTITUIÇÕES CRISTÃS NO PROGRAMA CRISTÃO TOTAL" in "O Estandarte" n.º.278 e 279 (está erradamente com o n.º.277 e 278, ANO XXVII, dos meses de MARÇO e ABRIL de 1960 insere este artigo a pp.2 e 7./p359

O Jornal "O Estandarte" n.º.280 e 281 (está erradamente com o n.º.279 e 280), ANO XXVII, dos meses de JULHO e AGOSTO de 1960 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida. NOTA: a partir deste número o Jornal muda de cabeçalho.

O Jornal "O Estandarte" n.º.282 (está erradamente com o n.º.281), ANO XXVII, do mês de SETEMBRO de 1960 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida.

O Jornal "O Estandarte" n.º.283 (está erradamente com o n.º.282), ANO XXVII, do mês de OUTUBRO de 1960 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida.

"O 27.º ANIVERSÁRIO DO NOSSO JORNAL" in "O Estandarte" n.º.284 e 285 (está erradamente com o n.º.283 e 284), ANO XXVIII, dos meses de NOVEMBRO e DEZEMBRO de 1960 insere este artigo a pp.1 e 6./p362

No Ano de 1961..... 365

"HOSANA, Ó CRISTO REI" in "O Estandarte" n.º.288 (erradamente com o n.º.287), ANO XXVIII, do mês de MARÇO de 1961, pp.1 e 5 e ainda uma NOTA da Redacção a p.1, dando conta ao mundo da nomeação de GASPARD'ALMEIDA no lugar de Ajudante Administrativo da Igreja Metodista em Angola./p367

"ENTRE OS DOIS, O DESCONHECIDO" in "O Estandarte" n.º.289 e 290 (erradamente com o n.º.288 e 2899, ANO XXVIII, dos meses de ABRIL e MAIO de 1961, pp.5 e 6./p370

"APANHAI AS VOSSAS COROAS" in "O Estandarte" n.º.291 (erradamente com o n.º.290), ANO XXVIII, dos meses de JUNHO de 1961 insere este artigo em forma de poema a p.3./p372

Houve um interregno "forçado"....de 14 anos!!!...e eis que "O Estandarte" volta...



Período de 1960 a 1969

Ano de 1960

O Jornal "O Estandarte" n.º.274 e 275 (está erradamente com o n.º.273 e 274), ANO XXVII, dos meses de JANEIRO e FEVEREIRO de 1960 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida.

ANO XXVII

LUANDA — Janeiro e Fevereiro de 1960

N.º 273 e 274

O Estandarte

Este é o Estandarte aos que te temem, para o arvorarem no alto, pela causa da verdade. (Salmo 66:4)
Luta — Progresso Criação dos Bairros — Orgão e Propriedade de Crentes Evangélicos Angolanos

ADMINISTRADOR
Gaspar d'Almeida

REDACTOR
Isac Aze

ADMINISTRADOR
Sebastião Gaspar Domingos

SECRETARIO DE REDACÇÃO
Manuel F. Abiagedo

Número Anual Esc. 2550

O Significado e o lugar das Instituições Cristãs no Programa Cristão Global

Extracto da série de artigos publicados no "Expositor Cristão", Órgão Oficial da Igreja Metodista do Brasil, da autoria do Dr. James K. Mathews e traduzidos para português pelo Reverendo L. M. Mccoy.

In "O Estandarte" n.º 277 e 278, ANO XXVII,
dos meses de MARÇO e ABRIL de 1960, pp.2 e 7

O articulista Dr. James K. Mathews descreve, baseado nas Escrituras Sagradas, o significado e o lugar que as instituições ocupam no nosso programa cristão.

Qual é a relação dessas instituições com as próprias Igrejas? Que relação existe entre serviço cristão e evangelização? Será que as instituições isolam os seus missionários e seus colegas nacionais do povo no seio do qual trabalham? O resumo que estamos fazendo é uma tentativa para responder a estas perguntas.

A existência de instituições cristãs tem fundamento adequado nas Escrituras Sagradas. Jesus, que mandou os Seus Apóstolos para que fossem discípulos de todas as nações e povos, mandou também que ensinassem! Ainda no Evangelho de S. Lucas, 9:2, diz: «E enviou-os a pregar a palavra de Deus e a curar os enfermos». O Livro dos Actos dos Apóstolos impressiona pelo seu próprio nome. É a narrativa de como os cristãos primitivos testemunharam, pela palavra, pelas acções e pela sua vida em comunidade. Os missionários de hoje, com os seus colegas nacionais, continuam seguindo o programa dos primeiros discípulos e têm descoberto que a sua tarefa não é simplesmente a de dar testemunho vocal da sua fé e de pregar. Acharam a necessidade de fundar escolas para os convertidos, para que vários países tivessem os seus próprios líderes devidamente escolarizados e espiritualmente preparados.

Uma escola é um meio excelente e privilegiado para estabelecer contacto com a comunidade ainda não cristianizada. Em muitos casos os missionários foram os pioneiros no estabelecimento das instituições escolares, pois, como enviados de Jesus, não podiam ficar indiferentes aos múltiplos problemas decorrentes do obscurantismo, analfabetismo e da ignorância, encontrados na sua missão de salvar os homens, em nome d'Aquele que os enviou.

Do Relatório do Concílio Missionário Internacional, realizado em Willingen, na Alemanha, em Julho de 1952, reproduzimos o seguinte excerto de uma das secções:

"Escolas, Colégios, Universidades, hospitais e outras instituições cristãs têm feito e estão fazendo contribuição enorme no sentido de satisfazer as necessidades humanas, de criar ambiente favorável ao cristianismo entre os povos que não sejam cristãos e de fornecer à Igreja uma liderança criadora. Em alguns sectores há necessidade de instituições novas e aumentadas.

A situação actual, porém, exige um novo estudo de número, tipo e carácter das instituições em relação à tarefa e aos recursos totais da Igreja. Em grande parte estas instituições foram fundadas pelos missionários de acordo com as suas tradições. Por isso, nas circunstâncias presentes, há necessidade de indagar se os recursos reclamados por algumas destas instituições não deveriam ser libertos para emprego em nossas empreendimentos mais chegados à Igreja Indígena.

Há escolas que só podem manter-se com o aumento do número de alunos a fim de aumentar a receita, com resultados destrutivos de princípios sadios de educação e de contactos pessoais.

Para determinar o lugar de uma instituição no programa cristão numa determinada região, é necessário responder às seguintes perguntas:

I. A instituição tem alta qualidade profissional e espiritual?

II. Participam os professores e os alunos na vida da Igreja local? A instituição prepara os alunos para aceitar responsabilidade cristã e servir a Igreja e a comunidade?

III. A contribuição feita pela instituição à causa cristã local é tal que justifique o emprego continuado de recursos financeiros e de pessoal nela, em vez de transferi-los para outros empreendimentos da Igreja, talvez mais importantes?

IV. Seria possível, pela unificação de duas ou mais instituições, dar um testemunho cristão mais eficiente e servir melhor a Igreja e a comunidade?

Uma instituição fortemente cristã, talvez seja mais importante do que meia dúzia nas quais a influência cristã seja tão fraca que não faça sentir o seu impulso. Os cristãos encontrarão oportunidade para servir não somente pelas instituições cristãs, mas também dentro da sociedade não-cristã. Talvez seja mais aconselhável manter dentro duma região uma ou duas instituições de alta qualidade pro-

fissional e espiritual do que grande número delas com pessoal inadequado. A cooperação entre várias Igrejas ou Juntas, para tal fim, provou ser eficiente. Fazer uma instituição mais eficiente, é questão de fazer mais cristão o serviço dado pelo seu pessoal, mais cristãs as relações pessoais entre os seus membros, e mais cristão o testemunho dado pela sua vida quotidiana».

Gaspar d'Almeida

O 27º Aniversário do nosso Jornal

In "O Estandarte" n.º.283 e 284, ANO XXVIII,
dos meses de NOVEMBRO e DEZEMBRO de 1960 pp.1 e 6

Recordemos o passado com saudades e olhemos o futuro com fé. Fé em Jesus, o Salvador do mundo. Fé tal como a definiu um pensador: a criação das coisas que se não vêem.

Vontade firme, esforço inabalável foram sempre os companheiros dos homens que viveram pela fé os quais puseram a sua confiança em Deus Vivo.

Há 27 anos, um grupo de crentes evangélicos angolanos, entusiasta e operoso como nunca houve, aliado a uma organização denominada União da Cristandade Evangélica Angolana (em organização) que infelizmente deixou de existir depois de provar a sua eficiência na propaganda do Evangelho, promovendo excursões de carácter moral, pensou e realizou. Pensou de dia e a realização culminou numa noite de Setembro em volta da luz fusca dum candeeiro colonial a petróleo. Pensou. Como é claro, por mais grandioso que seja o pensamento, porém, se não tiver realização, será o mesmo como assegurar a existência de minas de diamante e não dispor dos recursos para processar a sua exploração. Pensar e realizar são duas palavras que harmoniosamente se completam e qualquer desacordo dentre elas só redundam em frustração.

Pensou que afora da pregação feita no púlpito, limitada a um certo número de ouvintes e, talvez, a uma certa camada social que dispõe de tempo e vontade para ir à Igreja, tivéssemos um Jornal que fosse o Pregoeiro dos Bairros e cuja expansão seria capaz de atender às necessidades espirituais, intelectuais e culturais de todos os lares, sem distinção de classes. E quem podia adivinhar que o mesmo pudesse atravessar as fronteiras para atingir ainda muitos lares em que se fale a língua portuguesa?

Solícito, esse grupo de obreiros voluntários e desinteressados, em sua segunda sessão, concluiu as suas últimas decisões tendo apresentado a lista dos nomes do Corpo Directivo que era constituído como segue:

Director: Gaspar d'Almeida;

Redactor: António Victor de Carvalho;

Secretário da Redacção: João Sebastião Rodrigues;

Administrador: Sebastião Gaspar Domingos;

Dados os seus múltiplos trabalhos, o Administrador, não podendo, de momento, aceitar o cargo, fora substituído pelo então professor Domingos Francisco da Silva e só alguns meses depois, quando se viu mais desembaraçado, o irmão Sebastião Gaspar Domingos veio assumir o seu cargo, no qual se mostrou ser um dos mais interessados na vida do Jornal.

Cumpridas as formalidades legais, o novo Corpo Directivo resolveu mandar cartas-circulares às diversas direcções das Missões comunicando-lhes o propósito que o animava ao abalançar-se levar a cabo tão espinhosa tarefa. As respostas não se fizeram demorar e tão animadoras que, vindo ao encontro duma ideia precisamente já planeada, aumentaram o entusiasmo desses servidores que, incondicionalmente, se tinham dado ao Senhor a fim de serem usados como instrumentos nas Suas Santas e Adoráveis Mãos.

O primeiro número saiu na Sexta-feira, dia 1 de Dezembro de 1933 e foi distribuído em primeira mão na Igreja de Luanda, no Domingo, dia 3, num ambiente em que todos se sentiram radiantes e fortalecidos na sua fé pela certeza de que Deus havia atendido as suas orações. Nesse dia todos voltaram às suas casas com os olhos fixos no pequeno Jornal. Pequeno no formato, mas grande pela Mensagem de Reconciliação, de Paz e de Amor. Este Amor revelado na vinda de Seu Filho ao mundo, é ainda a maior força que tem levado os povos à concórdia e à paz.

Colaboraram nesse primeiro número algumas pessoas, entre as quais alguns que nunca tinham mostrado, por escrito, a sua capacidade intelectual e cunho jornalístico ao grande público e tanto estribaram nas suas ideias que causaram a admiração dos críticos mais exigentes.

Embora pareça utopia para alguns falar do amor de Deus neste mundo o materialismo não só nega, mas e igualmente combate os princípios mais salutares do Cristianismo.

Durante este lapso de tempo muitas coisas aconteceram. O nosso Jornal, apesar do apoio que tem recebido de muitos dos seus admiradores, luta ainda com muitas dificuldades, sobretudo monetárias; por isso não tem sido possível sair com regularidade para atender satisfatoriamente os seus estimados assinantes.

Côncios de que desde o seu aparecimento "O Estandarte" nunca se desviou do seu propósito de ser o mensageiro da ordem e do ideal cristão, levando uns a repararem as suas faltas e outros aos pés de Jesus, sentimo-nos encorajados a dizer que volvidos 27 anos da sua existência, ainda nos encontramos de pé, prontos a continuar a dar a nossa modesta e humilde contribuição, tal como quando, naquela noite, em volta da luz fusca dum candeeiro colonial nos curvámos a orar e em resposta Deus nos iluminou e deu o título do Jornal, "O Estandarte", que desde então tem sido «arvorado no alto, pela causa da verdade».

Os nossos jovens, muitos deles com bom gosto pelas letras, estão dispostos a sacrificar o tempo de que gostariam fosse gasto nos seus divertimentos a ajudar-nos nesta tarefa e com a sua boa cooperação prevemos grande melhoria no nosso Jornal, de-

pendendo, contudo, da sua regular distribuição e sobretudo da assiduidade com que os nossos assinantes e benfeitores nos venham socorrer dentro e não fora do tempo.

Apelamos, pois, para as pessoas de boa vontade a ajudar-nos neste trabalho, cujo fim primordial – e Sagrado – é o de fazer com que Cristo seja conhecido de todos, servindo o “O Estandarte” como o meio através do qual, com a ajuda de Deus, havemos de realizar este ideal.

Gaspar d’Almeida

Ano de 1961

O Jornal "O Estandarte" n.º.286 (está erradamente com o n.º.285), ANO XXVIII, do mês de JANEIRO de 1961 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida.



Hosana, Ó Cristo Rei!

In "O Estandarte" n.º.287, ANO XXVIII,
do mês de MARÇO de 1961 pp.1 e 5

O mundo cristão observa o Domingo de Ramos dumma maneira especial. Todos, mais ou menos, estão interessados em que neste dia começa a comemoração da última semana do ministério de Jesus. É simbolicamente conhecido por Domingo de Ramos porque a multidão que aclamava Jesus quando da Sua entrada triunfal em Jerusalém, estendia no caminho ramos de árvores e de palmeira, outros estendiam até as suas próprias roupas.

Não podemos imaginar quão grande era o respeito do povo para com Jesus naquele tempo. Tinha chegado a época da festa da Páscoa e todos os judeus naquele tempo, como era tradição, tinham que ir a Jerusalém a fim de participar da festa.

O conhecimento que todos tinham de que Jesus também havia de estar presente em Jerusalém fez com que o número de peregrinos aumentasse. Muitos já O conheciam, outros apenas tinham ouvido a Sua fama. Todo o povo falava mais de Jesus do que da própria festa. Deixar de ir a Jerusalém num dia como aquele seria perder uma oportunidade que jamais se poderia encontrar, diziam outros.

Sete dias antes da Páscoa, Jesus, depois da Sua viagem sempre frutuosa em obras e acções, de cerca de seis meses, entra na povoação de Betânia; é hóspede predilecto de Maria e Marta, irmãs de Lázaro sendo este o ressuscitado depois de quatro dias no sepulcro, acontecimento que correu célere por toda a província da Galileia.

Amanhã o Mestre vai a Jerusalém — dizia a multidão que estava ansiosa por ver o Rei dos reis. Prestar-lhe-emos a devida e a mais alta homenagem. Se as ruas da cidade não estavam engalanadas como sinal de homenagem altamente honrosa prestada ao Mestre, estavam, no entanto, os corações das muitas multidões radiantes e cheias de gratidão.

Caso misterioso é o envio de dois discípulos à aldeia de Batfagé onde encontrariam uma jumenta e um jumentinho que os discípulos acharam e trouxeram, cumprindo-se todos os pormenores indicados pelo Mestre. As profecias cumpriram-se: *«Dizei à filha de Sião: eis que o teu Rei aí te vem manso, e assentado sobre uma jumenta e sobre um jumentinho, filho de um animal de carga»*

Fazem subir Jesus sobre a jumenta e a multidão que O cerca movimentava-se estendendo os seus vestidos pelo caminho e outros cortando ramos de árvores que também espalham pelo caminho. Recomeça a viagem. Ergue-se a voz da multidão ao mesmo tempo que agitava os ramos de palmeira: *«Hosana, ao Filho de David. Bendito o que vem em nome do Senhor, Hosana nas alturas»*. A palavra «Hosana» significa: «salva-nos, te pedimos, Senhor». No sentido em que a multidão usou a mesma palavra, significava uma saudação de louvor.

Ajudante Administrativo da Igreja Metodista em Angola

In "O Estandarte" n.º.287, ANO XXVIII,
do mês de MARÇO de 1961, p.1



Com a aprovação da Conferência Anual de Angola, Sua Rev.ma. Bispo Dr. R. E. Dodge, superintendente da área de Salisbury, nomeou o Reverendo Gaspar d'Almeida para seu Ajudante Administrativo, com a autorização de orientar o trabalho da Igreja Metodista em Angola, na sua ausência.

Pela primeira vez na História do Metodismo em Angola este cargo é dado a um Ministro Afrikano. O Reverendo Gaspar d'Almeida é dos obreiros mais antigos no rol dos ministros da nossa Igreja. Como cristão é de um carácter íntegro e a sua carreira no campo da educação é notável.

Durante cerca de 20 anos foi professor na Escola Evangélica de Luanda. Foi um dos fundadores do nosso Jornal de que ainda é Director e por muitas vezes manteve-o sozinho como redactor e administrador. Dirigiu e pastoreou o Centro Evangélico do Dondo, deixando sempre e em toda a parte por onde passou, pelos seus trabalhos, uma recordação inesquecível.

O Reverendo Gaspar d'Almeida é actualmente Professor no Seminário Emanuel do Dondi.

É com muito regozijo que saudamos o Reverendo Gaspar d'Almeida pelo cargo para que acaba de ser nomeado e rogamos a Deus para que o abençoe abundantemente no desempenho das suas funções.

A REDACÇÃO

Entre os Dois, o Desconhecido

In "O Estandarte" n.º 288 e 289, ANO XXVIII,
dos meses de ABRIL e MAIO de 1961, pp.5 e 6

A festa da Páscoa que tinha atraído todos os judeus, tinha terminado muito mal. Jesus, que era a esperança de um grande número de judeus, tinha sido crucificado, morto e sepultado. Três dias depois da Sua morte, todos estavam regressando para as suas casas. Uns iam mais perto, outros mais longe e por diversos caminhos. Em todas as caras se lia o desespero, o desânimo. Para todos, a morte tinha posto fim a tudo.

Era neste estado de coisas que regressavam os dois discípulos pelo caminho de Emaús. Toda a conversa só girava em volta dos acontecimentos que se desenrolaram nos três dias em Jerusalém sobre a morte de Jesus Nazareno que foi varão, profeta poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo.

A ressurreição de Jesus foi outra coisa que mais despertou as consciências das multidões que estavam conformadas com a Sua morte. Apesar d'Ele ter falado algumas vezes sobre a Sua morte, ninguém dava crédito às Suas palavras, dado o poder que tinha de curar e até de ressuscitar os mortos. Era acreditado como o Messias que havia de restaurar Israel.

Os caminhantes no caminho de Emaús estavam lamentando entre si, quando, inesperadamente, apareceu entre eles um estranho. A pergunta que este fez aos caminhantes pareceu-lhes tão estranha quanto estranho era o seu interlocutor. Um deles, conhecido pelo nome de Cleófas, respondeu-lhe como quem estivesse a falar com um ignorante das coisas que tinham acontecido. O estranho, não se dando por tal, mostrou-lhes que não era apenas Mestre, mas também Autoridade em todas as coisas. Vemos essa autoridade quando atirou aos caminhantes as seguintes palavras: *«Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na Sua glória?»*. Em seguida dá-lhes um resumo histórico das Escrituras, começando do Velho ao Novo Testamento. Todos ficaram admirados, sem, contudo, O conhecerem, porque os seus olhos estavam como que fechados. À medida que iam com o Desconhecido, sentiam os corações abraçados e mais apreciavam a Sua companhia. Constrangeram-no a ficar com eles e só depois de se sentarem à mesa e, tomando o pão, o abençoou e lho deu, é que os seus olhos foram abertos.

Há muitos exemplos na Bíblia que nos indicam que às vezes devemos insistir quando queremos pedir alguma coisa a Deus. Talvez para Ele provar a nossa fé. Quem se dirige a Deus em oração deve pedir uma coisa que tenha valor. A nossa petição deve constituir tudo quanto possa transformar as nossas vidas no sentido mais elevado da ética, assim como a vida da sociedade em que vivemos. A vida só tem valor quando espalha amor e transmite felicidade a todos aqueles que nos rodeiam.

Citemos alguns exemplos que nos mostram que devemos insistir quando oramos e que Deus aprecia as nossas orações quando forem bem intencionadas.

I. Jacob lutou com Deus (só isto significa demasiado atrevimento) usando toda a sua força porque queria conseguir uma coisa que, sem ela, toda a sua esperança de viver seria perdida. Como resultado da sua coragem e insistência, foi abençoado e, de mero homem, Jacob não só salvou a sua vida, mas passou a chamar-se Israel, colocando a sua vida sob a dependência de Deus. (Gen. 32:22-30).

II. A parábola do juiz iníquo é um outro exemplo flagrante de como devemos ser insistentes em pedir a Deus, nosso Pai, pois não fechará os olhos aos seus filhos que clamam a Ele de dia e de noite. (Lucas 18:1-8).

III. Deus permitiu a Salomão que Lhe pedisse o que quisesse. Salomão, sendo prudente, não pediu conforto nem riqueza; antes, vendo a responsabilidade que pesava sobre os seus ombros, preferiu ter um coração entendido para julgar o seu povo, para que, prudentemente, pudesse discernir entre o bem e o mal...Deus, vendo que o seu pedido era bom, pois não pediu riqueza, nem a vida dos seus inimigos, não só lhe deu inteligência em grau excessivo, como também riqueza em tal abundância, que nunca houve no seu tempo quem o igualasse. (I Reis 3:5-15).

Que pediríamos a Deus se nos tivesse dado licença como sucedeu com Salomão? Eu podia ver os grandes castelos que cada um de nós estaria a construir. Imitemos o vidente Salomão e peçamos a Deus sabedoria do alto.

Os discípulos, no caminho de Emaús, só tiveram os olhos abertos quando constrangeram Jesus a ficar com eles. Não basta vivermos um ambiente cristão. Precisamos de convidar o Senhor Jesus para habitar em nossos corações.

O Cristo do caminho de Emaús é o Cristo de todos os tempos, de todas as idades e de todos os povos do mundo. Ele está criticando a nossa incredulidade quando não praticamos o que d'Ele aprendemos. Condena a nossa exterioridade e exige que O adoremos em espírito e em verdade. Muitas vezes Ele está entre nós e não O percebemos, por termos as mentes fechadas às verdades eternas. Os dois caminhantes de Emaús constrangeram Jesus, dizendo: «*Fica connosco!*»

Com Cristo triunfaremos contra as tentações do Diabo.

Com Cristo salvaremos muitas almas perdidas.

Com Cristo contribuiremos para o restabelecimento da paz no mundo.

Convidemo-Lo! Constrangemo-Lo!

Fica connosco...SENHOR!...

Gaspar d'Almeida

Apanhai as Vossas Coroas

In "O Estandarte" nº.290, ANO XXVIII,
dos meses de JUNHO de 1961, p.3, o artigo

Deus criou Adão e Eva,
nossos primeiros pais,
à Sua imagem e semelhança.
Eram felizes e alegres,
eram soberanos e reais;
tinham coroas nas cabeças
e domínio sobre a Terra.
Deus ensinou-lhes a obediência,
a ordem e a disciplina.
Era gosto vê-los sempre alegres
Mas, ó fatalidade! pecaram...
e caíram na miséria.
Deixaram de ser soberanos,
perderam as suas coroas
e feitos escravos do pecado.
Deste casal todos viemos,
sua herança recebemos
do pecado e da miséria
Mas vindo Jesus Cristo,
diz para os filhos de Adão:
Amigos, apanhai as vossas coroas!

Gaspar d'Almeida

Índice Específico

No Ano de 1975 ⁽⁵⁾ 377

“O ESTANDARTE NA LUZ DOU TRA MANHÃ” a p.2 e a p.7 o artigo intitulado “ANO INTERNACIONAL DA MULHER” in “O Estandarte” n.º.292 (está erradamente com o n.º.291), ANO XLIII, do mês de JANEIRO de 1975, insere os referidos artigos.

O Jornal “O Estandarte” n.º.298 (está erradamente com o n.º.297), ANO XLIV, dos meses de NOVEMBRO e DEZEMBRO de 1975 dedica toda a p.1 onde destaca a figura do Presidente da República Popular de Angola, Dr. Agostinho Neto e por isso insere, a p.2, a NÓTULA FÚNEBRE escrita e lida por Gaspar d’Almeida na ocasião dos officios religiosos relativos às exéquias fúnebres do Reverendo Agostinho Pedro Neto, realizadas na Igreja Evangélica de Luanda no dia 21 de Junho de 1946, pelas 16:30 e já publicada em “O ESTANDARTE” n.º.122 de JUNHO de 1946. Este texto consta de p.167 deste Livro./p379

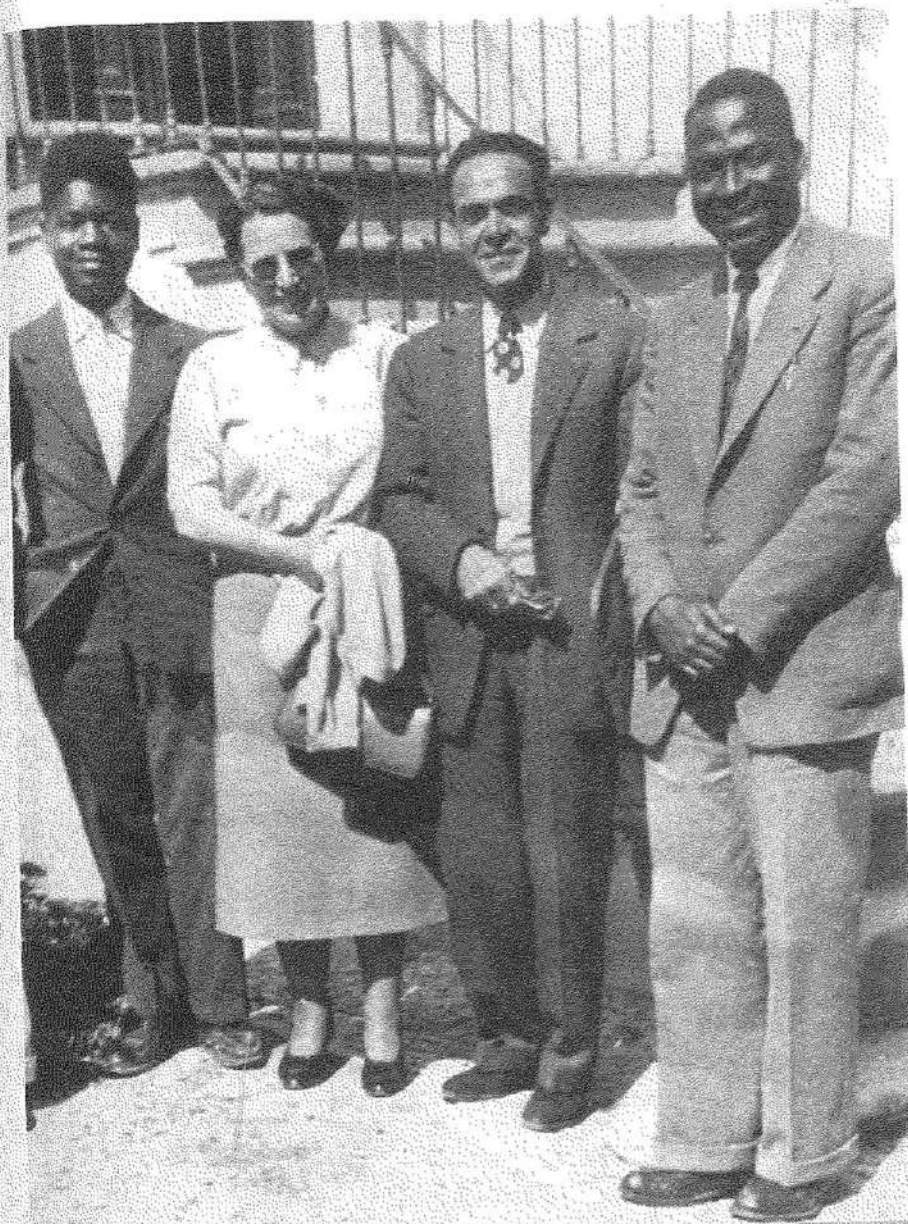
No Ano de 1976 385

i) “DESINTERESSE DOS JOVENS NO SEIO DA IGREJA” a pp.1-3; ii) “UMA GRANDE CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO” a p.4; iii) “A VELHA BEBEKA

⁵ Faltam as pp. 5, 6 e 7 de “O Estandarte” N.º 294, 295, 296 e 297 (erradamente com os nos 293 a 296). Ano XLIII, dos meses de Maio e Junho de 1975, Por isso não se sabe ao certo se inserem ou não algum artigo de Gaspar D’Almeida

VIVE..." a p.8; iv) o poema intitulado "CRIANÇAS DO NATAL" a p.8 in "O Estandarte" n.º 299 e 300 (erradamente com o n.º 298 e 299), ANO XLIV, dos meses de JANEIRO e FEVEREIRO de 1976, insere os referidos artigos./p387

No Ano de 1977...foi o Fim!!!.....	395
Posfácio.....	397
Foto-biografia do Autor	407
Momentos fotográficos da vidas e obras evangelizadoras do peregrino	
Gaspar d'Almeida	417
Requiem a Gaspar D'Almeida	450



Período de 1970 a 1979

Ano de 1975

"O ESTANDARTE NA LUZ DOUTRA MANHÃ" a p.2 e a p.7 o artigo intitulado "ANO INTERNACIONAL DA MULHER" in "O Estandarte" n.º.292 (está erradamente com o n.º.291), ANO XLIII, do mês de JANEIRO de 1975 insere os referidos artigos.

XLIII
ANO 1
LUANDA - JANEIRO de 1975
GA Pz
291
N.º 1

O Estandarte

ORGÃO E PROPRIEDADE DE CRENTES EVANGÉLICOS ANGOLANOS

O Estandarte

“Na Luz Doutra Manhã”

In “O Estandarte” n.º.291, ANO XLIII,
do mês de JANEIRO de 1975, p.2

Fundado por um grupo de crentes Evangélicos Angolanos, o primeiro número de “O Estandarte” apareceu em Dezembro de 1933. Como órgão mensário a sua publicação fez-se sem interrupção, apesar das dificuldades de vária ordem que, às vezes, teve de sustentar.

Recordamo-nos da alegria com que as comunidades evangélicas acolheram o aparecimento do nosso Jornal, o primeiro no seu ideal de fazer conhecer Jesus Cristo aos povos como o Salvador do Mundo, cujos ensinamentos incumbem, necessariamente, a todos conhecer e aceitar. Logo nos primeiros meses descobrimos que entre os irmãos das Igrejas havia muitos com dons de escrever, apresentando com clarividência ideias apreciáveis e construtivas para a sociedade em que vivíamos, talentos estes que estavam ocultos, enterrados, por falta de oportunidade.

Nos seus 28 anos de publicação, numa época de fortes contradições, serviu de elo de ligação, não só entre as Igrejas Evangélicas em Angola, como também entre as Igrejas dos povos obrigados a xikote a usar a língua colonial portuguesa em toda a parte do mundo.

Nos lares angolanos “O ESTANDARTE” foi recebido como mensageiro de paz, o órgão de família, aquele que chama a atenção das pessoas com problemas para encontrarem na leitura de muitos dos seus artigos uma solução razoável e dignificante.

Foi a conclusão a que chegamos ao apresentar aos novos leitores de “O ESTANDARTE” a sua insofismável importância, dadas as inúmeras cartas de agradecimentos que recebíamos dalguns dos seus leitores.

“O ESTANDARTE” uniu os crentes Evangélicos de Kabinda ao Kunene e do mar ao Leste por meio de informação, sendo esta união cimentada pelos encontros temporários promovidos pela Aliança Evangélica de Angola que foi uma realidade viva na apresentação e discussão de pontos comuns para o desenvolvimento da Igreja de Cristo em Angola. Conhecíamos-nos mais de perto; por isso, era possível sermos solidários e o nosso amor para com os outros fora também mais comunicativo.

Em 1961, o Director e o Redactor de “O ESTANDARTE” foram presos pela PIDE/DGS e com eles estavam mais de duas dezenas de pastores evangélicos na prisão, além dos que tinham sido bárbara e cobardemente mortos.

Ao fim de cerca de dois anos de cárcere os dois primeiros foram postos em liberdade condicional, porque tiveram de se apresentar à PIDEE/DGS, primeiro de 15 em 15 dias, depois de 30 em 30 dias durante DEZ anos.

Foi para nós extremamente interessante verificar e avaliar a vontade do povo, o desejo que nutria pelo reaparecimento do nosso Jornal. Para isso fizemos, em 1963, uma exposição ao então Governador-Geral de Angola, solicitando a continuação da sua publicação, tendo o pedido sido INDEFERIDO por Despacho de 17 de Maio de 1963, nestes termos: «Uma vez que a publicação do jornal ESTANDARTE foi suspensa por um período além do permitido por lei, facto que automaticamente fez caducar a referida publicação».

Daqui as respostas a dar aos que nos perguntavam sobre o reaparecimento do nosso Jornal, eram simplesmente estas: «Aguardemos...por quanto tempo ninguém podia dizer». Enganam-se os futuristas, mas Jesus aconselha-nos a ter fé.

O 25 de Abril de 1974, que derrubou o regime fascista de Salazar/Caetano, surpreendeu quase o mundo inteiro. Havia dúvidas em muitas pessoas, até mesmo entre pessoas de repercussão internacional na aplicação do ideário programado.

Acompanhamos os órgãos de informação, as decisões irreversíveis dos indómitos heróis do Movimento das Forças Armadas, da Junta de Salvação Nacional e das autoridades do Governo Provisório.

Falava-se da descolonização e independência dos territórios sob a dominação colonial portuguesa em África. Havia dúvidas. Observamos tudo de longe, desconfiados. Alguém disse quando entrevistado: «estamos fartos de ser enganados. O primeiro acontecimento surpreendente que deu fôlego aos povos asfixiados pelo regime colonial foi o desmantelamento da PIDE/DGS e a soltura imediata de milhares de presos que sofriam penas nos campos de concentração de Tarrafal, Chão-Bom (Cabo Verde), S. Nicolau, Misombo e em muitas outras cadeias administrativas, policiais e judiciais de toda esta Angola. Tudo começou a acalantar um clima de confiança nos dirigentes do novo Governo.

A independência da Guiné-Bissau e a formação do Governo Provisório para Moçambique com o aceleração da descolonização para a independência de Angola e S. Tomé e Príncipe e outras colónias, tudo isto foi uma demonstração de que o Movimento das Forças Armadas que culminou com a vitória do 25 de Abril de 1974, não foi um acaso, mas sim uma deliberação tomada depois de se medirem as pesadas consequências que daí teriam de advir.

É neste momento que "O ESTANDARTE" reaparece "na luz doutra manhã" em que se espera erguer no mastro mais alto "O ESTANDARTE" da nação, símbolo de unidade de um povo que renasce vigorosamente com vontade indeclinável para fazer desta Angola uma Pátria digna de seus filhos.

É neste momento que "O ESTANDARTE" reaparece para levar a cada angolano a Mensagem de Paz e de grande Alegria que dimana de CRISTO que não somente nos SALVA, mas também nos UNE.

Crentes, eis "O ESTANDARTE"! É vosso, assinai-o! Porque fazendo-o, contribuireis para maior expansão do reino de Deus na Terra.

Gaspar d'Almeida

O Ano Internacional da Mulher

In "O Estandarte" n.º.291, ANO XLIII,
do mês de JANEIRO de 1975 p.7

1975 deverá marcar em todo o mundo a comemoração do Ano Internacional da Mulher. Três serão os objectivos principais da promoção: i) alcançar a igualdade entre os homens e mulheres; ii) integrar as mulheres no processo do desenvolvimento mundial, particularmente nos domínios económico, cultural e social; iii) reforçar o papel das mulheres no estabelecimento de relações de amizade, de cooperação e da paz entre as nações.

A Sra. Helvi Sipilá, secretária geral adjunta para o progresso social e para assuntos humanitários, das Nações Unidas, declarou que este ano deverá marcar o «começo de uma nova era em que todos os seres humanos unirão os seus esforços para criar uma sociedade mais humana, na qual todos, sem distinção de sexo, gozarão os mesmos direitos e as mesmas oportunidades e compartilharão as responsabilidades na solidariedade mundial»

(do "Exposição Cristã")

NOTA:

Mulher angolana! Faz crescer as asas da tua dignidade cortadas dolorosamente pelo colonialismo. E com vontade furiosa procura o teu lugar na escala internacional: eis o teu desafio!

Gaspar d'Almeida

"O Estandarte" n.º.297, ANO XLIV, dos meses de NOVEMBRO e DEZEMBRO de 1975 dedica toda a p.1 onde destaca a figura do Presidente da República Popular de Angola, Dr. Agostinho Neto e por isso insere, a p.2, a NÓTULA FÚNEBRE escrita e lida por Gaspar d'Almeida na ocasião dos officios religiosos relativos às exéquias fúnebres do Reverendo Agostinho Pedro Neto, realizadas na Igreja Evangélica de Luanda no dia 21 de Junho de 1946, pelas 16:30 e já publicada em "O ESTANDARTE" n.º.122 de JUNHO de 1946.

Ver pág. 181 "O Estandarte" n.º 122

Ano de 1976

I) "DESINTERESSE DOS JOVENS NO SEIO DA IGREJA" a pp.1-3; II) "UMA GRANDE CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO" a p.4; iii) "A VELHA BEBEKA VIVE..." a p.8; iv) o poema intitulado "CRIANÇAS DO NATAL" a p.8 in "O Estandarte" n°.299 e 300 (está erradamente com o n°.298 e 299), ANO XLIV, dos meses de JANEIRO e FEVEREIRO de 1976 insere os referidos artigos.



Desinteresse dos Jovens no Seio da Igreja

In "O Estandarte" n.º 298 e 299, ANO XLIV, dos meses de JANEIRO e FEVEREIRO de 1976, insere: i) a pp.1,3 o artigo intitulado "DESINTERESSE DOS JOVENS NO SEIO DA IGREJA"; ii) a p.4 o artigo intitulado "UMA GRANDE CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO"; iii) a p.8 o artigo intitulado "A VELHA BEBEKA VIVE..."; iv) de a p.8 o poema intitulado "CRIANÇAS DO NATAL"

O tema que encima este artigo foi-me sugerido por um grupo de jovens da Igreja Evangélica de Emanuel desta cidade, que me solicitou a fazer, sobre ele, uma dissertação. Aceitei o convite com muita satisfação na convicção de que, dentro da minha modestia, o farei em cumprimento da expressão do Apóstolo Paulo que diz: «Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo» (Gal. 6:2).

Agradeço, portanto, aos jovens dessa Igreja a honrosa lembrança deste convite e sinto convosco o imenso desejo de conjugarmos esta ideia de Deus ao qual adoramos. Tem-se observado nas nossas Igrejas, sem ser uma teoria definida, a infiltração sorrateira do Deísmo, doutrina pela qual se acredita num Deus criador de todas as coisas, mas transcendente. Por outras palavras: criou tudo e depois foi-se embora, não tendo nada a ver com os homens que criou à sua imagem e semelhança.

Os jovens devem pôr em prática os meios da graça que consistem em ser diligentes no estudo da Palavra de Deus, dedicados à oração, assíduos na frequência aos cultos e participantes convictos na Ceia do Senhor. A prática destes meios da graça capacitar-vos-á a ter uma vida exuberante de alegria, que vos exigirá ter mais vontade para o trabalho da Igreja, servindo-vos de meios adequados para sanar ao males que afectam a Igreja e até mesmo a nossa própria sociedade.

Tem faltado na nossa Igreja o calor evangelizante e o pior de tudo é que, quando algum membro com grandes experiências cristãs sente que evangelizar ou orar é uma obrigação que lhe está imposta, taxam-no de fanático, beato e ultrapassado. É este tipo de crítica que faz com que ele se sinta cada vez mais desencorajado e apaga nele o interesse. É como quem deita água gelada numa panela com água em ebulição. É triste não é?...

Se isto é desolador, outra coisa não menos triste é o facto de as Igrejas, que durante a semana se encontram fechadas, ficam apenas abertas aos cultos de Domingo de manhã. A vida cristã é semelhante às plantas dos jardins. Necessitam sempre de ser regadas para que cresçam viçosas e produzam abundantes frutos. O descuido do jardineiro faz secar as plantas!

Voltando ao que dissemos sobre a ideia que fazemos de Deus, para nós Deus é transcendente e imanente. Ele está presente entre nós e em cada um de nós. Escuta e atende as orações dos Seus filhos quando são feitas com sinceridade e com espírito de humildade. Deus é nosso Pai. Devemos chegar a Ele com os corações abertos e pedir-lhe segundo as necessidades da nossa vida aquilo que queremos.

A juventude pode estar desinteressada com a Igreja, como dissemos, quando deixa de por em prática os meios da graça ou quando faz uma escolha errada. A falta de interesse mata o entusiasmo e onde não há entusiasmo tudo esmorece e morre de sequeidão. Quando o crente está em comunhão com Deus, a sua vida é cheia de alegria e de trabalho para o bem da Igreja e do próximo.

Deus nunca foi visto por ninguém. Jesus Cristo, Seu Filho, o revelou. De sorte que, conhecendo bem quem é Jesus, havemos de conhecer bem quem é Deus.

Gaspar d'Almeida

Uma Grande Campanha de Alfabetização

In "O Estandarte" n.º 298 e 299, ANO XLIV,
dos meses de JANEIRO e FEVEREIRO de 1976, p.4

Em 11 de Novembro, ao proclamar a República Popular de Angola, o Camarada Presidente Dr. Agostinho Neto, disse: «A RPA reafirmará a propósito inabalável de conduzir um combate rigoroso contra o analfabetismo em todo o país, promover e difundir uma educação livre, enraizada na cultura do Povo Angolano»

O Ministro da Educação e Cultura Camarada António Jacinto, sobre quem pesa a grande tarefa de educação no nosso País, lançou uma grande Campanha de Alfabetização que, a concretizar-se, será mais uma batalha ganha contra aqueles que nos oprimam e usaram todos os meios para nos diminuir e atrasar o nosso progresso.

Essa Campanha, disse o Camarada Ministro, não incumbe só ao Ministério da Educação e Cultura, mas é uma tarefa de todos nós e por isso todos nós devemos participar dela.

A educação para um povo – e isto deve ser compreendido de modo consciente – faz tanta falta como o pão que dá força ao nosso corpo. Se o país necessita de homens e mulheres são de corpo, muito mais necessita de homens e mulheres são da mente.

Se tem havido bicha para o pão e até para o tabaco, por que razão é que os alfabetizando não podem ou devem aceitar, com alegria, permanecer na bicha até receber cada um o seu cartão de inscrição?

Essa campanha deve ser apoiada com entusiasmo de modo a demonstrarmos a nossa concordância plena às palavras do Ministro da Educação e Cultura, Camarada António Jacinto, segundo as quais cada cidadão que sabe ler deve ser obrigado a alfabetizar pelo menos um analfabeto.

Dada a situação em que fomos deixados em todos os sectores da vida nacional e principalmente no plano do desenvolvimento educacional durante a época colonial, e quebrados os grilhões com imensos sacrifícios, depois da independência do nosso país, devemos compreender agora que o «combate vigoroso ao analfabetismo», como definiu o Camarada Presidente, deve fazer-se em força por todos os cidadãos angolanos. É para que resulte em vitórias retumbantes é necessário um treino preliminar aos alfabetizadores que, pela sua função, deverão identificar-se com os alfabetizando, a quem devem esclarecer, com palavras simples, o que significa ser Angolano na sua Pátria independente, segundo a linha política do MPLA, Guia e Vanguarda do Povo Angolano. A Campanha

de Alfabetização deve despertar a atenção de toda a população do País, de Kabinda ao Kunene e do mar ao Leste, pois, não se é livre quando se vive em total ignorância.

Como disse ainda o Camarada Ministro da Educação e Cultura, «todos vamos ser obrigados a participar dessa tarefa...», pois que, aquele que se recusar a alfabetizar e a ser alfabetizado, não é um cidadão consciente deste país.

Camarada Ministro: aqui me disponho, sem reserva e em cumprimento do dever, para quando chegar a altura própria da promoção dessa Campanha, que esperamos não esteja muito longe. Assim e face à chamada, simplesmente direi: PRESENTE!!!

Gaspar d'Almeida

A Velha Bebeká Vive...

In "O Estandarte" n.º 298 e 299, ANO XLIV,
dos meses de JANEIRO e FEVEREIRO de 1976, p.8

Faz quase dez anos desde que visitei uma das nossas Igrejas. À hora do culto de Domingo, a Igreja estava cheia. E que gente tão alegre! Quão maravilhosamente eles cantavam! Abri depois as Escrituras e escolhi, como texto do meu sermão, as seguintes palavras: «E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará». (João 8:32).

À medida que dissertava sobre o texto, eu ia mostrando que muitos dos males que sofremos provêm da falta de conhecer a verdade, e a demonstrar que o primeiro esforço deve ser feito no sentido de nos conhecermos a nós mesmos para nos darmos a Cristo, nosso Redentor. Enquanto dissertava, uma velha sentada no segundo banco levanta-se amiudadas vezes dizendo: «amem». Às vezes as outras senhoras que estavam ao lado dela queriam impedir-lhe os movimentos puxando-lhe pelos panos, mas ela erguia-se e dizia: «amem». Cantamos o último Hino e fui à porta para dar a mão a todos os presentes. Estava lá ela. A sua presença sempre atraía a minha atenção e ao dar-lhe a mão, ela beijou-me e fez-se apresentar «Eme Bebeká Tungu, Mésene». Sou Bebeká Tungu, Mestre. Trocamos palavras de saudações e abriu-se para me contar o milagre que se tinha dado com ela.

E começou:

Há muito tempo sofria de dores cruéis nesta perna esquerda; passava noites sem fio, nem sequer podia fechar os olhos. Todos os dias eram de tormentos para mim. O irmão...enfermeiro desta área, com toda a paciência e zelo cristãos, tinha feito tudo para me aliviar as dores, mas nada conseguia.

Eu própria, se não fora a fé que tinha em meu Salvador, preferia a morte a continuar a viver deste modo. Orei sempre. Mas um dia, deixando toda a preocupação, ajoelhei-me junto da minha pobre cama e disse ao Senhor: «Senhor, tenho feito tudo para me livrar destas dores que de dia e de noite me atormentam, e tudo tem sido de balde. Agora peço-te, Senhor, toma conta da minha perna, não sei mais o que posso fazer».

E a velha Bebeká continuou: depois desta minha humilde e simples oração, o que aconteceu em seguida não posso explicar.

As dores desapareceram por completo. E desde então, embora velhinha, ofereci-me ao Senhor para me usar como um simples instrumento nas Suas Santas e Adoráveis Mãos.

À tarde sentei-me com os irmãos para nomear a Comissão do Evangelismo. Apresentaram-me cinco membros que todos julgavam idóneos e de comprovada força

espiritual. Registei depois os seus nomes com toda a satisfação. Tinha dado tudo por terminado, quando um irmão se levantou de entre os indicados e disse: «Pastor, a escolha desta Comissão foi bem feita. Porém, agradecia-lhe acrescentar o nome da velha Bebeká, porque, sem ela, pouco se poderá esperar de nós.

Esta observação surpreendeu-me e por isso perguntei: como pode ser isso, não sabendo ela ler nem escrever? Todos, unanimemente, concordaram que ela fizesse parte e acrescentei o seu nome na lista.

Agora só queria perguntar qual era o segredo daquela velha irmã?

O segredo é que ela deu-se completamente a Jesus. No corrente mês de Janeiro, eu regressava de Luanda e, numa das estações de Caminho de Ferro, uma senhora, membro daquela antiga Igreja reconheceu-me. Cumprimentou-me muito surpreendida e tão admirada que colou a mão à boca nzunzundo. Estava aí para vender pouca fruta que trazia no cesto, aproveitando os minutos que o comboio estava parado e, depois duma conversa muito rápida, disse-me: «A velha Bebeká vive...»...e o comboio partia. A irmã Antonica, nas suas breves palavras queria dizer que a velha Bebeká, que conheci há dez anos continua sempre a mesma, fervorosa e fiel ao nosso Salvador. Continua sempre cantando alegremente e fazendo as suas orações. Ela continua sempre a ser exemplo dos cristãos. A velha Bebeká vive, graças a Deus.

Cristo é a única solução dos nossos problemas. Damos-Lhe tudo quanto somos e temos, e Ele cuidará de nós.

Gaspar d'Almeida

NOTA: Este artigo foi escrito em Fevereiro de 1966 sob reserva. A irmã Bebeká Tungu era membro da Igreja Evangélica de Kaswalala e o enfermeiro era o irmão Gonzaga Guimarães, de saudosa memória, barbaramente assassinado pela coligação de tropas, civis cabo-verdianos, comerciantes e polícias portuguesas na área do Golungo Alto, logo a seguir aos acontecimentos de Fevereiro e Março de 1961.

Crianças do Natal

In "O Estandarte" n°.298 e 299, ANO XLIV,
dos meses de JANEIRO e FEVEREIRO de 1976 p.8"

Crianças radiantes,
De rostos contentes,
Entoando canções
Que comovem corações.

Onde ides lindas flores,
Vivas como líderes,
A correr, a rir e a cantar
Todas ansiosas e a brilhar?

Vamos à Igreja saudar
E do coração nossa oferta dar
Ao novo Rei-Nascido.

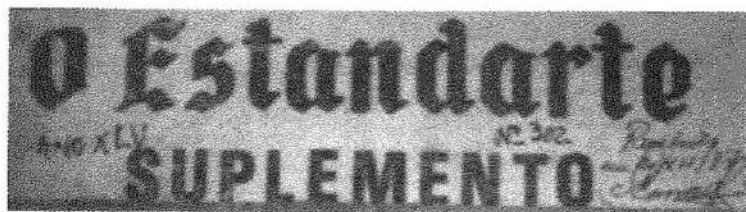
Fazeis bem, amiguinhas,
Ide a Jesus criancinhas,
E dai-Lhe o vosso coração.

Dezembro de 1938
Gaspar d'Almeida

Ano de 1977

O Ano de 1977...foi o Fim!!!...

O Jornal "O Estandarte (Suplemento, POLICOPIADO)" n.º.303 (está erradamente com o n.º.302), ANO XLV, do mês de SETEMBRO de 1977 não insere nenhum artigo de Gaspar d'Almeida.



Posfácio

Desde criança, lá em nossa casa, na sanzala de Kalumbunze, do vasto reino Lwangu, de povo kimbundu e a cujo espaço territorial antropológico a cidade de Lwanda e todos os seus pertences se integra, que nossos progenitores fizeram sempre referência especial à figura de um “mama kené mèle – mãe sem xuxas”, ou seja, um tio matrilinear por ser irmão mais novo da mamãe Kikoka Kya Kumba (Inês Adão d’Almeida) e que, já nessa época, era tido, achado, respeitado e tratado com deferência e reverência por toda a nossa família e pela população do Ikolo e Mbengu devido ao facto de ele representar as figuras: i) de “mutu wa Nzambi – pessoa de Deus”, porque seguia e pregava, fiel, criteriosa e rigorosamente o Caminho da salvação e os salvíficos ensinamentos Evangélicos de Jesus Cristo; ii) de “mêsene - Mestre”, porque estava escolarizado demais para aquela época de regime de travão escolar que a colonização impunha aos pretos filhos de indígenas e ensinava aos da sua raça os Santos Evangelhos e a ler, escrever e contar; iii) de “mundele wa dyala – homem branco”, por vestir, calçar, falar a língua e viver à maneira do colono branco.

No costume mwangolée das nossas tribos, tio é o irmão ou primo patrilinear. A irmão ou primo matrilinear normalmente se dá o nome “mama kené mèle – mamãe sem xuxas”.

Kalumbunze dessa época e a de até 1960 tinha uma extensão de cerca de doze quilómetros de comprimento, com uma fiada contínua de casas de um lado e de outro da única rua que ainda hoje a atravessa. Era, sem dúvidas, a maior sanzala do Concelho do Ikolo e Mbengu. As milenares terras agrícolas e de pasto para os animais das famílias desta sanzala distribuíam-se por Kisémbé e Mbangu, num total de mais de cerca de 30 mil hectares. O campo principal de futebol estava situado junto da cacimba denominada «Moçambique», justamente a meio do comprimento da sanzala.

Ainda criança, cedo o escrevinhador destas linhas começou a acompanhar o seu pai e patriarca da nossa família nas suas andanças de negócios que ele fazia regularmente às margens do rio Kwanza, em virtude de ser filho de Engrácia Manuel da Silva, uma mãe nascida de uma família nobre de Mbanza Kakulu ka Zongo e com família matrilinear espalhada por Honga-a-Nganga, Nganga-a-Zuze, Halata, Ngandu, Kalomboloka, Kindambidi e tuduyosomaiskwantué daquelas bandas de Kasoneka e das lagoas de Kabembeya cuja licença municipal de exploração da pesca continental lhe era concedida por adjudicação, todos os anos, por melhor oferta nos lanços de leilão levado a cabo pela municipalidade. Nessas idas ele passava obrigatoriamente por Kalomboloka para visitar, de entre outros familiares, uma irmã de sua mãe, no caso, progenitora, de entre outros, de Miguel Gaspar Domingos (Zakuta), de Sebastião Gaspar Domingos e

do Reverendo Adão Gaspar Domingos, descansando nas casas do seu sogro Adão Paulo de Almeida (KUMBA) onde este vivia com as suas esposas, aos cuidados das quais deixava os filhos menores de idade de que se fazia acompanhar para, durante a digressão pelo resto de sanzalas distantes onde residiam outros familiares, cuidar deles e transmitir-lhes os ensinamentos e segredos matrilineares adequados à sua idade. Foi no decurso dessa esmerada educação matrilinear que foram sendo avivados e reforçados os nossos conhecimentos sobre a figura heróica da nossa mamãe sem xuxas Gaspar d'Almeida, ali carinhosamente chamado KAXIBHALA, ou seja, o nome Gaspar em kimbundu.

Levou tempo para conhecermos pessoalmente o nosso mama kené mèle. O primeiro filho varão do nosso avó matrilinear KUMBA que conhecemos em carne e osso foi o mamãe sem xuxas Paulo Adão d'Almeida, filho mais velho da prole gerada pelo patriarca Kumba com as suas várias esposas. É que, devido à perseguição colonial de que foi vítima por parte das autoridades administrativas do Posto Administrativo de Kasoneka e ao facto de cedo se ter formado em enfermagem, sujeito a ser colocado nas mais variadas, distantes e dispersas localidades do mato, o nosso pai arranhou para o seu cunhado Paulo uma grande kibhela de terra para habitação em Kalumbunze e outras para agricultura no Kisembe. Na kibhela de habitação foi construída a residência oficial de Paulo d'Almeida, constituída por um casarão de pau-a-pique, duas águas com varanda e coberta a chapa de zinco e bwé de quartos, com um quintalão recheado de cozinha, os currais para cabras e ovelhas, as capoeiras para aves em que se incluía o peru, o pavão, e ainda as pocilgas, um potmbal, além de uma área para horta. Foi já nesta residência, localizada em zona nobre de Lagos & Irmão e Estação do Caminho de Ferro, à entrada de Kalumbunze, onde ficou alojada a tia Luzia João Kayfalu de Almeida e seus filhos trazidos de Lwanda, no caso, a Hermengarda, o Sílvio, a Damares, a Arminda e onde viriam a nascer a Guida, a Bebiana, a Lídy, o Shilsy, excepto a Nina que já nasceu em Lwanda. Nesta zona nobre habitavam outras figuras gradas, tais como: a Conceição Mateus, a Conceição da Silva (Kundinda), a velha Luzia que curava a doença de jiba, o João da Gama, o António Kazanga, o Pascoal Moreira e Sousa (Vinte Mil) e outra nata de altos funcionários pretos de Lagos & Irmão, da Estação Experimental Agrícola de Honga-a-Zanga e da Estação do Caminho de Ferro.

Só em 1947 viríamos a conhecer pessoalmente o mama kené mèle Gaspar d'Almeida, numa viagem que ele efectuou a Kalumbunze, vindo de comboio do Ramal do Mbengu numa manhã de Quinta-feira a fim de examinar as crianças, os adolescentes e os jovens indígenas que estudavam a instrução primária rudimentar na Escola Local da Missão Evangélica, no rol dos quais estávamos já incluídos na Classe de Iniciação denominada "dê, dia, dó, dai" do Volume I da Cartilha Maternal de João de Deus. Ficamos aprovados para as Classes seguintes que constituíam o Sistema Integrado do Ensino Primário Rudimentar para os Indígenas e que eram as classes da: "Soletração"; "Dever dos Filhos"; "Primeira Classe Atrasada"; "Primeira Classe Adiantada"; "Segunda Classe";

“Terceira Classe Rudimentar”; “Terceira Classe Elementar”; “Quarta Classe”; e, finalmente, a Classe de “Admissão aos Liceus” que os indígenas nunca chegavam a fazer porque concluíam a Quarta Classe com idade superior a 13 anos, idade limite para ingresso no Ensino Secundário Normal nos liceus oficiais de Lwüanda e de Sá da Bandeira. O *mama kené mèle Kaxibhala* almoçou conosco, debaixo da frondosa sombra do *tambarineiro* plantado pelo *mano Sebastião Sobrinho* em 1931, frente ao *ndongo* do nosso *papá e patriarca* do clã *Xiku-dya-Adá* no que foi acompanhado de todos os seus filhos, irmãos e filhos destes. Saboreou-se o *funjaço* de *masa-a-imbala*, *masa-a-kindele*, *kandumba* e de *kingulu* (postos à escolha de tão querida e ilustre visita) com pratos variados de *kakusu*, *bagre*, *musolo* e ainda de carne de porco mandado abater pelo *papá* e passado pela cozinha a propósito da visita de seu *cunhado* e igualmente pratos de muita *dibhidika*, *kingombo*, *ifwata* e *jimbôa* daquela de lagoa que exala um cheiro bem *kwyozo*, acompanhado de *kitande*, *makunde*, *kizaka*, antecedido de *kathato*, *kifune frito*, *masa-a-phelesuku* (milho fresco) assado e cozido, *masa-ó-kange* com *jinguba* e castanha de *kajú* de aperitivo. Findo o repasto e antes de ir à estação do Caminho de Ferro o nosso *mama kené mèle* passou pela residência de seu irmão *Paulo de Almeida* onde se encontrava a habitar a família deste e, depois das saudações e se inteirar da situação, regressou neste mesmo dia a Lwüanda (cheio de *mabunda* compostas de alimentos vegetais e de animais vivos ofertados pela família), desta feita já no comboio de passageiros que escala a Estação do Caminho de Ferro de *Katete* ao fim do dia no trajeto *Malanji/Lwüanda*.

A Escola da Missão Evangélica de *Kalumbunze* do tempo da nossa *meninice* foi dirigida, sucessivamente, pelos Pastores-professores *Manuel João Sebastião (Kanomona)* de *Kalomboloka* e *Antônio Domingos Nogueira, de Tádi*.

Se o relato oral feito pelos progenitores e avós sobre a figura lendária de *Gaspar d'Almeida* já de si exercia uma influência diluviana sobre as crianças que éramos, imaginem o quanto a estatura física que lhe encontramos na sua visita pessoal (era bem alto – pois media mais de 1,90mts. de altura - forte e bem musculado) e de *Homem de Deus* e do *Conhecimento*, acabou por cimentar em nós fundadas e justificadas convicções sobre a necessidade de seguirmos *Caminhos* iguais aos daquele nosso *mama kené mèle*, para podermos vir a ser o que ele era e representava, já porque os mais velhos falavam na ida para *Portugal* de *Antônio Agostinho Neto*, da *sanzala* de *Kaxikane*, para estudar e também “ficar *dotor*” tal-qualmente aquele médico branco que era o *Delegado de Saúde* de *Katete!*

Estávamos em época em que o *Jornal “O ESTANDARTE”* chegava à residência do *Pastor-Professor Evangélico*. Este tinha a paciência de traduzir para *kimbundu* os seus textos aos mais velhos não crentes evangélicos da *Sanzala* e na residência de cada chefe de família com a sua prole. O *signatário* destas linhas, ao colo de seu *papá*, cedo começou, desde criança, a igualmente ouvir os ensinamentos constantes daquele periódico desde berço.

Além das notícias de “O ESTANDARTE”, de igual modo começamos a tomar contacto com as de alguns Jornais diários, no caso, os matutinos “A Província de Angola” e “Jornal O Comércio” e o vespertino “Diário de Lwuwanda” que chegavam às Terças e Sextas-feiras no comboio da manhã às mãos de Castro Adão Cortez, irmão kasule do nosso papá (que sabia ler, escrever e contar por ter frequentado e feito exame de quarta-classe rudimentar indígena em 1892 na Escola Missionária Católica de Mutemu) e fazia a leitura das notícias constantes daqueles periódicos, com tradução directa de português para kimbundu para os seus irmãos mais velhos Xiku dya Adá e Nzwá dya Adá e seus primos, de entre outros, o Nzwá Mbaxi e Adá Amutono (Adão António).

Desde o Ano Escolar de 1952, a partir do qual viemos recambiados para estudar na Escola da Missão Evangélica de Lwuwanda, passamos então a conhecer mais de perto e melhor o mama kené méle Gaspar d’Almeida, não porque vivéssemos na casa dele ou ele fosse nosso Professor na Escola da Missão. Nada disso. O conhecimento de perto e melhor passou a ser feito através das leituras que fomos fazendo de Jornais antigos de “O ESTANDARTE”.

Com efeito, o acesso livre aos escritos constantes de “O ESTANDARTE” de épocas anteriores que estavam disponíveis na Redacção deste Jornal foi moldando e de que maneira a nossa maneira de pensar, estar, sentir e agir. Muitos dos artigos subscritos por eminentes e brilhantes penas dessas épocas de ouro deste Jornal – em que sobressai Gaspar d’Almeida – mereciam estudo, análise e discussão acalorados em círculos restritos de alunos da Missão militando na Juventude da Igreja de Cristo em Angola (JICA) – a Juventude Metodista em que nos encontrávamos filiados e no seio da qual os da nossa geração foram forjados e temperados durante toda a década de cinquenta, uma forja e tempero tais, que nos levaram a abraçar, sem titubear, os ideais da Luta Política e Armada de Libertação Nacional que, a partir de 1956, começaram então a ser veiculados pelos milhares de panfletos produzidos por milhentas células clandestinas do Movimento de Libertação Nacional que usava várias siglas para enganar e despistar a PIDE/DGS, faziam chegar às nossas mãos através de mais velhos cujos rostos desconhecíamos para serem distribuídos nas noites sem luar dos miseke de Lwuwanda. Pertencem a esta geração da JICA nomes tais como: os manos Adolfo e Henriques João Pedro; os manos Eugénia e Isaac Moisés Sebastião; os manos Francisco Magalhães Paiva (Mvunda) e seu irmão mais velho João Magalhães Paiva; Brito Sozinho (Longa Marcha); Borges Bamba; António Amaro; Engrácia dos Santos (heroína cujo nome consta da lista colocada na Estátua do Largo das Heroínas); Roberto de Almeida; Roberto de Carvalho; Neves Bendinha; Feijó Marques; Idalina Bamba; José Eduardo dos Santos (Viajante); Pedro de Castro Van-Dünen (Loy); Elísio de Figueiredo (Duque); Violante Mamede; José João Sebastião (Kanomona); Bernardo Miguel de Carvalho Neto (Jarubú); Paixão Adão André; Olímpio Adelino Félix Makwéria; Wenceslau Sebastião Adão de Almeida; Aurélio Coimbra; Baptista Adão André; Agostinho Raimundo de Sousa e San-

tos; David Adão Mateus; Tiago João Neto; Lucas João Katumbela Lima; Júlio Domingos Kazitu; Arminda Fortunato; Francisca Escórcio; Adriano Pelangana Júnior; Luísa Filipe; Esperança Tomaz; Teresa Santana; Francisca Escórcio; Aldina; Carolina; a Mazita e seus manos Elias e o Mateus; Eva Kapindça (Ave); Domingos Sebastião dos Santos; Maria Sebastião Adão de Almeida; Judite Sebastião Adão de Almeida; Rüdolfo da Ressurreição e Silva; Simeão Adão Manuel; Miguel Gaspar Neto (jaimétoke); Maciel Sebastião Adão de Almeida; Regina Marques; Milú Rodrigues; Alexandre Rodrigues (Kitu); as manas Maria e Juliana Pimenta; Julião Mateus Paulo (Dino Matross); Paulo Miguel Júnior; os manos Baptista e Paixão Adão André; José Custódio Rodrigues Neto e seu mano Manuel Custódio Rodrigues; António Figueiredo (Ninho); Loy Figueiredo; David Adão Mateus; Tiago João Neto; e tantuzotro que não cabem neste pequenino espaço e a quem pedimos desde já milhentas desculpas pela sua não inclusão..

Os textos angélicos de Gaspar d'Almeida saboreados nesta colectânea são um autêntico Hino de Louvor a Deus e de incitamento à SALVAÇÃO e à LIBERTAÇÃO material, espiritual, política, social, económica, conhecimental, linguística, escolar de todos os povos pagãos, analfabetos, colonizados, ignorantes, pobres, e neocolonizados do Planeta. O Autor usa o dom do Espírito Santo de que é dotado em abundância para, em seus textos angélicos, insuflar na mente dos crentes e não crentes os ideais da Salvação, da Libertação do flagelo da miséria que ainda grassa por consideráveis povos de partes do nosso Planeta como consequência desses povos viverem ainda no paganismo, na ignorância, no analfabetismo, na cegueira, na pobreza espiritual e material extrema. E neste aspecto o Autor é magistral: i) ele considera a África um Continente cego, coxo, filho pródigo e exorta-o a seguir o exemplo das figuras bíblicas que buscaram Jesus Cristo que ordenou ao cego para ver, ordenou aos artelhos do coxo para se porem direitos e este começou a andar e a correr que nem lebre, e a daquele Pai que, vendo de longe o seu filho pródigo maltrapilho sim, mas arrependido, foi ao seu encontro, perdoou-o e mandou organizar uma festança pelo seu retorno à Casa do Pai; ii) por isso exorta os estadistas de Nações com povos da sua própria raça naquele estado social e espiritual calamitoso e sobretudo deste Continente, a virar os seus olhos para Deus, buscar e estender o Seu Reino a toda a África negra para que todas as coisas lhe sejam acrescentadas.

Gaspar d'Almeida faz valer os seus pontos de vista assente em bases bíblicas da doutrina Cristã, tão sólidas quanto eternas que, com sabedoria, mestria invulgar e fé inquebrantável em Jesus Cristo, ele vai buscar às Sagradas Escrituras e delas faz estudo comparativo com a vida mundana em que o Homem pecador insiste em viver, mesmo já depois de salvo do Pecado com a morte no madeiro do Filho Unigénito de Deus. Ele não formula nenhuma hipótese de cada um poder viver no Caminho e de acordo com a vontade do Pai Celeste assente em ditos e mexericos de formulações teóricas e/ou de hipóteses filosóficas platonistas ou kantianas. Não. Tudo o que expõe como meio sus-

ceptível de conduzir à Salvação e Libertação do Homem, vai buscá-lo às Sagradas Escrituras e ao maravilhoso e ímpar exemplo de Jesus Cristo.

Quando nos propusemos proceder à pesquisa e à recolha dos textos do Autor escrevinhados para o Jornal "O ESTANDARTE", dedilhá-los para o nosso computador de modo a podermos elaborar esta colectânea que o leitor acabou de saborear, não tínhamos uma ideia real da estrutura, da estatura e da dimensão moral, ética, espiritual, política, histórica, sociológica, didáctico-pedagógica, antropológica, jurídica, psicológica, teológica, linguística, humanista, do Autor.

Logo, depois de, ao longo destes cerca de noventa dias (começamos justamente na semana da Páscoa deste ano de 2006) termos estado a folhear, a mastigar, a digerir, a devorar todos os Jornais "O ESTANDARTE", do número 1 ao n.º. 304 que foram publicados no período de 1933 a 1977 e extrair deles todos os escritos assinados por Gaspar d'Almeida, imaginem a influência que o conteúdo global desses Jornais em geral e o dos textos do Autor em especial terá, ou melhor, estará exercendo sobre nós, se comparada com aquela que terá exercido sobre a camada jovem com escolarização liceal das décadas de trinta e quarenta.

Com efeito, agora ou quando os leitores se banquetearém com os vários sabores com que vêm temperados os textos evangélicos de Gaspar d'Almeida daquelas décadas, irão, certamente como nós, concluir qual ou quais as fontes outras que terão influenciado e de que maneira o ambiente da época para a geração de António Agostinho Neto, alguns (a maioria) com liceu e vivendo aqui e outros (minoría) já a frequentar a Universidade fora de Angola, formular as hipóteses científicas, sistematizar as premissas políticas e periodizar a execução de todo um plano gizado ao pormenor com uso de Metodologia de Ciência Política tendente a materializar todo o processo de criação, de estruturação e de operacionalização de várias organizações políticas que ocorreu na década de quarenta e veio dar lugar à aglutinação de todas aquelas organizações revolucionárias num amplo Movimento Popular de Libertação de Angola, de que resultou a fundação daquele Movimento de Libertação Nacional a 10 de Dezembro de 1956, no quarto número TREZE do Hotel Magestic, em Luanda, por VIRIATO FRANCISCO CLEMENTE DA CRUZ, mulato de Angola com a alínea f) do 7º ano dos liceus (ciências), leitor assíduo e coleccionador do Jornal Evangélico "O ESTANDARTE" e seus companheiros, uma organização política que, indiscutivelmente, veio a ser a força política e armada que, de modo científico, sistematizado, organizado e disciplinadamente aplicado, soube conduzir todo um processo de Luta Política e Armada vitoriosa de que resultou o Novembro de setenta e cinco.

Outra nota de realce político tem a ver com o facto de, em 1954, terem sido Cristãos Evangélicos da Igreja Evangélica Baptista, (na ocasião sediada no Kongo Léopold-

ville onde igualmente chegava "O ESTANDARTE" às comunidades angolanas ali diaspóricas), todos os Fundadores da UPNA – UNIÃO DAS POPULAÇÕES DO NORTE DE ANGOLA, mais tarde convertido em UPA – UNIÃO DAS POPULAÇÕES DE ANGOLA e em FNLA – FRENTE DE LIBERTAÇÃO NACIONAL DE ANGOLA, um Movimento de Libertação Nacional por excelência que soube conduzir todo um processo de Luta Política e Armada de Libertação Nacional com valentia e coragem até ao Novembro de 1975. Aliás, sobre o contacto de Gaspar d'Almeida com as comunidades angolanas na diáspora do Kongo Léopoldville, podemos ler os relatos que o Autor faz, constantes dos seguintes artigos: i) VISTAS E PAISAGENS DA MINHA VIAGEM A ELISABETHVILLE (KONGO BELGA) – Jornais n.ºs. 89 (JUL943); 90/91 (SET/OUT942); 92/93 (NOV/DEZ943); e 94 (JAN93); e ii) DIÁRIO DUMA VIAGEM – Jornais n.ºs. 124 (SET946); 125 (OUT946); 126 (DEZ946); 127 (FEV947); 129 (ABR947); 130 (MAIO947).

Se, por um lado, deslumbra a qualquer leitor atento a forma aristocrática e fina como Gaspar d'Almeida trata e escreve a língua de Luiz Vaz de Camões, por outro lado extraordinária e inigualável é a forma científica com que aborda os vários temas que conformam os seus textos, cujo leque abrange um variadíssimo mundo do Conhecimento. São textos de conteúdo temático ligado a vários ramos do Conhecimento que, pela certa, irão merecer estudos interessantes de pesquisadores tanto de teologia quanto de alguns dos seguintes ramos científicos de humanidades e ciências sociais: Etnografia, História, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Direito, Economia, Ciência Política, Etnologia, Linguística, Semiótica, Arqueologia; Paleontologia; assim como da arte de filosofia.

Com efeito, a Mensagem captada dos textos de Gaspar d'Almeida viria igualmente a contagiar alguns crentes e não crentes da Igreja Evangélica de gerações imediatamente a seguir à de António Agostinho Neto, de cujo leque podemos retirar algumas figuras de proa das Lutas de Libertação Nacional, cujos feitos à causa da SALVAÇÃO e da LIBERTAÇÃO de Pátria ilustram em tamanho e dimensão diluvianas a nossa História recente. Deolinda Rodrigues; Hoji-ya-Henda; Adriano João Sebastião (Kiwyma); Neves Bendinha; Paiva Domingos da Silva; Imperial Santana; Raul Deão; José Eduardo dos Santos (Viajante); Manuel Pedro Pakavira; Olímpio Adelino Félix Makwéria.

Já dissemos e voltamos a acentuar que os textos angélicos e evangélicos condensados nesta Colectânea, para além de inequivocamente serem um Hino de Salvação das almas ainda paganizadas, são, outrossim, uma voz forte de chamamento à razão de todos os povos de África e incitam todos nós, negros deste Continente, sem excepção nem distinção, a tudo fazermos para SALVAR e já o nosso Continente de modo a LIBERTAR dos estádios de analfabeto, de atrasado e de pobre em que ainda mergulham

os vários milhões dos seus habitantes. Daí animar-nos a certeza de acordo com a qual logo que este Livro chegue às mãos dos leitores e seja mastigado saborosamente pelos distintos e ilustres membros e dirigentes tanto do Conselho Mundial das Igrejas Cristãs quanto dos Conselhos das Igrejas Cristãs de Estados afrikanos e, se os seus textos forem vistos, tidos e analisados à escala e dimensão temporal em que eles foram escritos, situando o seu Autor no espaço colonial e de brutal repressão então vigentes, certamente que não tardará este Livro ser mandado traduzir para as várias línguas coloniais temporariamente a servir ainda de língua oficial de todos os Estados afrikanos independentes não arabizados – inglês, francês, português e espanhol – para poderem ser saboreados pelas actuais e futuras gerações e servirem de fonte inesgotável e permanente de estudos e de pesquisa científica de várias Instituições Universitárias e de Academias de Letras e de Ciências, as quais tardam a chegar à África negra apesar dos já milhares de académicos afrikanos de raça negra existentes no nosso Continente e infelizmente ainda na diáspora.

Em termos domésticos, não nos restam quaisquer dúvidas sobre os efeitos maravilhosos que este Livro vai provocar no seio tanto dos crentes das Igrejas que conformam o Conselho das Igrejas Cristãs de Angola (CICA) quanto no seio dos não crentes que ganharem a coragem de o ler. É nossa firme convicção de que, mais tarde ou mais cedo, as Igrejas Cristãs de Angola congregadas no CICA venham a traduzir para as línguas nacionais este livro para a formação dos seus evangelistas, alimentação espiritual dos seus fiéis e evangelização dos povos que pastoreiam.

Este Livro poderá vir a ser como que um TESTEMUNHO EVANGÉLICO, ou, se quiserem, como que o TESTAMENTO que um SOLDADO CRISTÃO lega ou deixa num campo de batalha onde caminham os crentes e deambulam os hereges, estes sedentos de praticar toda a espécie de brutalidade contra o seu semelhante. A este respeito pomos mesmo em dúvida sobre qual vai ser a dureza do coração incrédulo do leitor amigo que, depois de saborear este Livro... não se converta e não siga os passos de Jesus.

Aprendemos neste Livro que *“pensar e realizar são duas palavras que harmoniosamente se completam e qualquer desacordo de entre elas só redundam em fracasso e frustração”*, tal como nos ensina o Autor, no n.º 283 e 284, de “O ESTANDARTE” dos meses de Novembro e Dezembro de 1960.

Por isso e para encerrar este POSFÁCIO deixamos a seguinte pergunta: como é que um preto, ainda por cima do mato indígena e com apenas o exame do 1.º Ciclo do curso geral dos liceus e que só mais tarde concluiu o 5.º ano liceal e cursou o Magistério Primário foi capaz de escrever tanta coisa bela, certa e de tão variados quadrantes do Conhecimento filosófico e científico?

A resposta enté pode ser esta: «por inspiração Divina e com Coragem e Amor abnegados que o Autor nutre pelos povos da sua raça», tal-qualmente ele no-lo diz de forma peremptória, a p.1 de "O ESTANDARTE" n.º. 244, do mês de Junho de 1957, quando, a dado passo, afirma, citamos:

«A coragem sem amor facilmente se transforma em brutalidade. Os Homens só podem fazer obra duradoura quando, usando a Coragem, forem inspirados pelo Amor»

E, caros leitores, porque a Obra que acabamos de vos oferecer é, sem qualquer sombra de dúvidas, DURADOURA, ela aí está e fica por tempo indeterminado para deleite de todos os crentes e não crentes no Evangelho de Cristo do mundo em geral e do nosso Continente afrikano em particular, a quem o título desta obra exorta para DESPERTAR ao som das trombetas salvíficas da EVANGELIZAÇÃO, depois da qual todas as coisas nos serão acrescentadas.

São as BOAS NOVAS DA SALVAÇÃO de toda a África.

CHICOADÃO

(Texto escrevinhado em Lwuanda, aos 08 de Julho de 2006 - Sábado - tendo sido minutado às 15H30 e computadorizado às 04H30 da madrugada de 09JUL06 - Domingo).

Caderno Biográfico do Reverendo Gaspar d'Almeida



DESE

PARTE 1

DADOS PESSOAIS



1996. Lwuanda. Casal Gaspar d'Almeida na sua residência no Bairro do Saneamento

ANO DE 1907

Nasceu a 27 de Julho de 1907, na sanzala de Kalomboloka, área da Comuna de Kasoneka, do Município do Ikolo e Mbengu – Katete – Província do Mbengu, filho de Adão Paulo de Almeida (KUMBA) e de Gongá Manuel Gonçalves (Ngongo-a-Meno).

PARTE 2

DADOS GERAIS

VIDA E OBRA

ANO DE 1923

Chega a Luanda em Setembro de 1923 e fica sob a tutela do casal Missionário Reverendo August Klebsattel e de sua esposa, D. Elisa Klebsattel, então Pastor da Igreja Metodista Episcopal de Luanda, actualmente Igreja Metodista Unida Central.

ANO DE 1924

Prosseguiu aqui em Luanda os seus estudos primários iniciados na Escola da Missão Evangélica de Kalomboloka e sob a direcção da Professora D. Luisa Shields onde, em Dezembro de 1924, foi submetido a exame do 2º. Grau (4ª. Classe) da Instrução Primária Elementar e ficou aprovado com distinção.

ANO DE 1925

O Reverendo Robert Shields, então Superintendente dos distritos eclesiásticos de Luanda e Ambaka nomeia-o Professor, sendo colocado na escola da Missão Evangélica de Kalomboloka, sua terra natal.

ANO DE 1927

É transferido para a Missão Evangélica de Hombo-a-Njinji, da área de Ambaka.

ANO DE 1928

Um ano depois de estar em Hombo-ya-Njinji, foi para outra localidade e passou a ensinar na Escola Evangélica de Kyongwa, da área de Pungu-a-Ndongo, por chamamento do Reverendo August Klebsattel.

ANO DE 1930

Inicia os seus estudos liceais em Luanda na companhia de outros nativos, de entre os quais se destacam: Domingos da Silva; Francisco João Webba; João Rodrigues; Eduardo Daniel; Jessé Chipenda; Álvaro Lutukuta; Pedro Paulo. Estes, depois de terminarem o Primeiro Ciclo do Curso Geral dos Liceus, foram os primeiros angolanos a serem diplomados para exercer o Magistério Primário em terras chamadas "de qualquer categoria".

ANO DE 1933

Concluiu o Primeiro Ciclo do Curso Geral dos Liceus (Segunda Classe) no Liceu Nacional de Salvador Correia em Luanda, em 21 de Janeiro de 1933, com a classificação de DOZE valores.

Neste mesmo ano é colocado na Escola Evangélica de Luanda, onde ficou a exercer o Magistério Primário na Escola da Missão Evangélica de Luanda.

Fundou o Jornal "O ESTANDARTE" ocupando o lugar de seu Director e Redactor Principal, desde este ano de 1933 até 1977.

Em reconhecimento da qualidade do Jornal e dos artigos por ele assinados e ainda pelo empenhamento e dedicação que lhe foram reconhecidos no desempenho das funções jornalísticas, foi agraciado com o certificado e carteira profissional de JORNALISTA emitidos pelas autoridades coloniais.

O Jornal "O ESTANDARTE", de periodização mensal, tinha uma tiragem de 2.500 exemplares, tendo sido financeiramente mantido por intermédio de pagamento de assinaturas pontuais de assinantes e de doações vindas de outras entidades singula-

res e colectivas de dentro e do exterior de Angola, com maior destaque para Portugal, Brasil e Estados Unidos da América. A sua distribuição era gratuita.

Na veste de Professor diplomado, ensinou muitos alunos, a quem incentivou a prosseguir os seus estudos dentro e fora de Angola, muitos dos quais se tornaram destacados cidadãos da Angola independente.

Durante os 22 anos que permaneceu na Missão Evangélica de Luanda, foi Superintendente da Escola Dominical e Assessor de Pastores que passaram pela Igreja de Luanda.



1936, 11 de Julho Gaspar d'Almeida na Missão do Kyongwa, em companhia da Dona Elisa Klebsattel

1935, 13 De FEVEREIRO. Cerimónia do Casamento de Gaspar d'Almeida com Juliana Amaro de Almeida. São Anjos junto da noiva: Elisa João Pedro e Maria Olinda Amaro; do lado do noivo: Margarida Sebastião Gaspar e Angelina Miguel Alexandrina

ANOS DE 1935 a 1938

Fez o curso de Estudos Bíblicos na Escola Bíblica do Késwa – Malanji – onde foi ordenado DIÁCONO e PRESBÍTERO sob a imposição das mãos pelos Reverendíssimos Bispos Dom Eben S. Johnson e Dom John M. Springer, coadjuvados pelos respectivos Presbíteros presentes à cerimónia.

Em 13 de Fevereiro de 1935 casou-se com JULIANA ANTÓNIO AMARO com quem vive até aos nossos dias, sendo esta igualmente diplomada para o Ensino Primário Rudimentar em povoações rurais. Nesta qualidade, a Sra. D. Juliana Amaro de Almeida leccionou várias esposas dos então futuros pastores na arte de costura, bordados e culinária na Escola Bíblica do Késwa e no Seminário Emanuel do Dondi – Bela Vista – Wambu. Participou igualmente em muitas das comissões e Conferências da Igreja e em especial da Sociedade das Senhoras. Deste lar nasceram seis filhos, sendo, respectivamente: Jerónimo de Almeida; Loide Ana de Almeida; Maria Eugénia de Almeida; Lílina de Almeida (1948-1981); Generoso de Almeida; e Paulo de Almeida, para alegria dos pais e da sociedade em que vivem. Desta prole já nasceram netos e bisnetos.

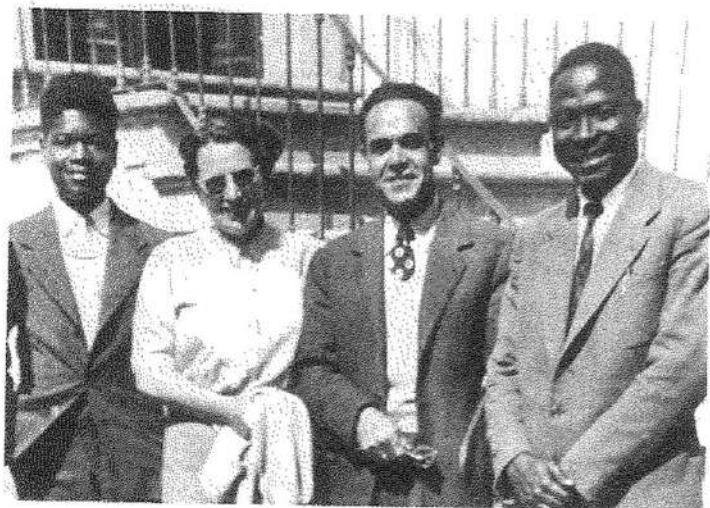
ANO DE 1952



1952, 5 de Outubro. Estando Gaspar d'Almeida ausente em Portugal em viagem de estudos de Teologia, a família em Luanda posa para a posteridade.

A título de gozo de férias, embarca para Lisboa em companhia do Professor Eduardo Jonatão Chingunji.

ANO DE 1953



1953 Lisboa. Em companhia de um Teólogo Espanhol e Esposa e ainda do Reverendo Jessé Chioko Chipenda, no Seminário Presbiteriano de Carcavelos, Lisboa, Portugal.

Aproveita a sua estadia em Portugal e matricula-se como aluno especial no Seminário Presbiteriano de Carcavelos, ao mesmo tempo que faz uma revisão, submete-se a exame e faz, com êxito, a Secção de Letras do 5º. Ano dos liceus no Liceu D. João de Castro em Lisboa.

Regressa a Luanda em Agosto onde é recebido em apoteose pela Juventude Metodista e em Outubro deste mesmo ano é transferido para a Missão Evangélica do Dondo.

ANO DE 1955



1936, 11 de Julho Gaspar d'Almeida na Missão do Kyongwa, em companhia da Dona Elisa Klebsattel

Aqui no Dondo dirige a construção do novo templo e escola, cuja inauguração coincide com a realização da Conferência Anual de Julho de 1955, numa cerimónia presidida pelo Reverendo Edgar Cooper, em substituição do Reverendíssimo Bispo Dom N. S. Booth que foi impedido de entrar em Angola pelas autoridades coloniais.

ANO DE 1957

1936, 11 de Julho Gaspar d'Almeida na Missão do Kyongwa, em companhia da Dona Elisa Klebsattel



É transferido para a Missão Evangélica do Késwa, onde fica a leccionar na Escola Bíblica.

ANO DE 1958



1958 A estudar documentos na varanda da sua residência na Missão Evangélica do Dondi

Em Setembro, foi transferido para o Seminário Emanuel Unido da Missão Evangélica do Dondi, onde ficou a exercer as funções de Professor.

ANO DE 1961

A famigerada PIDE/DGS prende-o em Novembro e levado do Dondi para a cadeia de S. Paulo, em Luanda.

ANO DE 1963

Em Outubro é posto em liberdade condicional, com a obrigação inicial de se apresentar à PIDE/DGS de dez em dez dias, prazo posteriormente dilatado para se apresentar de trinta em trinta dias. Este ciclo de apresentações durou DEZ anos.

Depois da sua soltura regressou ao Wambu ao encontro da família.

ANO DE 1965

É transferido da Missão do Dondi para a Missão do Késwa e aí nomeado para exercer as funções de Reitor da Escola Bíblica, pelo Reverendíssimo Bispo Dom H. Andressen.

Durante o seu consulado de Reitor, foi implementado um programa que contemplou o processo de reestruturação da Escola Bíblica com um aumento substancial do período curricular de vigência do curso pastoral, melhorado o respectivo currículo e abastecida a Biblioteca com diversa e abundante bibliografia proveniente do Brasil através da Junta Metodista dos EUA.

Ainda no seu consulado foi inaugurada a Escola de Ciência Doméstica destinada à preparação das esposas dos alunos da "Escola de Teologia", nome por que passou a designar-se a então Escola Bíblica. Esta Escola de Ciência Doméstica ficou sob a direcção das Senhoras D. Juliana de Almeida e D. Maria Ambrósio de Sousa e Santos, as quais, anualmente, organizavam e promoviam exposições em uma espécie de feira local onde apresentavam as mais variadas peças trabalhadas pelas suas alunas e que eram bastante apreciadas por milhares de visitantes vindos de vários pontos do distrito de Malanji.

ANO DE 1968

No seu consulado incentivou o ECUMENISMO. Pela primeira vez na História da Missão do Késwa, o Bispo Católico da Diocese de Malanji, anuindo ao seu convite e em companhia de alguns padres, freiras e alunos do Seminário de S. José de Malanji, participou de uma Reunião Ecuménica realizada a 25 de Fevereiro nas instalações da Missão Evangélica do Késwa.

Seguiram-se outras visitas de ilustres figuras e autoridades de Malanji, incluindo a do Governador do Distrito, a quem foi dado a conhecer a realidade dos trabalhos da Missão cujos resultados foram muito apreciados e louvados.

ANO DE 1969

Com a saída do Sr. Lloyd Shaad – único Missionário norte americano que tinha ficado no Késua – o Reverendíssimo Bispo Dom Andreasen nomeou Gaspar d'Almeida para o cargo de Director da Missão Evangélica do Késua acumulando com as funções de Reitor da Escola de Teologia.

ANO DE 1973

Regressa a Luanda onde é nomeado Director da Educação Religiosa pelo Reverendíssimo Bispo Dom Emílio Júlio Miguel de Carvalho.

ANO DE 1976

É jubilado depois de 51 anos de evangelização e professorado dedicados ao serviço de Deus e dos Povos de Angola.

PARTE II

OUTROS DADOS

1.-Durante toda a sua trajectória juntaram-se a Gaspar d'Almeida, tanto no trabalho, quanto na amizade forjada nos momentos difíceis e em momentos de felicidade muitos amigos de Angola e de muitas partes do mundo.

2.-Nos anos cinquenta teve a oportunidade de, para além de visitar Portugal, ter participado de várias Conferências, nomeadamente no antigo Kongo Belga (Kinshasa e Elisabethville); Rodésia do Sul (Zimbabwe); e Nigéria, onde aproveitou a oportunidade para trocar experiências com muitas individualidades, algumas das quais vieram a notabilizar-se na vida política, religiosa e sócio-económica daqueles países. Visitou posteriormente os Estados Unidos da América, Moçambique, África do Sul e a Alemanha por vários motivos profissionais.

3.-Escreveu: i) o livrete intitulado "SEMANA SANTA", um opúsculo utilizado por muitos crentes evangélicos de língua colonial portuguesa; ii) "O DIÁRIO DUMA VIAGEM"; iii) o livro de contos intitulado "MUTU KENÉ MATWY"; iv) todos os artigos publicados no Jornal "O ESTANDARTE" estão condensados em Livro único e intitulado "DESPERTA...Ó AFRICA! - EVANGELIZEMOS A ÁFRICA E TODAS AS COISAS NOS SERÃO ACRESCENTADAS"; para além de outros escritos que se encontram dispersos.

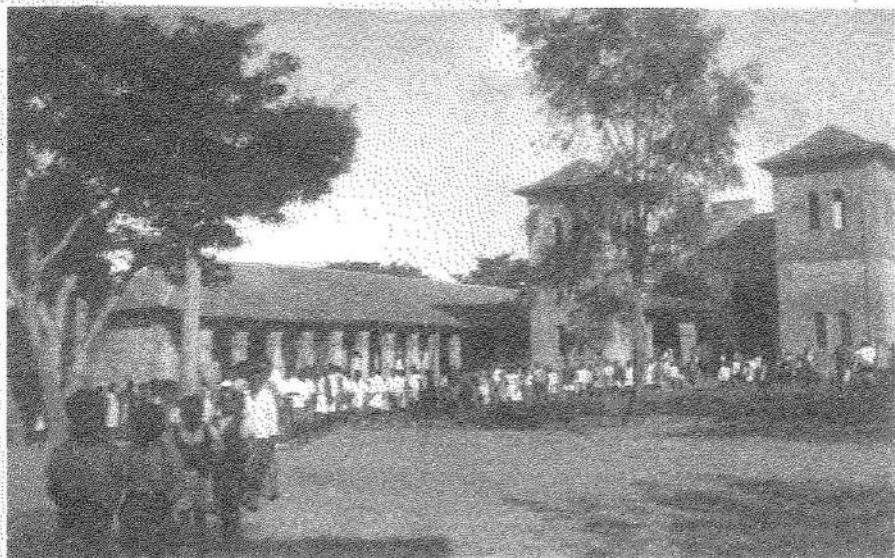
4.-A convite do Presidente Dr. António Agostinho Neto, primeiro Presidente da República de Angola, foi nomeado DOCUMENTALISTA Adjunto do Centro de Documentação do Gabinete do Presidente da República, tendo prestado aí 16 anos de serviço e de intensa actividade intelectual.

5.-O Governo Provincial de Luanda condecorou-o durante as festividades da Cidade de Luanda do ano de 2001.

6.-Por ocasião do seu nonagésimo quinto aniversário natalício (festejado em 2002) e em gesto de reconhecimento por tudo quanto fez, a Igreja Metodista soube reconhecer o mérito do seu trabalho, agraciando-o com um Culto de louvor e de Acção de Graças, realizada na Igreja Metodista Unida Central.

NOTA: Esta é apenas uma súmula do muito que há para escrever sobre a figura, estatura e a obra do Reverendo Gaspar d'Almeida.

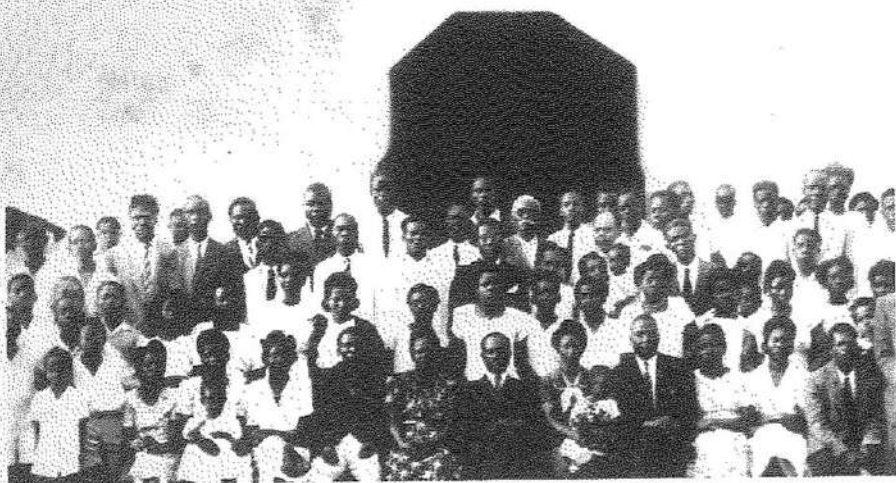
Da década de 1940 a 1949



1943. Missão Evangélica do Dondi. Os imponentes edifícios cheios de alunos

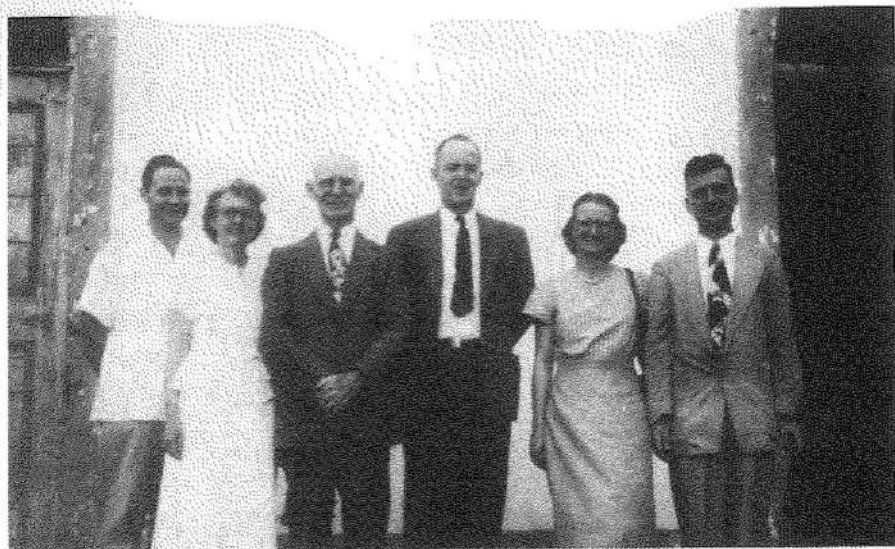


1943. Missão Evangélica do Dondi. Os imponentes edifícios cheios de alunos.



1949 Com a Comunidade Metodista frente à Igreja Central.

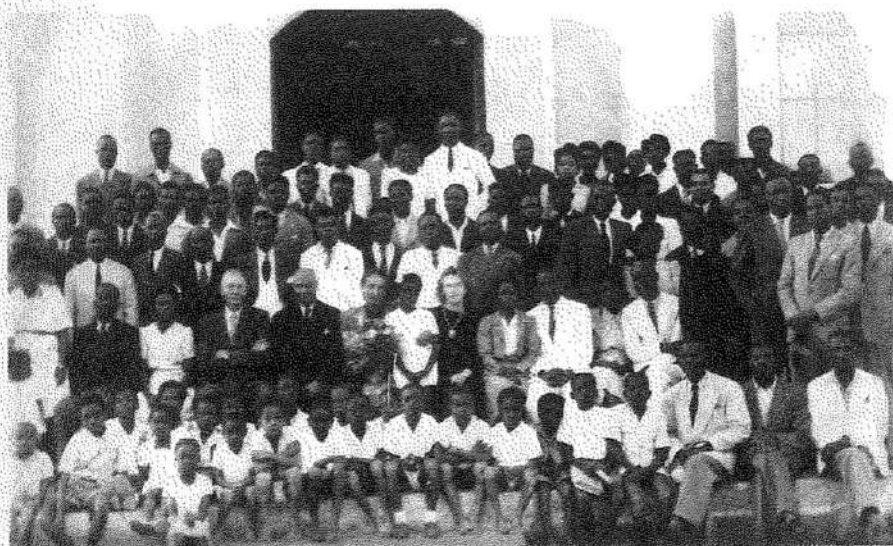
Da década de 1950 a 1959



1950. Lwuanda. A Família Laubach, formuladora da máxima “Cada um ensina um e ganha um”, hipótese pioneira da erradicação do analfabetismo visita Angola.



1951. Lwuanda. Um grupo de senhoras de entre as quais Rosa da Silva, Maria Miguel, Rebeca, Júlia Romano, trazem o melhor que puderam colher á residência do Reverendo Gaspar d'Almeida.



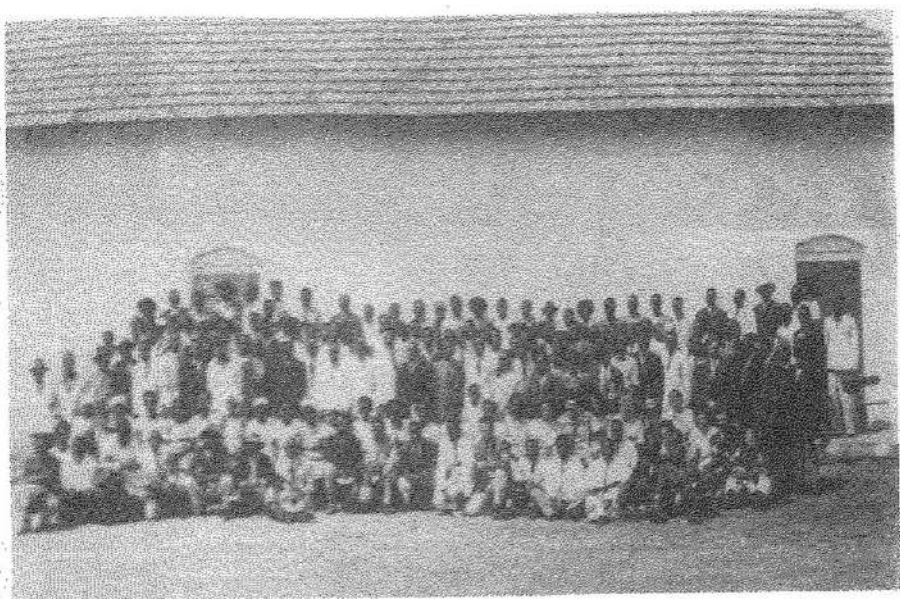
1952. Em companhia do 1º Bispo Metodista negro dos EUA em visita a Angola. Igreja Central Metodista de Lwuanda.



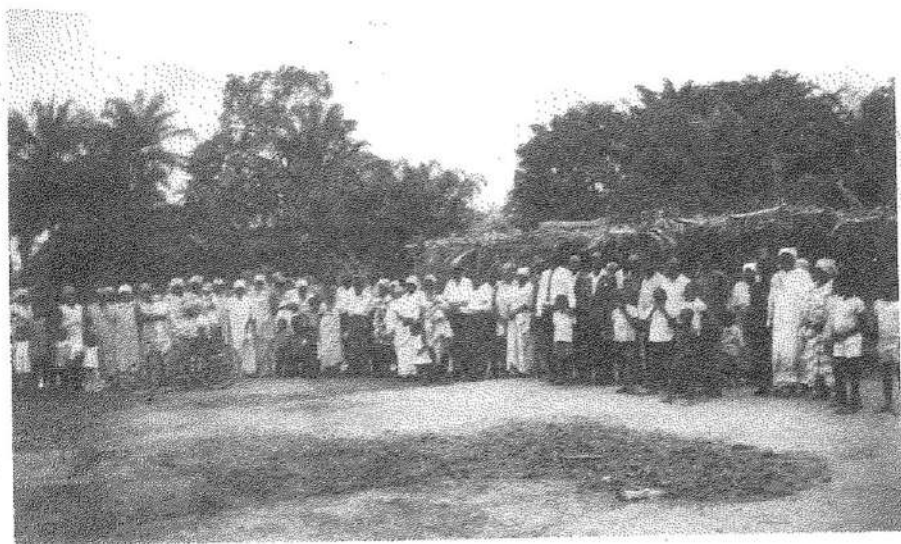
1953. Isabel Dulce, filha de Adriano Sebastião e Hermengarda Paulo de Almeida, no dia do seu Baptismo na Igreja Metodista Central.



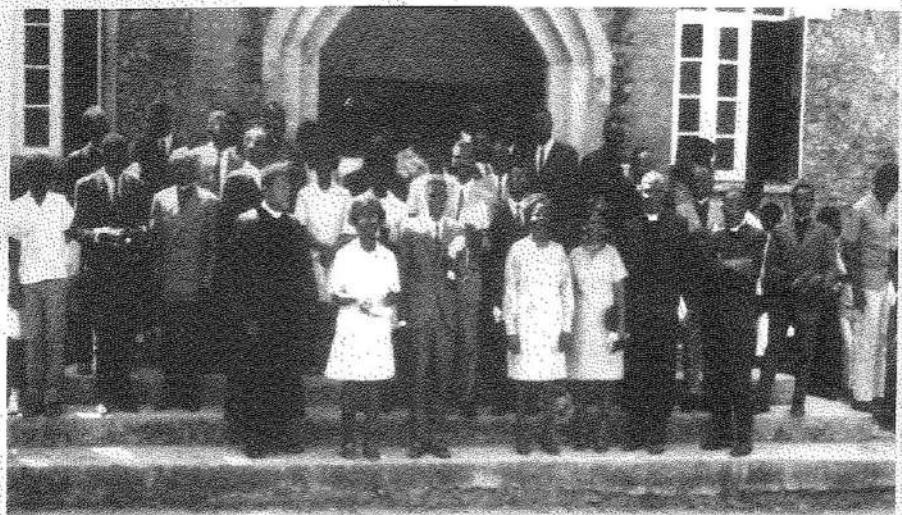
1954-1957. Igreja Metodista construída durante o consulado de Gaspar de Almeida na vila do Dondo onde exerceu as funções de Pastor Evangélico.



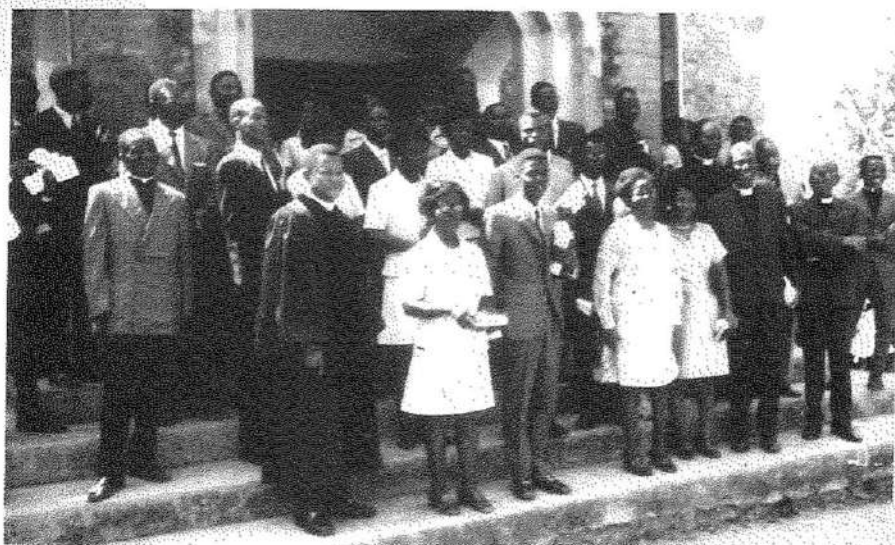
1956 Dondo. Conferência Anual.



1956 Dondo. Conferência Anual.



1957 - 1958 Késua, Malanji, Conferência da Igreja Metodista Unida.



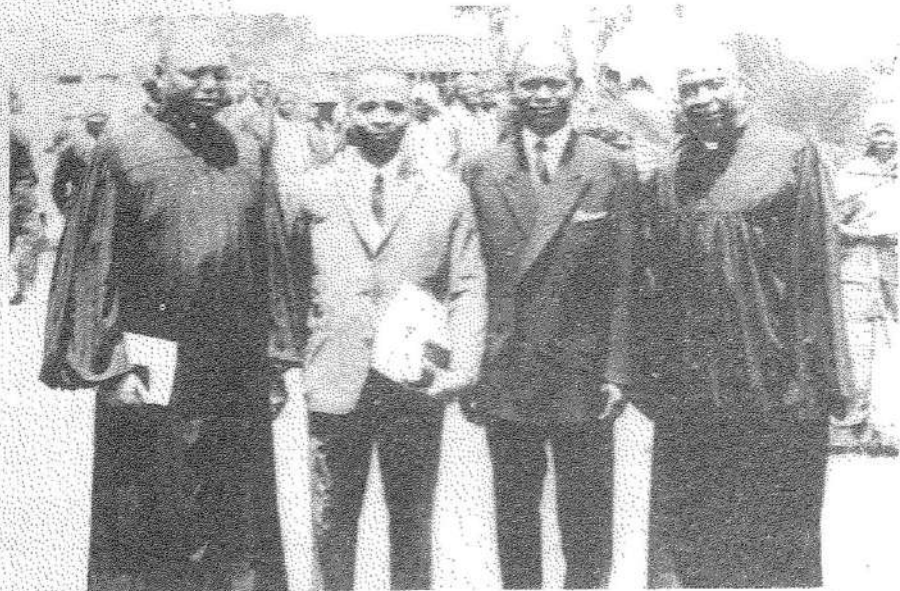
1957 - 1958 Késua, Malanji, Conferência da Igreja Metodista Unida.



1958. Com a esposa, na Missão Evangélica do Késua.



1958. Missão Evangélica do Késua. Família Schaael



1958. Missão Evangélica do Késua. Gaspar d'Almeida e seus colegas Reverendos Paulo Nicolau Ferreira, Tavares, e Brito.

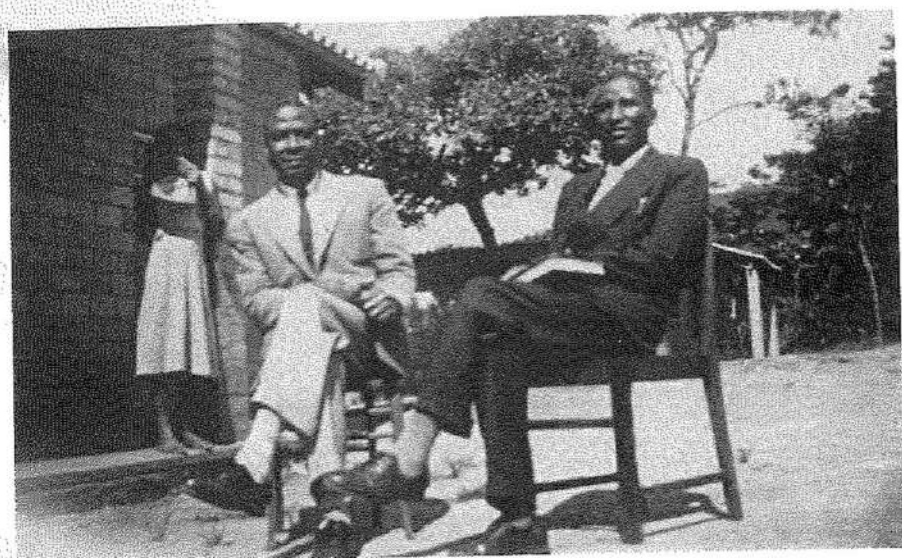


1958. Seminário de Carcavelos. Portugal. Um grupo de estudantes Metodistas, onde se destaca a Loyde Ana, filha primogénita de Gaspar d'Almeida.



1959. Loyde Ana na Alemanha

Da década de 1960 a 1969



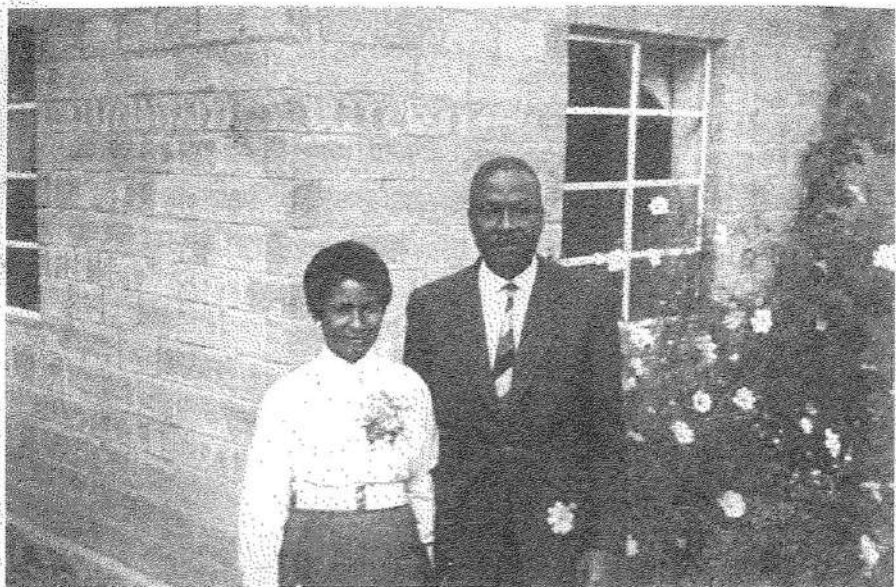
1960. Na Missão Evangélica do Dondi (Seminário Emanuel) com o Reverendo Frederico Musili



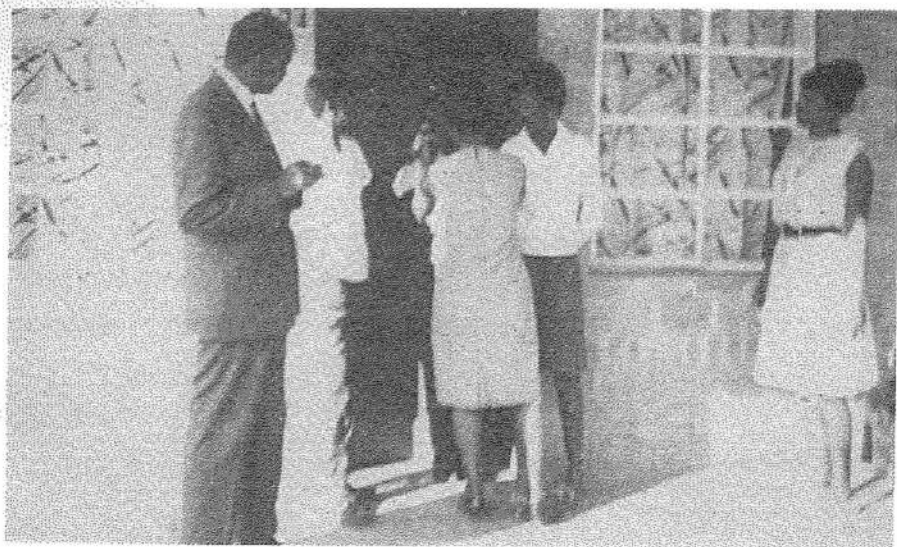
1960-1965 Dondi escola Means. Meninas aprendendo a engomar roupa sob direcção da Professora Dona Juliana de Almeida.



1960-1965. Seminário Unido do Dondi. Curso de Ciência Doméstica. Esposas dos Seminaristas. Vêem - se as Professoras D. Juliana de Almeida, Dona Dille de entre outras.



1960, Mês de Fevereiro: Missão do Dondi. Bodas de Prata.



1960. Dondi. Na sua residência com os filhos



1964. 19 de Abril. Dondi. Gaspar d'Almeida dissertando sobre o tema "A mordomia Cristã", perante um grupo de alunos do Instituto Currie.



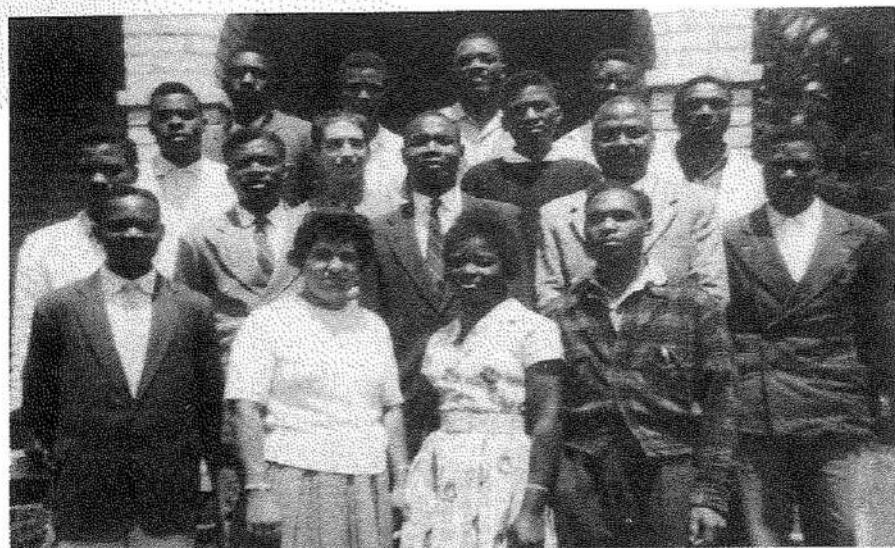
1964 Missão Evangélica do Dondi. Roda de Amizade "O Senhor te Abençoe e te Guarde"



1960. Lisboa, Alameda das Linhas das Torres n.º 22. Um grupo de estudantes Bolsceiros da Igreja Metodista.

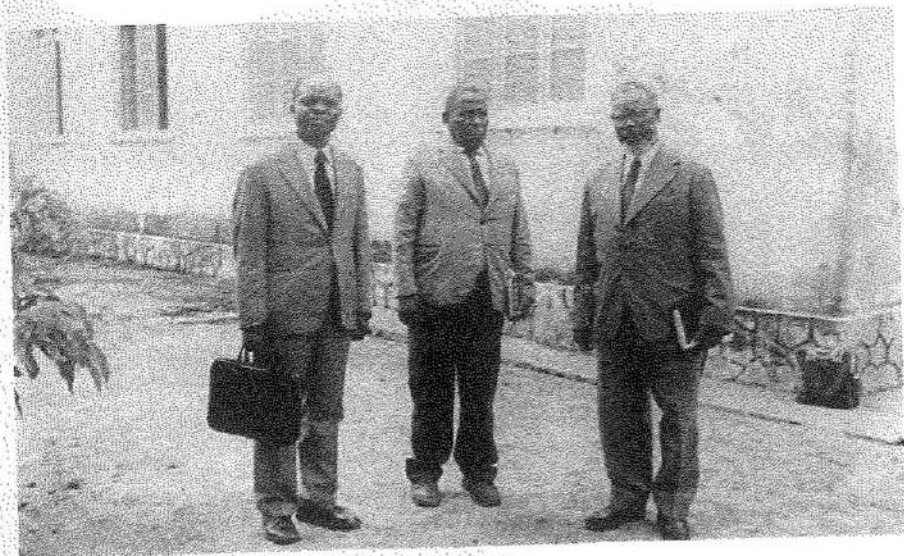


1964 Missão Evangélica da Bela Vista. Wambu. Famílias do Reverendo Gaspar d'Almeida e do Reverendo Eduardo Daniel. O Norte e o Sul juntam-se no Amor de Cristo.



1964 Missão Evangélica do Dondi. Imagem ilustrando que a Igreja de Cristo em Angola está unida do Norte a Sul e do Leste ao Oeste, através da Aliança Evangélica, Congresso da Juventude, o Jornal "O Estandarte" e o Seminário Unido (Emanuel)

Da década de 1970 a 1979



1974, Lwuanda, Igreja Metodista Central. Reverendos Teodoro Webba, André Dias e Domingos da Silva, Pioneiros do Metodismo em Angola.



1976 Anciãos de Kalomboloca, Terra Natal de Gaspar d'Almeida



1977, Setembro. Lwuanda, Igreja Metodista Central. O Reverendo Dr. LE MASTER, então Director do Colégio Secundário do Késua regressa a Angola ao fim de 30 anos de ausência e visita a Igreja Central.



1977, 27 de Julho. Lwuanda, Igreja Metodista Central. Culto de Acção de Graças no 70º Aniversário natalício de Gaspar d'Almeida

Da década de 1980 a 1989



1980 Festa do 73 ° Aniversário Natalício



1980. Gaspar de Almeida deixa-se fotografar com Anciãos locais, diante da Igreja Metodista de Kalomboloka, Ikolo e Mbengu, Katete, sua Terra Natal



1985, 13 de Fevereiro. Lwuanda, Igreja Metodista Central. Culto de Acção de Graças no 50º Aniversário de Casamento (Bodas de Ouro) do casal Gaspar d'Almeida



1989, 27 de Julho com parte da sua Família na sua residência do Bairro do Saneamento em Lwuanda.



1981, Julho. Na África do Sul, com um grupo de amigos e vizinhos

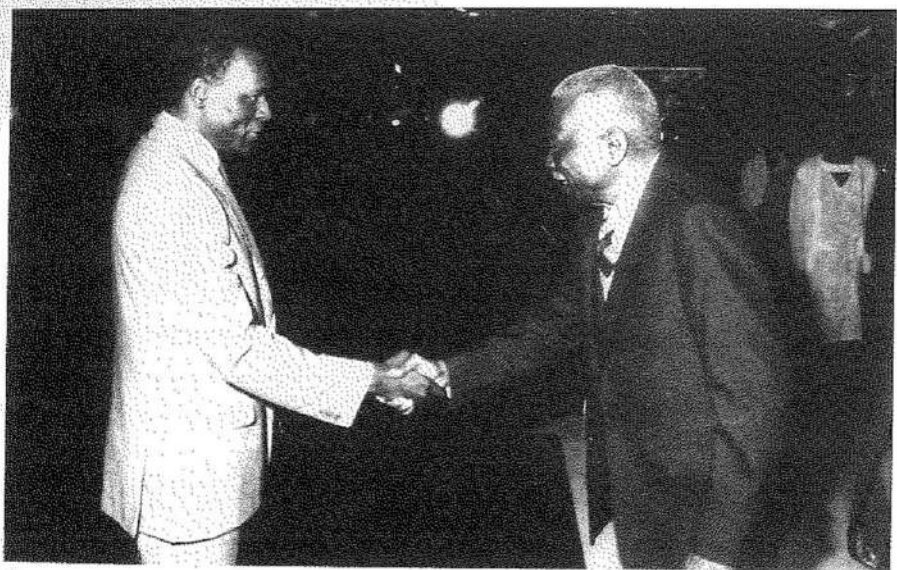


1981 Na sua residência no bairro do Saneamento em Lwanda

Da década de 1990 a 1999



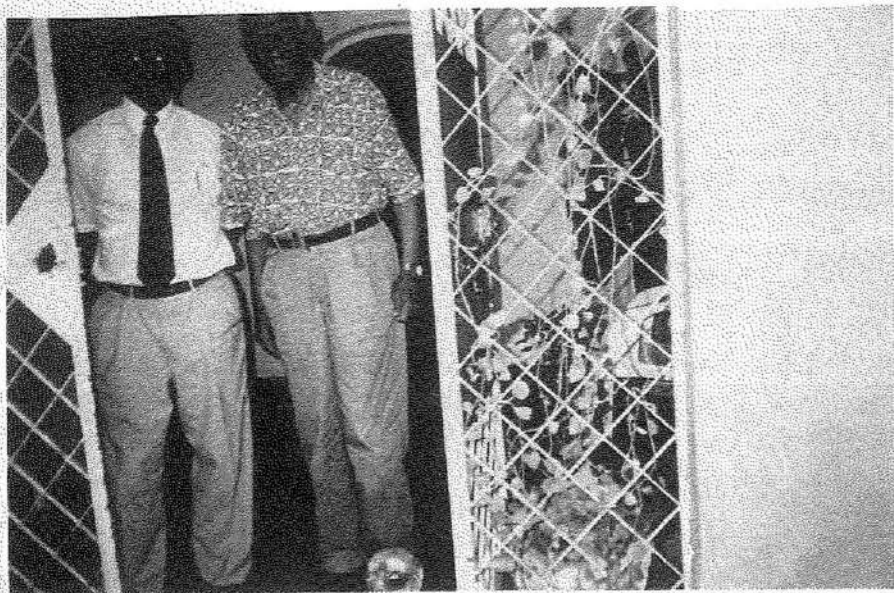
1993 Com a sua Família na Quinta "Verner", Filadélfia, Estados Unidos da América



1996, 27 de Julho. Sua Excelência Eng.º José Eduardo dos Santos Presidente da República de Angola, saúda Gaspar d'Almeida no 89º Aniversário natalício



1996. Lwuanda. Casal Gaspar d'Almeida na sua residência no Bairro do Saneamento



1999, 10 de Dezembro. Com o seu filho primogénito Jerónimo de Almeida, na residência do Bairro Saneamento.



1999. Lwuanda. Com a esposa Dona Juliana de Almeida no átrio da Igreja Metodista Central

Da década de 2000 a 2009 (até Julho de 2007)



2001 Acto de condecoração, pelo Governador da Província de Luanda, no Parque da Liberdade



2004. Lwuanda na festa do 60º aniversário da Maria Mambu Café



O casal, na sessão de abertura do 1º Congresso da Mudança da Igreja Tocoísta



13.FEV.2005. Festa do 70º aniversário de casamento, podendo ver-se, na cadeira de rodas, a Senhora D. Maria da Glória Neto, madrinha de casamento do casal Gaspar de Almeida.



2004.Lwuanda, Igreja Metodista Central. Recebe das mãos da sua filha primogénita Loyde Ana, o galardão de Mérito como prémio do esforço despendido na veste de Fundador e Director do Jornal "O Estandarte" desde a data da fundação deste Jornal (1933).

chicoação

Editorial e Texto de
Homenagem Póstuma
Escrevinhados para o Jornal
“O Estandarte” dedicado ao
Centenário Natalício de
Gaspar d’Almeida

Lwuanda, 07 de Agosto de 2007 – Terça-feira

Editorial para “O Estandarte”

Um punhado de herdeiros dos pioneiros do Jornalismo Evangélico Angolense, no caso, os cristãos da Igreja Metodista Unida de Angola resolveu arregaçar as mangas e deitar mãos à obra, decididos a fazer ressurgir, com publicação regular, o Jornal “O ESTANDARTE” fundado por Gaspar d’Almeida e seus pares: Sebastião Gaspar Domingos, João Sebastião Rodrigues e António Victor de Carvalho naquele cada vez mais longínquo Ano da Graça de 1933.

O nº1 de “O ESTANDARTE” saiu justamente no dia 01 de DEZEMBRO de 1933 e o último, depois de longos, penosos e sucessivos períodos de interrupção veio a lume no mês de SETEMBRO de 1977 em forma ciclosticada. Seguiu-se-lhe um interregno que se transformou num silêncio dir-se-ia sepulcral até aos nossos dias, no decurso do qual o seu Fundador, Gaspar d’Almeida acabou por dizer adeus ao Mundo em Julho deste ano de 2007 sem nada ter podido fazer para mobilizar vontades mais novas a fim de voltar a editá-lo, dada a sua avançada idade.

Todo o processo da fundação, da publicação e da manutenção de “O ESTANDARTE” conforma uma invejável trajectória que traduz um conjunto de passos do mais puro e interventivo jornalismo angolense que os escrevinhadores cristãos metodistas trilhaream desde décadas atrás, no decurso das quais e ao longo dos tempos eles puderam resistir a todas as provações, provocações e intempéries por que um periódico do caris deste tem, óbvia e necessariamente de passar, se se tiver em conta os propósitos da sua fundação, a sua linha editorial e redactorial, o corpo que sempre compôs a prole de escrevinhadores e as comunidades a quem se destina: um autêntico Jornal de pretos, para pretos e pelos pretos, num espaço e tempo em que os ferretes coloniais do indigenato, do escárnio, da escravatura, da coisificação pura e simples do preto, tido como ser abjecto e sem história nem passado de pessoa jurídica e com dignidade, atingiam o auge.

Com efeito, ao tomarem a corajosa decisão de revitalizar e fazer ressurgir o Jornal Evangélico “O ESTANDARTE” e, desta forma, manter viva a chama de 1933, o punhado de herdeiros dos pioneiros do jornalismo evangélico puramente mwangoléé propõem-se levar a cabo uma tarefa que vai exigir deles um esforço diluviano, estado de graça permanente e uma paciência cristã no seu quotidiano.

Efectivamente, não é de forma alguma tarefa fácil – (e aqui estamos fazendo uma afirmação peremptória por, modéstia à parte, conhecermos com alguma profundidade os ossos do ofício de escrevinhar, fazer e editar periódico escrito) – fazer jornal, muito menos manter regularmente a publicação de um periódico do cariz editorial, redactorial

e jornalístico de matérias marcadamente evangélicas e evangelizadoras num espaço e num tempo de espaço e tempo deste tempo em que, com a gula abocanhista do materialismo globalizacionista, a mídia de hoje tudo faz para subverter os homens que ocupam os vários espaços territoriais do Planeta e injecta, sem cessar, uma informação falada, escrita, televisiva e de Internet cada vez mais virada para o consumismo, para satisfazer os prazeres da carne e fazer esquecer ou relegar para plano secundário as necessidades humanas do espírito e onde, em consequência, os ensinamentos de Jesus encontram, cada vez mais, pouco espaço no íntimo das pessoas que conformam as comunidades que compõem as sociedades do nosso tempo.

A este propósito seja-nos permitido questionar sobre com que disposição interior vão poder, os mwadyés e jovens angolenses de hoje, receber a Mensagem de "O ESTANDARTE", tão ávidos de obtenção de riqueza, exibição bufunfista e esbanjamento a qualquer preço, se os escrevinhadores que aceitaram o desafio de integrar a redacção pretendem manter o perfil editorial e redactorial de "O ESTANDARTE" d'antanho.

Então, aqui fica a pergunta-desafio: o Jornal "O ESTANDARTE" de agora em diante vai manter a linha editorial e redactorial eminentemente evangelista dos seus fundadores, ou vai virar mbora pasquim de meia tigela para consumo carnal daqueles que, dia e noite andam com a Bíblia no sovaco, batem com a palma da mão direita na peitaça diante da Cruz e dizem seguir Cristo, mas com a mão esquerda e em simultâneo batem com a palma da mão esquerda nas costas dando vivas ao demónio, às coisas carnavais, ao ódio, à inveja, à montagem de kizangu contra irmãos?

Não sendo publicação de jornalismo manifestamente político, desportivo, recreativo e ou científico, "O ESTANDARTE" vai, pela certa, procurar, por todos os meios, trilhar o Caminho de Pregoeiro do Evangelho de Cristo junto das comunidades angolenses de todos os quadrantes, ou seja, continuar a ser uma LUZ vinda do ALTO que nada mais pretende senão "iluminar bem o íntimo dos leitores e de cada um", tal como no-lo ensina o Hino, em língua Angolense Kimbundu, que o Fundador deste Jornal, GASPAS D'ALMEIDA, gostava de cantar e cantarolar: "MUIKA KIAMBOTE HOTA IÉ".

Bem haja...oh valentes continuadores de Gaspar d'Almeida!

Lwuanda, 07 de Agosto de 2007

chicoadão

Requiem a Gaspar d'Almeida

Por: chicoadão

TRANSLADADO PARA JERUSALÉM EXCELSA...
O REV^o GASPAS D'ALMEIDA!

"Eu sou a Ressurreição e a vida. Quem acredita em Mim, ainda que tenha Morrido, viverá; e todo aquele que vive e acredita em Mim, nunca morrerá." João 11, 1-45

O tempo da QUARESMA começa com as solenidades cristãs universalmente aceites como sendo da Quarta-feira das Cinzas e termina com a celebração da Quinta-feira Santa.

Naquele tempo, conscientes da importância que a Páscoa tinha para a sua vida, os cristãos desde os tempos apostólicos começaram a celebrá-la e bem cedo também a reservar um tempo de preparação para a celebração do Mistério Pascal.

A QUARESMA é, portanto, um período de quarenta e dias de preparação para a Páscoa — a maior das solenidades — pois actualiza o Acontecimento Culminante da História da Salvação. Os cristãos que haviam já ressuscitado com Cristo da morte do pecado para a vida do Espírito esforçavam-se por fazer uma séria revisão da sua vida cristã, morrendo mais profundamente para o mal, consolidando a sua perfeição de Baptizados, crescendo na vida divina de modo a participarem mais intensa e vitalmente no Mistério Pascal da Morte e Ressurreição do Senhor. Era durante este denominado *"tempo aceitável, tempo da salvação"* que os adultos que haviam encontrado Cristo se vinham iniciando ao longo de três ou quatro anos no Ministério de Cristo.

A Fé Cristã é uma iniciativa de Deus que, através dela, Ele se dá a conhecer aos homens na Revelação e os introduz na Sua própria vida. A Fé Cristã é, pois, da parte do homem: i) acolhimento; ii) conversão; e iii) adesão. Acolhimento e adesão à Palavra Revelada, em toda a plenitude e com todas as consequências daí subjacentes, ou seja: *ou tudo...ou nada!*

O Pai Celestial a todos quer fazer entrar no Seu Reino, sem, contudo, transigir com o mal e com a divisão. "Ou o Deus de Abraão, Isaac e Jacob, ou os deuses dos povos vizinhos".

Disse Jesus: *"Eu sou o caminho, a verdade e a vida, disse o Senhor. Ninguém vai ao Pai senão por Mim"* Jo. 14, 6

A verdadeira conversão traduz-se numa mudança profunda da alma. Mas deve exprimir-se também exteriormente, através de actos que mostrem a nossa disposição sincera de aderirmos à vontade paterna de Deus, manifestada nos seus mandamentos.

Assim e seguindo os passos da Epístola de S. Paulo aos Colossenses (3, 3-5; 9-11), **Gaspar d'Almeida** viveu toda uma vida Quaresmal e Pascal, ou seja, de Homem Ressuscitado com Cristo depois de receber o Baptismo, pois ele só aspirou às coisas do Alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Durante os CEM ANOS de vida cheia de Graça, ele afeiçoou-se as coisas do Alto e não às coisas da Terra, porque teve uma vida escondida com Cristo em Deus. Jesus Cristo que é Vida dos homens manifestou-se nele. Por isso ele se manifestou com Ele na glória de Deus Pai.

Gaspar d'Almeida soldado do Exército de Cristo fez morrer tudo o que nele era terreno, como seja: i) a imoralidade; ii) a impureza; iii) as paixões; iv) os maus desejos; e v) a avareza que é uma diluviana idolatria. Viveu uma vida evitando a mentira porque cedo despojou-se do homem velho cheio de ódio e rancor e cedo fez-se revestir do Homem Novo, tendo, para tanto, feito reiterada e constante renovação à imagem do seu Criador para poder alcançar, como indiscutivelmente alcançou, a verdadeira ciência. Durante toda a longa, penosa, mas triunfante marcha por este mundo de pecado, ele assumiu Cristo acima de tudo e de todas as coisas.

Seguindo à risca os ensinamentos de S. Paulo aos Efésios (4,17. 20-24), **Gaspar d'Almeida** soube, com toda a pureza *"Revestir-se do homem novo criado à Imagem de Deus"* pois a autenticidade da sua vida cristã tornou-o em um Homem que se deixou constantemente guiar nos Passos de Jesus e a partir daí renovar pela transformação espiritual a sua inteligência e revestir-se do Homem Novo criado à imagem de Deus na verdadeira Justiça e Santidade.

Com efeito, **Gaspar d'Almeida** abandonou, de uma vez por todas, o antigo modo de viver trazido do seio da sua família e abraçar o Evangelho, tal como ele próprio diz, a plenos pulmões, no artigo intitulado *"O seu erro era também o meu, Leitor"* que escreveu, em Fevereiro de 1934, para o Jornal "O ESTANDARTE" n.ºs. 4 e 5 ANO I, dos meses de Março e Abril de 1934, p.1 e 3 respectivamente: *"Coberto de um espesso véu de ignorância, o meu lema, na infância, era o de seguir a religião dos meus pais, única que considerei legítima por pertencer àqueles que me deram o ser e a mais pessoas da corrente social. Foi sempre o meu erro que continua a ser o de muitos, desde longa data até hoje...o crédito à idolatria e à feitiçaria não está só arquivado nas almas dos ineptos como também nas daqueles cuja aparência e características da civilização recusa-lhes esta insânia. Porém, esta tradição fútil que até hoje domina mormente os povos afrikanos, a sua acção representa a estagnação das nossas ideias e a falta de pôr em exercício o dom que Deus dispensou-nos que é o raciocínio...Leitor, se tens o claro conhecimento das Santas Escrituras, escuta o que disse o Senhor Jesus: "Pedi e dar-se-vos-á; buscai e encontrareis; batei e abrir-se-vos-á" (S. Mateus 7-7). Fazei estas petições ao Senhor com todo o cora-*

ção sem lisonja, nem orgulho, mas com toda a humildade e, sem dúvida, Ele vos atenderá."

Renovado em Cristo Jesus, **Gaspar d'Almeida** soube, de forma ímpar, dar testemunho de uma autêntica vida cristã, na procura incessante da justiça, da verdade, da santidade e no anúncio do mesmo Jesus Cristo.

Gaspar d'Almeida soube, de forma indelével, pregar o Evangelho de Cristo e legar para a posteridade os Textos Angélicos que desde 1933 escreveu para "**O ESTANDARTE**", um Jornal Evangélico que ele fundou com o propósito de levar a Palavra de Deus e os ensinamentos de Jesus Cristo a todos os lares angolenses. Pela via deste Jornal ele ensina-nos que o Homem, tomando consciência da sua pequenez na infinidade cósmica do mundo sente-se caminhar para o desconhecido. Mas o cristão vivendo a Fé e confiante na promessa de Deus avança com dignidade para a Ressurreição. Ensina-nos ainda que pela Fé o homem sente Deus a seu lado, no trabalho, no recreio, na tristeza, na vida. "*Sem Mim nada podeis fazer*". O seu legado escrito ensina-nos ainda que a Fé, embora não isente o cristão das dificuldades do dia-a-dia, todavia transmite-lhe diluviana esperança na vitória do bem sobre o mal, do amor sobre o ódio, da vida sobre a morte. E foi esta abundante confiança radicada na sua Fé inquebrantável, que o levou a uma maior fidelidade à vontade do Senhor e viver a vida de total entrega às coisas de Deus com a qual morreu na esperança da Ressurreição na próxima vinda triunfal de Jesus.

Sendo a Fé Cristã, por si só, uma esperança ilimitada, **Gaspar d'Almeida**, na veste de Criatura Espiritual viveu da Fé e através dela caminhou no desconhecido como estando na posse do invisível. A sua vida cristã e a sua actividade apostólica, mais do que simples meios exclusivamente humanos – a generosidade e a necessidade de acção – firmaram-se na Fé. Destarte, como Homem Comum e na veste de Criatura Material ele esteve inserido na Comunidade Humana e usufruiu de um conjunto de direitos e de deveres a que não pôde furtar-se. Sendo espiritualmente filho e imagem do próprio Deus, ele foi, entre as criaturas (espiritual e material) do seu tempo, aquele que do mais digno pôde ser encontrado. Acreditou piamente que todos são indistintamente "*chamados à salvação*" e por isso fundou o Jornal "**O Estandarte**", através do qual ele procurou levar o anúncio do Evangelho a todos, gesto que pressupõe, da parte do cristão que foi, um compromisso inadiável com a vida dos membros da comunidade e correr o risco de uma escolha – "*Por Mim, ou contra Mim*" e "*o que fazes ao mais pequeno dos teus irmãos é a Mim que o fazes*", seja no campo material, seja no campo espiritual. Aliás, um sem o outro são irrealizáveis, já que é um todo único e invisível.

Com efeito, os seus escritos, são textos angélicos e evangélicos que, de forma pioneira, paciente, ininterrupta e sacramental **Gaspar d'Almeida** escreveu para o Jornal Evangélico "**O ESTANDARTE**" da Igreja Evangélica Metodista de Angola, no período que vai de 1933 a 1977 e constituem um verdadeiro grito lancinante que o Autor, a plenos pulmões e com voz forte lança a todos os povos de Angola em particular e da

Áfrika em geral, no sentido de procurarem e encontrarem os meios que conduzam à sua SALVAÇÃO e LIBERTAÇÃO.

Os textos angélicos de **Gaspar d'Almeida** que os distintos leitores vão saborear na colectânea que brevemente estará ao vosso dispor são um autêntico Hino de Louvor a Deus e de incitamento à SALVAÇÃO e à LIBERTAÇÃO espiritual, material, política, social, económica, conheçimental, linguística, escolar de todos os povos pagãos, analfabetos, colonizados, ignorantes, pobres, e neocolonizados do Planeta, pois o Autor usa o dom do Espírito Santo de que foi dotado em abundância para, em seus textos angélicos, insuflar na mente dos crentes e não crentes os ideais da Salvação, da Libertação do flagelo da miséria analfabetista que ainda grassa por consideráveis povos de partes do nosso Planeta em virtude da qual esses povos vivem ainda no paganismo, na ignorância, no obscurantismo, na cegueira, na pobreza espiritual e material extrema. Povo analfabeto não tem como deixar de ser eternamente pobre. Só a Escola erradica a pobreza.

Gaspar d'Almeida faz valer os seus pontos de vista assente em bases bíblicas da doutrina Cristã, tão sólidas quanto eternas que, com sabedoria, mestria invulgar e fé inquebrantável em Jesus Cristo, ele vai buscar às Sagradas Escrituras e delas faz estudo comparativo com a vida mundana em que o Homem pecador insiste em viver, mesmo já depois de salvo do Pecado com a morte no madeiro do Filho Unigénito de Deus.

Gaspar d'Almeida não formula nenhuma hipótese de cada um poder viver no Caminho e de acordo com a vontade do Pai Celeste assente em ditos e mexericos de formulações teóricas de hipóteses filosóficas platonistas ou kantianas. Não. Tudo o que expõe como meio susceptível de conduzir à Salvação e Libertação do Homem, vai buscá-lo às Sagradas Escrituras e ao maravilhoso e ímpar exemplo de Jesus Cristo. Por isso exorta os estadistas de Nações com povos da sua própria raça ainda naquele analfabeto estado social e espiritual calamitoso e sobretudo deste Continente, a virar os seus olhos para Deus, buscar e estender o Seu Reino a toda a África negra para que todas as coisas lhe sejam acrescentadas.

Gaspar d'Almeida legou à Humanidade Textos Evangélicos que configuram: "BOAS NOVAS DA SALVAÇÃO", "TESTEMUNHO CRISTÃO" e por que razão não afirmá-lo, um seguro e verdadeiro "TESTAMENTO EVANGÉLICO" que espelha, de forma inequívoca, o saber andar de UM SOLDADO DE CRISTO que, desde menino soube marcar e de forma indelével como caminhar para CRISTO.

Compilados em Livro que **Gaspar d'Almeida** pelo seu próprio punho intitulou "DESPERTA...OH ÁFRIKA - EVANGELIZEMOS A ÁFRIKA E TODAS AS COISAS NOS SERÃO ACRESMENTADAS", esta colectânea, como acima ficou dito, estará em breve à disposição dos fiéis da Igreja Cristã em particular e do público em geral.

De uma pena brilhante qual diamante, **Gaspar d'Almeida** leva-nos, com os Textos que conformam a referida colectânea, a encontrar os verdadeiros caminhos por que o HOMEM PECADOR deve marchar para encontrar Cristo, encontrar-se a si mesmo

e amar o seu semelhante, num mundo diluvianamente inundado de ódio, de inveja, de prazer pelas coisas carnis. Dele aprendemos neste Livro que *“pensar e realizar são duas palavras que harmoniosamente se completam e qualquer desacordo de entre elas só redundará em fracasso e frustração”*, tal como ele nos ensina nos n.ºs 283 e 284, de “O ESTANDARTE” dos meses de Novembro e Dezembro de 1960.

Se, por um lado, deslumbra a qualquer leitor atento a forma aristocrática e fina como Gaspar d’Almeida trata e escreve a língua de Luiz Vaz de Camões, por outro lado extraordinária e inigualável é a forma científica com que aborda os vários temas que conformam os seus textos, cujo leque abrange um variadíssimo mundo do Conhecimento. São textos de conteúdo temático ligado a vários ramos do Conhecimento que, pela certa, irão merecer estudos interessantes de pesquisadores tanto de Teologia quanto dos ramos científicos de humanidades: Etnografia, História, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Direito, Economia, Ciência Política, Etnologia, Linguística, Semiótica, assim como da Arte de Filosofia.

Quando os estimados leitores acabarem de saborear o já referido Livro poderão ter ideias mais realistas e cada um formular as suas hipóteses sobre a estrutura, a estrutura e a espacial e temporal dimensão moral, ética, espiritual, política, histórica, sociológica, didáctico-pedagógica, antropológica, jurídica, psicológica, teológica, linguística, humanista, do seu Autor.

Dai animar-nos a certeza de acordo com a qual logo que este Livro chegue às mãos e seja mastigado saborosamente pelos distintos e ilustres membros e dirigentes tanto do Conselho Mundial das Igrejas Cristãs quanto dos Conselhos das Igrejas Cristãs de Estados afrikanos e, se os seus textos forem vistos, tidos e analisados à escala e dimensão temporal em que eles foram escritos, situando o seu Autor no tempo e espaço coloniais e de brutal repressão então vigentes, certamente que não tardará este Livro ser mandado traduzir para as várias línguas coloniais ainda a servir de língua oficial de todos os Estados afrikanos não arabizados – inglês, francês, português e espanhol – para poderem ser saboreados pelas actuais e futuras gerações e servirem de fonte inesgotável e permanente de estudos sociais e de pesquisa científica de várias Instituições Universitárias e de Academias de Letras e de Ciências, as quais tardam a chegar à África negra apesar dos já milhares de académicos afrikanos de raça negra existentes no nosso Continente e na diáspora.

Em termos domésticos, não nos restam quaisquer dúvidas sobre os efeitos maravilhosos que este Livro vai poder provocar no seio tanto dos crentes das Igrejas que conformam o Conselho das Igrejas Cristãs de Angola (CICA) quanto no seio dos não crentes que ganharem a coragem de o ler. É nossa firme convicção de que, mais tarde ou mais cedo, as Igrejas Cristãs de Angola congregadas no CICA venham a traduzir para as línguas nacionais este livro para a formação dos seus evangelistas, alimentação espiritual dos seus fiéis e evangelização dos povos que pastoreiam.

O referido Livro poderá vir a ser como que um TESTEMUNHO EVANGÉ-

LICO, ou, se quiserem, como que o TESTAMENTO que um SOLDADO CRISTÃO lega ou deixa num campo de batalha onde caminham os crentes e deambulam os hereges, estes sedentos de praticar toda a sorte e espécie de brutalidade contra o seu semelhante. A este respeito pomos mesmo em dúvida sobre qual vai ser a dureza do coração incrédulo do leitor amigo que, depois de o saborear... não se converta e não siga os passos de Jesus.

Nós – os evangelizando – saboreamos na família cristã e fora dela a dimensão diluviana da vida de profunda CARIDADE com que Gaspar d'Almeida peregrinou ao longo dos CEM ANOS, ao aplicar todos aqueles ensinamentos de Deus sobre a convivência dos homens entre si, que se resumem, no fundo, em: “*amar ao próximo*”. De facto, os mandamentos: i) “*não mates*”; ii) “*não sejas adúltero*”; iii) “*não furtas*”; iv) “*não levantes falsos testemunhos*”; v) “*nem calunies*” condensam-se numa só palavra: AMOR.

Nesta sede, Gaspar d'Almeida ensina-nos que o próprio culto a Deus deixará de o ser autenticamente e o homem será um hipócrita sempre que odeie um irmão e diga adorar a Deus. Não lhe conhecemos sentimentos de ódio ao seu próximo e pregou os caminhos da Salvação como verdadeiro Soldado do Evangelho e seguindo par-y-passu as pegadas de Jesus Cristo.

Jesus, ao instituir a Igreja, não esqueceu que ela iria ser formada por homens sujeitos a muitas limitações, ao erro e ao próprio pecado – a maior das limitações. Por essa razão Ele aponta, pela mão do Evangelista S. Mateus (18, 15-20) o caminho a seguir para tentar a reconciliação do pecador: i) admoestação individual; ii) recurso ao amigo bem formado; e, finalmente iii) uma última tentativa a nível comunitário, são as etapas a percorrer, se necessário, desde que tudo se processe sob a égide da CARIDADE, pois sem ela não há aproximação a Deus, mas sim afastamento d'Ele.

Ao praticar a CARIDADE em abundância, Gaspar d'Almeida viveu os CEM ANOS próximo de Deus e poucas vezes d'Ele se afastou. A prova do seu profundo Amor ao próximo consubstancia-se na capacidade que demonstrou ao escrever tanta coisa bela, certa e de tão variados quadrantes do Conhecimento cristão, filosófico e científico, sem dúvidas só possível «*por inspiração Divina e com Coragem e Amor abnegados que o Autor nutriu pelos povos da sua raça*», tal-qualmente ele no-lo diz de forma peremptória, a p.1 de “O ESTANDARTE” n.º 244, do mês de Junho de 1957, quando, a dado passo, afirma, citamos: «*A coragem sem amor facilmente se transforma em brutalidade. Os Homens só podem fazer obra duradoura quando, usando a Coragem, forem inspirados pelo Amor*»

Os últimos dias da sua vida terrena podem ser comparados aos daquela SEMANA SANTA que ele descreve em “O Estandarte”, n.º 6, ANO I, do mês de MAIO de 1934, p.2, pois, nas derradeiras semanas da sua vida e anteendo a proximidade do chamamento para Cristo, ele juntou a esposa e os filhos a quem anunciou a mensagem celestial segundo a qual “*Os Anjos já têm tudo preparado lá no Céu para me virem*”

buscar e alojar, mais dia, menos dia. Por isso, alegrai-vos, ficai sabendo que vou para a Casa do Pai; não vos atralheis, porque vou descansar na Casa do Senhor."

Podemos, então, resumir que:

O caminhar para Cristo no seu dia-a-dia levou **Gaspar d'Almeida** a viver CEM ANOS de Quaresma permanente que o levaram a renovar a sua fé no Deus da Salvação, Aquele que enviou Jesus Cristo a restaurar o Plano de Amor e Felicidade destruído por Adão.

Os CEM ANOS de Quaresma permanente vividos por **Gaspar d'Almeida** ofereceram-lhe a oportunidade de se voltar completa e totalmente para Deus com todo o seu ser e de ter podido experimentar até onde vão a misericórdia e o amor de Deus.

Tendo realizando o seu destino terrestre, **Gaspar d'Almeida** garantiu, em Jesus Cristo, o direito à cidadania do Céu. O baptismo configurou-o não só à morte, como à Ressurreição do Senhor.

Gaspar d'Almeida viveu na Terra como cidadão do Céu, sem nunca ter voltado as costas à Terra, já que ele sempre acreditou que a Fé não é uma evasão da vida. Por isso, consciente do seu destino eterno trabalhou pela construção dum mundo melhor, ajudou os irmãos a conseguirem melhores condições para viverem como homens e filhos de Deus, certo da recompensa celeste. Sendo homem do nosso tempo esteve possuído pela ansia de viver; esteve dominado pelo desejo de apanhar a vida com ambas as mãos para dela extrair todo o sumo. Contudo, a cada momento, ele verificou que a vida que lhe foi dada escapa, apesar de todos os esforços e de todos os progressos da ciência e da técnica, pois, quer queiramos, quer não, a vida, desde o seu começo, está marcada pela morte e pelos sucessivos fracassos que a vão preparando.

Na verdade, **Gaspar d'Almeida** soube interiorizar que com a Fé e o Baptismo entrou a fazer parte duma nova família, duma nova humanidade, em que forma um só ser como cristão, tão íntima e profundamente unido a Ele que tudo quanto se cumpra no Salvador, se realizará também nele.

Gaspar d'Almeida acreditou que assim como a morte de Cristo foi seguida pela Sua Ressurreição, o mesmo acontecerá com aquele que for Baptizado. Por isso e durante toda a sua trajectória de vida, caminhou nos trilhos que Ele traçou para que o Homem alcance o Céu.

Gaspar d'Almeida acreditou piamente que aquele que crê em Cristo sabe que a vida material desaparecerá um dia, mas será para dar lugar a uma vida Superior, tal como a infância morre para dar lugar à adolescência e esta por sua vez desaparece para dar lugar ao Homem Adulto. Esta consoladora certeza transformou toda a sua vida e levou-o a vencer, na esperança, as provações do tempo passado e presente.

Gaspar d'Almeida acreditou que todos aqueles que vivem segundo a carne, isto é, aqueles que orientam a sua vida apenas pelos apetites naturais, sem que nela haja lugar

para Deus, estão destinados à morte. Mas aqueles que forem justificados, embora continuem mortais, são destinados à glória da ressurreição, pois têm em si, desde o Baptismo, um princípio de vida que é o Espírito Santo.

Gaspar d'Almeida acreditou que o Espírito santificante e vivificador que ressuscitou Jesus, não só animará a nossa alma com uma "VIDA NOVA" ligada à justificação, como transformará também o nosso corpo mortal em corpo ressuscitado.

"E, se o Espírito d'Aquele que os mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, Aquele que, dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará os vossos corpos mortais, pelo Seu Espírito que em vós habita." Rom 8,11

Mahezu. Ma Nzambi Ngana!

Lwuanda, 7 de Agosto de 2007 - Terça feira

chicoadão